



**Contando Histórias de Goiás a Paraty:
Coletânea de contos ganhadores do VI e
VII Concurso de Contos de IF Goiano**

Edição 2020





**Contando Histórias de Goiás a Paraty:
Coletânea de contos ganhadores do VI e
VII Concurso de Contos de IF Goiano.**

Organizadores:

Roseli Goncalves da Rocha
Caroline Guimaraes Silva
Sebastião Nunes da Rosa Filho
Ausbie Luis Graça Araujo
Geísa d'Ávila Ribeiro Boaventura
Rafael Lincoln Lobo Nery
Marcia Maria de Borba

2020© Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – IF Goiano

ISBN (impresso): 978-65-87469-05-8

ISBN (E-book): 978-65-87469-04-1

Organizadores: Roseli Gonçalves da Rocha; Caroline Guimaraes Silva; Sebastião Nunes da Rosa Filho; Ausbie Luis Graça Araujo; Geísa d'Ávila Ribeiro Boaventura; Rafael Lincoln Lobo Nery; Marcia Maria de Borba.

Revisores: Erica da Silva Oliveira; Joselina Alves Cardoso; Valdoméria Neves de Moraes Morgado; Fernanda Bonfim de Oliveira; Gyannini Jacomo Candido do Prado; Jussara de Fatima Alves Campos Oliveira; Solange da Silva Corsi; Elisangela Leles Lamonier; Luciana Rezende Fernandes.

Revisão-geral: Sarah Suzane Amâncio Bertolli Venâncio Gonçalves.

Projeto Gráfico e Capa: Adson Pereira de Souza

Bibliotecário responsável: Johnathan Pereira Alves Diniz

O conteúdo desta obra é público e poderá ser reproduzido integralmente ou em partes, desde que citada a fonte.

O conteúdo e os temas abordados nesta publicação são de inteira responsabilidade de seus autores. Eximindo-se assim a responsabilidade legal do Instituto Federal Goiano, sobre possíveis futuras contestações ou quaisquer outras alegações.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano

INSTITUTO FEDERAL GOIANO

I59c

Contando história de Goiás à Paraty - coletânea de contos ganhadores do VI e VII concurso de contos do IF Goiano / [Organização de] Roseli Gonçalves Rocha et al. - 1. ed. - Goiânia: IF Goiano, 2020.

370 p., il.

ISBN(impresso): 978-65-87469-05-8

ISBN(E-book): 978-65-87469-04-1

1. Literatura Brasileira - Contos. 2. Contos Goianos. I. Rocha, Roseli Gonçalves. II. Silva, Caroline Guimarães. III. Rosa Filho, Sebastião Nunes da. III. Araujo, Ausbie Luis Graça. IV. Boaventura, Geísa d'Ávila Ribeiro. V. Nery, Rafael Lincoln Lobo. VI. Borba, Marcia Maria de. VII. IF Goiano. VIII. Título.

CDU: 821.134.3(817.3)-34



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

**Contando Histórias de Goiás a Paraty:
Coletânea de contos ganhadores do VI e
VII Concurso de Contos de IF Goiano.**

Edição 2020



Apresentação

Estimular o prazer de ler e escrever e fomentar a produção literária dos discentes do Instituto Federal Goiano: esse é o objetivo do Concurso de Contos Farol Cultural, iniciativa da instituição, coordenada pela Pró-Reitoria de Extensão (Proex) em parceria com o Núcleo de Arte e Cultura do IF Goiano (NAIF) e o Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI).

“Contando Histórias de Goiás a Paraty” é a terceira edição da coletânea que reúne contos dos alunos ganhadores do projeto Farol Cultural, agora dos anos de 2018 e 2019. Iniciado em 2013, o projeto já contou com sete edições, proporcionando aos alunos uma formação integral e fornecendo instrumentos para o exercício da cidadania.

Como premiação, além da publicação dos contos, os discentes participam da maior feira literária da América Latina, a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), que acontece anualmente em Paraty, no Rio de Janeiro. Uma vivência única para os estudantes, possibilitando oportunidades de acesso às várias instâncias culturais da sociedade e a visão do ser humano como um ser composto por diversas camadas inter-relacionadas, além da interação com os colegas e participação nas atividades da feira.

A coletânea compreende 60 contos produzidos por alunos de todos os doze campi do IF Goiano, sejam alunos em nível médio integrado

a algum curso técnico ou de cursos de graduação. A edição das produções foi feita pelos avaliadores dos mesmos, todos professores da instituição nas áreas de Português e Literatura.

Este livro é um compilado dos contos de nossos jovens escritores que têm em comum o amor pela literatura e um futuro promissor pela frente. A leitura e produção literária oportuniza uma bagagem de experiências que refletem na formação humana e profissional. Impulsionar projetos como esse é contribuir para o desenvolvimento da criatividade, o exercício da imaginação, além de favorecer acesso aos diferentes saberes.

Boa leitura!

PARTE I

**Coletânea de contos ganhadores do
VI Concurso de Contos de IF Goiano (2018)**



autógrafos

STP

Sumário

Desabafo De Um Livro

Por Geovana Ferreira dos Santos 12

Retratos Rabiscados

Por Emilly Bispo de Assis 16

Sol Saturado

Por Kaio Lucas da Silva Mesquita 18

O Globo da Transgressão

Por Wildney Elias da Silva 25

Infância Enevoadá

Por Ana Clara Nunes Gomes 29

A Ilha do Arrependimento

Por Alice Evangelista Silva 36

Os Erros Servem de Lição

Por Jaqueline de Souza Rodrigues..... 44

Coisas Que O Amor Ensina

Por Willian Ferreira de Jesus..... 52

À Espera

Por Guilherme Da Silva Graf Odi..... 61

Pertecendo Ao Mundo

Por Janaína Kauanny Rios Silva 64

A Borboleta Em Claustro

Por Guilherme Perfeito Dias Carneiro 70

Consequências De Um Erro

Por Geovana Castro Da Costa 76

Não Há Como Fugir

Por Kelly Naiara Do Nascimento..... 80

Luz Do Inferno

Por Eduardo Feitosa Pessoa De Oliveira..... 86

A Porta Mágica

Por Milena De Lima Vieira..... 88

O Feiticeiro Sem Cabeça

Por Nariane Coelho De Oliveira..... 94

A Boca Do Lobo

Por Rainer Késley Maciel Santana..... 100

A Gruta Dos Espelhos

Por Francieli Luiz Pereira 108

A Biblioteca Impossível

Por Guilberth Gouveia Campos..... 116

Monstros

Por Leticia Vieira Andrade 123

Nas Sombras Da Sanidade

Por Geraldo Murilo Carrijo Viana Alves Silva..... 130

Entre Na Foto

Por Beatriz Rodrigues Da Silva..... 136

LÁGRIMAS DE DEUS

Por Giovana Junior Pires..... 143

Um Conto De Sexta-Feira

Por Marconey Correia Da Silva..... 149

Desabafo De Um Livro

Por Geovana Ferreira dos Santos

Miguel, um garoto inteligente, de uns dez anos e meio, que desde pequeno era muito curioso, vivia sempre sorrindo e antenado nas tecnologias. Ele não tinha muitos amigos, vivia isolado, morava com seus pais. Porém, como eles trabalhavam muito e não conseguiam dar a atenção de que o filho necessitava, então o garoto se entretia com o mundo digital.

Em um dia chuvoso havia acabado a energia e faltado internet. Miguel, muito entediado, foi procurar o que fazer – deu várias voltas pela casa, já cansado resolveu ir ao escritório do seu pai, que fazia um bom tempo que não era utilizado. Encontrou várias papeladas, muita poeira e no final do escritório uma grande estante com vários livros, cada um mais velho que o outro.

O menino ficou encantado com a quantidade e a diversidade de livros que havia ali, seus olhos brilhavam por ver o tamanho daquela estante e saber que tudo isso estava dentro da sua própria casa. Sentiu cada um que estava ao seu alcance, a cada livro aberto era uma sensação diferente, os olhos do garoto ficavam cada vez mais reluzentes ao folhear as páginas. Ele abria o livro, cheirava, folheava, observava atentamente cada figura. Porém escutou um barulho, era seu pai chegando em casa. Rapidamente guardou os livros que estavam em seu colo, mas devido à pressa, um livro caiu e inesperadamente escutou um gemido de dor. Assutado, Miguel rapidamente perguntou:

– Quem está aí?

Então uma voz bem singela veio do chão:

- Sou eu, o livro que você acabou de deixar cair!

Miguel, maravilhado, pegou o livro do chão e ele começou a contar a sua história:

- Eu morava nas estantes, um pouco empoeirado, algumas páginas dobradas, outras com resquícios de saliva ou de borracha, doido para dar uma volta e arrancar vários sorrisos e especulações a respeito do meu final. Sou literário, mas também tenho amigos que podem ser didáticos, todos nós sempre cheios de conhecimento para repassar. Somos para todos os gostos, se você gostar de romance posso te apresentar *A Moreninha* de Joaquim Manuel. Mas seu amor é por aventuras?! Te apresento *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato, que te faz entrar em uma divertida viagem; sem contar com as lindas e emocionantes histórias de Machado de Assis.
- Não conheço nenhum desses livros – disse tristemente Miguel.
- Não se desespere, são inúmeras obras literárias; logo, logo, encontrará a que mais te atrairá, como eu atraí um dia quem hoje me guarda. Lembro-me da figura materna contando minhas histórias para sua prole que, após um longo bocejar, adormecia e escutava “felizes para sempre”. Lembro-me também daqueles piqueniques embaixo dos laranjais que reuniam coletâneas fantásticas e várias crianças loucas para descobrir o que vinha após o passar das páginas. Mas o que me preocupa mesmo, são aqueles que me substituem por um aparelho telefônico e simplesmente me trancam em um baú que só é aberto para ser jogado fora.
- Verdade, agora eu não vejo a mamãe mais com livros e sim com um celular ou notebook para resolver os problemas do serviço; eu

também nunca tinha tido um contato com o livro, acrescentou Miguel.

E o livro continuou falando:

- Vejo crianças alienadas, que não saberão como é se deliciar com os romances de Clarice Lispector. Jovens viajando no mundo das drogas, sem ao menos ter experimentado viajar no mundo literário; esse sim, um caminho sem volta. Adultos que desfrutam da nossa terra sem dó nem piedade, pensando somente no hoje. Deviam pensar como Cora Coralina no seu poema Eu voltarei: “Plantarei árvores para as gerações futuras”. Incentivo você, Miguel, a nos ler, comece por nós livros menores, mais atrativos e coloridos. Para os jovens com seus quinze, dezessete anos, recomendo uma obra de ficção que leva a várias viagens e remetem a várias questões sociais como o livro de contos Primeiras Estórias de Guimarães Rosa. Para os adultos, “aah adultos”, cabe a eles incentivarem mais a inserção dos jovens e crianças no mundo literário; desfrutarem bastante do rico e vasto mundo de ideias, histórias, contos, romances, poemas que nós livros oferecemos, pois são o espelho das gerações futuras. Nós livros somos como sonhos, o espaço para realizar desejos inconscientes que um dia foram reprimidos. Nossa primeira página é como o rugir do motor dos meios de locomoção, é voltar a ser criança ou ser jovem/adulto/idoso antecipadamente. E quando tiver alguma dúvida, é só me procurar, estarei sempre à disposição, tendo internet ou não.

Miguel ficou muito maravilhado com tudo que escutou, naquele instante conseguiu imaginar inúmeras coisas que com os meios que utilizava antes não conseguia, por estar sempre limitado a um botão de curtir e compartilhar. Imediatamente foi procurar um pano para limpar os livros que alcançava.

Seu pai estava na sala resolvendo os problemas do serviço, o menino contou tudo para o pai, porém ele não acreditou e disse que tudo isso não passava de invenções de sua cabeça e recomendou que o menino parasse de assistir filmes mirabolantes, pois já estavam afetando a sua cabeça. Resolveu ir contar para sua mãe, porém a reação dela foi a mesma do seu pai.

Miguel não deu importância, pois sabia que era real, passou a cuidar dos livros que havia naquela estante, pôde ler cada um que estava lá.

Após um bom tempo, Miguel já crescido, trabalhava como bibliotecário, ajudava a despertar o amor pelos livros e estimulava as pessoas que iam na biblioteca a ler mais. Fazia campanhas de doação de livros para as crianças carentes, ia aos lugares periféricos, onde as crianças não tinham acesso. Promoveu uma feira de troca de livros, assim possibilitou a outras pessoas o contato com novas obras e que outras crianças, jovens e adultos, que nunca tiveram, tivessem esse contato e se tornassem cada vez mais próximos da literatura.

Retratos Rabiscados

Por Emily Bispo de Assis

A floresta em que Pedro e eu estávamos escondidos era muito escura. As árvores possuíam troncos e galhos tortuosos. O silêncio pairava até ser quebrado pelos ventos que produziam um barulho aterrorizante, nos assustando cada vez mais.

Após uma caminhada de vinte minutos, avistamos uma cabana aparentemente abandonada. Olhamo-nos por poucos segundos para decidirmos se entraríamos ou não. Depois da troca de olhares decidimos entrar. Primeiramente, verificamos se realmente não havia ninguém ocupando aquele lugar. Tudo estava quieto. Ao adentrarmos, percebemos que a lareira havia sido usada há pouco tempo. Pedro a reacendeu. Aproveitei e acendi algumas velas que ali estavam. Reparei então que nas paredes havia vários retratos fixados. Todos aparentavam ser apenas rabiscos. Não dava para identificar o conteúdo retratado. No chão, encontravam-se vários papéis espalhados, alguns esboços de retratos malfeitos, outros apenas anotações.

Entrei em um quarto. Nele havia mais retratos, uma cama bagunçada e poeira em todos os cantos. Pedro deitou-se no sofá da sala enquanto eu fiquei observando o cenário frio e lúgubre do quarto. Alguns objetos estavam fora do lugar e outros estavam quebrados, como se houvesse tido uma briga. Sentei-me à beira da cama e olhei fixamente para uma penteadeira à minha frente. Tinha um caderno de capa preta no chão. Peguei-o e comecei a folheá-lo. Era um velho diário de uma mulher. Ela não se identificara. Os relatos eram de agressões sofridas pelo marido e de como ela queria que aquilo tudo acabasse e que seu filho tivesse uma

vida melhor, longe de todo o mal que estavam passando.

Fechei o diário e voltei minha atenção aos retratos. Encontrei um que dava para entender: era da família. Estranhei o fato de a mãe e o filho estarem com um grande número de riscos em suas faces. Riscos esses que foram feitos com ódio, pois era nítida a violência com a qual foram feitos. Andando pelo quarto notei que havia uma espécie de calabouço numa parte do piso. Tinha vários papéis em cima dele, o que dificultava a minha certeza. Levantei-me e fui verificar. Abri então a porta do calabouço. O cheiro era horrível e muito forte. Não havia iluminação. Peguei uma vela, desci os poucos degraus que havia e me deparei com uma cena que me chocou: havia uma jaula e dentro dela havia um esqueleto, pequeno como de uma criança de no máximo dez anos. Sozinha, continuei ali, estática. Quando retomei a minha consciência, percebi que havia um outro diário velho e empoeirado. Esforcei-me para conseguir pegá-lo. Esticando ao máximo, depois de muito insistir, consegui.

Possuía alguns escritos. Dediquei-me a lê-lo. Realmente era de uma criança. Relatava em suas escrituras as agressões que sua mãe sofrera de seu marido. Na última folha estava escrito seus últimos momentos de vida:

“Após mamãe me trancar aqui para que papai não me agrida, ela não vem mais aqui. Faz algumas horas que comi e bebi água. Ontem houve uma briga. Papai perguntou a ela sobre o novo retrato que fizera de nós. Mamãe disse que não estava tão bom assim, mas que ele iria melhorar. Rapidamente ouço o som do tapa que ele deu nela. Mamãe começou a chorar. Papai começa a gritar e mamãe lhe pede calma. Depois de um bom tempo de briga, ela se cala. Ouço então o choro de papai. Ele nem sequer ouve meus gritos de desespero. Hoje, não ouvi muito movimento pela casa, nem a voz da mamãe. Meu pai saiu ontem a noite e não voltou mais. Acho que finalmente ele nos deixará em paz, como mamãe tanto diz. Apenas espero que ela venha trazer algo para comer e me tire daqui. Já que estamos livres dele, não há porquê ela me manter escondido e longe das agressões dele.”

Sol Saturado

Por Kaio Lucas da Silva Mesquita

Restes a embarcar na maior aventura da minha vida, aqui estou eu, num conversível prata sentindo o vento frio chicotear meu rosto. No meu pescoço, o gosto dos seus lábios suaves; na minha mente, o êxtase de tudo o que aconteceu e irá acontecer. O mar, tão imenso, à vista com sua magnitude tão perigosa e fascinante, fazem um contraste perfeito com o sol de fim-de-tarde, ironizando a situação. Minhas mãos apertam o volante com tanta força que os nós dos meus dedos ficam brancos. Busco segurança. Nunca me arrependerei das decisões que já tomei, disso eu tenho certeza, mas eu preciso sentir que isso tudo é real e não um devaneio.

Meu corpo arrepia quando sinto seus dedos encostando nos meus. Olho para o lado, mas sem perder a atenção da estrada. Perco o fôlego. A realidade está apenas a um toque de distância. Ele, sem sombra de dúvidas, é o ser mais lindo que já vi, e tenho certeza que nunca verei outro que o ultrapasse. Mas tudo o que fazemos nesse momento é dirigir, sentados, em silêncio, esperando não sabemos pelo quê. Dois caras, dois seres, num carro rumando o horizonte.

É assustador como as coisas mudam de maneira tão grandiosa e contrastante. Como já dizia aquela frase popular: “Eita mundo que não gira, capota”. Antigamente, no fundo, eu sabia que sempre deixava passar alguma coisa, algum sinal, algum sorriso, algum rosto. Nem sempre procurei tanto alguém. Sempre fui uma daquelas pessoas que dizem: “Nunca vou me apaixonar, esse não é o meu foco”. Os mais velhos, sempre que me ouviam, soltavam um sorrisinho de desdém e falavam: “Isso é coisa da idade, espere uns anos pra ver.” E eu esperei.

Procurei sempre manter o controle das coisas e me preocupar com meu futuro. Tinha outros amores, como a música, sendo específico com o piano. Amava o dedilhar, devorava várias partituras por dia. As notas fusas e semifusas invadiam o local como um emaranhado de vida. Vida emanava de mim. E eu era feliz. Sempre planejei um futuro brilhante. Meus pais diziam me apoiar no caminho que eu decidisse trilhar, mesmo eu sempre sentindo um tom contraditório pairando no ar de suas falas. Diziam amarem-me mais do que qualquer coisa. Eu era seu primogênito, o tão aguardado presente de um matrimônio “perfeito” – mesmo que isso tenha mudado assim que assumi meu namoro com ele. Espancado e expulso de casa, lá fui eu iniciar uma vida com o cara por quem me apaixonara.

Mais velho, viciiei-me em livros. Lia incansavelmente. Fui de filho de Hécate a mais um bruxo ingressando no Expresso rumo a Hogwarts, entrei numa revolução ao lado do tordo, declarei guerra a capital, percebi que eu não era só erudição, audácia, franqueza e abnegação. Eu era divergente, não poderia ser controlado. Conheci Riordan, Roth, Collins, Shakespeare, dentre outros. Descobri que o mundo sempre foi mais do que uma redoma e que eu tinha uma sede constante por uma aventura também. Eu queria viver, não apenas existir. Queria ser imortalizado em livros também, assim como tantos protagonistas que vivi.

Todas as minhas certezas mudaram tão rápido. Espanto-me com isso. Ele veio há 8 anos, aos meus 17. O sentimento se apossou de mim na primeira vez que o vi, em uma das festas da faculdade, quando aqueles olhos castanhos se cruzaram com os meus e quase que instantaneamente reconheci-os, de outras eras, tempos e vidas. Ainda me lembro de como foi a primeira vez em que meu estômago embrulhou-se, como se milhões de borboletas estivessem tentando buscar de maneira incansável e ávida uma inexistente saída.

Depois de alguns coquetéis e pessoas, encontrei com aqueles olhos pela milésima vez; criei coragem e sorri. Deu *match*, e ganhei o sorriso

de volta. E que sorriso... meu coração quase saiu pela garganta. Ele se aproximou de mim, com todas as luzes e cores saturando o momento de uma maneira incrível. Eu era vermelho, gostei dele porque era amarelo. Nos tocamos e, num instante, já éramos um céu laranja encharcado – o próprio pôr do sol.

O primeiro oi, o primeiro abraço, o primeiro beijo... tudo fora consequência daquele dia. Amor? Sim! Apesar do sentimento ser muito grande para ser expresso numa simples palavra de quatro letras. Eu sinto que estávamos predestinados desde o início das eras. Somos duas almas que se encontram em cada encarnação e vivem cada instante como se fosse único.

Paramos o carro numa lanchonete na beira da estrada. A placa avisa que estamos a 1km da praia. Já posso sentir daqui o cheiro salgado das ondas. Um dia perfeito das nossas merecidas férias.

“Você não vem?” pergunta ele, já andando em direção à porta do estabelecimento.

Sim, ele, sem nome. Também não precisam saber o meu, não importa quem somos, mas sim o que somos. Nada mais. Sem cor da pele, gênero, orientação sexual, dentre outros nomes que só rotulam.

O sininho da porta avisa quando chegamos. Várias pessoas viram-se para nós e nos encaram assim que adentramos ao local. Alguns caras demonstram, com expressão de nojo em seus rostos, seus preconceitos. Sigo a direção de seus olhares: nossas mãos juntas. Meu namorado não vê, ou finge que não vê. Nos sentamos em uma mesa e logo uma garçonete vem nos atender com seu uniforme jeans. Fizemos um pedido e ela se vai, com um aceno de cabeça. “Quanto menos tempo ficarmos aqui, melhor” sussurrei. “Calma, está tudo bem.” ele retrucou de maneira calma. “Não pressinto coisa boa”, retruquei.

Apoio os cotovelos na mesa e observo o local. Rústico, cheio de janelas nas paredes e com algumas pranchas gastas para decorar o local. No centro do estabelecimento há um balcão oval, com algumas cadeiras dispostas pela bancada feita de madeira antiga e sem verniz. Alguns homens caminhoneiros, supus pelos uniformes parecidos e com o logotipo de alguns caminhões estacionados do lado de fora do estabelecimento, continuam nos olhando torto e cochichando. Um casal que estava trocando carícias em uma mesa próxima fecha a cara e muda a filha de lugar assim que meu namorado põe sua mão sobre a minha. Ele sabia que eu precisava disso. Olho pra ele e, com um sorriso caloroso, agradeço. Não apenas a ele, mas agradeço a cada ser superior por tê-lo colocado na minha vida. Sinto uma vontade incontrollável de beijá-lo. E então, sem pensar, vou em direção aos seus lábios e apenas encosto os meus. Um único toque é capaz de nos conectar e apagar toda a existência ao nosso redor. Somos apenas eu e ele. Ele faz meu coração bater descontrolavelmente, sinto como se fosse um ataque cardíaco. Não precisa de ciência ou religião para tentar explicar, é óbvio quando estamos juntos. Não precisamos questionar, está gravado no nosso código genético. Isso simplesmente tira meu fôlego. Não é complexo de entender, somos perfeitos em todos os sentidos.

Vem de uma vez. Um soco nas minhas costelas que me faz ver estrelas. Bato com a cabeça no vidro e ouço em voz muito alta “NA FRENTE DA MINHA FILHA NÃO, SUAS ABERRAÇÕES!”. Meu namorado se levanta e ataca o cara. Pessoas se levantam e defendem o agressor. Ouço ofensas de todos os lados, não consigo entender o que está acontecendo por 3 segundos, mas minhas mãos gelam e minha boca seca assim que compreendo. Vi tantas cenas como essa nos noticiários. Nunca acreditei que isso fosse realmente acontecer comigo. Mas agora eu só consigo pensar em uma coisa: pegar meu namorado e dar o fora daqui, o mais rápido possível antes que algo pior aconteça.

“VOCÊ VAI APRENDER, NOJENTO!” um deles exclamou enquanto outros caras me seguram e me espancam no momento em que eu

tento chegar até meu namorado. Ele está caído no chão, com sangue escorrendo pela boca e pela cabeça. Um medo gigantesco se apossa de mim, eu surto. Começo a gritar e espedir, implorando pra que nos deixem ir, mas nem um deles parece se comover. Uma mulher com uma criança no colo se vira pra mim: “Cale a boca, vocês são doentes, seus nojentos! Vão aprender uma lição.”

Meu namorado é carregado para fora do estabelecimento. Meus olhos se enchem de água, minha cabeça explode e eu não sei o que fazer, a não ser me contorcer e focar em salvar a vida da pessoa que eu mais amo. Um cara de meia idade me olha, vejo ódio em seus olhos. “Você verá o que acontece com gente do seu tipo” diz e cospe em meu rosto.

Quando eu percebo, pessoas estão jogando algo dentro dentro do nosso carro, um líquido, com meu namorado dentro. E então, em um instante, acontece uma explosão. O tempo literalmente para. Meus olhos perdem o foco, mas não sei dizer se é pelas lágrimas ou pelo clarão do fogo. Sinto uma parte de mim morrer. Uma dor tão grande se apossa de mim que eu sequer consigo senti-la por inteiro. Meu grito de angústia é tão alto que tenho certeza de que pode romper as barreiras do tempo e do espaço. Dor. Tudo o que eu sinto é dor. Minhas pernas cedem. Eu caio.

NÁAAO! Meu corpo inteiro grita.

Isso não pode estar acontecendo, de jeito nenhum. Eu volto a sentir aquele frio na barriga, como na primeira vez em que nos vimos, o frio na barriga por ganhá-lo, mas agora a sinto por perdê-lo. “Corre”, ouço uma voz me dizer. Sem pensar, eu corro, sem saber como, sem saber pra onde, só corro. Algo me controla, como se eu fosse uma marionete. É impossível até mesmo cogitar que eu mesmo esteja agindo de alguma forma. Meu mundo literalmente desmoronou. O que aconteceu? Como isso aconteceu? Por quê? Um turbilhão de pensamentos e questionamentos e negação me invadem. E eu só continuo correndo. Correr é a única coisa

que sei fazer. Mas eu tropeço em algum galho e vou parar no chão, com a cara na lama. Como eu pude não protegê-lo? Por que eu deixei que o matassem? Sinto um odor e gosto metálico, sangue. O líquido escorre pelo meu rosto, desenhando a curva da minha bochecha e indo parar nos meus lábios.

“ELE ESTÁ POR AQUI, NÃO PODE TER IDO LONGE!”
Ouço o grito abafado. Ah não, estão atrás de mim também. Sinto como se estivesse numa caça às bruxas. Minha cabeça e meu corpo dói. Talvez eu devesse me entregar, deixar que façam comigo o mesmo que fizeram com ele. “Não!”, a mesma voz fala novamente. Eu a reconheço, é dele. Mesmo ele tendo partido fisicamente, eu o sinto vibrando meus ossos e pulsando meu coração.

Olho pra frente, estou em um pico da montanha, perto da praia, mas com uma queda de uns 20 metros até várias rochas pontudas, as quais o mar chicoteia sem dó. Não vou dar a eles o gostinho de matarem outra pessoa, de jeito nenhum. Com dificuldades, me arrasto até lá. Olho o horizonte, o sol saturado beijando o oceano. É isto, não o fim, apenas o começo. Paro um segundo para respirar, sentindo o ar queimando meus pulmões uma última vez. Sinto-o me dando as mãos, acendendo a luz verde, para que possamos caminhar juntos, rumo às batidas das estrelas. Meus lábios tremem. Uma lágrima selvagem escorre pela minha bochecha, no fundo eu sabia que isso iria acabar acontecendo. Sempre acontece com todos como nós, julgados divergentes pelo simples fato de amarmos de maneira que não corresponde ao “tradicional”.

“Vocês são doentes”, vem a mulher despejando isso em mim. O vento volta a chicotear meu corpo, assim como mais cedo, antes disso, antes de tudo... com 2 segundos de coragem, deixo meu pé sair do chão e então eu despenco em queda livre para o mar. Um só, eu e ele, unidos pelo amor.

E apesar do que muitos pensam, não foi ele que nos matou, mas o ódio, as pessoas que têm medo do diferente, elas sim nos mataram. Não penso, sinto, existo. Apesar de tudo, sou como eles, sinto alegria, tristeza, dor, amor... ou sentia; meu corpo não sente nada, não mais. Fecho os olhos e sinto o seu abraço. Estaremos juntos novamente, mas não iremos nos separar agora e nem nunca mais.

Eu posso ter nascido doente, como eles disseram, mas eu amo isso.

O Globo da Transgressão

Por Wildney Elias da Silva

Numa cidade desconhecida morava um cientista. Ele era o mais inteligente de todos e queria mudar o mundo com suas invenções, para isso trabalhou quase sua vida inteira em uma máquina que transformaria para sempre a vida humana na Terra. Era uma ideia muito audaciosa e até um pouco louca, mas era pelo bem comum de todo mundo, pois a humanidade passava por tempos obscuros onde o respeito e o amor eram facilmente deixados de lado e a ganância, a ignorância e o ódio reinavam.

A esplêndida máquina que ele construiu era tão grande que ocupava todo o quintal de sua casa, chamando a atenção de todos que passavam por perto. Ela tinha o objetivo de absorver toda a maldade que existia dentro de cada ser humano e colocar dentro de uma grande esfera de vidro que ele nomeou de Globo da Transgressão e que, ao ser totalmente preenchida, seria atirada para fora do planeta por um poderoso canhão que ele também inventou, para que não pudesse causar mais mal às pessoas e assim limpando o mundo de sentimentos ruins e negativos.

O cientista colocou seu plano em prática e ligou a máquina, que trabalhou dia e noite, todos os dias, por um ano inteiro, condensando a essência negra da crueldade humana dentro da esfera. No dia 30 de agosto, quando ela ficou totalmente cheia, o homem fez como planejado e a pegou com muito cuidado, colocou dentro do canhão e calibrou-o perfeitamente para atirar o globo o mais longe possível. Caso falhasse, o globo negro carregado com toda a maldade das pessoas acumulada por um ano inteiro seria estilhaçado e traria consequência catastróficas que ninguém imaginava.

Após alguns segundos de angústia e receio, ele pressionou um botão no canhão que fez o chão tremer com um enorme estrondo. O globo foi disparado e voou longe, até sumir de vista, e a alegria foi geral. A invenção foi um sucesso e seu antigo sonho de mudar o mundo se concretizou, deixando-o mais feliz do que jamais foi. Todo o mundo foi purificado.

Esse dia ficou conhecido como Dia da Purificação, quando a Terra se tornou uma utopia. Mas o cientista notou que, com o passar do tempo, a maldade voltou a fluir dentro do coração das pessoas, e teve que ligar a máquina outra vez e para sempre. Um novo Globo da Transgressão foi colocado dentro da máquina e, um ano depois, foi retirado dela e atirado para o espaço. Então nessa mesma data, todos os anos, quando o Globo da Transgressão se enchia novamente, era feita uma cerimônia mundialmente aclamada e assistida por todo mundo na qual o cientista, que recebeu o título de Guardião do Globo, realizava a transferência da esfera de dentro da máquina para o canhão e depois seu disparo para o espaço sem fim.

E assim foi por décadas e séculos. O cientista morreu e seu trabalho e título foram passados para seus filhos, depois para seus netos, e assim por diante, e a purificação da humanidade se tornou essencial, pois sem ela tudo voltaria a ser como antes, com a severidade dominando tudo e todos.

Mas um dia, em uma das cerimônias, o Guardião que carregava o globo já havia feito o procedimento tantas vezes que foi descuidado e tropeçou, arremessando o globo longe. Todas as pessoas do mundo observaram aquilo com total desespero. Algumas arregalaram os olhos de tamanha surpresa, outras colocaram as mãos na frente do rosto para não ver o que ia acontecer em seguida, mas a maioria esperava por um milagre que impedisse que o globo se quebrasse e deixasse escapar toda a maldade do mundo acumulada ao longo de um ano.

A esfera chocou-se contra a parede e foi estilhaçada em centenas de fragmentos, por entre os quais escapou uma gosma totalmente negra. O Guardião fugiu o mais rápido possível, horrorizado com o que via em sua frente. Todas as pessoas da cerimônia correram em seguida, aos berros e esbarrões, enquanto o fluido se espalhava cada vez mais, tomando conta de tudo. O local da cerimônia foi totalmente tomado e corroído pela gosma obscura, fazendo o teto ceder de uma só vez, transformando o local em uma pilha de escombros. A tão preciosa invenção que purificou a Terra por centenas de anos estava destruída e reduzida a entulho. A gosma continuou a se espalhar, cada vez mais rápido, destruindo tudo em seu caminho.

Enquanto corria desesperadamente, o Guardião do Globo lembrou-se de que, junto com a missão de limpar o planeta de sentimentos malignos, também foi passada de geração em geração uma chave de prata. “Essa chave abre a porta para a sala com a única salvação da humanidade caso o conteúdo do Globo da Transgressão venha a se espalhar”, lembrou-se de seu pai falando ao entregar-lhe a tal chave. Ele, então, foi diretamente para a sala buscar a salvação do mundo.

Chegando lá, ele pegou a chave que levava presa ao pescoço por uma corrente dourada e, tremendo, abriu a porta. No meio da sala havia um lençol branco cobrindo algo bem grande e uma mesa de madeira do lado, com um papel em cima. O homem correu para dentro da sala e puxou o lençol, revelando uma máquina com duas antenas grossas e uma esfera entre elas. Em seguida ele pegou o papel que havia em cima da mesa e começou a ler, pensando ser as instruções para usar a máquina.

Na parte superior estava escrito “Do primeiro Guardião do Globo para aquele que estiver lendo isso”, e logo abaixo lia-se “no dia em que purifiquei a Terra de tudo o que havia de ruim, eu sabia que estava livrando cada ser humano de sua maldade interior, mas não de sua capacidade de cometer erros. Logo, criei essa máquina como forma de salvação sa-

bendo que, um dia, o conteúdo do Globo da Transgressão escaparia e se espalharia até destruir o mundo. Não pude testá-la, mas se for ativada ela fará com que tudo volte ao normal, mas haverá consequências...”, e sem terminar de ler o papel, o Guardião correu para a máquina e pressionou o botão que a ativava. Ela começou a fazer um barulho muito alto e grade, e as antenas no topo começaram a soltar raios de energia que convergiam na esfera entre elas, que começou a ficar azul, e pouco tempo depois um poderoso pulso de energia cobriu todo o universo.

O tempo começou a retroceder, anos se passaram ao contrário, tornando-se décadas e depois séculos. Quando tudo parou, algo que mudaria o mundo estava para surgir. O cientista mais inteligente de todos estava criando uma máquina capaz de condensar a maldade humana dentro de uma grande esfera de vidro, que ele chamou de Globo da Transgressão. Certo tempo depois, ele colocou sua invenção para funcionar, e tudo deu certo, limpando a humanidade de todos os sentimentos ruins que a corrompia. Mas ele sabia que, um dia, a invenção que transformou o planeta em uma utopia se tornaria a destruição do mundo, e criou outra máquina, sua última e secreta invenção, e a trancou numa sala subterrânea com uma chave de prata. Ela serviria para salvar a humanidade, mas haveriam consequências...

Infância Enevoada

Por Ana Clara Nunes Gomes

Lucy ia da névoa até o sangue escrito em sua alma. A menina, de aparência dócil, era excepcionalmente curiosa e ingênua. Seu pensamento era ágil e delicado, com um sublime toque lírico para sua idade. Seu olhar sempre atento e vigilante. Costumavam dizer que ela era uma ótima criança, diligente e habilidosa, e que sua curiosidade aguçada podia ser consertada. Seu rosto jovem e sua personalidade afiada eram cativantes e tentadores, com uma peculiaridade dela em relação às outras crianças, que faziam perguntas bobas enquanto ela tinha uma mente perseverante e inquieta.

Porém, sua personalidade não era sempre admirada, por ser em diversos casos arriscada, pois os adultos detestavam seus comentários honestos que os tornavam suscetíveis. No início era adorável e engraçado, mas Lucy acreditava que eles não queriam crianças desvendando seus segredos adultos.

Essa linha notável entre ser a criança adorável e a criança que devia ser calada foi marcada especificamente no seu aniversário de oito anos, quando olhar para o céu se tornou um passatempo de férias. Quando amontoar bonecos de neve não seria mais possível. Quando o ambiente mais familiar sequer tinha uma família. Quando a chuva se tornou esperada e intocável.

Era estranho Lucy sentir falta de pisar na lama e sujar a casa, de ter os cabelos grudados ao rosto por estarem encharcados, de ter espirros noturnos desagradáveis e inoportunos pelas roupas molhadas. Era estra-

nho sentir a vontade de criar montes de neve e empilhá-los até as mãos congelarem. Era, e ainda assim, ela sentia.

Ela odiava como no verão os insetos apareciam e a atormentavam, odiava como na primavera as pessoas recitavam velhas estúpidas poesias e fingiam estar mais felizes. Adorava como no outono tudo se renovava e o mundo tinha a oportunidade de se redimir, como no inverno tudo era pacífico e curioso.

Lucy odiava tantas coisas. Odiava como seu cabelo era difícil de pentear; a sopa asquerosa da Dama, com o pão bolorento e o suco dessaborido; o urso de pelúcia infantil e sem graça, que mal se aguentava; a casa velha e sempre imunda que rangia a cada passo; as paredes finas que sempre lhe encravavam; as portas que nunca se abriam, apenas nos momentos nada periódicos em que a deixavam passear pelo jardim sem flores; as janelas que não existiam; o coelho que costumava se esconder em seu armário; o suéter velho e rasgado que vestia e a pinicava; seus olhos exageradamente escuros e suas pernas curtas.

Empurrou o cobertor que a fazia se sentir como uma cenoura sendo cozida, exatamente quando mãos agarraram-lhe os cabelos, forçando com que se levantasse. Estava praticamente acostumada com aqueles comportamentos pela manhã. A Dama não era uma pessoa sensível ou cuidadosa. Arrogância era sua principal característica.

“Rápido, menina. Preciso sair e o Senhor não está em casa. Quero que limpe a casa inteira. Se eu sentir sequer um grão de pó você ficará no porão por três dias!” A Dama falou baixo, mas sua voz era sempre tão rude, com palavras tão fortes, que parecia estar sempre gritando. Era como ver um arco-íris rodeado de relâmpagos e trovões. Grande coisa. Ela já dormia no sótão, que diferença faria ir para o porão?

Lucy odiava a Dama e o Senhor, mas podia suportá-los. O problema era o Palhaço. Ele não se chamava Palhaço, mas ninguém, nem mes-

mo ele, dizia seu nome. Tanto Dama quanto Senhor, ao se referirem a ele, diziam apenas Ele. Ele era mudo, ou jamais dissera uma palavra naquela casa. Sequer vestia-se como palhaço, porém Lucy se recordava que há um par de anos, em certa celebração de aniversário de alguma criança, esta chorou ao ver um homem vestido de palhaço. A criança dissera que seu maior medo era palhaços, outras crianças concordaram. Lucy, até então, não tinha medo de nada. Então ela descobriu que Ele era o seu palhaço.

A Dama podia ser tão rude quanto tentasse, e o Senhor podia ser violento o quanto quisesse, mas o Palhaço era diferente. Ele podia simplesmente chegar e desaparecer como um vulto, analisar seus olhos como uma assombração.

A menina de cabelos negros tinha apenas dez anos e, apesar de ter sido brutalmente levada para a casa velha apenas dois anos antes, as lembranças de sua vida eram como se estivessem escondidas por fumaça. Ela se lembrava, muito bem, das coisas que gostava, mas sentia como se não fosse tão diferente de sua vida humilde no orfanato. Era somente mais solitário, quieto, violento e congelante.

Não se lembrava mais do nome da dona do orfanato, não se lembrava da rua ou de seus antigos brinquedos. Lembrava-se das crianças e o som que elas emitiam ao chorar baixinho contra o travesseiro, os soluços e crises abafadas. Talvez lembrava bem demais porque ela ainda os emitia.

O orfanato de dois andares, para crianças abandonadas em hospitais, de Ealing, Inglaterra, era sempre barulhento. Sempre se ouvia vasouras e esfregões, conversas e risadas, pés e sapatos batendo contra o piso.

Lucy podia se lembrar do dia em que tudo mudou. Ela varria as folhas mortas do gramado quase seco do orfanato quando um homem tão alto e branco apareceu em seu campo de visão. Não disse nada ou se moveu. Da mesma forma como apareceu, sumiu. Mais tarde naquele dia,

uma das crianças teve a rara surpresa de uma festa de aniversário. Ela tinha claro, em sua memória, os balões vermelhos e azuis e o pequeno bolo de chocolate. E era ainda melhor a sua lembrança de balões estourados por crianças correndo e chorando com o aparecimento de um palhaço.

Na manhã seguinte, em seu próprio aniversário, Lucy acordou no sótão minúsculo de uma cabana. Não gritou, nem esperneou ou chorou. Estava com um dos punhos amarrados à cama, e quando a Dama apareceu pela primeira vez, encarou-a friamente. No primeiro momento, os olhos da Dama pareciam pesados com angústia, mas desde a primeira vez que a menina encarou-a com olhos desafiadores, seu semblante sempre parecia cheio de rancor.

As visitas, ao longo do tempo, eram compostas por tarefas que a Dama selecionava e citava através de discursos curtos e diretos, como se a ideia de ficar tempo demais com a menina a repugnasse. O Senhor costumava ficar congelado, resmungando em um dos cômodos da casa. Por vezes, dava ordens e transmitia recados da Dama. Lucy sabia que ele dormia algumas noites na casa.

O Palhaço nunca ficou sozinho no mesmo recinto que Lucy. Quase nunca aparecia por lá. Por vezes, enquanto dormia, a porta se escancarava com a Dama e o Palhaço atrás dessa. O homem, de fisionomia magra, a observava por alguns segundos e se virava. Ele sempre a olhava com olhos neutros, calmos e frios. Nunca expressava algum ato de gentileza ou empatia, e Lucy sabia que ele era a razão de ela estar privada de sua infância.

Como ditado pela Dama, a casa permaneceu vazia e silenciosa, com exceção dos móveis e madeiras, que rangiam pelo frio e o toque barulhento das botinhas de Lucy, que, por vezes, sapateava pelas escadas.

Limçou e esfregou por toda a casa. Esfregou o pequeno corredor e checou as portas, como sempre fazia. Todas eram sempre trancadas, mas

ela nunca perdia a chance de tentar abri-las. Eram três portas pesadas de madeira: a do banheiro e outras duas, que presumia ser uma das que levava ao quarto em que o Senhor dormia. Dessa vez, a última porta abriu.

Apesar do frio, a maçaneta brilhosa e gelada girou escorregadia com o suor na palma da mão de Lucy. Com toda a força, em seus finos braços, empurrou a porta quase emperrada. O quarto era pouco maior que o seu próprio e a única cor do cômodo era o tapete carmesim. A cama era arrumada em finos lençóis cinza, do outro lado se encontrava um armário. Cautelosamente o abriu. Não havia nada além de uma pequena trouxa de roupas, ao que aparentava. Não parecia ser nada, mas para Lucy aquilo poderia ser um salto que a levasse para a liberdade. Talvez.

Ao mudar o monte de roupas de lugar, um pequeno feixe de luz surgiu. O armário era acoplado com a parede do quarto, e havia uma rachadura ali. Era grande o suficiente para que Lucy se agachasse para tentar ver o lado de fora. Tinha o tamanho suficiente para um olho, e a pequena vista do monte de neve no quintal era uma das coisas mais lindas que já vira. Sentiu-se feliz e esperançosa. Desejou que pudesse pegar um vidro e guardar aquela névoa para mais tarde se lembrar.

Ela sentia aquilo como um segredo, o maior segredo de todos, e desejava brincar com ele, como um gato brinca com a comida, e manipulá-lo aos poucos como um pacífico dragão de neve. A ideia piscou e permaneceu como um farol.

O trio de senhores podia ter uma ideia de quem Lucy era, mas apenas isso. A menina permitia que eles soubessem que ela não era estúpida, mas era ainda uma criança ingênua demais, que selecionava o que escutava por se distrair rápido. Lucy era mais esperta do que eles pensavam. Sutil como a diferença entre a nuvem e a névoa.

Ela subiu para o sótão e pegou sua pelúcia encardida, que era tudo o que tinha. Voltou para o quarto destrancado e fechou a porta, escondendo-se.

dendo-se dentro do armário. Seu queixo batia, conforme o ar frio penetrava a pequena abertura, e depois de duas horas, escutou a Dama. Ela ainda estava longe demais para que pudesse distinguir suas palavras, mas decerto não era algo como “*Querida, cheguei!*”. Escutou o baque da portinhola do sótão e alguns murmúrios da Dama. As portas do corredor se abrindo e seus passos ficando cada vez mais impacientes. Ela conseguia imaginar a pequena mulher ruiva voltando ao sótão e percebendo o que Lucy queria. Perceber a pelúcia ausente e a casa quieta. Perceber a poeira pela casa que Lucy espalhou através de sapatos e coisas velhas para a mulher acreditar que a menina partira há muito tempo.

“Clancy! A pequena peste fugiu!” Lucy podia identificar o medo e receio na voz da Dama. Ela falava baixo, mas aquelas paredes finas costumavam ser traidoras.

“Não é possível, Rose! Nós estamos mortos! *Mortos!*”

“É isso com que está preocupado? Aquela menina deve ter congelado depois de andar cinco metros!”

“A culpa não é nossa! Seu irmão sabia das chances antes de virar o psicopata para proteger a filha e nos arrastar pra isso! É ele quem apodrecerá no inferno.”

“Nós precisamos procurá-la... Mantê-la a salvo...”

“Rose, ela está *morta!* E nós também se não fugirmos logo.”

“Ele vai nos encontrar, eu sei que vai. E há vestígios nossos nessa casa inteira!”

“Eu cuido disso. Agora vá para o carro, só vá para o carro!”

A menina chutou o armário e tentou empurrá-lo, mas estava emperrado. Suor escorria por sua testa enquanto escutava as passadas do Senhor chegarem fortes e congelou conforme escutou um líquido ser derramado. Quando se abaixou para a pequena fresta, viu o carro da Dama indo para longe. Procurou ver o céu. Estava claro, claro demais quando aconteceu. E a última coisa que pensou foi em como era fácil olhar para o céu e ver poesia, mas como era difícil colocá-la em prática.

Lucy não teve tempo de descobrir sua verdade antes que o fogo a encontrasse. Não teve a chance de descobrir que seu pai não era só seu maior medo, mas também o da Dama, do Senhor e de sua mãe, que morrerá ao abandonar a filha no hospital. Não soube que seu pai não se contentou em abandonar a esposa grávida, pois ao ver que essa não queria criar a filha sozinha, matou a mulher e pegou a filha de volta anos depois. Não para cuidar dela e protegê-la, mas para não permitir que a vida da garota estivesse sob controle de mais ninguém senão dele. O pai também não conhecia Lucy, pois mesmo dando errado o plano, Lucy não permitiu que sua vida fosse controlada por outra pessoa.

E a criança da névoa se derreteu em chamas.

A Ilha do Arrependimento

Por Alice Evangelista Silva

A noite estava cada vez mais fria e o sentimento de insegurança, que inundava o peito de Jonas, crescia a níveis inimagináveis. Aquele lugar, fonte de seus pesadelos, dono de suas provações diárias, lhe tirava a única coisa que ele achava ainda reter em seu íntimo, sua sanidade. Os dias claros que conheceu em um passado distante não passavam de memórias melancólicas. A lua brilhante que costumava admirar tarde da noite, era agora um borrão em meios às nuvens que sempre estavam presentes ali.

Cada segundo de tormento o fazia se lembrar de tudo o que fizera na vida, humilhar, roubar, mentir, tudo por pura e desenfreada ganância. Seria ele merecedor de todo aquele sofrimento? Os dias eram longos e abafados, mas as noites eram piores ainda. Frias, assustadoras e muito escuras. Os zumbidos que o lugar emitia o tempo todo interferiam em seus próprios pensamentos. Sequer se lembrava totalmente. Como fora parar ali?

Era 15 de agosto e o navio acabara de partir, às onze horas da manhã de um sábado quente e ensolarado. O cruzeiro, com destino às desertas ilhas Nuulopa, em Samoa, deslizava suavemente sobre as águas. O balanço ritmado e constante era o êxtase da tranquilidade para Jonas Granger. O mar reluzente, tão azul e tão brilhante que fazia doer os olhos, era sua ideia de perfeição. Conferiu seus dados na recepção e seguiu para seu luxuoso quarto, na primeira classe. Ele não conseguia decidir o que mais lhe atraía naquele tipo de viagem. A expectativa do próximo lugar exótico em que iriam ancorar, as paisagens e o tema tro-

pical, as pessoas novas e desconhecidas, o luxo e o dinheiro que eram esbanjados pelos corredores. Os bailes, as bebidas e as mulheres bonitas. Para Jonas, haviam coisas demais para se desfrutar naquele lugar. A noite caiu. Depois de um dia inteiro de atividades divertidas e relaxantes, é chegada a hora de se preparar para o primeiro jantar da viagem. O homem, bem-apegoado, admirava-se no espelho. As roupas caras, cabelo e barba bem feitos, além dos traços finos e másculos o faziam um jovem atraente. Perfumado e cheio de expectativa, saiu de sua cabine às oito horas da noite, sem horário certo para retornar. Ao descer para o *hall* amplo e iluminado seguiu para o grande salão de jantar. Várias mesas bem dispostas, com taças e pratos de porcelana inglesa e cristal acrescentavam uma certa beleza ao local. Os detalhes faziam daquele salão um dos mais belos que ele já havia visto. Jonas foi convidado a sentar-se na mesa do capitão, um homem louro, com cerca de 40 anos. Usava um quepe tradicional e roupas de gala. O jantar foi servido por garçons uniformizados e eficientes.

O aroma que adentrava o salão era uma deliciosa mistura de carnes bem assadas, vinhos finos, sobremesas, entre outras várias delícias que surgiam nos pratos a todo instante.

Às 11 horas da noite as pessoas já saíam do salão de jantar e se dirigiam ao salão de festas. Um local espaçoso e pouco iluminado. Pessoas bem arrumadas circulavam por todos os lados com taças de champanhe nas mãos. A música era alta e estrondosa, luzes coloridas eram projetadas para todos os lados e fumaça circulava pelo chão escorregadio. Uma, duas, três doses. Jonas estava começando a entrar na grande brincadeira de todos ali. Quatro, cinco, seis doses e ele já começara a perder a noção de tempo e espaço. Quanto mais bebida ingeria mais sua visão ficava embaçada. Ele dançava e pulava como nunca. Todas as coisas boas do mundo pareciam estar contidas dentro daquele salão, sendo entoadas naquela música, sendo bebidas naquele copo de whisky, até que tudo começou a balançar.

As pessoas foram atiradas com ferocidade para o lado direito do navio. Taças se quebraram e garrafas voaram de um lado ao outro como projéteis mortíferos. Do lado esquerdo, gritos de pânico tão altos que poderiam ser ouvidos pelas pessoas da costa. O desespero tomara conta de todos e o que antes era uma festa, se tornara uma cena brutalmente assustadora. O navio balançava como se algo gigantesco o agitasse com as próprias mãos descomunais. Homens e mulheres saltaram por sobre a grade de proteção e foram engolidos pelo mar em tormenta.

Jonas, com a mente dissuadida pelo álcool, sentiu-se tentado a seguir o mesmo caminho dos outros companheiros e projeta-se na grade bamba. Observa o mar tempestuoso, negro e assustador e sente medo de se lançar ao desconhecido, porém algo em sua mente sentia-se cativado, seduzido e fascinado pela imensidão escura. Ele saltou. Depois da curta queda sentiu um desespero absoluto e uma vontade absurda de retornar à grande embarcação. A água o engoliu e ele já não conseguia respirar. A cada segundo descia mais alguns centímetros. O fluido líquido invadia seus pulmões e o sufocava. Estava perdendo os sentidos, até que tudo se apagou.

Tomou fôlego e de repente tudo estava ali novamente. A imensidão molhada se transformara em longas dunas de areia marrom, um céu nublado e escuro, sem estrelas. Suas roupas estavam agora rasgadas, marcas roxas em seus braços e pernas, além de um cansaço gigante, proveniente de horas de nado desenfreado. Ao seu redor, uma centena de pessoas parecia se encontrar na mesma situação que ele. Para todos os lados, mar. Ao que lhe parecia, aquele lugar era uma grande ilha abandonada pela civilização e parada no tempo. Como conseguira chegar ali, era disso que não se recordava. Nunca fora um grande nadador.

As pessoas que estavam ao seu lado começaram a se levantar e andar a esmo, sem direção certa. Algumas entravam novamente no mar e desapareciam em meios às ondas, outras adentravam a ilha e sumiam

no horizonte. Uma única luz brilhante apareceu e vários indivíduos caminharam até ela. Jonas tentou segui-los, mas não conseguiu alcançá-los. Eles desapareceram aos poucos e logo o homem estava sozinho. Restaram apenas ele e a ilha.

Aparentemente não havia o que comer, nem água doce para beber. Jonas sentiu que logo morreria se não encontrasse ajuda. Tentou se levantar novamente, mas as dores em seu corpo lhe tiraram essa capacidade dessa vez. Permaneceu sentado e observou longamente a ilha. O lugar parecia não ser habitado por uma alma viva sequer. Nem os insetos, que ele tanto detestava, vagavam por ali. O céu possuía um aspecto assustadoramente nublado. A areia era de uma cor escura. Algumas partes do chão tinham pequenos buracos, com uma substância malcheirosa que lhe causava náuseas.

Jonas ignorou as dores e se levantou. Caminhou para dentro da ilha na esperança de encontrar algum lugar que lhe servisse de abrigo, ou pelo menos pessoas dispostas a lhe ajudar. Foi uma tentativa vã. As únicas coisas vivas na ilha eram árvores altíssimas, com troncos muito largos e fortes e com copas tão altas que pareciam querer atingir o céu. O dia, escuro demais, parecia chegar ao fim. E uma obscuridade maior ainda começava a surgir. Com a noite, que logo chegaria, os perigos viriam, e para o pobre homem, acompanhado somente de sua solidão extrema, já não restava saída. Deitou-se na areia gelada e se preparou para o que o destino lhe havia reservado.

A manhã chegou e trouxe consigo mais nuvens negras. O frio da noite, duramente passada, se transmutou em um calor escaldante e impiedoso. A sede e o medo se apoderaram do corpo de Jonas. Perdido em pensamentos começou a dedicar suas horas a relembrar o passado. A ilha parecia cada vez mais conectada a ele. Quando lhe passavam pela mente pensamentos bons, como a vez em que abrigara um menino de rua em seu apartamento, alguns raios de sol surgiam no horizonte e ele pensava

ter ouvido pássaros cantando. Porém, quando se recordava das atrocidades que fizera com os três irmãos, numa disputa desumana pela grande herança que seu pai deixara, o céu tornava a escurecer-se e, ao longe, se ouviam trovões apavorantes.

Perdera a capacidade de contar os dias. Não sabia ao certo quanto tempo havia passado desde que chegara àquele lugar. A sede e a fome não o matavam, não haviam animais ferozes a quem temer. Era tão grande calma e, ao mesmo tempo, tamanho tormento que Jonas se sentia prestes a sucumbir. Em determinados momentos do dia, ele quase tinha certeza de que ouvia uma voz o chamando e tentava caminhar em direção ao som, mas este parecia vir de cima. Jonas não sabia o motivo de sua estadia forçada naquela ilha maldita, mas suspeitava que pudesse se tratar de um castigo por tudo que já fizera na vida.

Os últimos anos de seu pai foram uma provação. Todos os dias Jonas o envenenava com palavras e desejava ao homem doente a morte certa. O dinheiro sempre o motivara e o levava a caminhos sórdidos, dos quais não se orgulhava, porém não voltaria atrás. Em sua consciência manchada, ele acreditava piamente que os fins justificavam os meios, e que para chegar onde chegou, não haveriam meios diferentes. Quando o homem finalmente morreu, Jonas encenou em seu enterro como o bom filho, que a todos fingia ser. Alterou ilegalmente o testamento do pai e fez com que os três outros irmãos se sentissem rejeitados e abandonados pelo homem que mais os amou. Fugiu com a grande fortuna e mudou-se para a França, onde assumiu pose de magnata e começou a usufruir dos bens que não lhes pertenciam.

A culpa pelo que fizera à família parecia nascer como um pequeno e tímido veio de água, que logo cresceria e se transformaria em um rio largo e poderoso. A ilha agora já fazia parte de Jonas e ele fazia parte dela. As sensações ruins que ela lhe causava iam à um âmbito além do físico, atingindo de tal forma seu psicológico e emocional que ele estava prestes

a se considerar um homem insano. Miragens frequentes de um céu azul, de pessoas com quem se relacionar, e de água ou comida, faziam-no caminhar por horas em ilusão. A falta do que beber não o matava, mas deixava sua sede cada vez mais intensa. Essa impressão de vazio lhe ocasionava um desejo desesperado pela morte.

Por vezes Jonas tentou tirar de si a vida. Falhou ao lançar-se ao mar tormentoso, as ondas o arremessaram de volta ao litoral. Falhou ao jogar-se do alto de uma das grandes árvores, a areia lhe parecia macia demais. Falhou ao ingerir o conteúdo insalubre de dentro de um dos orifícios do chão. Isso só lhe causou náuseas tão fortes que o fizeram se contorcer. O homem era a ilha e a ilha era ele, porém não era capaz de compreendê-la. Os dias e as noites passavam lentos e as tribulações eram cada vez maiores.

Certo dia, Jonas não sabia dizer qual, lembrou-se de algo que há muito não lhe passava pela mente. O último olhar de sua mãe que a vida inteira se martirizou em busca de dignidade para ela e para os filhos. A mulher sofrera por anos nas mãos do crápula que chamava de marido. Apanhava e era humilhada em todas as ocasiões possíveis. Jonas, o primogênito, ao crescer, seguiu os passos do pai e começou a também maltratar a pobre mulher. Ela era, dentre todas as outras pessoas, a única que conhecia o real caráter do filho.

Naquele último domingo à noite, os dias de sacrifícios daquela senhora chegaram ao fim. O sr. Granger tirou-lhe a vida com grande brutalidade e Jonas, que assistia a tudo, nada fez em prol da mãe. Daí então compreendeu tudo. O homem era a ilha e a ilha era o homem, completos, inteiros, em sintonia. As lágrimas, salgadas como o mar, rolaram por sua face pálida e trêmula. O som do verdadeiro pranto, que descidia do âmago de seu coração, despertou o lugar que antes estava adormecido. Um vento forte arrebatou sua pele e Jonas percebeu tudo aquilo que a ilha estava tentando lhe dizer desde o momento em que ali chegara. Lem-

brou-se do pai, de cada um dos irmãos, da mãe. Lembrou-se de todas as pessoas que humilhou, envergonhou, desdenhou e menosprezou durante sua vida. Lembrou-se de todas as vezes que o dinheiro foi seu combustível principal e dos momentos em que suas ações prejudicaram a terceiros e a ele mesmo.

O pequeno veio de arrependimento extravasou-se e rompeu as barreiras. Agora era um grande e largo rio, forte e pulsante, indo em direção ao poderoso mar. Lembrava-se de cada falha e erro de sua existência e arrependia-se amargamente por tudo aquilo que fizera. Não havia redenção para Jonas, preso naquela ilha maldita. O que poderia fazer por aquelas pessoas a quem causou tão severos danos? Gritou e debateu-se tentando se punir inutilmente. Ele era a ilha e a ilha era ele. Se nada podia causar a ela, nada poderia causar a ele mesmo.

E então, de súbito, a esperança ressurgiu num rompante. Despontava no horizonte um grande barco negro. Quando se aproximou mais, pode ver passageiros debruçados nas grades, apontando para a ilha. Jonas ergueu-se e gritou. De seu peito saíam os mais altos e desesperados rugidos. Era um pedido de socorro. Finalmente a ajuda havia chegado. Ele estava salvo, redimido. A grande embarcação o levaria de volta à segurança de sua luxuosa casa, suas mulheres bonitas e sua suntuosa vida de ostentação.

Gritou tão alto como nunca, correu pela areia, rápido e decidido, mergulhando no mar tormentoso. Mesmo fraco e debilitado, retirava forças da ilusão de ter tudo aquilo de volta. Nadou o máximo que seu corpo ainda conseguia, chegando a uma exaustão completa, porém conseguiu alcançar a grande embarcação. Lá de cima, alguém jogou uma escada de corda. Com dificuldade escalou, chegando à popa, sendo recebido com felicidade e desespero. Ajoelhou-se em agradecimento aos donos de sua salvação, sendo conduzido em seguida para uma pequena cabine, e então o navio seguiu viagem. No casco do barco descomunal uma grande

inscrição desbotada estampava a lateral metálica: “Embarque permitido somente às almas do purgatório. Funcionários e caronistas com destino ao inferno.”

Os Erros Servem de Lição

Por Jaqueline de Souza Rodrigues

Me chamo, Heloísa, tenho 27 anos de idade, sou formada em psicologia e hoje estou aqui para contar um pouco de minha história e trazer a vocês uma reflexão. Sou uma pessoa vinda de uma família simples, unida, que me ensinou uma das coisas mais importantes da vida – a humildade!

Desde pequena eu ouvia muito a frase de “o que vem fácil, vai fácil” e eu sempre me questionava o porquê disto. Sempre estudei em escolas públicas, sempre tive vários amigos, sempre fui dedicada, sonhadora, esperançosa, porém, até chegar onde me encontro hoje eu tive que enfrentar muitas desavenças, e ouvir muitos dizerem que eu não iria conseguir. Mas, isso me motivava cada dia mais, pois queria mostrar que podia sim e que eu iria conseguir.

A escola sempre foi meu lugar predileto, foi sempre um dos lugares em que eu mais me sentia bem e lá construí muitos amizades. Mas foi no ensino médio em que a vida começou com as suas lições. Conheci pessoas que realmente mudaram minha vida e neste período, ou seja, na minha adolescência tive alguns marcos na qual trago comigo até os dias atuais, uns bons e outros ruins.

Por mais que os bons sejam incríveis os ruins ficam como uma cicatriz que a cada vez que você olha você se lembra do motivo, mas eu sempre fui uma pessoa que procurava olhar para o lado bom das coisas e apesar da pouca idade eu sempre fui muito “cabeça” como diziam meus avós – tenho uma única irmã que se chama Júlia, ela é dois anos mais

nova que eu, uma das minhas melhores amigas, mas tínhamos gostos bem diferentes, eu era uma moça delicada, carinhosa, mas nada muito exagerado, enquanto ela, era duas vezes mais que eu, uma menina doce, meiga, “super” delicada, gostava das coisas clássicas, era mais quieta na sua, não era de muitos amigos – Mas, voltando ao assunto da escola, vou contar o que um dia me aconteceu e que eu nunca esqueci.

Uma certa vez, andando distraída pelo pátio da escola, acabei esbarrando em um rapaz, que eu ainda não tinha visto nenhuma vez, sem querer! Foi um esbarrão e tanto. Imediatamente olhei para trás, com ar assustado e pedindo desculpas, mas ele partiu para a ignorância dizendo:

- Não olha por onde anda, não é? Presta atenção!
- Me desculp... mas fui interrompida.
- Além de ser desastrada, ainda paga de sonsa, ah faça o favor!

Novamente tentei me desculpar, mas dessa vez ele virou as costas e saiu, seus amigos já deram risadas e eu fiquei muito sem graça, abaixei a cabeça e segui em direção a minha sala, sorte a minha que já estava no último horário, então era sair ir para casa, eu sabia que ia ter muitas “chacotas” com a minha cara, pois pelo visto ele era um garoto popular e me tratou com imensa grosseria na frente de todos. Então só me restava esperar e tentar me desculpar mais uma vez. A hora de ir embora chegou, fui para minha casa, o dia passou e eu tinha me esquecido do que tinha acontecido, a noite chegou e a minha cabeça no travesseiro se encostou, era hora de agradecer por mais um dia e refletir um pouco. De repente, a cena veio na minha mente e fiquei tentando entender o porquê de um rapaz tão bonito ser tão mal educado. Mas enfim, “amanhã o encontro, peço-lhe desculpas e tudo em paz” – disse a mim mesma, já virando para o lado e caindo no sono. A noite passou, despertador tocou, minha irmã e eu nos levantamos.

Pedimos a benção aos nossos pais, tomamos café e fomos, cada um para suas obrigações, nossos pais foram trabalhar e nós para a escola. Estudávamos em escolas diferentes e os primeiros horários se passaram rapidamente, a hora do recreio chegou, saí na intenção de rever aquele rapaz e me desculpar pelo dia passado, mas não o encontrei. Antes da hora da saída eu o vi de longe e o chamei:

- Ei!? – ele olhou para trás já respirando fundo, os amigos dele cutucavam uns aos outros com o cotovelo, pararam, e ele veio... revirando os olhos disse: – O que você quer?
- Então, eu queria te pedir desculpas por ontem, vi que você se “zangou” mas olha foissem querer e... – mais uma vez ele me interrompeu.
- Ah que saco como você é chata, tudo bem! Mas vê se presta atenção!!
- Tudo bem, me desculpa, e... qual o seu nome mesmo?
- Vitor!
- Prazer Vitor! Meu nome é Heloísa.
- E por acaso eu te perguntei seu nome? Olha, tchau! Tenho mais o que fazer.

Virou as costas e saiu e eu fiquei aliviada por ter conseguido me desculpar.

Cheguei em casa, só minha irmã estava, tinha saído mais cedo da escola, meus pais ainda não haviam chegado, pois eles chegavam sempre mais tarde e a nossa vida era assim, rotina! – meio de semana estudávamos e nos finais de semanas a família se reunia. Nas férias a gente costumava

ir para a chácara dos nossos avós, um lugar simples, mas a gente amava! Hoje, infelizmente, eles não se encontram mais entre nós e só resta saudade, mas a vida é assim mesmo, infelizmente a morte é inevitável. Eu continuava tentando entender o jeito daquele rapaz, mas nunca conseguia falar com ele sem que ele me desse uma má resposta. Os dias passavam e as férias de julho chegaram. Fomos para a chácara de nossos avós, voltamos uma semana antes das aulas começarem.

As aulas voltaram e ao chegar quis fazer parte de uns projetos novos que davam aos alunos a oportunidade de estudar fora através de bolsas. Contudo, tinha dias que a gente precisava se dedicar mais e acabávamos saindo mais tarde, quase a noite. Um certo dia, o dia amanheceu diferente, fechado, com cara de que iria chover e não era pouco, mas fui normalmente para a escola, pois era dia de trabalhar com o projeto – nada é por acaso. Ao chegar na escola a chuva veio, o som dos trovões era de arrepiar, ventava, ventava muito, a chuva dava uma parada, mas logo voltava. Eu e a minha turma do projeto almoçamos na escola, o tempo passou e já estava prestes a anoitecer, assim deu a hora de irmos embora, peguei minhas coisas e, em passos rápidos, saí. Ao atravessar a rua, ouvi uma freada brusca e um som de batida. Logo em seguida ouvi um cantar de pneus, um carro em alta velocidade atingiu alguém e fugiu sem prestar socorro. Eu não podia ir embora e fingir que não tinha visto nada, fui correndo em direção à pessoa, quando me aproximei vi que a pessoa atingida era o Vitor! Ele acabara de sair da escola, pois estava participando de um outro projeto. Quando me deparei com ele no chão, desacordado, todo ensanguentado, me desesperei, eu gritava socorro, mas por causa da forte chuva ninguém aparecia, ninguém me ouvia; eu não tinha celular naquela época, mas por sorte ele tinha. Ao mexer em sua mochila encontrei, imediatamente liguei para a ambulância, que não demorou muito para chegar. Eu não podia deixar ele sozinho, então fui com ele.

Chegando lá, achei em sua mochila seus documentos, não achamos nada sobre sua família. Peguei o telefone do hospital liguei para

casa, pois sabia que estavam preocupados, quem atendeu foi minha irmã, expliquei mais ou menos o que tinha acontecido e desliguei! Peguei o celular dele e liguei para um de seus amigos.

- Alô! Oi, o Vitor sofreu um acidente na saída da escola! Não consigo falar com os pais dele, estou sozinha no hospital. Não poderia vir para cá?
- Ah, olha estou ocupado, não vai ter como. Foi mal!

Liguei para mais um e a resposta foi a mesma. Então eu fiquei ali com ele, mesmo não sabendo se eu tinha a permissão dos meus pais para ficar ali, mas foram eles quem me ensinaram que nós jamais devemos negar ajuda a quem precisa. Quando ele acordou, o médico me chamou e segundo ele, por sorte, não havia sido nada de grave. Fui até o quarto para ver como ele estava, assim que entrei ele já perguntou o por que eu estava ali, o que tinha acontecido e porque eu estava o ajudando, que ele não precisava da minha ajuda. Eu relevei e pedi para que ficasse quieto. Nós passamos a noite no hospital, no outro dia perguntei a ele sobre seus pais e ele me contou que há dois anos perdeu seus pais em um acidente, que ele vive com uma tia que não liga muito para ele e vivem com a herança que deixaram. Não quis perguntar muito, pois ele poderia achar ruim como sempre. Levei ele para minha casa, pois precisava de cuidados e a tal tia... Fiz o que estava ao meu alcance, fazia os curativos, ajudava-o a levantar, a comer. Assim que melhorou, voltou à escola. Chegando lá seus amigos vieram como se nada tivesse acontecido e perguntaram o que eu estava fazendo ao lado dele, de imediato Vitor disse:

- Não sei! Essa garota é louca, desde aquela vez nunca mais saiu do meu pé! Sai! Desgruda! – falou olhando para mim e saindo logo em seguida. Eu não pude evitar as lágrimas, porque depois de tudo que eu fiz por ele, receber isso em troca, eu não achava explicações... Depois disso ele nunca mais falou comigo, o ano passou e

todos os dias me perguntava porque ele tinha feito aquilo. Notei que depois do acidente ele ficou um garoto arrogante, mal estava indo para a escola, só vivia “mal enturmado” até que um dia percebi que ele estava diferente, não ia mais com seu tênis de marca nem a jaqueta de couro e então percebi que havia algo de errado. Um dia ao sair da escola vi que estava acontecendo uma discussão entre ele e seus dois “melhores” amigos. Ele saiu muito estressado. No outro dia, seus amigos nem chegavam perto dele e quando ele passava eles falavam:

- O playboy agora rodou, não tem mais nada! – Repetiam isso por várias vezes.

Através de comentários descobri o que tinha acontecido. Ele tinha se envolvido em jogos com apostas e em um desses ele perdeu. Com isso, ele tinha que pagar ou morreria. Perdeu tudo o que tinha, até suas roupas mais caras ele vendeu, depois disso todos o deixaram, até sua tia, ele estava só, não tinha nada! Então, foi aí que eu entendi, ele agia daquele jeito por causa dos amigos, mas... “os erros servem de lição”. Com isso, ele resolveu pegar firme na escola, passava dificuldade, mas não aceitava a ajuda de ninguém, era muito orgulhoso. Ao levar a sério seus estudos conseguiu uma bolsa totalmente paga para fora e ele foi.

O tempo passou, também consegui uma bolsa, mas para São Paulo, nunca mais tinha o visto nem ouvido falar. Anos se passaram, concluí minha faculdade. Escolhi psicologia porque eu sempre gostei de ouvir e aconselhar as pessoas. Fazendo isto, com meu esforço dei uma vida melhor para os meus pais. Minha irmã se formou em direito e mudou para outra cidade e quando havia me estabilizado decidi voltar para perto de meus pais, na cidade de Goiânia.

Um dia caminhando pelo shopping, uma bolsa no braço, tomando um café, o celular toca, continuo andando, abaixo a cabeça para pegar

o celular e de repente tudo vai ao chão, café, celular, foi um esbarrão! Um homem, já se abaixou, pegando minhas coisas e se desculpando. Eu disse que não tinha problema que essas coisas acontecem, ele olhou para mim com uma cara meio estranha, agradei e saí, mas sabe aquela vontade de olhar para trás? Pois é, não teve jeito, ao olhar notei que ele não tinha saído do lugar e ainda me olhava, continuei. Ele me chamou:

– Oi?

Respondi.

– Por acaso seu nome é Heloísa?

Eu, já um pouco assustada, pensando: “como assim ele me conhece?” – Mas respondi na calma:

– Sim! Porque? De onde você me conhece?

– Eu sabia que te conhecia! – exclamou – Eu sabia que um dia te encontraria de novo...

– Desculpe... acho que você está me confundindo... – respondi. Mas no fundo eu sabia que eu conhecia aquele homem de algum lugar.

– Heloísa, sou eu, Vitor!

Assim que ele falou isso eu me lembrei! Passou um filme na minha cabeça! Eu não sabia o que fazer inventei uma desculpa qualquer e saí, ele veio atrás e me entregou um cartão, onde havia seu nome e número de celular: Engenheiro Vitor B. S

Por favor! Me ligue assim que puder, tenho muito o que falar com você – disse com os olhos cheios de lágrimas. Fui embora! Não acreditava

que o tinha reencontrado depois de tanto tempo! Eu demorei ligar, infelizmente o orgulho falou um pouco mais alto e quando decidi ligar já era um pouco tarde. Mais ou menos um mês se passou e quando liguei o tempo já estava chegando ao fim, um homem atendeu e já veio me informando que o dono do celular tinha capotado o carro e estava em estado grave no hospital. Imediatamente, corri para lá e chegando consegui falar com ele, foram suas últimas palavras:

- Heloísa me desculpa pelo que fiz, e obrigado por tudo! Amo você, nunca te esqueci. – Disse-me segurando a minha mão. Nossas lágrimas caíram juntas, e no momento em que fui lhe responder para dizer que ele não precisava se desculpar nem agradecer, ouvi o som do aparelho apitar e a “linha se esticar”, era tarde.

Nunca deixe para amanhã o que pode fazer agora. Demonstrem agora, falem agora, perdoem agora e, além de tudo, amem agora! Não deixem o medo ou o orgulho falarem mais alto – a vida é o agora!

Hoje digo com toda certeza que é errando que se aprende, “Os erros servem de lição!” Reflitam!

Coisas Que O Amor Ensina

Por Willian Ferreira de Jesus

O ônibus desceu impreterivelmente na hora marcada e no local marcado. Marcelo desceu do veículo e se pôs a admirar com saudade a paisagem de aparência incorrupta pelo senhor soberano tempo, notando que nada mudara em quinze anos de sua ausência.

Antes de ir rever a família, Marcelo resolveu tomar aquele delicioso sorvete na quitanda do seu Domingos; Ah! Como aquela quitanda era especial! Remetia aos seus tempos de moleque em que ia ali com seus pais no fim de semana.

Depois de um sorvete, abraços e prosas, Marcelo se preparava para voltar à fazenda, onde seus pais e amigos o aguardavam ansiosos; na saída, acidentalmente se esbarrou em Alex, que trazia uma bandeja repleta de ovos que conseqüentemente foram parar direto na camisa de Marcelo. Os dois rapazes se olharam fixamente e ali ficaram e nos olhos, dos dois, se notava, em meio a tantas sensações e emoções, a saudade de todas as jovens tardes de domingo e as cicatrizes que o adeus deixara em seus corações.

Caro leitor, provavelmente você não está compreendendo tudo o que foi dito nas linhas acima, então eu vou lhe explicar. A família de Marcelo era de grande importância social para a cidade e tinha grande influência comparado a outros fazendeiros do entorno da cidade. A família de Alex trabalhava por muitos anos para a família de Marcelo e, conseqüentemente, os dois garotos foram criados juntos; a família de Marcelo nunca viu problema nenhum em seu filho brincar e passar o dia com o

filho dos empregados, já que os mesmos estavam com eles há tantos anos que já haviam se tornado de confiança.

Os garotos começaram a crescer e crescia também sentimentos de amizade e companheirismo que, de fato, era tão puro quanto os seus corações. Passavam o dia subindo nas mangueiras, tomando banho no lago de águas cristalinas e correndo atrás das galinhas da propriedade; vez ou outra surgiam algumas travessuras como trançar a crina dos cavalos de fazendeiros vizinhos ou quebrar os ovos da granja dos mesmos. À medida que as estações passavam, os garotos iam crescendo e trazendo consigo algo muito mais intenso e forte do que poderiam imaginar.

Com a chegada da adolescência veio também a compreensão de algumas coisas que antes não eram tão claras de se perceber. Passaram a ficar muito mais tempo juntos, especialmente no lago, onde passavam a maior parte do tempo conversando, tomando banho ou simplesmente admirando o azul daquelas águas tão cristalinas. À noite se deitavam na grama para contemplar o majestoso e magnífico pico da beleza da criação que se apresentava como estrelas. Era neste instante, mediante toda aquela magia celeste que os olhares se encontravam, criando uma conexão entre eles na qual mergulhavam até o mais profundo do interior um do outro – as mãos se tocavam com tanta inocência, sem malícia adulta e sem a maldade dos homens. Ali ficavam todas as noites onde o pedacinho do céu era cultivado em seus corações.

Certa noite, o pai de Marcelo retornava da propriedade vizinha, passando pelo lago avistou os dois abraçados contemplando a mãe lua e as irmãs estrelas, ficou ali por um determinado instante observando aquela cena, com tantas coisas cabíveis para se dizer naquele momento ele aderiu ao silêncio. Retornando à fazenda contou o que havia visto à mãe de Marcelo. Desse dia em diante seus pais começaram a olhar para a proximidade dos dois rapazes com preocupação vendo com o passar dos dias o quanto estavam mais próximos, com medo do que a cidade poderia

falar e para evitar que esse contato fosse adiante resolveram então despedir a família de Alex e comunicaram que mandariam Marcelo para terminar seus estudos na Suíça.

Logo que a notícia chegou aos ouvidos dos dois rapazes eles ficaram muito tristes, a angústia tomava conta e a tristeza reinava. Chegaram até arquitetar um plano de fuga que acabou não dando certo. Na noite que antecedia a viagem de Marcelo, Alex o levou ao lago onde ficaram a admirar a beleza do céu estrelado. Quebrando o silêncio Alex se dirigiu a Marcelo:

- Todas as vezes que você olhar o céu você vai se lembrar que deixou alguém morrendo de saudades e que vai esperar o dia de você voltar!

Sem nada dizer Marcelo se recolhe nos braços de Alex que o abraça apertado permanecendo por muitas horas.

No dia seguinte, faltava pouco para o ônibus partir e no último instante apareceu Alex que, a princípio, só observava. Na saída do ônibus, o que se via era, em meio ao silêncio, uma lágrima em cada um dos rostos pela frieza e dureza que a distância traria para esses jovens.

Bom meu caro leitor, agora que você já sabe do passado dos nossos queridos podemos voltar à quitanda.

- Deixa que eu te ajudo a se limpar – disse Alex à Marcelo.
- N-não precisa, P-pode deixar, não foi nada, em casa eu troco de roupa – dizia Marcelo com um tom de nervosismo - E-eu tenho que ir!
- Mas espera... A gente nem se falou direito....

Marcelo saiu às pressas sem ao menos cumprimentar Alex que continuava a seguir Marcelo com os olhos.

Chegando em casa ainda meio perplexo, encontrou com sua mãe e seu pai que o aguardavam ansiosos:

- Filho! Graças a Deus você chegou. Mas o que foi na sua roupa?
- Eu acabei me esbarrando no Alex lá na quitanda, ele trazia alguns ovos que acabaram sendo quebrados em mim.

O fantasma do silêncio que há anos não assombrava aquela casa voltou a rondar quando o nome de Alex foi citado na sala. O silêncio vindo dos pais de Marcelo traziam a mesma preocupação de vinte anos atrás e já cogitavam um reencontro dos dois.

Enquanto tomava banho, Marcelo não parava de pensar naquele reencontro e no quanto os olhos de Alex ainda mexiam com ele.

- Meu Deus! Isso não pode ser possível, depois de quinze anos ainda sinto as mesmas coisas que sentia antes, eu não posso, eu não posso!

Alex aproveitou o cair da noite para ir até o lago ver o céu estrelado, seus pensamentos iam em busca da cena em que seus olhos ficaram fixos nos olhos de Marcelo. A angústia se manifestava com tamanha torção, Alex se fez pequeno outra vez e chorou como criança, ali diante daquele céu estrelado de azul marinho.

Enquanto isso, na casa grande da família de Marcelo a festa ia a todo vapor, com brindes e felicitações pelo grande retorno do futuro herdeiro de todos aqueles extensos hectares de terras, porém nada daquilo chamava a atenção de Marcelo que já estava saindo de fininho quando sua mãe o chamou:

- Marcelo, meu filho, onde você pensa que vai? Ah, isso não interessa! Venha, quero lhe apresentar Sophia, a filha dos proprietários da fazenda da cidade vizinha.

- Como vai Sophia? Disse Marcelo se referindo à jovem e belíssima moça.
- Ah... eu.. eu estou bem!
- Bom, vou deixar os dois conversando enquanto eu atendo os outros convidados, aproveitem bastante, hein?! Disse a mãe de Marcelo entusiasmada com o novo possível relacionamento.

Os dois conversaram até o fim da festa, quando Sophia resolveu ir embora.

- O papo está bom, mas preciso ir! Já está ficando tarde.
- Não quer que eu te leve em casa?
- Não precisa! Meu pai está me esperando na cidade, obrigada!

Sophia foi em direção a Marcelo com o intuito de beijá-lo na boca, porém ele se esquivou dizendo:

- Olha Sophia, você é uma garota incrível, mas precisamos ir com calma...
- Tudo bem! Me desculpa, pensei que eu poderia...
- Boa noite Sophia, até logo! Foi um imenso prazer.

Logo quando Sophia foi embora, a mãe de Marcelo, que os observava há algum tempo se aproximou e disse:

- E aí? Como foi? Gostou dela?

- Ah mãe! É muito cedo para dizer alguma coisa... Acabei de conhecê-la e...
- Meu filho é muito bom que se dê bem com essa moça, sua família é um dos maiores simpatizantes das nossas cabeças de gado, além de possuir um bom status econômico na sociedade. Se você deixar essa oportunidade passar seu pai ficará muito decepcionado com você, já que ele coloca muita fé neste relacionamento.
- Tudo bem mãe... Prometo que vou pensar no assunto, boa noite!

Deitado, porém sem sono, Marcelo resolveu olhar o céu estrelado da janela do seu quarto; perdido em seus pensamentos na imensidão daquele azul marinho tão puro suspirou:

- Ah mãe Lua, como eu queria que tudo fosse igual antes!

Assim, perdido em seus pensamentos adormeceu.

No dia seguinte levantou bem cedo e foi andar a cavalo pelos arredores da fazenda, queria ver todo o progresso de sua família ao longo desses quinze anos que esteve ausente. Em sua cavalgada ouviu alguém cantando uma música de melodia triste acompanhada de um violão, com uma voz angelical e ao mesmo tempo forte que chegava até os seus ouvidos de maneira convidativa. Quando Marcelo chegou até o local se deparou com Alex, o intérprete daquela melodia maravilhosa que entoava pelos arredores da fazenda. Ficou ali, por um tempo, o admirando enquanto cantava. Alex seguia cantando com tanta beleza e concentração que não percebeu a presença de Marcelo. Quando Alex terminou sua canção Marcelo o aplaudiu e disse:

- Bravo! Não imaginava que você cantasse assim tão bem!

- Ah, não foi nada! Canto para buscar a resposta das minhas dúvidas, dos meus questionamentos... Cantando eu me sinto uma pessoa mais feliz!

Marcelo e Alex não conseguiam conter o encontro dos olhares que agora eram mais maduros, cheios de desejos e ao mesmo tempo mantendo a pureza de um sentimento que se manteve guardado por tanto tempo.

- Eu...Eu preciso voltar! Se não é bem capaz da minha mãe vir atrás de mim – Disse rindo.
- Mas já? A gente não teve tempo para conversar desde quando voltou da Suíça!
- Talvez seja melhor assim!

Com um singelo aperto de mão e mais uma daquelas incríveis trocas de olhares Marcelo se despediu de Alex e retornou a fazenda onde sua mãe o aguardava com Sophia.

- Marcelo meu filho, por que não me avisou que ia sair? Trouxe a Sophia para almoçar conosco!

Sophia cometeu a infeliz escolha de se apaixonar por Marcelo que sob muita pressão dos pais acabou tomando-a por sua namorada, vindo a se tornar noiva em poucos meses, porém os encontros com Alex eram inevitáveis, que a essa altura estava também namorando uma camponesa que morava em um sítio próximo a cidade. Marcelo levava o noivado com responsabilidade e pudor apenas para agradar os pais que faziam tanto gosto pelo casamento, porém estava infeliz, pois nada daquilo era o que ele queria, tudo aquilo não passava de uma mentira, sua vontade era de estar nos braços de Alex que verdadeiramente fazia o seu coração bater mais forte.

Na noite do jantar de noivado Marcelo estava ocorrendo para que tudo saísse como seus pais planejavam. Após o jantar desceu ao lago para refletir um pouco sobre a decisão que acabara de tomar e que mudaria sua vida para sempre, ali perdido em seus vagantes pensamentos sentiu alguém se deitar ao seu lado – era Alex, que disse:

- Finalmente! Como nos velhos tempos.

Marcelo não escondeu um leve sorriso com aquela presença e retribuiu:

- É... Como nos velhos tempos!

Sem muito temer tocou-lhe os lábios com um beijo, um beijo tão simples, mas que curou feridas carregadas por longos anos, selou uma espera quase eterna e arrebentou de vez as correntes da resistência e do medo. O amor aconteceu ali mesmo, não havia na face da Terra lugar mais perfeito para duas pessoas se amarem; era como se o céu se tornasse muito mais reluzente, céu que testemunhou como tudo começou. Assim, Marcelo devia tomar uma forte decisão, dar a cara a tapa e assumir o seu verdadeiro eu ou consolidar de vez a máscara e renunciar ao seu verdadeiro amor para agradar os pais.

Após dias pensando, Marcelo resolveu tomar coragem e conversar com seus pais:

- Mãe, pai... eu não posso continuar vivendo uma farsa só para agradar vocês! Vocês não notam o quanto eu estou infeliz com esse maldito noivado? Não é a Sophia quem eu amo e vocês sabem! Eu amo o Alex! E sei que ele também me ama! Se vocês me amam de verdade vão querer a minha felicidade apesar de tudo... E é isso! Chega dessa farsa toda, acabou!

Perplexos, sua mãe desabou em prantos e se retirou, seu pai o olhou inconformado. Depois de um longo diálogo Sophia o compreendeu.

Deitados na grama, abraçados, Marcelo e Alex aguardavam o pôr do sol, que seria o primeiro de muitos, tudo estava no lugar que devia estar. Esse foi apenas um de muitos desafios que encontraram pelo caminho que em breve teremos a chance de acompanhar e nos emocionar.

À Espera

Por Guilherme Da Silva Graf Odi

Sophia estava agasalhada, com toca, luvas, cachecol, num inverno de -10°C, em um restaurante simples à beira da estrada, uma rodovia, cujo acostamento estava tomado por “crostas” de gelo sujo pela fúlgem solta pelos carros que ali passavam em uma velocidade média de 80 km/h. Enquanto a garota tomava seu café e assistia o noticiário dentro do restaurante quase vazio, com outras quatro pessoas, onde servia também de pousada, ela esperava ansiosamente por sua mãe e seu irmão de 10 anos, que pegaram estrada em sua caminhonete prata, com o objetivo de visitar sua filha, pois a garota morava sozinha na “cidade de gelo”. Sophia olhava de forma apática pela janela embaçada pela umidade do ar, a estrada quase que coberta pela neve suja, que era jogada no acostamento pelos carros que passavam acelerados pela rodovia. Era 10h30min da manhã, horário combinado para se encontrarem no tal restaurante. A sua mãe já deveria estar chegando, o seu coração batia de tanta ansiedade, até ser interrompida por uma notícia urgente que estava sendo transmitida no antigo aparelho televisor de 30 polegadas do restaurante: “Ocorreu um acidente hoje, às 09h50min onde uma caminhonete prata tombou ao perder o controle e se chocou bruscamente com os postes de iluminação, próximo à Vila *Greenspace*. O condutor buscou frear e não ultrapassar o limite de velocidade, mas acabou perdendo o controle do veículo, o que resultou na sua derrapagem e na morte imediata do motorista e de uma criança que estava no banco de passageiros, os corpos não foram identificados, com vocês Diane Briggs para o TV *News*”.

Sophia ficou estática, de modo que não se via reação em seu rosto, com seus lábios brancos e olhar fixado em direção à parede, corpo

duro, imóvel, ficou ali por cinco minutos, sem sinal de consciência. Por alguns minutos era possível ouvir tanto as batidas do seu coração como a sua respiração ofegante. Até o momento em que desceu uma lágrima que percorreu rapidamente o seu rosto, que pareceu representar o seu estado de choque que passou a sair de forma líquida dos seus olhos, que tornou possível o movimento de suas mãos para pegar seu celular. Enquanto procurava acionar um contato, cujo número que digitava era o de sua mãe, ela se entregava ao sentimento de pânico e desespero, e uma corrente de choro acabou rompendo o aparente silêncio daquele local. A garota parecia estar em meio ao nada, a notícia a deixou cega e surda ao que estava ao seu redor, nada de barulho de carros, pratos, nem televisão. A chamada foi finalizada com a notificação “sem sinal”, e o mesmo foi se repetindo na terceira e quarta ligação: “sem sinal”. A tela de seu celular tomava a forma de um vidro alagado por suas lágrimas, até o momento que a garota teve sua atenção voltada a um diálogo de duas mulheres que acabavam de entrar no restaurante: “Disseram que a criança do acidente sobreviveu, mas foi levada para o hospital de *Greenspace*, pois estava sangrando muito”. Imediatamente num impulso, a garota saiu do restaurante, e começou a correr pelo acostamento sobre as camadas de neve em direção ao hospital *Greenspace* que se localizava a 2 km do restaurante. Correndo contra o vento congelante que batia em seu rosto, que congelava as suas lágrimas e ressecava a sua pele, a garota continuava... Perdida em meio aos seus sentimentos, sem expectativas, várias hipóteses, sem ideias, em negação interior, seu corpo não sentia efeitos físicos, ela estava anestesiada em seu pânico, correndo, num mundo cinza e real que estaria por vir em sua vida.

Ela chega ao hospital, ambulâncias com os giroflex ligados, com suas sirenes ligadas e transformando aquele ambiente em um drama indesejável para qualquer um. Ela entra no hospital, se depara com cirurgões mascarados com jalecos e luvas que estavam por toda a parte e se assombra com o barulho de macas pelos corredores, pessoas gemendo de dor e outras chorando, possivelmente, lamentando a perda de um ente

querido. A garota observa esse cenário, como se tudo ocorresse em câmera lenta, até o momento que ela escuta a seguinte frase: “Os acidentados estão na sala 8, o corpo adulto deve ser coberto, a criança não vai aguentar, corram!”. O corpo de Sophia perdia as forças, devido ao cansaço, o seu pânico, o seu medo, o seu desespero. Embora não quisesse, mesmo contra a sua vontade, as suas pernas se moviam em direção à sala 8... com seu rosto branco, inchado, acabado, avista a porta aberta... e ao se aproximar, a garota se depara com os corpos. Seus olhos demonstraram algo, um sentimento que até então não havia provado, algo inexplicável, uma mistura de medo, dor e receio. Ela novamente trava, sem reação, uma garota, um ser humano atacado por emoções, sente seu celular vibrando, o coloca ao ouvido e o atende, sem tirar os olhos do homem idoso morto e de uma criança de traços asiáticos, ferida ao seu lado, vítimas do acidente: “Oi, alô, filha? Eu cheguei no restaurante, onde está você?”.

Pertecendo Ao Mundo

Por Janaína Kauanny Rios Silva

Quando se tem um grande conflito interno, não dá para viver na mesma cidade onde fica a famosa “Ponte de Nusle”, conhecida também como “Ponte do Suicídio”, na cidade de Praga. Depois que minha melhor amiga se jogou de lá em uma altura de 43 metros, me fez tomar uma grande decisão, estava na hora de deixar minhas raízes, estava na hora de recomeçar.

Não havia motivos para continuar naquela cidade. Eu estava realmente pronta. Arrumei as poucas coisas que possuía, uma mala contendo algumas roupas, uma foto minha e de Phoebe que eu adorava, o mapa que ela me deu – pode parecer estranho, mas eu prometi que faria isso – na minha mala continha também uma caixinha com as cinzas de Phoebe, eu iria levar até Alemanha em seu lugar favorito, Bastei. E por último, a carta que eu encontrei dias após a morte de Phoebe, onde ela explicava seus conflitos internos. Estava indo rumo do que ela chamava de “O Grande Talvez” era isso que Phoebe queria que eu fizesse. Mas antes de Alemanha, eu precisava ver o mundo e entender a verdadeira Phoebe. Sentada na oitava fileira do avião, olhando para a janela, me lembro do dia em que Phoebe me fez enxergar a vida com ela enxergava:

- Só se vive uma vez, mas, se você fizer direito, uma vez é suficiente. Sabe quem disse isso Emma?
- Mae West, você já me disse isso centenas de vezes Phoebe.
- É só que essa frase resume bem a vida, a profundidade e a dimensão dela. Emma a vida é tão estranha, um hora ela nos dá tudo que

precisamos, outra hora ela nos tira tudo sem a mínima explicação. O engraçado de tudo isso é que ela continua a nos proporcionar grandes aventuras. Eu sou apaixonada pela vida. Porque afinal depois que tudo isso acabar restará apenas o silêncio.

- Você devia parar de fugir da realidade.
- Isso é a única coisa que me impulsiona Emma.

Eu nunca entendi o porquê de ela ter se jogado daquela ponte. Ela amava a vida e dizia isso para todo mundo. Ela era realmente incrível.

A 700 Km/h ao som de *Firework* da janela; as nuvens em seus formatos esquisitos. Quem está entre a janela e eu, viajando de Praga à França, é uma senhora gentil que não para de falar um minuto. Chegando à França, tive aquela sensação que Phoebe não parava de descrever, a liberdade, era incrível como aquele lugar me trouxe uma grande paz, os castelos medievais no seu interior, as diferenças culturais. Tudo era tão... Eu nem tinha palavras para descrever. A maior sorte que tive na vida foi conhecer França. Fui em quase todos os pontos turísticos da cidade, e em todos eles eu via Phoebe sorrindo para mim. Eu não queria sair dali, mas precisava seguir.

Me localizei no mapa, e meu próximo destino era Itália – *Vado alla ricerca della mia grande forse*. Minha visita foi o interior da Toscana, o pôr do sol nos campos, eu nunca havia visto algo parecido. Seguindo minha visita, fui até os Alpes Italianos, me senti como um pássaro em voo livre. Passando pelas ruelas de Roma e Veneza, acompanhando com os olhos os muitos turistas que ali se encontravam, muitos em casais, e eu, mesmo que tenha sido por um momento, desejei profundamente uma companhia, mas eu não ia desistir, eu prometi a Phoebe. No Grande Canal em Veneza, me encantei com oliveiras e videiras carregadas e muitas flores multicores caindo despreziosas das floreiras nas janelas. Não entendo o porquê de ter demorado tanto tempo para sair de Praga.

Seguindo minha aventura, meu destino incluía também Noruega, eu sempre quis visitar esse país, principalmente pelo seu extenso túnel, é o maior do mundo, com 24,5 Km de extensão. E para passar por esse túnel tinha que ser algo muito especial, já passava das 22h00min, então como uma Caminhonete Chevrolet C-10 1975, passando pelo Túnel Laerdal, me levantei, com os braços para cima, gritei com todo os meus pulmões:

– *Tonight we are infinite.* Isso certamente seria o que Phoebe faria.

Eu não sabia quantos minutos demorava para atravessar o túnel e nem estava interessada. Aquela foi a melhor sensação do mundo. Seguindo pela Noruega, fui até Preikestolen, e aquela vista era de tirar o fôlego. Sentei ali mesmo e com meu sanduíche natural, apreciei a belíssima vista. E repetindo o movimento do dia anterior, levantei os braços e deixei o vento soprar. Eu poderia facilmente voar naquele momento, tamanha era minha satisfação.

Dando continuidade, cheguei a Suécia, visitei o Museu de Vasa, o Palácio Real de Estocolmo. Estava curiosa pelas comidas típicas, então resolvi experimentar umas. De prato principal pedi umas Almôndegas com macarrão, molho sueco e doce de mulberry. Eu só conhecia as almôndegas com o macarrão, mas me surpreendi com o restante. De sobremesa pedi um bolo de chocolate sueco, e nossa senhora da culinária, esse foi com certeza o melhor bolo que já comi na vida. Depois de visitar Finlândia, Espanha, Reino Unido, Grécia e uma série de outros países, estava na hora de visitar Alemanha, onde Phoebe nasceu e cresceu. Adiei o máximo que pude, mas eu não podia fugir eternamente eu tinha que ir até lá, eu devia isso a Phoebe. Eu realizei um dos últimos pedidos dela que era ser cremada, eu não podia negar mais um. Agora em Bastei, que fica sobre o Rio Elba, nas Montanhas de Arenito do Elba, no sudeste de Dresden. Eu abri pela milésima vez a carta de Phoebe, não podia me conformar com tudo isso.

Querida Emma

Certamente quando você encontrar essa carta, eu já estarei morta. Eu pensei muito a respeito do que diria para você. Eu sei que te devo muitas explicações, ninguém sabe o que se passa na cabeça de alguém. Eu nunca planejei isso, embora tenha escrito a carta. Ninguém te conhece realmente, as pessoas só conhecem aquilo que mostramos, e eu me sinto ruim por todos esses anos você nunca ter me conhecido de verdade, em comparação a você, eu lhe conhecia tão bem, você nunca conseguia esconder algo de mim. Perdão por nunca ter me mostrado por completo. Você não entenderia a complexidade da minha mente, eu simplesmente não podia mais conviver com isso. A dor que a vida me trouxe se tornou maior que a minha alegria de vivê-la. A tristeza me consumia, e ela duraria para sempre.

Eu sei perfeitamente que você nunca me abandonaria, e sempre me apoiaria em qualquer coisa, menos nisso. Eu sinto muito por tudo isso, acredito em mim, eu não queria que você passasse por tudo isso. Eu quero que você continue a vida, ela está cheia de coisas para lhe mostrar, seja forte Emma. A vida não devia ser interrompida com foi feita comigo, mas eu não suportei toda essa dor interna, a verdade é que eu já estava morta fazia muito tempo, eu não estava mais vivendo, estava vegetando, isso era ruim, logo eu que sou tão apaixonada pela vida, eu não poderia me contradizer. Mas vários outros motivos me fizeram entrar em colapso. Eu não lhe disse, mas o motivo que levou eu e meu pai se mudar para Praga foi a morte da minha avó, ela era realmente importante para mim, isso foi o início do meu desmoronamento. Eu nunca menti para você afirmando que amo a vida, eu realmente amo, mas como você mesma disse, eu fujo um pouco da realidade. Depois que a doença consumiu meu pai, eu não via necessidade de continuar suportando isso, logo após a sua morte eu me afundei mais e mais. Eu fui fraca, espero que um dia você seja capaz de me perdoar. É preferível morrer do que viver com a morte dentro de mim. Quero que saiba que sempre estarei por perto, te protegendo, te guiando e te amando. A culpa disso tudo não é sua, por favor não se culpe, você não poderia fazer nada.

Como minha última vontade quero que leve minhas cinzas de volta para o lugar que nunca devia ter saído Alemanha, mais especificamente para Bastei, que fica sobre o Rio Elba, nas Montanhas de Arenito do Elba, no sudeste de Dresden. Quando sentir minha falta, eu estarei lá por você e para você. Quando você se sentir perdida, então eu vou chegar. Nunca deixe que te impeçam de seguir seus sonhos. Brilhe intensamente como um diamante Emma. Isso não é um adeus, é apenas um até logo...

“Ich liebe dich.”

Com amor Phoebe.

Alguns anos depois.

Eu fiz o que Phoebe me pediu, eu me senti sem chão, Phoebe era tudo para mim, erámos como irmãs. Eu senti durante muito tempo falta dela. Phoebe me mostrou o mundo, depois disso sempre que posso eu viajo, eu não sou mais apenas de Praga, pertença ao mundo e ele pertence a mim. Me joguei totalmente de cabeça em algo que eu temia e tudo isso eu graças a Phoebe. Toda vez em que eu precisava falar com ela eu ia até Bastei. E em uma dessas visitas, eu conheci uma pessoa, que me ajudou a passar por todo esse processo de perda. Atualmente somos casados, e temos dois lindos filhos. Ele me ajudou o momento que mais precisei, e eu sou grata a isso. Eu sei que onde Phoebe estiver ela estará feliz pela minha felicidade, eu nunca vou esquecê-la, ela faz parte de mim e da minha história. Ela me ensinou a ser forte, me mostrou o caminho que eu devia seguir. Ela foi minha mentora, minha irmã, minha amiga, minha confidente. E por mais que eu não tenha feito nada para ajudá-la, eu sei que ela não me culpa, eu não percebi os sintomas de Phoebe, não percebi quando ela precisava de um ombro amigo. Simone de Beauvoir disse que “A morte parece menos terrível quando se está cansado” – Phoebe

só estava cansada de toda tragédia. Eu espero como psicóloga que as pessoas entendam que suicídio não é frescura, que eles não fazem isso para chamar a atenção. Eu não posso fazer todo o bem que o mundo precisa, mas o mundo precisa de todo o bem que eu puder fazer. O rosto pode não demonstrar a guerra, porque a batalha acontece por dentro. Phoebe se foi, deixando para quem fica... apenas saudades.

A Borboleta Em Claustro

Por Guilherme Perfeito Dias Carneiro

Lembro-me de outrora, quando vagava aflito pelos corredores do seminário, que uivavam a minha sonata final, em meio ao silêncio que ensurdecia meu âmago. Sentia que a qualquer momento, Augusto, meu superior e Bispo, viria até a mim e submeter-me-ia à punição mais exemplar possível por conta de meu recente equívoco. Ainda atônito e imerso em meus delírios, encontrei, pelos corredores, um velho padre com o rosto coberto de aflição. Era meu mentor, padre Frederico, que sempre me auxiliara a controlar meus impulsos provenientes da juventude. No presente encontro, o pobre homem dissera-me, com uma voz cansada, que beirava a rouquidão:

– Pensas em fugir, jovem Glauco?

Então respondi de prontidão:

– Receio que sim, após a afronta na missa de hoje, estou certo de que o castigo de Dom Augusto será extremamente severo! É uma lástima, mas não pude conter-me perante os absurdos da missa solene. O bispo engana os fiéis e tira deles tudo o que têm; proveniente disso, não me arrependo de ter dito que a igreja, verdadeiramente, é o mal deste mundo.

– Fale baixo, alguém pode estar espreitando-nos!

– A esta altura não me importo. Bom, mestre, receio que meu tempo seja curto, então devo ir.

- Pobre Glauco, fugir não é tarefa simples, pode ser apanhado e tenho certeza de que o Tribunal do Santo Ofício terá menos piedade ainda com um desertor. Se queres mesmo fugir, irei auxiliá-lo.
- Mas mestre, prefiro morrer como um desertor do que vê-lo padecer por ter me dado auxílio.
- Meu jovem, eu sou velho, e para alguém nessa condição, a morte oferece singelo alento, além de que estás muito à frente de nós. Calar uma voz como a tua é um crime que rivaliza com a blasfêmia dos ímpios. Apenas ouça o conselho deste velho que te tem por filho. Irá até a biblioteca e esperará escondido por detrás das estantes até que eu encontre meios para que saia deste lugar. Que Deus o abençoe!

Com a bênção de meu mentor, segui às pressas até o local indicado. O ar da noite perpassava as vestes clericais e calafrios estremeciam minha coragem. Mal sabia eu que, em paralelo à minha aflição, o bispo reunia-se com os seus em uma saleta da torre leste do maldito seminário.

O velho vociferava em profunda cólera:

- Como ele pôde? Maldito seja! Que a ira sacra caia sobre aquele herege! Como pode um padre falar aqueles absurdos perante uma igreja lotada e justamente em um domingo? Meu Deus! Eu digo, foi a virada do século que bagunçou a cabeça desses malditos jovens! Este ominoso século XIV trouxe o prelúdio do apocalipse, podem escrever! Bom, de qualquer maneira, eu quero a cabeça daquele ínfimo em uma bandeja! Ordeno que tragam-no até mim para a punição devida!

Então dissera-lhe um dos presentes:

- Reverendíssimo, não seria melhor encaminhá-lo ao tribunal?
- Tenho pressa da sentença, eu mesmo decidirei o que será feito com ele. Agora vão, não quero olhar nem mais um minuto para vocês! Seus inúteis!

Após bradar à corja clerical, o bispo trancou-se em seus aposentos para fazer as costumeiras orações vãs. Então, os seus desceram as escadarias e começaram a incessante procura, não por concordarem com seu líder, mas unicamente por temê-lo.

O velho Frederico então foi ter com o sacristão, este que tinha seus meios para que minha travessia fosse feita e eu me visse livre daquele tormento. Claramente, não faria isso por pura boa vontade, mas meu mestre sabia seduzi-lo através do vinho e seguiu então dizendo:

- Sacristão, meu caro, presumo que ainda saibas apreciar um bom vinho e sei que sabes dos recentes ocorridos acerca de meu pupilo. Eu poderia muito bem te entregar o melhor dos vinhos da adega do bispo, se me contares como tirar o pobre Glauco daqui em segurança.
- Ora, padre, é uma proposta tentadora, mas receio...
- Não receies, mantereis sigilo! E ainda dobro a oferta!
- Está bem, velho, agora me convenceu. Diga a Glauco que permaneça escondido até as três da manhã. Farei a travessia dele dentro de um baú e lá fora um cavalo estará à espera dele.
- Então assim será feito!

Com isso, por volta de meia-noite, eu já estava a par de toda a situação. Frederico entrara na biblioteca como um rato que almeja não ser visto e informara-me do trato firmado.

Em contrapartida, Dom Augusto fazia seus planos e espreitava, almejando ser os olhos e os ouvidos daquele maldito lugar.

Tudo estava certo. O baú me fora preparado com vestes usadas que me encobriam, caso ele fosse aberto. Estava um pouco sujo, mas sua procedência era o que menos importava naquele momento. Assim entrei e meu mestre, junto com o sacristão, levaram o baú. Mediante o interrogatório, diziam apenas se tratar de vestes sujas. Dois homens como eles não ofereciam riscos, e estavam fora do olhar suspeito do bispo, já que meu mestre fora amigo de Augusto desde tempos mais saudosos, ou, pelo menos, foi o que passara pela minha mente. Ao adentrarmos pela porta do corredor principal, o maldito Augusto lá estava a importunar um seminarista. Quando nos viu, fitou de cima a baixo os dois velhos com aquele enorme baú e aproximou-se dizendo:

- Que fazem vocês acordados nesta hora?
- Vestes sujas. – disse o sacristão.
- E levas vestes sujas para lavar a esta hora?
- Infelizmente, estou sobrecarregado nos últimos dias, inclusive requisei a ajuda de meu amigo Frederico, a fim de terminar mais rápido.
- Frederico, eu sinto muito pelo seu pupilo, sabe do ocorrido? – disse Augusto.
- Infelizmente sim! Para mim, foi uma grande decepção. – completou Frederico.

Então o molesto bispo pairou seu olhar sobre o baú e perguntou:

- Posso averiguar?

O silêncio permeou o ambiente. O patriarca abriu-o para averiguação e, ao constatar à primeira vista que não havia nada de estranho, seguiu seu caminho. Com isso, meu mestre e o outro apressaram-se e chegaram à porta principal que dava até a saída. Lá chegando, saí do esconderijo móvel e corri até o cavalo que esperava por perto. Despedi de meu mestre, e ele com voz doce disse-me:

- Glauco... Glauco... És uma borboleta, tiveste que mudar para alçar voo. Voe bem, meu filho!

Com os olhos marejados, na ocasião faltaram-me palavras, tentei apenas me virar para ir ao longe, quando fomos surpreendidos por uma seta que subitamente atravessou o peito do sacristão que caiu já sem vida e sem a mínima dignidade; mas que, apesar de sua conduta, lhe era merecida. Após esta cena inicial, meu mestre e eu fomos surpreendidos por outros três homens a cavalo que emergiram das sombras. Esses trajavam uma cruz no peito que já me era conhecida. O medo paralisara-me naquele momento e, em meio aos gritos de meu querido Frederico, fomos conduzidos até a velha basílica, desativada há muitos anos, por ser uma construção menos suntuosa que a atual. Após o abrir das portas, vislumbrei dezenas de pilastras, as quais eram agrupadas de três em três, sendo que em meio a duas sólidas, havia uma oca que se encontrava aberta de modo a perceber sua maneira. O bispo então veio até mim e disse:

- Este é o fim dos hereges: serem parte da velha estrutura falida, que não cabe mais nesta nova era clerical. Entretanto, serei benevolente. Frederico não terá o mesmo fim que tu, Glauco. Ele é maior que isso, então viverá.

Augusto então ordenou que um dos padres presentes ajoelhasse meu velho mestre. Então, o maldito líder posicionou-se em frente ao pobre sacerdote, que mantinha sua honra mesmo nesta hora.

O bispo então continuou:

- Algumas coisas jamais devem ser vistas. Às vezes, a visão também amaldiçoa um homem.

Ao fim dessa fala, ele afundou os polegares contra os olhos do velho padre, que de imediato bradou de dor. Nesta hora, chorei como quem chora a perda da mãe. Meu velho mestre agora era um cego impotente perante tamanha tirania. Então, dois dos homens de cruz no peito jogaram-me dentro de um pilar principal, o qual me coube perfeitamente. Em meio a meu desalento e choro, somente pude dizer desesperadamente:

- *Vade retro satana! Vade retro satana! Vade retro satana! Vade retro satana!*¹

Após isso, perdi a voz. Assim sendo, os molestos cobriram a entrada da pilastra oca com uma espessa camada de mármore que, após fixada, tornava-se imóvel para um homem na minha posição. Tal camada completava a coluna perfeitamente e encobria como um véu os pecados do clero. Não sei dizer o que ocorreu depois. No presente momento, encontro-me dentro do pilar da velha era, sem saber de Frederico, do sacristão, do vil Augusto e dos ímpios que me prenderam aqui. Cá fui trancafiado, pela ânsia do voo. Neste momento sinto minha respiração esvair-se. E, assim, morre uma borboleta em claustro.

¹ Trecho da oração de São Bento em latim. Tradução literal para o português: “Vai para trás, Satanás”

Consequências De Um Erro

Por Geovana Castro Da Costa

O relógio da parede já marcava onze horas da noite, e Alice ainda estava na sala de ensaios da companhia de ballet. A música clássica e os espelhos por todos os lados faziam-na sentir como se estivesse em um palácio. Aquela sala era o seu verdadeiro porto seguro, onde podia calçar suas sapatilhas de ponta e dançar até ficar exausta. Essa constante busca pela perfeição poderia parecer loucura para algumas pessoas, mas era isso o que fazia Alice amar tanto a dança – a cada dia ela sentia que conseguia superar seus próprios limites.

Ao fim do ensaio, a jovem foi para casa a pé e sozinha, como de costume. Chegou em casa à meia noite, e rapidamente desfez o seu coque e escondeu o arranjo de cabelo dentro da mochila. Ao abrir a porta da sala, deparou-se com sua mãe deitada no sofá com um cigarro entre os dedos e semblante abatido, cena que era rotineira. Paula era uma mulher muito infeliz, viciada em cigarros e em remédios. Neste dia, Alice se assustou ao ouvir a voz de sua mãe, que normalmente a ignorava.

- Onde estava?
- Na praça com alguns amigos, mãe, eu sempre saio com eles nesse horário. Não se lembra?

Alice respondeu desviando o olhar, a garota sempre mentiu muito mal. Apesar disso, havia dois anos que escondia de Paula que frequentava as aulas de ballet na mais famosa companhia da cidade.

Depois subiu para o seu quarto, feliz por ter trocado aquelas poucas palavras com sua mãe, tomou um banho e logo foi dormir. Naquela noite, demorou a pegar no sono, ficou pensando no quanto queria ter o apoio de Paula no ballet. Sempre ficava se perguntando o porquê de sua mãe odiar tanto a dança.

Como fazia diariamente, Alice acordou bem cedo e foi para a escola. Passou pela sala e viu Paula ainda no sofá, parecia nem ter se movido desde o dia anterior. Ela ficava tão preocupada com a situação em que sua mãe vivia, mas já não sabia o que fazer.

No fim da tarde, Alice foi para a companhia, e enquanto se dirigia ao camarim, reparou que o diretor a encarava bastante. Pouco depois, começou seu ensaio, intimidada com o olhar crítico da professora, sentia que estava sendo julgada o tempo todo. Ao final do ensaio, voltou ao camarim para trocar de roupa novamente, só não desfez o coque, gostava que todos na rua percebessem que ela era bailarina. Ouviu a voz rouca do diretor, que parecia estar falando com ela:

- Garotinha? Qual é o seu nome mesmo?
- É Alice! – Ela respondeu bem baixinho.
- É filha da Paula?
- Eu sou sim, mas por quê?
- Alice, tenho reparado no quanto você é esforçada, vem aqui todos os dias e fica até tão tarde. Queria te oferecer um convite para integrar o meu corpo de baile. Quer ir na minha sala assinar o contrato?
- Sim, claro! Fico muito feliz mesmo, muito obrigada!

Alice assinou o contrato e foi para casa cantarolando. Estava tão animada em saber que agora o ballet seria o seu trabalho, mas não podia deixar de pensar no quanto aquilo havia sido estranho, pois o diretor nunca conversava e nem acompanhava os ensaios de nenhuma bailarina. Foi para o quarto assim que chegou em casa, e ficou planejando como contaria a novidade para sua mãe. Pensou em contar no dia seguinte, logo depois da escola. Imaginou que se Paula soubesse que agora ela ganharia dinheiro com a dança, passaria a apoiá-la, e ela não precisaria mais mentir.

Horário do almoço, Alice já havia pensado e ensaiado exatamente as palavras que falaria, estava muito ansiosa. Abriu a porta da sala e não viu sua mãe deitada no sofá; achou aquilo estranho, mas logo percebeu que Paula estava na cozinha, procurando no armário seu remédio para a dor nas costas. A garota respirou fundo e começou a falar:

- Mãe, eu queria te contar uma coisa... – nem terminou a frase e foi interrompida por Paula.
- Agora não, Alice. Vá lá em cima e procure no meu quarto a receita do remédio, você precisa ir na farmácia e comprar uma cartela nova, estou com muita dor.

Ela se calou e subiu para procurar a receita, planejando reiniciar a conversa quando chegasse com o remédio. Entrou no quarto da mãe, que normalmente ficava fechado, já que ela só dormia na sala. Começou a procurar pelo guarda-roupas, e acabou percebendo a presença de uma caixa empoeirada no fundo de uma prateleira. Ficou curiosa, nunca havia visto aquela caixa. Então a abriu e viu que estava cheia de fotos. Sentou-se na cama e começou a reparar cada foto em seus mínimos detalhes, eram da juventude de sua mãe. Nas fotos, Paula parecia tão feliz. Alice nunca a havia visto sorrindo daquele jeito, e começou a se perguntar o que aconteceu para sua mãe se tornar uma mulher tão triste. Nesse momento, encontrou uma foto na qual Paula estava vestida como uma bailarina, na

porta da mesma companhia que Alice frequentava atualmente. Pegou a folha que estava grudada na parte de trás da foto e começou a ler o que estava escrito, já emocionada. Era uma página do diário de sua mãe, na qual ela relatava em detalhes tudo o que havia acontecido naquela época. Alice ficou sem reação ao descobrir o segredo de sua mãe: Paula dançava ballet, e acabou tendo um relacionamento com o diretor da companhia, aquele mesmo senhor que havia contratado Alice no dia anterior. Mas a pior parte é que Paula engravidou de Alice e foi demitida pelo diretor, que nunca quis sequer assumir a paternidade da menina.

Alice ficou sem reação ao descobrir tudo aquilo, mas depois de algumas horas pensando, decidiu não falar nada para sua mãe. Ela entendeu o quanto Paula sofria, e não quis fazê-la reviver aquela história horrível. Além do mais, sentiu nojo da atitude dele e não queria que mais ninguém soubesse que ele era o seu pai.

Dez anos se passaram, agora Alice é uma mulher adulta, prestes a dar à luz a um menininho. Desde o dia em que encontrou a caixa de fotos, Alice nunca mais dançou. Suas sapatilhas estavam ainda guardadas no fundo do armário, mas ela jamais falou da época em que quase se tornou uma bailarina profissional porque as lembranças sempre a deixavam muito triste. E ao fim, assim como aconteceu com o sonho de Paula, o de Alice nunca se concretizou.

Não Há Como Fugir

Por Kelly Naiara Do Nascimento

Primейramente, eu só posso te pedir desculpas. Começou depois do pôr do sol, há quase quatro meses. Era outono, as folhas formavam um tapete laranja e vermelho lá fora. Eu estava na sala passando os canais da TV de tempos em tempos sem realmente ver alguma coisa. Não vi o momento exato em que meu primo chegou; me lembro dele pulando no sofá ao meu lado. Ele fazia isso sempre, mas eu não o via há pelo menos quatro meses. Mesmo assim, vi que havia algo diferente com ele naquele dia, os olhos estavam arregalados e se virando constantemente para os lados. Me lembro de lhe perguntar o que estava acontecendo. Nunca me arrependi tanto por ter perguntado algo, pois para minha infelicidade, ele me contou. Me disse tudo sobre ‘Eles’.

- Os fantasmas sem rosto - dissera ele quase num sussurro, os olhos ainda inquietos iam de um lado para o outro mesmo enquanto falava. – Quando eles vêm, te dão um tempo para tentar fugir. Ninguém nunca consegue.

Falava mais rápido e precisei me esforçar para acompanhar tudo. Sua expressão era de súplica quando falou de novo – Meu tempo acaba hoje, eu tenho uma hora.

Claro que não acreditei em sequer uma palavra que ele disse. Levei ele até sua casa e o deixei com sua mãe, ela saberia acalmá-lo. Mais tarde um pouco, enquanto eu observava a escuridão tomar conta das ruas, expulsando os últimos raios de luz, ‘Eles’ apareceram do nada, falaram comigo. Uma voz rouca e profunda, do tipo que se espera do vilão em um

filme de terror, mas também parecia velha. Tudo ‘Neles’ tinha aspecto de velho. Foi a primeira e última vez que os ouvi falar.

- Nós voltaremos – eles disseram – Quatro meses, nove horas. E então desapareceram.

Não sei quanto tempo fiquei naquele quarto, o mais longe possível da janela. Considerei seriamente que tivesse enlouquecido. Me lembrei do meu primo, suas palavras, seu olhar. Conferi o relógio e já haviam passado uma hora e alguns minutos.

E se tudo isso for real? Estremeci.

Cogitei ir até sua casa, só para confirmar que ainda estava lá, então esquecer toda essa história; com sorte eu só precisava dormir um pouco.

Não consegui sair de casa, cheguei a abrir a porta e encarar a rua, mas não consegui me forçar a ir. Minha mente parecia querer me torturar com a imagem ‘Deles’ me observando, me perseguindo.– Não tem nada lá fora, você só precisa dormir, isso é coisa da sua cabeça – disse pra mim mesmo e tentei acreditar nisso.

Acontece que algo não me deixava, uma pequena voz, lá no fundo, que continuava a repetir o que eu tinha medo de pensar.

Eles estão aí fora, esperando que você saia. Estão te observando nesse momento.

- Não tem nada lá.

Você não pode ter certeza.

- Não. Tem. Nada. Lá.

– E se tiver?

Me rendi. Fechei a porta e peguei o telefone, disquei o número quase automaticamente. Caixa postal. Seis vezes seguidas.

Aquela noite foi incrivelmente longa, a primeira de muitas. No dia seguinte, recebi a notícia. Meu primo estava desaparecido.

Foi a gota d'água.

Um mês depois, me lembro de começarem a me chamar de louco quando parei de sair ou cobri a janela com camadas e camadas de jornal, pensando que me sentiria melhor sabendo que 'Eles' não poderiam me ver. Não funcionou.

Dois meses depois, minha mãe veio. Tentou me levar a um médico, me recusei a ir, não conseguia pensar em nada mais inútil. No dia seguinte, uma mulher apareceu, era uma psiquiatra. Passou a me visitar todas as terças e quintas.

Era gentil, uma pessoa boa, mas continuava perguntando, perguntando e perguntando. Eu nunca disse nada, nunca contei sobre 'Eles'. Não, 'Eles' viriam atrás dela também e ela não merecia isso.

Três meses e meio depois, já tinha sido internado em cinco hospitais psiquiátricos. Fugi de todos. Odiava aqueles lugares, tinham muito barulho, além daquela voz, que continuava ali, ainda mais alta. 'Eles' também pareciam estar mais perto quando estava lá.

Agora, há um dia do prazo que 'Eles' me deram, eu sei que preciso fugir. Sabia desde que soube do desaparecimento de meu primo, foram 'Eles' que o levaram e estavam vindo para me levar também.

Já tinha tentado fugir antes diversas vezes, mas aquela voz... Ela não me deixava ir. 20:30.

Ela quase me impediu de fugir hoje, só consegui sair esse horário. Tinha pouco tempo e 10 quarteirões para percorrer até a estação de trem. Corri pela metade deles, parei um momento quando vi meu reflexo na vitrine de uma loja, a barba estava por fazer e os olhos inchados. Estava péssimo. Mas não tinha tempo para isso, o trem saía às 20:45, conferi o relógio.

20:46

Corri mais rápido, achei que chegaria atrasado, mas o trem nem mesmo havia chegado na estação às 20:56.

Tinha exatamente quatro minutos. Andei de um lado para o outro, a ponto de entrar em desespero, olhei o relógio.

20:57.

Chutei uma lata para os trilhos, o barulho ecoou pela estação por algum tempo. De novo, espiei o relógio.

20:58.

Dois minutos. Não havia sinal do trem. Droga!

Estava tão perto de conseguir, só precisava entrar no trem, ir pra longe e esperar que não me perseguissem depois que acabasse o tempo que me deram.

Cerrei os olhos e encarei os trilhos ao longe, apurei os ouvidos, parecia ouvir um barulho distante, ou talvez fosse só minha mente me pregando peças. Comecei a ficar ainda mais inquieto, ‘Eles’ estavam vin-

do, estavam cada vez mais perto. Podia sentir. Olhei o relógio novamente.

20:59.

Agora o barulho já podia ser ouvido claramente, estava cada vez mais perto. Vinha rápido. Assim como ‘Eles’.

O trem parou e subi de imediato, já dentro, soltei o ar que prendia nos pulmões. Conferi o relógio.

21:00.

Ainda que sentisse a presença Deles, não os via em lugar algum. Significava que havia conseguido? Quis acreditar que sim, conseguira. Podia me permitir um sorriso. Fechei os olhos e o fiz. Sorri por algum tempo. Até que reabri-os e olhei para a porta de vidro que pousava, imóvel em minha frente. Então, desmoronei.

Olhei o relógio em meu pulso.

21:02

Meu olhar se desviou para o relógio anexado na parede da estação.

20:59.

Não. não. não. não. Não podia ser. Não podia. Mas podia sim.

Me lembrei de minha antiga vida, quando minha mãe havia pegado meu relógio e o atrasado em três minutos. “ Para ajudar você a chegar na hora” ela dissera. “Você nunca foi bom com horários”. A lembrança dela quase me fez chorar. Saí enquanto ela dormia, nem mesmo tive a chance de me despedir. Já não havia nenhum vestígio de que um dia qualquer

sinal de felicidade habitou meu rosto. Os joelhos dobraram e bateram de encontro com o chão frio. As lágrimas vieram e eu não tentei impedir. Era meu fim, estava acabado. Corri, tentei, pensei ter conseguido, mas não. Tudo fora em vão, sabia desde o começo como isso iria acabar. Sabia que não havia escapatória. Mas não quis acreditar.

Agora ‘Os’ via. Estavam ali. Os observei se aproximar.

Estavam exatamente como me lembrava ‘Deles’; senti um calafrio percorrer meu corpo. Instintivamente, pensei em correr, mas me impedi. Não adiantaria nada e todos ali sabiam disso.

Foi assim meu fim.

Chegaram, me levaram com ‘Eles’ para o último lugar que eu poderia imaginar.

Mas se está se perguntando onde seria esse lugar, ou como posso estar contando isso? não se preocupe. Logo você saberá.

– Nós voltaremos. Quatro meses, às nove horas.

Luz Do Inferno

Por Eduardo Feitosa Pessoa De Oliveira

Luz. Era tudo o que eu via, e então... Escuridão. Mas não uma completa escuridão, a minha volta era pura sombra, mas havia um céu vermelho sangue; isso me assustou, mas não foi o pior, eu ouvi grunhidos, e não era possível distinguir de onde vinham. Eu corri. Então, era luz novamente. Mas o chão em que eu pisava, já não era mais chão, não era nada. Eu caí sem parar. Não havia final para que eu parasse de cair, e eu sabia que um chão só me ajudaria de verdade, se eu quisesse morrer drasticamente. Então, quando eu percebi que não existia um real motivo para gritar, era escuridão novamente; uma fria e assombrosa escuridão, que trazia os mesmos grunhidos indescritíveis. Seria melhor se eu tivesse parado de cair, e mesmo que soubesse que não adiantava gritar, eu não conseguia parar. Eu não via um jeito de sair daquele sofrimento, ou mesmo, de sobreviver.

E enquanto eu refletia sobre isso, ao mesmo tempo em que gritava, a luz voltou. Mas o que antes era uma luz cegante que me obrigava a tapar os olhos, naquele momento se tornou um céu azul e com nuvens, o que me deixaria aliviado se eu ao menos tivesse parado de cair.

Estava ficando pior. Eu mal conseguia respirar, e a escuridão tinha voltado, junto com as criaturas que produziam os amedrontadores grunhidos, que agora, eram visíveis aos meus arregalados olhos. Não durou muito até aquele céu voltar e desaparecer em dois segundos, então, a escuridão fez a mesma coisa. Eu clamei pela morte, para que tivesse ao menos uma chance de parar de ver e sentir aquilo.

Meu coração estava disparado e a cada batida que ele se permitia produzir, o cenário em minha volta se alterava, e eu podia sentir que em todas as oportunidades, as criaturas se aproximavam de mim, mas como era possível que aqueles bípedes de olhos vermelhos andassem enquanto não existia nada sobre seus pés?

Eu parei de gritar quando meu oxigênio repentinamente acabou, e em um ato de desespero, envolvi meu pescoço em minhas mãos. Eu iria morrer tanto asfíxiado, quanto aliviado, finalmente ia sair daquele inferno. Mas era tarde, eu não desmaiaria a tempo, as criaturas estavam perto, suas mandíbulas enormes formavam um sorriso, que mesmo eu vendo com meus próprios olhos, ainda achei impossível.

Meus olhos ardiam com as violentas mudanças na luz, e quando as criaturas chegaram perto o bastante para que eu pudesse sentir seu cheiro podre, eles se encheram de lágrimas. Lágrimas que nunca escorreram tão facilmente pelos meus olhos e rosto. Estava apavorado, mas ainda assim, conformado, nunca estivera tão pronto para partir. Me preparei. Soltei o ar que restava em meus pulmões, estiquei meu corpo para que as criaturas me alcançassem, fechei meus olhos e... Acordei.

Não acreditei que fora tudo um sonho, me levantei com a cabeça pesada. Olhei em volta e me assustei quando percebi que tudo o que eu enxergava era ela, a penetrante e traiçoeira luz.

A Porta Mágica

Por Milena De Lima Vieira

No alto de um arranha-céu, com apenas duas portas e poucas janelas, com escadas douradas, em uma cidade mágica protegida por encantamentos, existia um lugar que continha uma porta mágica no esplendoroso prédio, uma porta que ao ser atravessada, traria sorte e felicidade a quem o fizesse. Uma vez, a cada 4 anos, entre o nascer e o pôr-do-sol do dia mais longo, uma única pessoa poderia ter a oportunidade de passar pela porta, e então ter sorte a vida inteira.

No dia determinado, milhares de pessoas viajavam do mundo inteiro para ter a chance de chegar aos pés do prédio encantado antes do alvorecer. Mulheres e homens, dos mais ricos aos mais pobres, dos mais jovens aos mais velhos, pessoas com poderes mágicos ou não se reuniam no escuro, cada um com a esperança de ser o grande escolhido para atravessar a porta.

Três mulheres poderosas e também cheias de seus problemas e encargos, encontraram-se em meio à multidão e relataram umas às outras suas tristezas enquanto esperavam o sol nascer. A primeira, cujo o nome era Rarume, há muito tempo sofria de uma enfermidade que nenhum médico ou curandeiro conseguia sarar. Ela esperava que ao cruzar a porta, sua doença desapareceria e que então teria uma vida longa e feliz.

A segunda, cujo nome era Izzyel, teve seus pertences mais valiosos roubados por um feiticeiro malévolo, desde sua casa até mesmo seu cajado mágico. Ela esperava que ao cruzar a porta, sua fraqueza e pobreza fossem aliviados.

A terceira, cujo o nome era Acácia, teve seu coração partido quando o homem a quem amava a abandonou. Ela acreditava que seu coração jamais se recuperaria de tal fato. Esperava que ao cruzar a porta aliviasse sua dor e saudade.

Sensibilizando-se umas com as outras, as três mulheres concordaram que, se tivessem a chance, elas se aliariam e tentariam chegar até a porta juntas.

Ao primeiro raio de sol surgido no céu, se abriu então a primeira porta. A multidão seguiu a diante, cada uma das pessoas exigia aos gritos, a bênção ao cruzar a porta mágica. Fios de cobre saídos das paredes do grande prédio, serpream pela grande multidão e se enlaçaram na primeira mulher, Rarume. Ela segurou o pulso da segunda mulher, Izzyel, que agarrou-se firmemente as vestes da terceira mulher, Acácia. E Acácia se apanhou na fivela de um cowboy de feição tristonha que montava um cavalo magricelo.

Os fios de cobre puxaram as três mulheres pela pequena brecha da primeira porta aberta, e o cowboy foi então derrubado de seu corcel atrás delas.

Aos gritos, a multidão enfurecida e desapontada se ergueram no ar matinal e silenciaram quando mais uma vez a porta de entrada se fechara.

Rarume e Izzyel se chatearam com Acácia, que acidentalmente, trouxera junto o cowboy.

- Apenas uma pessoa pode cruzar a porta! Já será uma tarefa bem difícil decidir qual de nós irá fazê-la. Quem dirá agora com mais um!

Ora, o Cowboy Malfadado, como era chamado nas terras distante da cidade mágica, observou que as mulheres tinham poderes mágicos e,

não sendo ele fadado de magia, nem de grande conhecimento em competições ou torneios, nem de nada que o diferenciasse como homem, não mágico, ficou convencido de que não teria esperança de chegar à porta mágica antes das três mulheres. Disse, portanto, sua intensão de sair do prédio.

Ao ouvi-lo, Acácia se aborreceu também.– Medroso! – Ela o censurou. – Tire essa corda da cintura e nos ajude a atingir nosso objetivo.

E então, as três mulheres e o cowboy malfadado se aventuraram pelas escadas do grande prédio encantado, onde como num passe de mágicas, começaram a surgir flores e frutos em abundância e a cada passo dado, era como se estivessem entrando em uma floresta com belos e maravilhosos raios de sol.

Eles não encontraram nenhum obstáculo, até que de repente, a escada em que estavam, se deslocara em direção a um rol feito de tijolos dourados, logo a diante, avistaram um sofá branco de veludo, onde ao chegarem perto, se depararam com uma criatura um tanto exótica. Ali, em cima do sofá, com suas oito pernas trançadas umas nas outras, pele avermelhada, de corpo inchado e olhos cegos. Com a aproximação do grupo, ele virou uma cara feia e malcheirosa e proferiu as seguintes palavras:

– “Me deem a prova das suas dores.”

O Cowboy Malfadado desenrolou sua corda da cintura e tentou laçar o bicho, mas a corda se partiu. Então, Rarume atirou pedras na criatura, enquanto Izzyel e Acácia experimentaram todos os feitiços que poderiam subjugar-lo ou hipnotizá-lo, mas o poder de suas magias não foi mais eficaz do que a pedra da amiga ou a corda do cowboy: a criatura não permitiu a passagem deles.

O sol foi subindo sempre mais alto no céu e Rarume, desesperada, começou a chorar. Então a estranha criatura encostou o focinho no rosto dela e bebeu suas lágrimas. Saciada a sede, a criatura deslizou para um lado e sumiu por um buraco no sofá. Exultantes com o sumiço da criatura, as três mulheres e o cowboy começaram a subir as próximas escadas, certos de que chegariam à porta mágica antes do meio-dia. A meio caminho da subida íngreme de uma escada, eles encontraram palavras gravadas em um dos degraus:

“Doem-me os frutos dos seus cansativos trabalhos. ”

O Cowboy Malfadado apanhou sua única moeda e colocou-a no degrau relvado, mas ela rolou para longe e se perdeu. As três mulheres e o cowboy continuaram a subir e, embora tivessem caminhado durante horas, não avançaram um único degrau; o topo continuava distante e a inscrição permanecia no mesmo lugar diante deles. Todos estavam desanimados quando perceberam que o sol passava sob suas cabeças e começou a declinar em direção ao horizonte, mas Izzyl apressou o passo e, empenhando mais esforço que os outros, estimulava-os a seguir seu exemplo, embora tampouco avançasse a subida até o topo.

– Coragem, amigos, não fraquejem! – Gritava ela, enxugando o suor do rosto.

A proporção em que as gostas caíam, cintilantes, na escada, a inscrição que bloqueava o caminho desaparecia e então eles descobriram que poderiam seguir em frente. Vislumbrados com a remoção do segundo obstáculo, correram para o alto o mais rápido que puderam, até que, por fim, avistaram a porta mágica, refulgindo cristalina em meio a paredes de concreto e flores que brotavam das mesmas.

Antes de alcançá-la, no entanto, encontraram barrando o seu caminho um buraco largo e profundo no chão que circundava o corredor

de entrada para a porta. No fundo do buraco havia uma pedra lisa com as seguintes palavras que saltavam os olhos com um brilho fluorescente:

“Passem-me o bem precioso do seu passado. ”

O Cowboy Malfadado tentou atravessar o buraco, usando o pedaço de corda que lhe restara, mas não conseguiu. As três mulheres o puxaram da beira do buraco e tentaram saltar por cima, mas o buraco era muito largo e elas não iriam conseguir e a todo o tempo o sol ia baixando pelo céu.

Eles começaram então a refletir sobre o significado da mensagem na pedra e Acácia foi a primeira a compreendê-la. Levando sua mão ao coração, apagou da mente todas as lembranças dos momentos felizes que passara com o seu amor desaparecido e deixou-as cair no fundo daquele buraco. O buraco então levou as lembranças para longe, deixando aparecer pedras planas e, finalmente, as três mulheres e o cowboy puderam atravessar em direção ao topo e chegar ao corredor da porta.

A porta então cintilou diante dos quatro, emoldurada por cristais e as flores mais raras e mais belas que jamais tinham visto. O céu coloriu-se de azul e chegou a hora de decidir qual deles iria cruzar a porta. Antes, porém, que chegassem a uma conclusão, a franzina Rarume tombou no chão. Exausta com o esforço da subida, estava à beira de seu fim. Seus três amigos a teriam carregado até a porta, mas Rarume, em agonia mortal, lhes pediu que não a tocassem. Então Izzyel se apressou a colher as flores que julgou mais úteis, misturou-as na cabaça de água do Cowboy Malfadado e levou a poção à boca de Rarume. Na mesma hora, Rarume conseguiu se pôr de pé. Além disso, todos os sintomas de sua terrível enfermidade tinham desaparecido.

– Estou curada! – Exclamou ela. – Não preciso da porta, deixem Izzyel cruzá-la!

Izzyel, porém, estava ocupada colhendo mais flores em seu avental.

Se fui capaz de curar essa doença, posso ganhar muito ouro! Deixem Acácia cruzar a porta!

O Cowboy Malfadado se inclinou e, com um gesto, indicou a porta a Acácia, mas ela sacudiu a cabeça negativamente. O buraco tinha afundado todos os seus desapontamentos de amor e ela percebia agora que o antigo amado fora insensível e infiel, e que era uma grande felicidade ter se livrado dele.

Bom! Cowboy, o senhor deve cruzar a porta, em recompensa por toda a sua nobreza! – Disse ela a Malfadado.

Então ele avançou a fivela tinindo aos últimos raios do sol poente e cruzou a porta da sorte, admirado por ter sido o escolhido entre centenas de outros e atordoado com a sua inacreditável fortuna.

Quando o sol se pôs no horizonte, o Cowboy Malfadado surgiu entre a porta, sentindo-se glorioso com o seu triunfo e se atirou, ainda vestindo a fivela enferrujada, aos pés de Acácia, a mulher mais bondosa e bela que já contemplara. Alvorçado com o sucesso, pediu sua mão e seu coração e Acácia, não menos feliz, percebeu que encontrara um homem que merecia os dois.

As três mulheres e o Cowboy desceram as escadas juntos, de braços dados e os quatro levaram vidas longas e venturosas, sem jamais saber nem suspeitar que a porta não possuía encanto algum.

O Feiticeiro Sem Cabeça

Por Nariane Coelho De Oliveira

Há milhares de anos, houve uma era jamais sonhada. Com reinos esplendorosos que espalharam-se pelo mundo tal qual miríades de estrelas sob o firmamento. No entanto, o reino mais orgulhoso do mundo era Helsken, que imperava com supremacia no oeste dos sonhos.

Nessa era surgiu Quiron, o guerreiro de luz. De cabelos loiros, olhar sombrio e espada afiada. Por muitos era taxado de ladrão, de matador e de herói. Era dono de gigantesca melancolia e ao mesmo tempo jovialidade. Em primórdios de sua terceira década de vida, o guerreiro de luz sobrepujou o impiedoso e tirânico Rei Namafis, consagrando-se assim o novo soberano da majestosa Helsken. Dentre os muitos inimigos combatidos durante seu reinado, destaca-se a morte do feiticeiro Deimus Lin.

Após travar uma guerra entre os reinos de Klaustos e Helsken, na qual o Rei Quiron com o fio de sua espada, extirpou as tramoias arcanas de Deimus Lin, com sua espada apontada aos céus, o Rei exclamou: – Prestem atenção meus irmãos! Hoje nós triunfamos! E seu Rei jamais esquecerá os bravos que aqui o sangue foi derramado! Tampouco, descansarei até que o último inimigo seja encontrado e castigado. – Agora voltem para casa, cuidem dos feridos e orem por nossos mortos. Temos que iniciar o árduo trabalho de restabelecer as terras que os invasores aviltaram! – Disse o Rei, ao limpar o sangue que cobria seu corpo e espada.

– Meu Rei, posso me aproximar? – Disse um rapaz com aparência franzina, ajoelhando-se.

- Quem é você, menino? Respondeu o Rei.
- O nome dele é Kloose – disse um soldado real que acompanhava o jovem – Ele é aluno da academia meu Rei e foi o primeiro a desconfiar que entre nós haviam traidores.
- Então, ou você é um jovem muito valente ou um tanto idiota, Kloose – continuou o Rei – E aprenda uma lição: Nunca se curve perante homem algum, nem mesmo o seu Rei!

Assim, o Rei Quiron conversou ao pé do ouvido com o rapaz durante alguns minutos, e ao fim, ofereceu-lhe um emprego, no qual o rapaz trabalharia para um velho amigo, o famoso Mago Alegrian, e assim, ofereceu-se para levar o jovem até o Mago, o rapaz agradeceu.

- Phantos, assumo o comando até meu retorno. Voltarei dentro de uma semana – exclamou o Rei ao seu fiel escudeiro.
- Como queiras meu Rei – respondeu Phantos – aliás, o que aconteceu com o feiticeiro Deimus Lin, aquele bruxo demoníaco?!
- Eu decapitei aquele bruxo – respondeu o Rei.

Há muitos quilômetros do campo de batalha, ao sul sobrevoava uma ave de rapina, carregando algo, de formato esférico, a ave aproximava-se do reino de Klaustos, onde pousou em uma das torres da muralha que protegia o castelo. A ave era um condor-dos-andes, que carregava em suas garras nada mais e nada menos que a cabeça do feiticeiro Deimus Lin, a mesma que horas atrás havia sido separada de seu corpo pela lâmina do Rei Quiron.– Basta! Não fique aí me olhando, embusteiro ardiloso! Tire esta criatura de cima de mim – exclamou o feiticeiro ao ver o Mago Bauhaus acompanhado de soldados a sua escolta.

- Ora, ora. Que os deuses me ceguem, se não é o próprio e terrível Deimus Lin! Que maravilha!
- Entusiasmado retrucou o mago Bauhaus.

Em meio as palavras do mago, a ave de rapina arrancou o olho esquerdo do feiticeiro. Bauhaus correu e arrancou o olho das garras da ave. Debruçando-se próximo a cabeça do feiticeiro Lin, o mago começou a falar:

- Como vemos aqui, temos mais uma prova da sua imbecilidade, Lin. Você deveria ter matado aquele depravado do Quiron quando teve chance!
- Quem é você para julgar meus atos, Bauhaus? – disse o feiticeiro Deimus embriagado em ódio
- Você que teve seus poderes neutralizados por magos inferiores a você, banido de seu templo e obrigado a se esconder feito uma lagartixa! – Modere sua língua, não estou mais destituído de meus poderes – respondeu Bauhaus.
- Nesse caso, queira restituir meu olho a devida órbita, por favor! – com tom de voz mais calmo, pediu Deimus.
- Por que eu deveria fazer isso? – insinuou Bauhaus segundos antes de arremessar o olho de Deimus em sua boca – “chomp” perdoe-me por nem lhe oferecer um pedaço, mas acredito que você não saberia apreciar o sabor! Agora responda feiticeiro, como chegou a esse estado piedoso?
- Isto foi obra do amaldiçoado Rei de Helsken!!! – gritou furiosamente Deimus – Porém, antes que ele atacasse, evoquei o encanto da ressurreição vingativa e agora não passo de uma cabeça... Enquanto meu pobre corpo perambula pelo mundo!

- “Tchii” Novamente, Quiron, hein? Também tenho motivos para odiar aquele usurpador. – disse o mago Bauhaus ao lembrar de seus desagradáveis encontros com o guerreiro de luz
- Meu velho amigo Lin, nem tudo está perdido há anos eu venho tramando minha vingança por tudo o que me foi roubado. E digo mais, com os poderes de meu anel da serpente, posso ajudá-lo, Lin... Desde que você me ajude a conjurar uma aura protetora para impedir que inimigos possam descobrir meu regresso.

Após muita conversa, ambos decidiram firmar aliança em prol de vingança contra o Rei Quiron. À noite, do mesmo dia, em um pasto nas redondezas de Helsken, um solitário pastor envolveu-se em mantas esfarapadas e aninhou-se junto à fogueira. Durante dias evitou dormir, pois temia que seu rebanho fosse arrematado. Em meio àquela noite, percebeu que alguém se aproximava correndo, era o corpo de Deimus que percorria os pastos sem rumo e sem cabeça, até esbarrar no camponês.

- Idiota descuidado! Quem é você?! – gritou o pobre camponês.

Parecendo sentir o horror que assolava o pastor, a coisa sem cabeça começou a se aproximar. Com um derradeiro avanço, seus dedos cravaram-se no pescoço do pobre homem, até perfurar e dilacerar sua pele e músculos.

Na manhã seguinte, o Rei Quiron e o jovem Kloose já haviam percorrido metade do caminho até as terras do Mago Alegrian. Próximo a um desfiladeiro, que marcava a divisa de reinos o comboio do Rei fora atacado por soldados enviados por Bauhaus. Uma batalha então iniciou-se. Quiron imediatamente sacou sua espada e antes de descer de seu cavalo já havia golpeado certamente cinco soldados. O jovem Kloose mostrou que sabia defender-se, golpeando os inimigos e impressionando o Rei. Com quase todos os soldados dilacerados no chão, o jovem Kloose afirmou:

- Acho que os deixamos apreensivos, meu Rei!
- Já vão desistir, cães?! – perguntou o Rei Quiron aos poucos soldados que permaneciam em pé.
- Para trás! Quero matá-los pessoalmente! – disse Bauhaus ao disparar um golpe de magia contra os filhos de Helsken, que foram presos por galhos de árvores enfeitiçados.
- Está vendo seu inimigo, irmão Deimus? – perguntou Bauhaus ao segurar a cabeça do feiticeiro
- Justamente como eu previ, os deuses nos guiaram até o tal temido guerreiro de luz, que agora não me parece tão temido.
- Eu te conheço, bruxo! – afirmou o Rei.
- Assim como eu o conheço, Rei usurpador. Decerto você também se lembra de meu irmão Deimus, não? – disse Bauhaus.
- Mate logo esse verme, irmão! Dilacere o pescoço dele. – implorou Deimus.

Em seguida, algo aparenta estar vindo de encontro a eles, correndo pela floresta.

- HAH! Pelo visto não precisarei de você! Minha carne pródiga me encontrou. – exclamou Deimus, ao ver seu corpo correndo ao seu encontro com a cabeça do pastor fixada em seu tronco
- Depressa meu caro, liberte-me.

O corpo em alta velocidade chocou-se com Bauhaus e a cabeça de Deimus. Bauhaus e o corpo caíram no desfiladeiro em destino ao rio que ali passava.

- Veja, o mago deixou algo para trás! – afirmou Kloose, ao ver a cabeça do feiticeiro Deimus no chão.
- Salve maldito Lin, pensei que havia te matado – disse ironicamente o Rei Quiron ao enfiar sua espada na cabeça do feiticeiro – Se é que podemos chamar isso de vida, não é? – disse o rei ao arremessar a cabeça do feiticeiro no desfiladeiro.
- Venha, Kloose. Já perdemos tempo demais. Vamos encontrar os cavalos e procurar um local seguro para atravessar o rio. – disse o Rei.

Quase afogando-se, a cabeça do feiticeiro Lin é agarrada por uma mão – Bauhaus, você está vivo irmão! Encontre meu corpo, por favor – disse Deimus.

- Já encontrei – disse Bauhaus montado nas costas do corpo de Deimus. - Ora, ora. Ao menos não teremos que montar seu ridículo corpo daqui até Klaustos! – disse Bauhaus olhando para uma carroça que estava as margens do rio.
- Mas do que adianta uma carroça sem cavalo? – perguntou Deimus.
- Não precisamos de cavalo, imbecil! – respondeu Bauhaus, com sorriso irônico.

A Boca Do Lobo

Por Rainer Késley Maciel Santana

O som de uma velha música boêmica ecoava na madrugada; o cheiro de nicotina entranhava no corpo de qualquer pessoa que passasse por ali. A esquina deflagrava as lembranças dos acontecimentos recentes: vizinhos e frequentadores do local se amontoavam para saber mais sobre a casa de show noturna e as circunstâncias misteriosas em que a dona do estabelecimento fora encontrada.

Maria da Candelária, precedida pelas más e boas línguas como Candinha, dona de si e do estabelecimento em que fora encontrada desfalecida, não era daquela região e o conhecimento de seu passado não convinha a ninguém, era uma mulher misteriosa. Em seus plenos 40 anos ela se orgulhava de ainda ter corpo rígido e curvas sinuosas; por onde passava arrancava olhares promíscuos dos homens e semeava a inveja nas mulheres. De nada sabiam dela, de onde viera se tinha família, filhos ou amigos: era uma incógnita.

Candinha estabelecera a rotina matinal de ir até à boutique do Sr. Alceu, situada apenas a um quarteirão de seu estabelecimento. Uma dose de café amargo, quatro cigarros e nada mais. Sempre bebia e fumava sozinha; era uma pessoa retraída, o que contradizia com o seu empreendimento, intitulado por ela de Boca do Lobo, no qual o principal era a alegria compartilhada pelos pecados mundanos.

A boate Boca do Lobo era frequentada por aqueles que buscavam diversão noturna: drogas, sexo e boa música. O local onde funcionava o estabelecimento possuía uma fachada escandalosa: tons alaranjados, lo-

bos correndo juntos em um campo aberto pegando fogo; a pintura dava a entender que estavam no cio e loucos para acasalar.

No local existia um *hall* de recepção, bilheteria, um bar na lateral e um corredor direto para uma sala equipada com: espelhos, pufes, ventiladores e cortinas roxas cintilantes que davam ao lugar um aspecto cavernoso e ali aconteciam os espetáculos.

A casa da Candinha ficava na mesma repartição, logo após o corredor dos banheiros no fundo do salão, era um cômodo que abrigava tudo que precisa para viver confortavelmente. As festas no local funcionavam de quarta a sábado e recebia gente de todo tipo, com grande popularidade entre o público masculino.

Desde a inauguração, há uns cinco anos, a boate sempre manteve o mesmo quadro de funcionários: duas mulheres que auxiliavam nos serviços gerais, um segurança, um *bartender*, e uma recepcionista que também tratava da bilheteria.

Todos ali pareciam ter segredos. Candinha, sem dúvidas eras a mais misteriosa: sempre carregava consigo uma pequena caderneta preta. Ora escrevendo na caderneta, outrora apenas lendo de maneira imersiva e refletindo sobre o que estava escrito. De princípio, imaginaram que seriam anotações dos negócios, mas não aparentava ser as da administração, apesar de seu negócio ir de vento em poupa. A verdade é que ninguém havia tido a oportunidade de pegar a caderneta para bisbilhotar o seu conteúdo.

Dias antes do acontecimento fatídico, durante a faxina semanal, Stefane, umas das auxiliares, encontrou Candinha reclusa em seu quarto. Com ar nebuloso e soturno, Candinha se prostrava no canto mais escuro do compartimento com a caderneta em uma mão e o cigarro aceso na outra. Por curiosidade, Stefane perguntou a patroa se estava tudo bem?

Teve a resposta quase inaudível de: “– É apenas uma tristeza de fim de tarde”. Mais tarde, no mesmo dia, Stefane comentou com os outros funcionários sobre como a sua chefe estava cada dia mais retraída, quase desaparecendo no ar tal como a fumaça de seu cigarro. E assim sucedesse: dois dias depois Candinha foi encontrada morta. Desta vez, a outra auxiliar de limpeza, Martha, que após a realização de suas tarefas, estava a procurar por Candinha, finalmente a encontrou sem vida.

O grito de pavor de Martha ao encontrar o corpo de sua chefe foi audível na rua inteira. Seu olhar se fixava em sua patroa jazida morta sob uma enorme poça de sangue: vestida com roupas e indumentárias de uma espécie de dançarina circense, Candinha possuía uma ferida aberta em sua virilha, revelando boa parte de seu sexo. Não havia sinais de armas utilizadas no crime ou qualquer sinal de luta. O odor ferroso de sangue quente pairava no ar, o que significa que o crime era recente. Estupefata com a situação, Martha sairá correndo do quarto em busca de ajuda; alguns que já haviam escutado o grito se adiantaram e a encontraram a meio caminho do quarto. Apavorada e já com olhos de tristeza, Martha tentava explicar a situação:

- Morta. Está morta. Oh céus! Que horror! – desabando em lágrimas, Martha não conseguia elaborar uma frase de sentido em que não afirmasse que sua patroa estava morta.

Não demorou muito para que os policiais chegassem até o local. Quando se deram conta, os legistas já haviam colhido as poucas provas e logo o rabeção do IML já estava de saída pela rua atulhada de curiosos. Devido a fama da boate, o caso foi noticiado e amplamente divulgado: das mesas de bar, à fila da padaria só se falava da morte de Candinha.

No velório, todos os presentes pareciam estar de extremo luto, mas o murmurinho que rolava era da curiosidade de um bichano: “O que acontecera a Srta. Candinha para ter sido destinada a este triste fim?”.

Tamanha era a curiosidade que se caracterizava pela quantidade exorbitante de gente velando o seu corpo. A cerimônia finalizada, epitáfio sem grandes menções e o corpo depositado em seu lugar de descanso eterno: o cemitério municipal *Repos Éternel*.

As investigações não se demoraram. O delegado, sendo frequentador assíduo da boate e tendo enorme apreço por Candinha, disponibilizou-se a investigar minuciosamente o ocorrido, interrogando primeiramente os funcionários e vizinhos da boate. Colheu informações preciosas, fazendo enormes teias entre conexões de álibis e possíveis motivos para o assassinato.

Abraão, o segurança da boate, nervoso durante todo o interrogatório, porém provou que estava com o seu filho doente em casa. Luana, a recepcionista e que cuidava da bilheteria, chorava demasiadamente. Luana dissera ao delegado que tinha visto Candinha mais cedo e que a patroa parecia sonolenta e após isso foi para casa jantar com seu marido. O *bartender* Glauco disse que não tinha muito contato com Candinha, pois sendo homem e tendo namorada não gostava de se envolver com os outros ambientes da boate. Na noite da morte de sua chefe, Glauco fizera seu trabalho, fechou o bar e foi encontrar a namorada em um pequeno restaurante ali perto. O que foi de fácil constatação, pois foi visto por vários vizinhos do local jantando com a namorada. Martha, que encontrara Candinha morta, parecia ter se acalmado dos nervos, agora mostrava um ar um tanto frio. Disse ao delegado que percebeu Candinha triste e aflita, escrevendo em algo, como habitualmente fazia, que se prolongou na limpeza porque Stefane, a outra auxiliar, era preguiçosa e resolveu ir mais cedo para a casa. A outra auxiliar, Stefane, chorava muito, assim como sua amiga Luana, tremia e às vezes pedia tempo para respirar e tomar água. Disse que sempre via Candinha e que não sabia o que se sucedeu. Foi trabalhar e logo voltou para casa, apenas isso.

Terminado o interrogatório individual, o delegado resolver confrontar a todos de uma só vez, juntou todos em uma sala fechada e um

tanto intimista. Ao contrário do que pensou, o silêncio instaurou-se na sala, não se ouvia nem o ar entrar e sair de seus pulmões; acabou que após uns minutos se tornou um monólogo do delegado narrando o ocorrido, deixando a todos desconfortáveis. De repente, para o delegado, todos ali pareciam culpados, o que aumentou a certeza de que um deles era o assassino de Candinha.

Após o resultado do legista, onde acusava digitais de Stefane no local do crime, sendo a única suspeita em potencial, sem álibi comprovado, foi detida e indiciada. Sendo ré primária, seu advogado não teve esforço para conseguir uma preliminar que a deixasse em regime aberto até o julgamento. Em busca de provas para comprovar a sua inocência, Stefane, pediu para se reunir com os outros funcionários da boate; apesar dos receios, todos concordaram em ajudar Stefane.

Martha foi a primeira a trazer a tona segredos. Desculpando-se com Stefane por não ter ajudado a amiga antes, disse que havia roubado a caderneta de Candinha e que seu conteúdo condizia com os motivos dela não falar sobre o passado. Quando finalmente Martha começou a ler, as circunstâncias da morte começaram ganhar norte.

Candinha, uma menina órfã, perdendo os seus pais aos quatro anos de idade, sendo acolhida e adotada pelo circo. Crescendo, aprendeu a se virar no ambiente circense e aos quinze anos já era a principal dançarina e malabarista do Diabolo Circus.

Desde jovem arrancava aplausos da plateia por sua beleza e destreza; encantava o público e despertava cobiça entre os homens. Em uma das temporadas do circo sucumbiu à paixão: envolveu-se com um dos seus espectadores, um homem mais velho e já casado, que enfrentava dificuldades no relacionamento. Nutrindo a paixão em segredo, se encontravam em motéis baratos, com o final da temporada se comunicavam por cartas e de vez em outra marcavam encontros em alguma cidadezinha próxima;

viveram os momentos mais felizes de sua vida. Jovem e apaixonada Candinha engravidou. Estando no ápice de seu trabalho no circo não queria filhos, pois achava que poderia atrapalhar sua carreira. Desfez o contato com o amante e resolveu manter a gravidez em sigilo. Forçando o aborto aos três meses de gestação, Candinha sabendo manipular o ex-amante, dissera que havia perdido a criança e que desejava fugir para longe junto com ele. Acreditando no amor de Candinha, o seu amante retirou toda a economia do banco disposto a abandonar a família e viver ao lado de Candinha. Pensando apenas em seu futuro, Candinha fugiu com todo o dinheiro. O ex-amante motivado por vingança a procurou em todo canto, mas acabou afogando-se no álcool e na pobreza, despertando ainda mais o ódio de sua família. Tentando encobrir o passado, mudou o seu nome de Janice Melo para Maria da Candelaria, se escondendo como pôde.

Martha relatou que Candinha ultimamente estava recebendo ameaças por meio de cartas de seu amante, que era isso que ela estava escrevendo em sua caderneta sobre como não sabia como ele havia encontrado e o quanto estava com muito medo do que poderia acontecer, por isso a patroa andava preocupada e distante. Martha disse que procurou, mas que não encontrou nenhuma das cartas, mas que essa era a história do passado de Candinha.

Stefane utilizou o conteúdo do diário para comprovar a sua inocência. Concluindo o delegado que Candinha foi morta pelo amante, buscou pelas cartas e mais informações sobre paradeiro do ex-amante, não encontrando nenhuma das duas coisas. Resolvendo o delegado vazar informações sobre o atestado de óbito de Candinha, no laudo constava que Candinha teria sido dopada, violentada e o seu útero arrancado, sangrando assim até a morte. Com as buscas pelo assassino malsucedidas, acabou-se arquivando o caso.

Stefane, ainda indignada com a sua prisão levantava indagações com os colegas da boate, sabia que um deles era o assassino, pois somente

alguém de dentro da boate teria a chance de dopar sua chefe. Com o fechamento da boate, os funcionários foram se afastando. Somente meses depois os questionamentos de Stefane foram sanados.

A pedido do delegado, todos os ex-funcionários da boate Boca do Lobo foram convidados a delegacia para ouvir sobre os acontecimentos recentes. De primeira, todos deram a falta de Martha, mas antes que pudessem perguntar sobre algo, o delegado começou outro monólogo, mas desta vez o último:

- As circunstâncias que a vida nos apresenta são curiosas: há cinco dias a amiga de vocês, a Srta. Martha sofreu um acidente de carro junto com senhor já velho e desconhecido; no momento os dois se encontram mortos no IML da cidade vizinha – todos da sala mostraram grande surpresa, nenhum deles tivera nem sequer noção do paradeiro de Martha nos últimos meses. “Prosseguiu o delegado: – O curioso são os objetos encontrados com ela no carro: um órgão em conserva, cartas e objetos pessoais sujos de sangue”. Após nossos legistas fazerem exame de DNA constatou que tudo ali pertencia a Srta. Candinha – a surpresa e o horror tomou conta do olhar de todos da sala.
- Suponho que já saibam quem é senhor que estava com ela no carro: o pai biológico de Martha. O passado de Martha também explica o comportamento sádico e frio sendo a assassina de Candinha. Após investigar a infância de Marta nesses últimos cinco dias, descobri que o motivo se trata justamente do passado, na época do envolvimento de Candinha com um dos seus espectadores. O homem era mais velho, casado e pai de uma menina: Martha, essa que acompanhou toda decadência da família e cresceu com o objetivo de vingança.
- Pegou todas as informações que sua mãe tinha sobre a mulher e também do seu pai nos momentos de delírio. Chegou ao estabele-

cimento de Candinha, pediu emprego, assim ganhando confiança e tramando o seu plano maligno. Durante esse tempo tramou o que seria a morte perfeita. Martha assassinou a patroa e dedicou-se a cuidar de seus afazeres para não levantar suspeitas, fingindo encontrar Candinha morta da maneira mais sádica horas depois. Com peso na consciência em ver Stefane presa, decidiu nos apresentar apenas as provas que inocentasse a amiga e que não colocasse o seu na reta. Como disse de início, os acontecimentos da vida são curiosos, Martha teve a morte como caminho a ser seguido por ela e seu pai, quebrando o ciclo que os uniam ao passado.

A Gruta Dos Espelhos

Por Francieli Luiz Pereira

Há muitos anos, numa época em que ainda era comum ver reis e rainhas, príncipes e princesas, e bravos cavaleiros como a personagem da nossa história. Uma bela jovem, guerreira, mas que não tinha ideia da sua força e coragem. Seu nome era Jaslene. Tinha olhos e cabelos negros, longos, cacheados e contrastavam com seu lindo rosto jovial. Vivia com a mãe e seus dois irmãozinhos mais novos numa fazendinha que pertencia a seu padrasto, um homem arrogante e violento que constantemente maltratava sua pobre mãe. Jaslene o odiava tanto que seu maior desejo era ir embora daquela casa levando consigo as pessoas que mais amava na vida. Mas infelizmente lhe faltavam dinheiro e coragem suficiente para realizar tal ato. Por isso, chorava todas as noites de tristeza por se encontrar naquela situação desprezível. Apesar de tudo a jovem tinha a esperança de que no futuro as coisas fossem diferentes.

Um certo dia, tudo começou a mudar. Para começar, fugiu de casa às pressas depois de uma briga com o padrasto ao vê-lo bater em sua mãe e, por instinto de defesa, atirou contra ele uma vasilha de barro. O homem que, por sinal, estava bêbado, ameaçou-a de morte caso voltasse novamente àquela casa. Era fim de tarde quando tudo isso aconteceu, e logo seria noite.

Enquanto cavalgava sem destino pela estrada, a jovem chorava de tristeza toda vez que lembrava do acontecido e assim continuou até que adormeceu. O dia havia amanhecido. Ao longe avistou o povoado nas redondezas do castelo. Resolveu então ir até lá, estava decidida a encontrar um caminho para sua vida. Mas não desistiu do sonho de trazer sua

família consigo. Muito pelo contrário, prometeu a si mesma que voltaria para buscá-los.

Nas ruas, feirantes e comerciantes vendiam suas mercadorias, mulheres cuidavam de seus afazeres, as crianças brincavam. Chegou em uma taberna onde pessoas comiam e bebiam à vontade. A jovem se aproximou e perguntou a uma mulher que servia as mesas se poderiam servir-lhes alimento e água limpa para beber. Tudo o que ela lhe disse foi:

- Se não tem dinheiro para pagar, não coma nem beba nesta taberna!
– disse ela com arrogância.

A jovem, espantada com tamanha falta de misericórdia, foi-se embora. Mas não desistiu. Andou por vários lugares e fez o mesmo pedido e a mesma resposta lhe foi dada:

- Se não tem dinheiro para pagar, não coma nem beba neste lugar!

Já cansada de tanto pedir e envergonhada por tamanha humilhação recantou-se na praça do vilarejo. Enquanto cabisbaixa e sem saber o que fazer, viu aproximar-se dela uma senhora bem velhinha de rosto bondoso que perguntou-lhe o porquê de estar ali chorando. A jovem explicou tudo. A mulher a chamou para sua casa. Chegando lá, deu-lhe o que comer e beber, logo depois conversaram por horas. Jaslene contou tudo o que havia acontecido até aquele dia. A bondosa velhinha, sabendo de tudo, deu-lhe um conselho:

- Olha, minha jovem! Há uma chance de você mudar sua vida, mas para isso terá de enfrentar uma longa jornada pela frente.

Jaslene ficou interessada:

- A senhora fala sério?! E o que tenho que fazer?

A velhinha apontou para a janela aberta de onde se podia avistar o castelo do rei:

- O rei ordenou que fosse anunciado em todo o reino que procura por um bravo cavaleiro para buscar para lá do Vale de Fogo, da Floresta de Diamantes de Sangue e enfim na Gruta dos Espelhos, um tesouro magnífico. Quem for corajoso suficiente para trazê-lo ao rei receberá como recompensa o que desejar. Vá até o castelo e se ofereça para trazê-lo ao rei.

Jaslene não pensou duas vezes:

- Eu irei!

Montou seu cavalo e foi rumo ao castelo. Chegando lá, foi conversar com o rei. Falou sobre o que pretendia. O rei, em tom desdenhoso, disse:

- Você? Uma mulher? Enfrentando uma viagem tão longa em busca de um tesouro?! Isto é uma piada? Nunca que iria conseguir tamanha proeza. No primeiro dia iria desistir! Esse é um trabalho para um bravo cavaleiro.

Jaslene sentiu-se ofendida e subestimada, mas não se deixou abater:

- Quantos soldados foram em busca deste tesouro e não conseguiram trazê-lo para vossa majestade?! Arrisco-me a dizer que não foram poucos. E nenhum conseguiu! Dê-me uma chance e vos prometo que lhe trarei sem falta.

O rei começou a pensar na proposta da jovem. Jaslene, percebendo que ainda não o havia convencido, acrescentou:

- O que vossa majestade perderia permitindo que eu fosse em busca deste tesouro? Dê-me a chance de buscá-lo! Não irás arrepender. Prometo que vos trarei e logo estará em vossas mãos.

O rei pensou, pensou, pensou e resolveu:

- Está bem! Dar-lhe-ei uma chance, mas se voltar sem ele, duvido muito que sobreviverá, irás para a forca. Caso contrário, que também acredito ser improvável, receberéis como recompensa o que desejar.

A jovem sorriu e agradeceu pela chance dada a ela. O rei ordenou que um de seus oficiais providenciasse algumas provisões e entregasse a jovem.

Antes que fosse embora, um oficial real lhe entregou uma certa quantia em moedas de ouro para provisões, e tudo que um cavaleiro real precisasse para uma viagem tão longa e perigosa. Logo após, voltou para a casa da bondosa senhora. Contou-lhe a novidade com grande sorriso no rosto e também apreensão por saber que, se não conseguisse seria enviada para a forca, ou poderia morrer pelo caminho. Era uma viagem arriscada. A senhora disse a ela que para isso tinha uma solução. Pediu para que Jaslene repousasse e não se preocupasse, pois tudo daria certo:

- Eu tenho um plano e lhe darei tudo o que você irá precisar. Tenha fé! Tudo a seu tempo - disse ela amavelmente.
- Muito obrigada por tudo! A senhora está fazendo muito por mim. Nem me conhece direito e foi tão bondosa comigo.
- Eu lhe conheço mais do que imagina, querida!

Jaslene não compreendeu, mas não questionou. Aquele dia já chegava ao fim. Após o jantar fora dormir numa cama preparada pela ve-

lhinha. Não demorou muito, já era madrugada. Logo a moça estava de pé, tomou seu café da manhã e já se encontrava pronta para partir. Mas antes que fosse, a senhora fora até um cômodo escuro e voltou com um embrulho de linho nas mãos.

Ela abriu o embrulho e mostrou o que tinha ali. Eram objetos com poderes extraordinários: uma chave de ouro cravada de diamantes, um vidrinho com uma porção de coloração azul escarlate usado para transformar animais comuns em criaturas mágicas e uma vela de prata. A mulher explicou detalhadamente como eram usados e em que momentos eram usados. Jaslene guardou-os com cuidado e partiu em sua jornada até a Gruta dos Espelhos, uma jornada que prometia ser muito longa e cheia de surpresas.

Depois de vários dias debaixo de chuva e sol, passando por campos, vilarejos, florestas e montanhas, chegou ao Vale de Fogo, um lugar muito quente e mal cheiroso devido ao enxofre presente naquele lugar. Sua extensão era tanta que demoraria meses e até anos para rodear sem ter que passar por entre suas chamas da morte. Não dispunha de tanto tempo. Lembrou-se do que a senhora disse sobre a porção de cor azul. Pegou-a e deu a seu cavalo um pouco do líquido. Em seguida disse a ele o que desejava:

- Desejo que sobrevoe o Vale de fogo e me leve até o outro lado.

De repente, o cavalo ganhou um par de asas enormes. A jovem montou em suas costas e sobrevoaram a imensidão de lavas. Em cerca de uma hora já estavam do outro lado. Como havia sido avisada, passados alguns minutos, as enormes asas que haviam nascido nas costas do cavalo desapareceram em um passe de mágica.

As aventuras não pararam por aí. Depois dessa, andaram por lugares ainda mais belos e fantásticos que aqueles. Os dias foram passando

até que chegaram à Floresta dos Diamantes de Sangue. Era uma floresta escura, apesar de ainda ser dia. Não havia ali um feixe de luz sequer. Diziam ter esse nome por haver muitos diamantes espalhados pelo seu vasto território. Muitos que tentaram pegá-los tiveram suas almas sugadas pelas sombras negras. Ela sabia que precisaria ir até lá e quebrar o feitiço, caso contrário, não conseguiria chegar ao seu destino final.

Lembrou-se dos conselhos da velha senhora sobre a vela de prata. Assim que desceu do cavalo deixando-o para trás, entrou na floresta com a vela na mão. De repente, veio em sua direção um monte de sombras negras que gritavam agitadas. No mesmo instante a vela de prata ascendeu uma luz tão branca que podia cegar. As sombras se mantiveram distante dela. Mas a cada passo que dava, seguiam-na procurando atacá-la. De longe avistou o livro de feitiços da princesa em um pedestal iluminado de luz branca. Correu até ele.

Quase chegando, tropeçou e a vela voou para longe. As sombras negras aproveitaram para atacá-la, mas a jovem foi mais rápida e chegou até o pedestal. As sombras cercaram-na, mas não podiam entrar. Jaslene foi até o livro e leu as palavras que quebraram o feitiço. Assim que o fez, tudo se transformou e na longa floresta surgiu um reino imenso, tão belo quanto qualquer outro que vira.

A princesa, liberta da maldição, agradeceu a jovem e como recompensa ofereceu a ela que viesse morar no castelo para sempre. Jaslene ficou maravilhada com a oferta da princesa e acabou aceitando. No mesmo instante esqueceu-se do que viera fazer ali e principalmente de sua família. Passaram-se meses e ela estava cada vez mais encantada com o luxo em que vivia. Mas no fundo sentia uma inexplicável sensação de tristeza. Não sabia o motivo, pois tinha tudo à sua disposição. Mas lhe faltava algo.

Numa tarde, enquanto andava pelo jardim do Castelo, viu em uma árvore uma família de esquilos que pareciam tristes por ver um dos

esquilinhos se afastar. Jaslene os observava com atenção e começou a se lembrar de tudo, inclusive de sua família e do que viera fazer ali. Correu até seus aposentos e, vasculhando seus pertences, pegou a chave dourada cravada de diamantes. Foi até a princesa e a entregou.

A princesa compreendeu do que se tratava e a levou até um quarto secreto do castelo. Lá havia todos os tipos de objetos mágicos e no centro do salão havia o mais surpreendente deles. Uma espada do metal mais raro e poderoso que existia. A princesa pediu para que a segurasse bem firme e pensasse em onde queria estar.

Em poucos segundos uma luz branca surgiu e Jaslene se via na entrada de uma gruta. Segurando firme a espada, adentrava cautelosa sobre o caminho parcialmente escuro. Neste ritmo chegou até um pequeno lago de águas tão cristalinas que se via as pedras no fundo.

Era possível ver inclusive uma estreita passagem escura na lateral rochosa do lago. De repente, da passagem resplandeceu uma iluminação azulada que parecia ser um reflexo. Jaslene então decidiu atravessá-lo. Guardou a espada em sua bainha, prendeu a respiração e mergulhou na água doce e fria. Adentrou o túnel e em pouco tempo já estava do outro lado. Havia ali um salão maior do que aquele e muito mais magnífico, pois suas paredes eram completamente formadas por espelhos.

Avistou ao centro um cálice de cristal azulado. Era o tesouro do rei. Correu para pegá-lo, mas foi surpreendida por um dragão que surgiu do nada. Travou uma luta com o monstro. Pensou tê-lo matado após atingi-lo no coração. Estava errada. Foi quando uma voz lhe disse mentalmente que o dragão era uma projeção dos espelhos. Correu até uma parede e cravou-lhe a espada. O espelho se quebrou e o dragão desintegrou-se. Como havia vindo, voltou ao Reino de Diamantes. Devolveu a espada à princesa que e foi teletransportada de volta para o castelo do rei com seu cavalo por meio de magia. Jaslene entregou-lhe o cálice e descobriu que

ele tinha o poder da cura. Como recompensa pediu ao rei que lhe desse uma terra ao norte do sol. Como prometido, o rei lhe deu.

Jaslene resgatou sua família e foram morar ao norte, perto do sol, numa casinha fantástica, com um lindo jardim de rosas vermelhas, um pomar com todos os tipos de frutos deliciosos. Ouvi dizer que ela gostou tanto das aventuras que viveu, que até hoje ainda as vive. Pensa que me esqueci da bondosa velhinha que tanto a ajudou? Como poderia me esquecer! Ela é sua fada madrinha disfarçada. Agora a jovem embarca numa nova aventura a procura dela.

A Biblioteca Impossível

Por Guilberth Gouveia Campos

Ronnie mergulhou o pequeno corpo na gigantesca lixeira, tentando não se incomodar com o odor fétido dos alimentos apodrecidos. Desde que podia se lembrar, todo seu sustento provinha das sobras de grandes restaurantes. Quando tinha um pouco de sorte, conseguia encontrar uma porção de batatas fritas ou até mesmo um hambúrguer envelhecido.

Na noite em questão, porém, tudo o que tivesse um aspecto ligeiramente comestível, parecia azedo e estragado. As fatias de pão encontravam-se cobertas de bolor, os vegetais liberavam um líquido pegajoso e de coloração questionável e até mesmo as batatas estavam negras mal cheirosas.

Sentindo o estômago roncar, resolveu dar uma nova chance à lixeira ou teria que arriscar-se com o pão embolorado e apodrecido. Afastou um dos sacos e um objeto reluziu, roubando sua atenção. Um livro de couro com pequenos adornos nas extremidades encontrava-se pairado no fundo da lixeira. Com cuidado, agarrou o objeto deixando os dedos escorrerem pela capa. Apesar do local onde fora encontrado, o mesmo não possuía nenhum sinal de desgaste. Nenhuma sujeira ou mancha de gordura se fazia visível. E despeito dos adornos, não possuía nenhuma identificação, exceto pela pequena gravação em letras douradas no canto inferior “*Pertence à Biblioteca*”.

Antes que pudesse avaliar a peça com mais cuidado, Ronnie sentiu algo pesado atingir a parte de trás da cabeça. Ao se virar, deparou-se com

o que parecia ser o dono do restaurante. O homenzarrão encarava-o com uma expressão furiosa.

– Suma daqui garoto. Vou chamar a polícia! -

O menino rapidamente projetou o corpo para fora da lata de lixo, fazendo um certo esforço para se desviar do segundo objeto arremessado pelo sujeito e pôs-se a correr.

Parou apenas quando avistou o pequeno barraco que chamava de casa. O local nada mais era que um pequeno cubículo feito de tijolos e escondido pelo mato, nos fundos de um terreno abandonado. Provavelmente havia sido tudo o que restara de uma antiga construção que jamais fora finalizada. Embora o ambiente não fosse confortável ou arejado, servia como um teto sobre sua cabeça nas noites frias ou chuvosas.

Amontoados em um canto, via-se diversos livros, dos mais diversos tamanhos e formatos. A maioria deles estava repleta de marcas, rabiscos e arranhões. Com páginas manchadas e capas arrancadas.

Há muito tempo, Ronnie havia descoberto que através dos livros podia fugir da realidade árdua em que vivia e, desde então, passara a recolher todos os exemplares que encontrava abandonados. Nas piores noites de sua vida, havia se encolhido no canto com um livro em mãos e viajado para outros mundos, na esperança de abrandar a fome e o frio.

Não conseguia se lembrar se já havia tido um lar que não fosse as ruas ou se um dia alguém o ensinara a ler, mas nesses momentos, agradecia por poder fazê-lo.

Sentado, pôs-se a avaliar novamente a edição que encontrara. Da capa de couro destacam-se pequenas inervações que pareciam convergir para as bordas. Folheando o mesmo, notou que nenhuma das páginas pa-

reciam jamais ter sido escritas. Até que, do branco intocado, viu um rastro negro surgir, singrando pelo papel como se estivesse sendo conduzido por uma caneta invisível. A tinta bailou e as palavras começaram a surgir:

“Parabéns! Detectamos que o Sr.(a) é um(a) leitor(a) assíduo. Sendo assim, foi aceito como membro sócio da BIBLIOTECA.

Sua estadia está sendo organizada”

As letras formaram uma espiral, como numa dança, antes de se transformarem em um rosto humano. Um homenzinho calvo e feito de letras o encarou por trás dos óculos. Em seguida, estendeu a mão que se soltou das páginas agarrando o garoto pela camisa e trazendo-o num solavanco para dentro do livro.

Antes que percebesse, sentiu as nádegas atingirem algo maciço enquanto a paisagem ao seu redor se transformava. Viu-se em uma gigantesca biblioteca, cujas centenas de prateleiras abrigavam todo tipo de livros. Alguns tão pequenos quanto um polegar e outros tão grandes quanto edifícios. Todo o local parecia estender-se para o infinito. Tanto vertical quanto horizontalmente.

Ao seu redor, um burburinho tomava forma. Dezenas de pessoas de todas as idades se aglomeravam ali e pareciam estar tão perdidos quanto ele. Fazendo frente à multidão, estava o homenzinho que havia lhe encarado através do livro. Tinha metade da altura do garoto e olhava para a multidão com desgosto.

Arrastou para perto de si uma pequena escada com não mais que três degraus e após galgá-la, bateu palmas, arrebatando a atenção.

– *Calados! Calados! Não percebem que estão em uma biblioteca?* – Bradou irritado. Quando a multidão se calou, continuou – *Muito*

bem. Sejam bem-vindos. Vocês são leitores excepcionais, por isso foram premiados com o direito de frequentar a BIBLIOTECA – Ao dizer isso, o homenzinho livrou-se das escadas fazendo um gesto para que o seguissem.

Uma criatura tentacular surgiu para recolher o objeto. A pele que lhe cobria o corpo era esbranquiçada e purulenta, descendo pelo corpo em diversas camadas gelatinosas, como se um dia, tivesse derretido. A expressão no rosto era a de eterna agonia, petrificado em um silencioso grito eterno. A aparência medonha do monstrengo contrastava com o clima aconchegante do local.

- *Eu sou o BIBLIOTECÁRIO - continuou ele, seguindo, de costas para o público –E essa é a maior biblioteca de todo o universo. Nós operamos entre as dimensões, no limite entre o real e o irreal. Nosso acervo contém cada livro que já foi escrito. Cada livro que jamais foi escrito. Cada livro sonhado, aspirado e vivido. Em resumo, se é uma história, existe aqui.*

Todo o discurso parecia demasiadamente ensaiado e teatral, como se já tivesse sido repetido centenas de vezes. Enquanto falava, Ronnie viu livros cujas capas encouraçadas formavam rostos que pareciam cantar, livros que sussurravam para o leitor e até mesmo uma árvore, cujas folhas pareciam feitas de tinta e as flores eram páginas que floresciaam pequenos contos.

- *A BIBLIOTECA é infinita. Então não faz nenhum sentido que eu conduza uma excursão. Se quiserem algum livro, apenas mentalizem o que procuram e subam uma escada, a prateleira estará lá. Quando quiserem retornar para casa, basta que toquem o pilar central duas vezes. Alguma pergunta?*

Uma garota sardenta e de cabelos cacheados ergueu a mão, colocando-se na ponta dos pés, para fazer-se visível.

- *O que tem ali?* - Perguntou apontando para um conjunto de prateleiras com as luzes apagadas. Em uma placa no alto, lia-se “**SESSÃO PROIBIDA**”.

O bibliotecário permitiu-se um longo e sonoro suspiro antes de falar.

- *Bom, vocês vão descobrir de qualquer forma!* – balbuciou mais para si do que para os outros - *Aquela é a sessão proibida, nela estão os livros de cada ser vivente. Eles contam a história pessoal de cada um, sendo escritos conforme decisões são tomadas* – Ele pigarreou e quando voltou a falar, sua voz soava mais soturna – *A Sessão Proibida é visível de qualquer parte da biblioteca, porém lhes adianto que não é permitido aos visitantes adentrarem suas prateleiras. Também é estritamente proibida a retirada dos livros das prateleiras, quando encontrarem o que querem, peçam que um dos carregadores pegue pra vocês* - e ao dizer isso apontou para uma das criaturas gelatinosas – *eles não podem falar, mas são ótimos em ouvir e obedecer. E por último, nenhum livro pode deixar os domínios da biblioteca. Atendemos em qualquer tempo relativo do espaço, por isso, restrinjam suas leituras às nossas imediações. E a todos que tentarem desafiar essas imposições, lhes garanto: Serão punidos com tortura pior do que ser digerido por um milhão de demônios. O flagelo da dor será tamanho que arrancará uma parte da sua alma e seus gritos de desespero irão perecer para sempre dentro das paredes frias dessa biblioteca. Agora vão! Vocês têm muito o que explorar.*

As primeiras semanas na biblioteca pareceram passar em instantes. Ronnie encontrava-se absorto pela diversidade de mundos e histórias. Subitamente, semanas se transformaram em meses.

O garoto jamais chegou a interagir com outro visitante do local, passara os últimos anos sozinho e havia se habituado ao isolamento. Diferentemente dos outros convidados, jamais retornava pra casa, afinal, não havia ninguém lhe esperando. Ali, não sentia fome ou frio e logo perdeu a

noção de quanto tempo se passara. A BIBLIOTECA passou a ser o único lar que conhecia.

Com o tempo, porém, algo começou a flagelar sua mente: a **Sessão Proibida**. No início tentou ignorar, mas ela parecia chamá-lo. Como se na negritude de suas prateleiras, dois gigantescos olhos lhe observassem e uma voz tentadora sussurrasse seu nome.

Se conseguisse adentrar o local e encontrar seu livro, poderia finalmente saber quem eram seus pais e porque haviam lhe condenado à vida nas ruas. Antes que percebesse, a ideia havia se tornado uma obsessão, já não podia sequer concentrar-se nos livros.

Em alguns períodos a biblioteca ficava inexplicavelmente vazia. Ronnie julgava que fossem os feriados de fim de ano. Numa dessas ocasiões resolveu agir.

Levantou-se sentindo a respiração pesar sobre o peito. Colocou-se estrategicamente entre algumas prateleiras e então jogou seu peso sobre uma delas.

Após certo esforço, a mesma cedeu, tombando para trás. O estrondo ao acertar o chão foi suficiente para atrair os poucos remanescentes. Alguns dos livros agora gritavam e se debatiam, enquanto um bando de livros alados fazia o possível para resgatar os companheiros abatidos. Aproveitando-se da desordem, o garoto sorrateiramente deslizou para fora de cena e sem ser notado, adentrou à escuridão.

Do lado de fora, não era possível ver nada além da linha que delimitava a sessão. Ali dentro, porém, o negrume parecia evitar a lombada dos livros. Como que por instinto, deixou-se guiar pelo local. Os sussurros pareciam estar se tornando mais fortes à medida que caminhava e então pararam abruptamente. Na sua frente, em um livro avermelhado, lia-se “O Garoto Abandonado”.

O menino agarrou o livro e puxou-o para si. Ao fazê-lo, porém, o ambiente iluminou-se, como que para alertar sobre o invasor.

Ronnie encheu os pulmões de ar e correu até sair do local. Lá fora, dezenas de pares de olhos o observavam. Antes que pudesse compreender o que se passava, algo lhe atingiu a canela, fazendo-o tombar sobre o próprio corpo. Abraçou o livro enquanto caía.

Ao se levantar, pôde ver o BIBLIOTECÁRIO segurando o bastão com o qual havia lhe atingido. Mais que depressa, voltou a correr, mancava e um filete de sangue manchava de escarlate as roupas surradas.

Antes que o homem pudesse tentar outra investida, alcançou o portal, tocando-o duas vezes. Instantaneamente, viu-se em casa. A poeira acumulava sobre os livros e o mato finalmente havia rompido as estruturas do concreto.

Olhou para o livro e permitiu que um sorriso brotasse no rosto enquanto o dedo deslizava pela capa, ao fazê-lo, seu nome cintilou “*Ronald Carter*”. Era a primeira vez que o lia.

Antes que tivesse a chance de abri-lo, porém, sentiu uma dor percorrendo a espinha, fazendo com que se curvasse. Caiu no chão e pôde ver os membros se expandindo como se derretessem. A dor, agora, dominava cada centímetro do seu corpo. Tentou gritar, mas a voz se recusou a sair e seu rosto permaneceu para sempre preso naquela expressão.

Viu-se então novamente na BIBLIOTECA. A dor seguiu-lhe pelo resto dos seus dias, se abrandando apenas quando alguém lhe pedia para pegar algum dos livros na prateleira. Com o passar do tempo, o sofrimento apagou tudo o que restara do seu ser. Sofrimento passou a ser tudo o que conhecia, sequer podia lembrar quem era ou de onde viera. Tornou-se apenas um carregador.

Monstros

Por Leticia Vieira Andrade

Volto para casa depois de mais um dia de trabalho e nada há de diferente. O emprego é maçante, o trânsito continua horrível e o tempo não melhora há dias, um vento frio constante provoca arrepios no meu corpo inteiro. O apartamento permanece escuro, como sempre, salvo o cantinho iluminado pela janela que dá para o centro da cidade. Os monstros se encolhem nas sombras.

Isso mesmo. Monstros. Criaturas de todas as formas e tamanhos habitam meu apartamento. Pode pensar que estou maluca, ou que ando bebendo vinho demais, mas afirmo com certeza absoluta que eles estão lá, e que chegaram antes de mim.

Nunca se mostraram deliberadamente a mim, mas ouço seus movimentos e sempre os vejo pelo canto dos olhos. Não é imaginação. Quem dera fosse. Lá estão eles sempre que acordo, sempre que volto para casa. Alguns parecem amistosos, outros nem tanto. Mesmo assim, continuo a vida sem mencionar nada a ninguém. Não acreditariam mesmo.

A convivência com os monstros é tranquila. Exceto por algumas vezes em que as coisas somem ou se quebram. Já perdi tantos pares de sapatos, brincos então... E continuo assim há quase um ano. Não fico no caminho deles e nem eles ficam no meu. Não sei o que querem, ou mesmo se querem algo. Apenas estão ali, nas sombras.

Uma única vez tive um vislumbre mais claro de um deles. Aquele era pequeno e costumava ficar na prateleira da sala, entre alguns livros.

Redondo e verde, do tamanho da palma da minha mão, com um par de chifres pontudos e dentes protuberantes, ar de travesso. Vi-o voando desajeitado com suas pequenas asinhas. Quando me viu, se jogou na escuridão mais próxima.

Sei que não está acreditando em mim. Então, antes de continuarmos tenho uma condição: passe a acreditar que isso é real (ou pelo menos finja) ou então paramos por aqui. Porque o que estou prestes a contar é extraordinário demais para ser encarado com ceticismo. Decida-se e então prosseguimos.

Pronto? Ok. Vamos em frente.

Voltemos ao dia que comecei descrevendo, com o vento forte e o emprego lastimável. Sim, não estou vivendo a vida que sempre sonhei. Nem de longe. Mas isso é história para outra hora. Continuando, naquele dia, algo inusitado aconteceu.

Quando estava na cozinha, preparando algo rápido para comer e com minha fiel taça de vinho ao alcance da mão, ouvi um barulho de vidro batendo. Vi que meus potes de tempero haviam caído do outro lado da pia e um deles rolava pela bancada e em segundos cairia no chão. Mas no instante em que isso deveria acontecer, uma bola de tênis azul com olhos saltados e uma tromba semelhante a de um elefante o agarrou.

Em um átimo de segundo ele levantou o pequeno vidro, me encarou e saiu correndo para se esconder entre os utensílios. Confesso que foi engraçado e naquele dia decidi que ficaria frente a frente com uma daquelas criaturas.

Vi que o bichinho estava encolhido entre a bateadeira e o forno. Devagar, coloquei uma fôrma do outra, encurralando-o. Desse modo, ele só poderia correr para um lugar: para frente. Então, quando fui dar o

bote, certa de que o pegaria, ele simplesmente sumiu, escapou pelos meus dedos como fumaça.

Surpresa, fiquei olhando para o espaço vazio na bancada por alguns instantes. Quando voltei para o meu jantar, a mesma bolinha azul estava dentro do meu prato de macarrão com queijo. As bochechas quase explodindo de tão cheias. Quando me viu, correu novamente para as trevas da cozinha.

Tive uma ideia. Peguei um pouco de macarrão com uma colher e delicadamente a coloquei perto das sombras. Tímido, o monstrinho tentava se aproximar. *Pode vir, coma um pouco.* Eu disse suavemente, indicando a colher. Por fim, ele se decidiu a favor da comida, se aproximou e me encarava enquanto comia.

Quando terminou, peguei a colher para colocar mais. Ele deu um pequeno salto para trás com o meu movimento, mas antes que eu lhe desse mais comida, ele estava ao lado do prato, me encarando com seus grandes olhos. Parece que os monstros ficam mais amigáveis quando ganham macarrão com queijo.

Para minha surpresa, ele se aproximou da minha mão, permitindo que eu lhe tocasse. Fiz carinho no bichinho e voltamos a comer. Durante alguns dias ele aparecia, pegava um pouco de comida e até brincava. Mas nenhum outro monstro se aproximou. Até que um dia a bolinha azul não apareceu mais, e nenhum dos outros. Não os via nem em vislumbres, não derrubavam os arranjos, nem roubavam sapatos e comida. Alguma coisa estava acontecendo. Entretanto, eu não podia fazer nada.

Em um fim de semana chuvoso decidi fazer uma faxina em casa. Já que não havia mais monstros, eu não esperava encontrar nada fora do comum. No entardecer, quando passei em frente ao espelho do quarto, tive um vislumbre. Não parecia o reflexo de um monstro escondido, mas

sim de um mundo. Completamente diferente de tudo o que já fui capaz de imaginar. Pena que durou apenas um segundo.

Naquela mesma noite, estava me preparando para dormir quando um som horrendo tomou conta do quarto. Parecia ao mesmo tempo o estrondo de um trovão e o rugido de uma fera gigantesca. Parecia loucura, mas o estampido vinha do espelho. E senti que estava prestes a viver uma versão macabra de Alice no País das Maravilhas.

Eu devia deixar quieto, mas queria saber o que estava acontecendo com o monstrinho azul, e com os outros também. Importáva-me com eles, sentia falta. Dirigi-me ao espelho. Encarei-o por algum tempo e então ergui a mão para tocá-lo.

Só percebi que prendia a respiração quando, frustrada por sentir a solidez do vidro, suspirei. O que eu esperava que ia acontecer? Que ia atravessar o espelho e cair no mundo dos monstros imaginários? Que os salvaria do que quer que os estivesse prendendo lá? Talvezsim. Era exatamente o que eu esperava que acontecesse.

O relógio marcava quase cinco horas da manhã e eu ainda me revirava na cama.

Como que atendendo ao meu pedido, o monstrinho azul irrompeu espelho afora, indo cair perto da cama. Eu não imaginava o quão apavorada uma criatura poderia estar até vê-lo. Naquele instante soube que algo muito grave estava acontecendo e queria ajudar. Ele também parecia querer a minha ajuda, pois agitava os bracinhos freneticamente, apontando o espelho.

Fui até lá e lhe mostrei que não conseguia atravessar. Ele veio até meus pés e apontava para si mesmo, para mim e depois para o espelho.

Levei alguns segundos até entender que se estivesse tocando-o, conseguiria atravessar. Então o segurei e mais uma vez ergui a mão.

Parecia que eu tocava em algo frio e viscoso. Segurei a respiração mais uma vez e me impeli para frente. A sensação tomou conta do meu corpo, mas durou apenas um instante. Quando abri os olhos, me vi em um lugar, digamos, impossível. Havia criaturas de todos os tamanhos, formas e cores. Desde pequenas bolinhas de tênis coloridas até algo meio cobra, meio dragão que se erguia à altura de um edifício comercial.

Uns eram até fofos, como amigos imaginários. Já outros pareciam vindos dos mais terríveis pesadelos. Contudo, todos, grandes ou pequenos, tinham algo em comum: estavam aterrorizados. E o lugar é mais sombrio que o meu próprio apartamento, o horizonte se estendendo a quilômetros além do alcance da minha visão.

No entanto, o que mais impressionava no lugar não eram as criaturas, mas sim uma imensa bolha que flutuava no alto contendo um mundo exatamente igual ao que eu estava. Com a diferença de que lá dentro havia uma sombra sem forma definida. Ao olhar para ela, senti tudo o que havia de ruim no mundo tomar conta de mim. Seja lá o que fosse aquilo, era maligno.

Olhando mais atentamente, percebi que a bolha tinha rachaduras, e estava prestes a se quebrar. Aquilo não podia ser libertado, eu tinha certeza. Então, outro estrondo, agora ensurdecedor, irrompeu pelo lugar, fazendo as trincas aumentarem.

Só então percebi que um aglomerado de bolinhas coloridas com trombas estava aos meus pés puxando a calça do meu pijama, tentando me levar a algum lugar. Eu os segui. O que mais podia fazer? Era o mundo deles.

Levavam-me cada vez mais para perto da bolha. E foi só então que comecei a sentir medo.

Depois de observar de perto cada uma daquelas criaturas apavoradas, entendi o que queriam de mim. Esperavam que, de alguma forma, eu tocasse a bolha. Não sei o que aconteceria se eu o fizesse, mas sabia que não queria. Dei um passo atrapalhando para trás quase pisando em alguém.

Eu estava aterrorizada. Só a sensação que aquele ser me causava já era capaz de despertar o que de pior havia em mim. Se eu o tocasse, tinha medo de me transformar em algo semelhante. Eu queria apenas fugir, correr para longe daquilo, para fora do espelho e fingir que tudo não passara de um pesadelo. Mas não conseguia. Não podia sair do lugar.

Eu me dei conta de que a bolinha de tênis azul me encarava fundo nos olhos com uma expressão de decepção. Aquilo dilacerou meu coração já há muito tempo machucado. Essa pequena criatura que de forma tão extraordinária entrara na minha vida precisava de mim, e eu a estava desapontando.

No momento seguinte algo se acendeu em meu interior. Pode chamar de coragem, esperança, ou mesmo burrice. Mas eu ia fazer o que me pediam. Ia enfrentar o monstro das sombras.

Um segundo depois eu me agarrava à cabeça do cobra-dragão, que me erguia até a bolha. Fiquei cara a cara com a criatura maligna ali dentro. Nunca imaginei que pudesse existir algo tão cruel no mundo. Então, num impulso do coragem, ergui a mão e toquei a bolha rachada.

Não fazia ideia do que iria acontecer. Mas por sorte, não senti dor alguma. Ao invés disso, senti minhas entranhas se revirarem, como se eu tivesse sido atirada numa batedeira. Senti tudo o que havia dentro de mim, sentimentos bons e ruins, lembranças, esperança, medo, fé, tudo se misturando, se tornando uma coisa só.

Senti uma espécie de estalo dentro de mim e concluí que, ou havia me quebrado de vez, ou tinha sido consertada. Quando acabou, uma

forte onda de choque que quase me derrubou da cobra-dragão. Quando consegui me recompor, não havia nada onde antes estava a bolha e a criatura de sombras.

Voltei ao chão para ser recebida por uma multidão de seres que exalavam alívio e júbilo. Deleitei-me com aquela cena. Mas queria voltar para minha cama. Estava esgotada. Logo fui conduzida de volta pela bolha azul.

De volta ao meu apartamento, me deixei cair na cama. Instantes depois, dormia um sono profundo. Naquela noite, o monstrinho dormiu na cama comigo, sem se esconder nas sombras. Conforme os dias se passaram, mais criaturas, grandes e pequenas, apareciam no meu apartamento. Para mim não eram mais monstros. E fui percebendo também que depois do ocorrido, o meu mundo parecia diferente, menos banal.

Tudo poderia ter sido um sonho, se minha casa não estivesse cheia de seres fantásticos. A adega continuava cheia, mas o apartamento não era mais tão escuro. Sentada no sofá, cercada por aqueles bichinhos, me perdi em pensamentos. Será que eles lidariam bem com um gato?

Nas Sombras Da Sanidade

Por Geraldo Murilo Carrijo Viana Alves Silva

Sempre me foram objeto de fascínio as peculiaridades da mente humana, seus defeitos e manias. Via nos pensamentos dos loucos aquilo que me faltava, um sentido arrancado de meu corpo pela ingrata sanidade. E foi procurando-o que me tornei psiquiatra. Logo que me formei e abri minha clínica, percebi que nascera para aquela vida. Cada paciente que atendia, cada história que escutava, tudo auxiliava a preencher o incompreensível vazio em minha alma. Estudava ávido cada um dos casos que a mim chegava. Dedicção que, fazendo repercutir meu nome pelas ruelas da cidade onde vivia, agraciou-me com abundância em doentes buscando meus tratos.

Atuava num singelo apartamento cedido a mim por um parente. Logo após ganhá-lo, transformei o lugar para um aspecto que atendesse às minhas expectativas. A clínica, embora pequena, destacava-se em meio à mesquinhez do bairro, emanando um ar elegante provindo creio que de meu gosto para a decoração. Trabalhava sozinho, realizando desde os agendamentos até a limpeza, seguindo por meses com inabalável entusiasmo.

Era uma manhã fria de outono quando se deu início minha ruína. Caminhava em passos lentos pelo chão de concreto; o ar gelado arranhando meus pulmões conforme eu respirava. Aproximando-me da clínica, vi-o pela primeira vez.

Ele estava sentado na calçada em frente ao prédio, o corpo encolhido protegendo-se do frio. Seu semblante abatido logo se iluminou sob minha chegada, com tal esperança que eu não acredito já ter visto em

outro homem. Levantou-se: era pálido e esguio, destacando-se seu aspecto desolado acentuado pelas roupas rasgadas e o cabelo mal cortado. As proeminentes rugas de cansaço indicavam uma idade avançada, mas acredito que era ainda bastante jovem. Sua postura revelava curiosa inquietude, e observei que ele olharia de tempos em tempos por cima dos ombros como se acreditasse estar sendo vigiado.

O que mais me chamara a atenção foram seus olhos. Eram negros e profundos, e seu olhar parecia ver através de mim, enxergando o cerne da própria realidade. Dirigiu-se a mim perguntando se eu era o dono do lugar, sua voz rouca. Disse que sim, convidando-o para que entrasse.

Apresentou-se enquanto eu destrancava as portas. Disse que seu nome era Anísio, e comentou como ouvira falar de meu trabalho, motivo pelo qual me procurou. Ouvi-o listar dezenas de outros profissionais nos quais já havia ido, afirmando que ninguém nunca fora capaz de solucionar sua condição. Gesticulei para que esperasse sentado enquanto eu organizava a sala. Arrumei o lugar pensativo, refletindo sobre a profunda curiosidade que aquela figura despertara em mim. Decidi por fim desvendar os mistérios que assolavam a pobre alma.

Enquanto me sentava na poltrona de couro, ele já retomava sua narrativa. Reafirmou procurar ajuda há bastante tempo, dizendo eu ser a sua última esperança. Falei finalmente, apresentando-me e iniciando as perguntas que dariam início ao tratamento. Após alguns minutos, comeci a compreender sua situação.

Anísio parecia sofrer de algum tipo de psicose. Contou como via vultos onde não deveria haver ninguém, como sombras se esgueirando pelos cantos de seus olhos. As figuras apareciam brevemente em sua visão, perfis negros de olhos esbranquiçados, observando-o. Entretanto, logo que ele tentasse vê-las mais nitidamente desapareceriam.

Descreveu como se sentia paranoico. Afirmava para si que eram meras alucinações, completamente inofensivas, mas suas entranhas alertavam perigo. Um sussurro jazia em sua alma, tão insignificante quanto uma voz em meio a uma multidão, mas sempre presente, lembrando-o de que ele nunca estaria sozinho, de que *eles* estariam sempre o observando.

Calafrios subiram pela minha espinha, uma mistura de excitação e pavor. Nunca havia observado nada parecido. De repente, todos os meus outros pacientes pareceram desprezíveis diante essa figura que me surgiu. Nele convergiam as retas da sanidade e da loucura, num ponto onde a mente conhece o que é real, mas vivencia o imaginário. A simples ideia de me aprofundar nos pensamentos daquela alma fazia-me tremer ansioso.

Dei início ao caso como qualquer outro, recolhendo informações. Ouvei sua história. Anísio contou sobre a primeira vez que tivera um daqueles casos, alguns meses após se formar em direito, com tudo apontando para uma futura e promissora carreira como advogado. Numa noite de sábado, caminhando de volta para casa, estava perdido em seus próprios pensamentos. Guiando-se pelo caminho já rotineiro, algo despertou sua atenção. Do outro lado da rua, por de trás de um pequeno muro de tijolos, viu uma figura. Era um vulto completamente negro, duas luzes esbranquiçadas onde deveriam estar os olhos. Piscou forte como que para confirmar que não estava sonhando. Viu-a por um ou dois segundos, e então ela desapareceu tão repentinamente quanto surgira. Disse para si mesmo que era efeito do álcool, que aquilo fora um produto de sua mente, mas chegando em casa não conseguia pensar em outra coisa, os pensamentos privando-o do sono por horas.

Sua vida despencara após o ocorrido. Continuou tendo as alucinações por várias semanas, cada vez mais frequentes. Comunicou seus pais que, preocupados com a saúde do único filho, investiram nos melhores profissionais de que se tinha notícia.

Disse que tentaram diversos métodos, elaboraram numerosas teorias, mas nada parecia adiantar. Sempre que achava ter se recuperado, o sentimento de estar sendo observado o lembrava do contrário. Viajou o país, gastando fortunas em transportes e médicos, chegando por fim ao meu consultório, onde investira seus últimos recursos.

Comovi-me com a narrativa, ficando ainda mais entusiasmado a ajudá-lo. Disse que não cobraria nada pelos meus serviços, e que daria todo meu tempo para livrar sua alma daquela maldição.

Comecei uma série de tentativas das mais variadas para abordar a situação. Pesquisei entre os grandes estudiosos por casos semelhantes, mas aquele possuía algo de singular. Nós nos encontrávamos todos os dias, e conforme as semanas passaram, fui me aprofundando nos pensamentos daquela mente desolada. Buscava uma origem, uma explicação, e após várias semanas algo pareceu surtir efeito.

Entre as centenas de casos entre os quais pesquisei, encontrei um semelhante. Vou poupar-lhes do aspecto técnico do tratamento, mas após uma série de consultas e alguns remédios, Anísio me pareceu entusiasmado. Antes de um de nossos encontros afirmou num tom aliviado que passou um dia inteiro sem lhe ocorrerem aqueles pensamentos. Fiquei animado e, confiante de que meu tratamento o curaria, mandei-o para casa.

Era quase vinte e duas horas da noite quando Anísio bateu em minha porta. Eu estava organizando minha saída do consultório e fui interrompido repentinamente por batidas pesadas à porta, uma voz perturbada solicitando que eu o deixasse entrar. Atendi já deduzindo que ele tivera outro ataque. Reascendi as luzes e fui junto dele para o consultório. Ele estava mais trêmulo que o normal, e seu aspecto me preocupou. Servi-o chá.

– Eles estão vindo, eles estão vindo, eles estão vindo... –

Ele sussurrava para si mesmo. Reclinou-se no divã, me sentei logo após. Perguntei o que acontecera.

Ele olhou para mim e, então, através de mim. Seu olhar se perdia no ar. Perguntei novamente, tentando despertá-lo daquele transe. E então, aconteceu.

Enquanto guiava seus olhos pela sala, Anísio pareceu ver algo. Olhando para algum ponto atrás de mim, seus olhos se arregalaram e sua boca se abriu num grito que cortou o silêncio que reinava no bairro.

Tive tempo apenas de tentar segurá-lo, mas o homem era muito mais forte que eu.

ELES CHEGARAM, ELES CHEGARAM, ELES CHEGARAM... –

Sua voz se perdia num balbucio incompreensível, as lágrimas tomando seu rosto agora vermelho. A expressão de puro pânico me aterrozizou, e tentei acalmá-lo.

NÃO, EU NÃO QUERO MAIS, EU NÃO QUERO MAIS VÊ-LOS! –

E então, como quem tem uma epifania, ele olhou para a colher com a qual misturava o açúcar. Olhou para mim, como se implorasse para que aquilo parasse. Então, hesitante, levantou a colher à altura de seus olhos.

Eu não vou mais vê-los... –

Tentei impedi-lo, mas no momento em que me levantei já era tarde demais. Com o escopo da colher de prata, Anísio arrancou das próprias

órbitas seus dois olhos, num berro de agonia que inundou meus ouvidos. Tive de fechá-los com as mãos, mas não consegui parar de olhar para a cena. O sangue escorria, caindo de sua face em gotas grossas. A carne agora pulsava pelos buracos na face de Anísio, seus olhos liquefeitos num estado irreconhecível. Levei a mão à boca resistindo à vontade de vomitar.

Seus gritos se tornaram cada vez mais baixos até cessarem completamente. Anísio despencou, mas agarrei-o em meus braços antes que atingisse o chão. Procurei sua pulsação, mas não senti nada.

Não sabia o que sentir. Meu coração pulsava fora de meu peito, a adrenalina fazendo com que meus pensamentos percorressem rapidamente minha mente. Foi quando eu vi.

Na porta atrás de Anísio, através do vão negro mal iluminado, eu vi uma figura se esgueirando. Como uma criança tímida procurando pela mãe, o vulto negro se estendia pelo portal adentrando a minha sala, observando. Meus olhos se encontraram com duas pequenas faíscas esbranquiçadas, que olhavam dentro de mim, no âmago de meu ser.

Fiquei tonto, minha visão se preenchendo por uma vertigem absoluta. Meus pensamentos se tornaram incoerentes, não sabia o que fazer. Acordei na manhã seguinte, o corpo de Anísio ainda em meus braços.

Não trabalho mais, fechei a clínica. Não reconheço mais as pessoas que me encaram na rua, e um sentimento de solidão tomou a minha vida. Conversei com alguns colegas de carreira e alguns acham que podem me ajudar. Em qualquer caso, eu ainda o vejo. Aquele vulto. Ele me acompanha, me observando. Eu o sinto... apenas esperando pela oportunidade de tomar a minha alma, de me converter para o mesmo estado no qual colocou aquele sujeito. E sinto também que não posso impedi-lo.

Entre Na Foto

Por Beatriz Rodrigues Da Silva

Havia papéis, canetas e marcadores de textos por toda minha escrivaninha. O meu portfólio de fotos estava espalhado por toda a minha cama. Nunca consegui ser uma menina organizada, eu tento, para poder agradar minha mãe, mas com ela passando o dia todo no serviço e, eu na faculdade, isso acabou se tornando irrelevante. Suspiro forte e me debruço sobre aqueles deveres de casa. “Por que não consegue se concentrar, Alex?”.

Observo os títulos de alguns livros que tinha ali, o computador em sua tela de descanso e fotos de minha câmera instantânea espalhadas pela parede. A fotografia se tornou a minha paixão, o meu modo de me expressar. Não falo de selfies e filtros, para mim isso é superficial, mas hoje em dia, se trata apenas disso. Quando se fala de fotos é somente exposição, demonstração de interesses, curtidas. Para mim, são os detalhes, a composição da poesia que uma foto pode se tornar. O registro de um momento guardado para sempre no tempo. Mas não há muitas pessoas que realmente liguem para essa droga.

Meu olhar corre pelos diversos registros, e um me chama a atenção. Tomo-a em minhas mãos. Foi a última foto que tirei com meu pai. Estávamos na cozinha de casa, preparando um bolo, minha mãe capturou o momento com sua antiga Polaroid. Quatro anos atrás, um dia antes do acidente de carro, mas a dor permanece até hoje. Ele era meu guardião, meu porto seguro. Meus olhos lacrimejaram e minha visão se tornou um borrão misturado aos fios de cabelo castanhos. O sono e o cansaço me consumiram aos poucos.

Acordei me sentindo leve, mas conforme os sentidos foram voltando, a tensão se aumentou quando não reconhecia onde estava. Estava tudo escuro, com um tom avermelhado. Como se uma fraca luz iluminasse toda aquela imensa escuridão. Havia pontos de luz, mas estavam distantes de mim. Não havia céu, ou horizonte, pelo menos não como estamos acostumados. Parecia um quarto escuro, como aqueles onde se revelavam as fotografias. O chão estava coberto por uma fina camada de água. Gotas pingaram no chão quando me coloquei de pé. Conforme fui me aproximando dos diversos pontos de luz espalhados, pude notar que eram grandes paredes, de aproximadamente 3 metros de altura e largura, que flutuavam a poucos centímetros do chão. Quando realmente parei para prestar atenção, uma imagem começou a se formar naquela planície, era a fotografia de uma criança, correndo por um campo de braços abertos. Estava em preto e branco, desgastada, como se tivesse passado vários anos em um álbum sem ao menos ter sido vista. A planície da foto parecia a tela de um aparelho eletrônico. Não ousei tocá-la. Assim que desviei meu olhar para a frente, me vi em um imenso corredor em toda aquela escuridão, e seus limites laterais eram as gigantes fotos. Não havia um fim e, entre os espaços de uma foto a outra, haviam mais corredores daquele mesmo jeito.

A curiosidade se misturou com o medo, mas a vontade de apreciar aquelas estranhas, porém, belas imagens, se apoderou de mim. Não sei por quanto tempo fiquei naquele corredor. Eram fotos de todos os momentos possíveis. Casamentos, aniversários, ensaios, jornalísticas, viagens. Exalavam espontaneidade, solidão, melancolia e os mais diversos sentimentos. Obscuros ou não. Eu sentia calafrios pelo corpo com certos registros. Ângulos e expressões que não tinha visto antes. Paro perto de uma onde estava um senhor sentado em um banco com sua bengala e seu chapéu. Parecia uma tarde cinzenta, as folhas dos arbustos e árvores tinham movimentos conforme o vento mandava. Era uma bela foto.

De repente, senti uma vibração pela água que cobria o chão. Virei-me para trás, por instinto, mas não via nada de diferente. Segui em frente. Nova-

mente, a vibração, acompanhada de leves sons, que não sabia discernir bem o que eram. Mas antes de poder examinar e reagir, dois braços me rodearam, uma mão pressionava contra a minha boca e segurava meus braços. O pânico se estabeleceu em mim, mas eu não podia fazer muito para me defender.

Entre na foto! - disse uma voz ofegante e grossa.

Eu não sabia o que estava acontecendo, muito menos o que deveria fazer. Era um daqueles momentos onde você perde completamente os sentidos por tamanha adrenalina. Meu corpo foi empurrado pela força do desconhecido contra a parede brilhosa. Fechei os olhos, pois, o choque com certeza traria uma forte dor. Mas isso não aconteceu. Adentramos para uma área diferente daquele corredor.

Estávamos dentro da fotografia. Dentro da praça onde ela provavelmente foi tirada. Mas não era um espaço aberto. Ela estava limitada, por um tipo de campo de força luminoso. Parei de prestar atenção nos detalhes quando fui puxada para trás de um dos arbustos. Quando olhei, o homem fazia sinal de silêncio com as mãos. Ele apontou para algo mais à frente. Era como estar dentro de um televisor. Eu podia ver o corredor onde eu estava andando. Mas havia uma tela protetora entre os dois espaços. Assusto-me quando vejo algo grande passando por ali. Um vulto negro, alto, coberto por mantas deterioradas. Ele estava procurando por algo. Estava procurando por nós. Não pude ver seus rostos. Ela não nos viu e seguiu em frente. Depois de longos minutos, o homem se levantou, me oferecendo ajuda logo em seguida. Ele se ajoitou e saltou para “fora” da fotografia. Fiz o mesmo, voltando para o corredor.

Quem é você? – Perguntei intrigada, tentando recuperar minha estabilidade e minha respiração voltar ao normal.

Fico lisonjeado pela sua gratidão em ter salvo sua vida. – O estranho de topete alto e casaco longo respondeu irônico. Ele aparentava

algumas rugas, mas nada tão perto da velhice. Sua pele mostrava que não via o sol há muito tempo. Se é que nesse mundo havia sol.

O que eram aquelas coisas? – Indago. – O que elas queriam?

Eram os Sugadores de Memórias. Por pouco não somos pegos. – respondeu analisando o perímetro a nossa volta.- Como o nome diz, eles roubam suas memórias como alimento, enquanto você vai se esquecendo aos poucos e no fim, indo para O Vazio. Lá você morre sozinho, sem ao menos saber seu próprio nome. Essas fotografias são as memórias que eles sugaram da vitalidade de outras pessoas. Com o tempo, descobri que podia usá-las como proteção, eles não podem entrar nelas. Mas não podemos interagir com quem pertence a ela, isso fará ela se degradar e nos denunciará, e eles virão atrás de nós. – Ele me encara de repente com seus olhos azuis cinzentos. – Perdão pelo mau modos. Qual é o seu nome?

Alex.- respondo e ele lança um pequeno sorriso para mim. – E você?

Oh, me desculpe, mas eu não me recordo. Estava fugindo um dia dos Sugadores e, por pouco que um deles me pega. – E foi assim que percebi uma longa cicatriz na lateral esquerda de seu pescoço. – Mas era de costume me chamarem de Jay.

Existem outros aqui? – A dúvida tomou conta de mim.

Havia outros, mas os Sugadores se tornam mais fortes a cada memória consumida. Estou à procura por mais. Hoje tive sucesso. – Ele me olhou sorridente. – Vem, vamos continuar por este caminho.- E assim seguimos pelo, possivelmente, infinito corredor.

Jay foi me contando as coisas que sabia, as histórias das quais ouvira falar, das pessoas que o ajudaram quando ele foi parar neste outro

mundo, pelos mistérios por trás de cada fotografia. Mas algo era fato, ninguém nunca soube explicar como foram parar naquele lugar. E também que O Vazio era um lugar que jamais ninguém saiu de lá. Tão pouco se sabia dele.

Antes de estar sozinho, eles eram muitos. Uma colônia. Onde cada um se ajudava e lutavam contra o esquecimento. Mas, infelizmente, um dia os Sugadores de Memórias encontraram sua concentração, e tudo se tornou caos e solidão. Jay foi o único que conseguiu fugir a tempo. E assim, ele continuou na jornada sem rumo. Ele parou de falar e pude perceber que tais lembranças o incomodavam.

E o que você sabe dessas diversas fotografias? – Curiosa perguntei, podendo assim mudar de assunto. Ele sorriu empolgado.

Cada fotografia aqui respresenta a memória de alguém, como havia falado. Momentos marcantes ou lembranças antes de, você sabe, algo ruim acontecer. Mas nem todas são somente vindas do Sugadores, algumas vêm quando as pessoas “partem para outra vida”, e assim, suas memórias viajam para cá, sendo guardadas por eles. Como guardiões. Mas a ambição e desejo deles acabaram se tornando grande, provocando tragédias como as que te falei.

Ele me contou diversas histórias que aquelas fotos guardavam. Algumas de pessoas que ele conheceu e outras das quais ele discerniu para poder se entreter. Mas uma delas o fez parar a caminhada.

Esta aqui era a do nosso líder. Ele estava aqui antes de todos que conheci. Ele sempre pensava no próximo antes dele mesmo. Ele me ajudou a escapar no dia da tragédia, mas quando olhei para trás, era tarde demais, haviam chegado até ele. Quase sempre estava aqui, observando a foto. Cheio de perguntas, mas sem respostas.– Estava tão vidrada na história e nos detalhes que somente depois fui admirar a foto. Meu corpo se paralisou e minha respiração foi presa. – Seu nome era...

William. – completei ao olhar estaticamente para a imagem de meu pai preparando aquele bolo juntamente comigo.

Como você sabe? – Jay me olhou perplexo, mas não me deu muita atenção quando percebeu algo no corredor afastado de nós. – Rápido, entre na foto.

Jay me puxa quando vê que não estava me movendo. Adentramos para a cozinha de casa, e meus olhos não se desviam do olhar sorridente de meu pai para a câmera. Jay sussurra para eu não me mexer. Posso notar dois Sugadores de Memórias percorrerem todo o espaço onde estávamos agora a pouco. Eles pareciam furiosos por não nos encontrar. Demora dessa vez, mas depois de um tempo, eles saem para outros corredores. Depois, Jay salta para fora. Eu me levanto, mas para me aproximar de meu pai. Era tudo tão real. Eu podia sentir sua conexão ali. A sua expressão, os seus detalhes, o seu olhar. As lágrimas começaram a rolar e eu não tive vontade de impedi-las.

O que você está fazendo, Alex? – perguntou Jay preocupado. – Vamos, é melhor sair, já estamos seguros.

Eu sinto tanto a sua falta, pai. – minha voz estava trêmula. – As coisas não são mais as mesmas sem você. Eu e mamãe estamos tentando ser fortes, mas está tão difícil continuar. Eu nunca te perdoei por ter te deixado entrar naquele carro, mas o senhor não tem culpa daquele caminhoneiro ter bebido naquela noite. Eu só queria ter tido mais uma chance de poder te dizer o quanto te amava. O quanto eu ainda te amo, pai.

Jay estava gritando para eu me afastar, mas estava tudo tão abafado que não pude compreender. A minha vontade de senti-lo por mais uma vez era demasiada, que não pude controlá-la. Sua bochecha era fria, como uma estátua, mas eu podia sentir a suavidade de seu sorriso. Tudo a minha volta se tornou preto e branco e parecia papel nas cinzas de uma fogueira.

A sua imagem começou a degradar e pude sentir Jay me puxando para o chão molhado daquela escuridão. Ele gritava, implorando para eu correr, mas somente o que fiz foi abraçar as minhas pernas e deixar o choro por tanto tempo guardado fluir. Eu podia ouvir os sons dos Sugadores vindo até nós. Eu havia nos denunciado. Jay precisava correr, eu já não me importava com mais nada. Porém ele não saiu do meu lado. Quando já estava esperando o inevitável, eu pude sentir um toque caloroso, que se espalhou a minha volta.

Eu te amo, Alex. E não importa o que acontecer, eu sempre vou estar com você. Sempre. – Aquela voz era impossível de não reconhecer. Era ele. Ele estava ali. Mas antes de fazer qualquer coisa, um grande clarão amarelado se expandiu por toda aquela imensidão e isso me cegou por longos minutos.

Quando a minha visão se tornou nítida novamente, eu me vi em meu quarto. Tudo estava em seu lugar. A bagunça permanecia ali. Como se tivesse acordado de um sonho. Olhei para o chão, e lá estava a minha foto junto de meu pai. Sorri. Virei ela para poder colá-la na parede, mas havia algo escrito no verso.

“Cuidado! Os Sugadores estão por todas as partes.”

LÁGRIMAS DE DEUS

Por Giovana Junior Pires

Acomode-se na cadeira, pegue um lanche, pois hoje irei te contar como é a vida dos Anjos da Guarda aqui no céu. Não, você não leu errado! Há sim um lugar maravilhoso a esperar as pessoas após a morte, aqui é tão lindo que não existem palavras na língua humana que possam descrever o esplendor deste local. Mas não se engane, não só de beleza e tranquilidade vive um anjo, para falar a verdade, é bem pelo contrário, como você verá agora.

Minha protegida é uma mulher de 32 anos, vive em uma metrópole e trabalha como soldado feminino no Batalhão de Polícia 008. O Senhor me mandou cuidar dela quando ainda estava sendo gerada no ventre de sua mãe, acompanhei os primeiros batimentos cardíacos, os primeiros passos, o primeiro amor e a primeira decepção. Aurora nunca me deu trabalho como meus protegidos anteriores, sempre foi uma pessoa calma, gentil e de riso fácil, quase nunca se metia em encrencas. Ah, querido(a) leitor(a), como eu queria que continuasse assim...

No início desse ano, após um dia cansativo de trabalho, Aurora saiu com algumas amigas para tomar *drinks* em um barzinho perto do trabalho e relaxar. Nesse momento, uma sensação ruim adentrou meu coração, minhas asas murcharam, eu estava sentindo que algo ruim estava prestes a acontecer.

Nessa noite, enquanto suas amigas foram ao banheiro, Aurora estava sozinha na mesa, navegando em suas redes sociais. Em questão de segundos entra um homem no estabelecimento. Cabelos pretos, porte de atleta e olhar forte, o moço exibia atributos harmônicos e chamativos. E logo ao entrar, fixou o olhar em Aurora. Talvez pela beleza ou talvez

por ser a única mulher a vista naquele momento. A única certeza é que a partir daquele instante Aurora passou a ser uma obsessão para ele.

O moço tentou chamar a atenção dela inúmeras vezes após aquela noite. Mandou flores, presentes, mensagens em redes sociais, mas nada disso despertou o interesse de Aurora. Ora, minha afilhada vivia em um mundo dominado por homens, não foi fácil para ela conquistar o pequeno espaço que ocupava. Ou seja, não era qualquer par de olhos bonitos que a tirariam o foco, tampouco cantadas baratas de um indivíduo que ela não conhecia.

Percebendo que não iria ter sucesso em suas investidas, o homem investigou cada centímetro da vida de Aurora, desde o horário em que levanta a quantos pares de sapato possui em seu closet. Ele era movido por um desejo incessante de possuir aquela mulher, eu nunca tinha visto nada como aquilo, era como se uma força avassaladora tivesse se apossado daquele ser.

Depois de suas pesquisas, descobriu que, devido à crise econômica que a cidade estava enfrentando, em determinadas noites apenas um policial ficava de plantão, sendo quarta-feira e sábado os dias estipulados para Aurora. Então, em um desses dias, o homem ligou no batalhão dizendo que tinha sofrido um assalto e precisava de ajuda da polícia. Em menos de dois minutos o som da sirene da viatura ecoava nas ruas, rumo ao local em que o homem havia descrito na ligação. Quando Aurora desceu do carro e foi checar o que havia acontecido, ficou surpresa, pois não tinha nada naquele lugar, a rua estava completamente vazia e deserta.

Minha afilhada começou a andar pelo perímetro procurando pela pessoa que fez a ocorrência.

Um vulto, sons de respiração. Aurora começou a perceber a presença de alguém no local. Mesmo estando armada e saber muito bem

como se defender, um calafrio subiu-lhe pela espinha. Continuou andando e procurando, mas não teve êxito na sua busca. Vendo que quem quer que fosse estava muito bem escondido, decidiu voltar para a viatura e ir embora.

Faltando mais ou menos dois passos para entrar no carro, o homem, que era um exímio praticante de artes marciais, arrancou-lhe a arma, vendou seus olhos e amarrou suas mãos. Ninguém, mesmo o policial mais preparado, conseguiria sair daquela situação. Tudo aconteceu tão rápido que eu não tive tempo de enviar algum sinal para minha querida afilhada, não consegui protegê-la naquele momento, meu coração deu um nó. Eu me senti o anjo mais frustrado do céu naquele momento, era como aquela sensação de falhar em uma grande batalha, entende?

O homem a levou para dentro de uma casa, não havia ninguém dentro, e também não havia luz. O lugar era grande, tinha móveis antigos e as paredes cobertas por mofo, as casas mal-assombradas de filmes de terror não chegavam aos pés do quão inóspito era aquele local.

Por mais que lutasse contra aquele homem, Aurora não conseguia sair das garras dele. Mais que depressa o homem arrancou a roupa dela e, no maior ato de covardia que estes meus olhos angelicais já presenciaram, partiu para cima daquela mulher como um animal caçando sua presa. Os seus olhos estavam cegos de desejo, na cabeça daquele homem tinha a concepção de que mulher nenhuma poderia se recusar a cair em sua teia, esse foi o ensinamento que ele recebeu do pai e que o pai recebeu do avô. Nunca, nos 35 anos de idade daquele homem, mulher alguma o havia ignorado como Aurora fez. E sabe o que é pior, caríssimo(a) leitor(a)? Minha afilhada não fez nada de errado para estar ali naquela situação, ela simplesmente estava exercendo seu livre arbítrio (que O Próprio Senhor deu a ela) de decidir com quem ou não vai se relacionar.

Depois que aquela atrocidade aconteceu, como se não bastasse ter violado o corpo de Aurora, o homem pegou a arma que era dela e deu-lhe três tiros. A cada disparo todo o céu se escurecia, todos os anjos deixavam de cantar e tocar harpas, lágrimas rolavam pelo rosto de Deus. E eu, no âmago da tristeza mais profunda que uma criatura é capaz de sentir, saí daquele lugar, virei-me e disse a Deus: - Senhor, peço-te mil perdões, mas a partir de hoje não quero mais ser um Anjo da Guarda.

Deus olhou profundamente em meus olhos, puxou-me para perto e respondeu: -Filho, não se aflija, essa dor que está aí em seu peito agora é presente também no Meu. Cada filho que tenho é único e especial para Mim. Eu nunca criei nenhum monstro, a cena que você viu no dia de hoje não é fruto da maldade daquele homem. Acredite em Mim, os disparos que saíram daquela arma causaram uma dor imensamente maior nele do que na sua afilhada. Desde criança ele via o pai batendo na mãe, escutava que mulher não tinha poder de escolha, e que os homens eram os donos do mundo. Mas mesmo assim, mesmo nesse ambiente, aquele homem não se deixou corromper, ele cresceu e viveu de forma boa e honesta. No entanto, naquele dia em que enviei no seu coração um mau pressentimento, era um aviso de que o inimigo tinha encontrado uma pequena brecha no coração daquele homem e se apossou dele. Você conhece bem como funciona essas coisas, Meu filho, o inimigo usa das brechas nos corações humanos desde que Criei a humanidade para destruir, matar e corromper. Você sabe também que o coração dos homens é bem mais vulnerável que o coração das mulheres, por isso Satanás plantou a semente do mal entre eles, com o objetivo de que, por meio da força física que eles têm a mais em relação ao sexo oposto, eles obriguem as mulheres a serem submissas às suas vontades. E isso é passado de geração em geração até os dias de hoje.

O homem depois de consumir o ato que o inimigo havia planejado, caiu em si novamente e vendo o que fez com aquela mulher, não conseguia mais sequer se olhar no espelho, então, com a mesma arma

que tirou a vida de Aurora, tirou a dele também. Tento incansavelmente arrancar esse mal do mundo, aos poucos estou fazendo isso, portanto, peço que não desista, ainda preciso de ti nessa luta.

Ouvindo isso, meu coração ainda sangrava por dentro, mas comecei a pensar um pouco sobre a situação. Comecei a imaginar o quanto Deus sofria infinitamente mais que qualquer humano ou anjo quando esse tipo de coisa acontecia. Os anjos mais velhos contaram-me que as gotas de água do mar existente no planeta Terra são na verdade lágrimas de Deus, derramadas uma por uma toda vez que a vida de um filho Dele era tirada pela ação do inimigo.

Passei dias sem conseguir comer, cantar ou fazer qualquer outra coisa além de chorar. Mas uma coisa mudou a partir daquele dia, minha cabeça não parava de pensar no quanto é difícil a vida das mulheres no mundo humano. Vi que elas em especial necessitam de um cuidado celestial ainda maior, porque enquanto a preocupação da maioria dos homens é apenas o trabalho e coisas afins, toda mulher ao sair de casa diariamente enfrenta o mundo, literalmente. Enfrenta o mundo dizendo que elas não são capazes, enfrenta o mundo dizendo a maneira como elas devem ou não agir, enfrenta o mundo olhando para elas como meros objetos que servem apenas para satisfazer o desejo masculino, enfrenta o mundo que a impede de ser ela mesma.

Hoje, estou aqui no céu à espera da alma de minha afilhada, quero recebê-la com uma grande festa. Depois do fim das festividades, infelizmente deixarei o paraíso. Não posso mais conviver entre os seres celestiais sendo que no meu coração o único desejo que passou a existir é o de vingança. Quero atormentar a vida de todos os homens durante toda a eternidade, para que eles sofram ao menos a metade da dor que as mulheres sentem desde a criação do mundo. Sei bem que Deus irá sentir minha falta aqui, Ele me disse que todos os anos irão cair lágrimas sobre a Terra para que eu me lembre que, mesmo deixando de ser anjo, jamais deixarei

de ser amado por Ele. Mas não quero, amigo(a) leitor(a), que você olhe para a água vinda do céu e lembre-se somente de mim. Saiba que cada gota que cair e se juntar ao mar é a vida de um homem que passou a entender que o mundo não gira em torno dele.

Um Conto De Sexta-Feira

Por Marconey Correia Da Silva

Julio Otávio sempre teve tudo que desejava – viajava, conhecia pessoas, novas e velhas, sem qualquer forma de receio, gozava das mais ousadas experiências, inclusive, pungentes orgias forjadas pela majoritária classe ociosa de bêbedos e complacentes honorários da noite sempre vigilante de Honorato, pequeno vilarejo, vizinho de Barbacena e próximos a lugar nenhum.

Honorato possuía pouco menos de dois mil habitantes que, sem prelúdio, eram participantes assíduos do maior evento “cultural” da região, a Sexta-feira.

Em qualquer outro lugar sexta-feira é apenas mais um dia da semana, mas não em Honorato. Em Honorato Sexta-feira é o dia de Carmelita Honorato, lendária figura que, segundo os anciões “honorários”, havia corajosamente desafiado o regime autoritário da capital e incrementado a democracia no vilarejo. A partir daquele momento Honorato possuía sua própria governança.

O evento era organizado incondicionalmente na segunda sexta-feira do mês de maio. Nunca havia algo que sobrepujasse a sagrada sexta-feira de Honorato, não importava se a mãe de Florêncio morreu ou se Vergulino estava doente. Na sexta-feira todos estavam lá, inclusive Florêncio e Vergulino.

Desde a segunda que precedia a prestigiada sexta-feira, Julio cortava o cabelo, fazia a barba, batia roupas, visitava a mãe, tomava remédios

profiláticos e tudo mais que poderia atrapalhar seu dia. E contava os dias até a data esperada, nunca o evento foi tão divulgado por uma figura, nem mesmo os jornais locais destinavam tantas páginas ao evento quanto Julio Otávio em suas redes sociais. Assim... chegou o grande dia... chegou Merlita da Confeitaria, Jerômo Cardeal, Vergulino, Florêncio...e Julio Otávio? Nada.

A essa altura todos se preocupavam... Pois na semana anterior, e no mês anterior, e no semestre anterior, da boca de Julio Otávio não se ouvia outra coisa.

Procurou-se no moinho, na taverna, na guarita, na ponte de pedras, no bosque... na praça dos heróis, em todo quanto há cabível de corpo ou cadáver. Pela primeira vez em décadas, não houve a sexta-feira naquele ano. A busca foi incessante.

- Evaporou- se – diziam alguns; outros se dignavam a lamentar pelo pobre homem.

As buscas cessaram no quinto dia quando, acompanhado de Di-leusa Monoteta, apareceu Julio Otavio feliz da vida, sem nenhum indício de nostalgia, preocupação ou qualquer prelúdio de outrora. Casaram-se na praia e por lá dedicaram-se à lua de mel...a “Sexta feira”? Dizem que nunca mais aconteceu.

PARTE II

**Coletânea de contos ganhadores do
VII Concurso de Contos de IF Goiano (2019)**



Sumário

O Hotel da Cidade Vizinha

Por Tályta Gabriela Soares Garcia 157

Nova Pátria

Por Rozivânia Moreira dos Reis..... 162

O Pesadelo

Por Jhenny Kessy Dias Botelho..... 166

O Reflexo Da Morte

Por Rayssa Stefanny Martins 168

A Terra Das Maravilhas

Por Camille Sales de Oliveira..... 173

A Manipulação Psicológica

Por Isadora Moura Pimenta Carneiro 181

Última Carta Em Paris

Por Alice Evangelista Silva..... 188

Lágrimas De Mariel

Por Mariama Floriano do Vale Ramos 195

Corte De Espectros

Por Ana Clara Nunes Gomes 202

Até Que Ponto?

Por Gyordana Mohn Menegatti 209

As Duas Faces Da Mesma Moeda

Por Maria da Graça Marques Andrade 216

No Aconchego De Minha Casa

Por Anthony de Melo Queiroz..... 223

O Preço Da Insignificância

Por Guilherme Da Silva Graf Odi..... 227

De Encontro Ao Sonho

Por Talita Oliveira Silva 233

Luz e Escuridão

Por Raphael Kennedy Gonçalves Nunes 241

Cássia

Por Helena Fernandes 248

Mais Uma Página

Por Guilherme Perfeito Dias Carneiro 255

Queima A Minha Pele

Por Gustavo Gomes Basílio 263

Mãe

Por Gabriel Azevedo Alves 271

Olhos De Plástico

Por Kelly Naiara Do Nascimento..... 276

Torre Oeste

Por Karlla Moreira De Oliveira 281

Lástima De Uma Velha Senhora

Por Raquel Soares Do Nascimento Borges 290

E Se Fosse Assim?

Por Deivid Henrique Inácio De Araújo 292

E O Que Parecia Ser

Por Otávio Augusto De Andrade Rocha..... 297

Sentimentos Líquidos

Por Rainer Késley Maciel Santana..... 302

Extintos

Por Adryanne Rodrigues Da Conceição 309

Turbulência

Por Brenner Willyan De Freitas Paraíso 314

A Beleza Diante Das Rochas

Por Jailis Dourado..... 318

A Caminhada

Por Isaac Da Silva Cardoso..... 327

Quando A Noite Cai

Por Guilberth Gouveia Campos..... 333

Desculpe A Inconveniência,

O Céu Está Fechado Hoje

Por Geraldo Murilo Carrijo Viana A. Silva..... 340

O Mistério Do Sobrado Ao Lado

Por Agna Freitas De Oliveira..... 347

Masochismo Mortal

Por Heveline Querino Almeida..... 351

20 Anos

Por Larissa Novais Da Silva 355

Vícios Noturnos

Por Aline Patry Melgaço De Alkmim 361

Mar De Cerrado

Por Samuel Martins Barbosa..... 363

O Hotel da Cidade Vizinha

Por Tályta Gabriela Soares Garcia

Era uma tarde qualquer como todas as outras, Heitor estava sentado no velho banco que ficava a frente da biblioteca de seu colégio, pensativo e ermo, embora estivesse acompanhado. Nada de diferente e nem a se admirar. Um jovem no colegial, com muitos amigos, que pertencia a uma família tradicional, o que, aliás, há de se questionar. Dotado de virtudes físicas e com ótimas condições financeiras, Heitor já havia viajado boa parte do mundo, conhecido e experimentado de tudo que se pode imaginar, mas, por incrível que pareça, gostava mesmo era do seu quarto, passava horas e horas trancado ali. Nenhum motivo teria para ser infeliz, não podia reclamar, estaria sendo ingrato com a vida.

Naquela tarde, o jovem havia combinado de ir a um torneio esportivo com os amigos, entretanto, em uma pausa dos seus pensamentos, lembrou-se de que seus pais iriam viajar e haviam falado para ele chegar mais cedo em casa. Então, dirigindo-se a Guilherme, um dos amigos que o acompanhavam naquela tarde e que estava sentado ao seu lado no banco, disse:

- Cara, você não vai acreditar! Hoje o torneio não rola, pelo menos não comigo. Tenho que ir para casa rápido, avisa a galera, por favor.

Guilherme não entendeu o porquê, mas também não o questionou e respondeu:

- Tranquilo parceiro. Durante a noite terá uma social lá em casa, o pessoal vai começar a chegar por volta das 9 horas, topa?

- Até iria, mas já tenho planos - Respondeu Heitor, despedindo-se de seu amigo.

O jovem seguiu para casa que ficava bem próximo do colégio onde estudava, um quarteirão ao lado. Ao chegar lá, seus pais já haviam partido, assim não foi possível se despedir deles. Para Heitor, aquele seria apenas mais um de muitos dias que ficava distante de seus pais. Ele até já tinha se acostumado, acontecia sempre a mesma coisa, a ausência de duas pessoas tão importantes se tornara uma falta sutil, ou não. Seus pais trabalhavam muito e viajavam com bastante frequência, o que fez com que desde muito pequeno, tivesse muito pouco contato com os dois, tendo sido sempre cuidado por babás. Agora que já estava mais velho, conseguia se cuidar sozinho e, nos últimos meses, estava passando grande parte dos dias sem nenhuma companhia. Heitor nunca fez questão e nem se sentiu no direito de reclamar a falta de seus pais, pois trabalhavam muito e se esforçavam para dar a ele tudo que fosse possível para suprir todos os seus luxos, embora isso nunca tivesse sido o suficiente. Apesar de tamanho esforço, eles conseguiram oferecer coisas essenciais e não recuperáveis.

Naquele dia, os pais de Heitor viajariam para uma cidade distante, indo de carro para a cidade vizinha, onde embarcariam em um voo fretado para cidade em que ficariam alguns dias a trabalho. Tudo seria assim se o voo do casal não tivesse sido adiado para o dia seguinte, devido a um problema averiguado pelo piloto. Essa situação fez com que os dois tivessem que passar a noite daquele dia em um hotel daquela cidade que, aliás, era o único existente ali. Não conseguiram avisar o filho sobre a não realização da viagem, além de considerarem um problema irrelevante.

Durante o entardecer, Heitor ficou em seu quarto, pensando em uma forma de colocar em prática um plano pensado há muito tempo. Aquela noite que ele passaria sozinho seria a melhor oportunidade ou quem sabe a última. A verdade é que embora conhecesse muita gente,

ninguém o conhecia. Aquele rapaz tinha um vazio imenso dentro de si, para ele pouca ou nenhuma importância tinha tudo aquilo que estava a sua disposição e, por medo do que seus amigos falariam, e, principalmente, de decepcionar seus pais, guardava desde sempre aqueles sentimentos apenas para ele. Muitas vezes, Heitor se questionava se era mesmo um vazio ou se era a abundância de sentimentos que o sufocavam. Nem ele mesmo sabia. Toda essa apropriação pelos seus sentimentos ou ausência deles, se devia ao fato de que para ele tudo que se passava em sua vida era muito perceptível. Só não via quem não queria e quem via fingia não ver.

Já estava anoitecendo, algumas horas haviam se passado desde que seus pais tinham partido, então saiu disposto a mostrar para quem nunca quis enxergar de uma forma ou de outra, aquilo que ele sentia. Já havia sofrido muito sozinho. Era hora de outras pessoas sofrerem, de conviverem com um vazio assim como ele. Não havia melhor lugar que o hotel da cidade vizinha. Muitas pessoas estariam ali, muitas pessoas iriam sentir e assim foi. O jovem contratou um motorista clandestino, que fazia aquela rota. No intervalo de 40 minutos, chegara à sua parada. Foi rápido e ágil, tinha tudo muito bem planejado, uma bomba certa que matou todos que ali estavam.

Com muita frieza, voltou para sua cidade. Foi tudo muito rápido e logo já estava de volta à casa. No decorrer daquela já então madrugada, dormiu tranquilamente, como quem havia cumprido a sua tarefa e com sucesso. Acordou com o telefone tocando, quando um novo dia já raiava. Levantou-se ainda sonolento para atender ao telefone, do outro lado da linha, uma voz desconhecida disse a ele:

- Gostaria de me comunicar com algum membro da família de José Dias.

Heitor ficou pasmo, José Dias era o nome de seu pai. Logo imaginou que alguém havia descoberto sua autoria naquele bárbaro atentado.

Por um tempo, manteve-se em silêncio, até que a voz mais uma vez entou em seus ouvidos:

- Alô? Alguém na linha? Heitor respondeu:
- Sim, sou o filho dele.
- Ligo para comunicar o óbito de José Dias, assim como de sua esposa. Eles estavam no Hotel atacado durante a noite de ontem. Devido à gravidade dos ferimentos, nenhum corpo pôde ser identificado, disse a voz desconhecida.

Heitor ficou pasmo, José Dias era o nome de seu pai. Logo imaginou que alguém havia descoberto sua autoria naquele bárbaro atentado. Por um tempo, manteve-se em silêncio, até que a voz mais uma vez entou em seus ouvidos:

- Alô? Alguém na linha? Heitor respondeu:
- Sim, sou o filho dele.
- Ligo para comunicar o óbito de José Dias, assim como de sua esposa. Eles estavam no Hotel atacado durante a noite de ontem. Devido à gravidade dos ferimentos, nenhum corpo pôde ser identificado, disse a voz desconhecida.

Heitor nem sequer respondeu e muito menos quis saber de quem era aquela voz. Naquele momento se desesperou. Não poderia lidar com a dor de ter assassinado os próprios pais. Em um ato de desespero, recorreu aos constantes remédios que curavam suas feridas. Dessa vez, sem nenhum controle, pois o que trazia a ele a fuga da realidade, dessa vez lhe trouxe a morte. Mais uma descoberta sobre o tão desconhecido Heitor. Para abstrair seus problemas se afundava nas drogas. Lá se tinha ido o rapaz.

Já era noite, quando os pais de Heitor conseguiram se comunicar, com a ajuda de um senhorzinho que ofereceu apoio a eles. A verdade é que haviam conseguido escapar do ataque ao hotel, porém tudo que tinham levado para a viagem, inclusive os celulares, ficaram para trás. Por estarem tão atordoados só conseguiram se comunicar naquele momento, isso porque a mãe de Heitor era muito boa em decorar números.

Estavam com muita pressa para voltar para casa, queriam ver Heitor. Naquele dia, refletiram muito. Imaginaram-se morrendo, sem nunca terem sido de fato presentes na vida do filho. Deram-se conta disso tarde demais. Quando voltaram para casa, correram para o quarto de Heitor, queriam abraçá-lo, porém o filho não estava lá. Correram em direção ao próprio quarto e se depararam com o corpo de Heitor estirado na cama do casal, abraçado ao cobertor com o qual os dois se agasalhavam. Ao lado, estava um caderninho velho que há muito tempo não era utilizado, em que o jovem rapaz deixou registrado antes de morrer, como em um desabafo, tudo que tinha passado no decorrer de sua vida, bem como a justificativa para seu ato, assumindo a culpa pela tragédia no hotel da cidade vizinha. No último trecho do registro estava escrito: “Aqui não fui feliz, aqui nunca tive nenhum motivo para continuar. Aqui fui sozinho, mas agora tenho uma segunda chance. Os meus anjos estão me aguardando, estou chegando papai e mamãe.”

Os pais de Heitor não se continham. Não se conformavam com o fato de não terem percebido o que acontecia com o próprio filho. Nunca se perdoariam por não tê-lo ajudado. Juntos decidiram que fariam o que nunca haviam feito, dessa vez o filho não ficaria sozinho, eles iriam ao encontro de Heitor. Os anjos chegaram atrasados.

Nova Pátria

Por Rozivânia Moreira dos Reis

O sol adentrou lentamente pela janela entreaberta e iluminou a pele clara de Beatriz, que despertou com a claridade e o leve calor dos flashes do sol. Espreguiçou e, sem ânimo, entrou na rotina: adiantou o prato do almoço, tomou banho, vestiu-se, tomou café da manhã, escovou e abriu a porta para ir ao trabalho.

Ao chegar ao portão ficou perplexa ao perceber todos na vizinhança utilizando bikes para irem ao trabalho, os becos estavam limpos e no caminho até o trabalho constatou que os meninos de rua e usuários de drogas não estavam nas praças. Contudo, tão desmotivada e cansada, pensou que estava tendo delírios.

- Deve ser o efeito colateral de tantos psicotrópicos! - afirmou Beatriz em voz baixa a si mesma.

Quando Beatriz chegou ao portão do Colégio Augusta e obteve visão do pátio ficou estática.

- O que é isso? - perguntou ela a si mesma na mente.

Os alunos estavam reunidos em grupos discutindo temas educativos ou falavam sobre os exercícios aplicados para casa. Quando notaram a presença de Beatriz todos pararam suas atividades e a aplaudiram, enquanto ela caminhava atônita até a sala dos professores. A emoção transmitida transpareceu tão real que provocou ligeira emoção em Beatriz, mesmo sem entender o motivo da atitude dos alunos.

Não bastante para um dia muito estranho, foi recebida pelos colegas professores com um sorriso contagiante e uma animação vista apenas em véspera de feriado prolongado. E um “bom dia” sonoro, quase orquestrado, soou tão firme a ponto de recuperá-la do estado de inércia e, em seguida, interpelou:

- O que está acontecendo com todos hoje?
- Como assim, Beatriz? - indagaram alguns professores ao mesmo tempo.
- Desde a minha rua até aqui no Colégio todos estão se comportando estranho. A cidade demasiadamente limpa, becos e praças sem meninos perdidos ou drogados. Aqui fui recebida com aplausos, sorrisos e olhos tão alegres que os alunos pareciam realmente satisfeitos com o Colégio e com minha presença.

Beatriz deu essa resposta enquanto se sentava no sofá, que estava mais confortável que o normal. Marisa, uma colega professora, apressou-se em responder:

- Bia, não banque a engraçadinha com a gente, tem alguns anos que temos sido agraciados com um novo país, uma nova nação e uma nova cidade.

Roberto complementou:

- Nosso Brasil agora é exemplo mundial de desenvolvimento econômico, sustentável, tecnológico e educacional. Na última eleição, nossa sociedade revoltada e sensibilizada pelo sofrimento causado pela irresponsabilidade e corrupção dos nossos governantes, protestou ao votar com 83% dos votos nulos. Tal atitude gerou um reflexo em todos os setores da administração pública e na nova

eleição via assembleia geral, na qual cada macrorregião indicou seu representante ao cargo e na eleição foi eleito o melhor candidato pela maioria, o qual tem feito jus a confiança que depositamos nele.

Beatriz não conseguia crer e não pode se conter, começou a sorrir e bater palmas:

- Parabéns, muito bem bolada a pegadinha. Mas nem com todo cansaço que tenho me faria a acreditar nessa história. E o interessante é que os fatos fora do Colégio coincidiram em colaborar com vocês. - afirmou Beatriz, convicta de que estava vivendo um dia muito louco.

Todos olharam com expressão de incompreensão, o que deixou Bia constrangida e confusa. Mas antes que eles pudessem explicar mais alguma coisa, o sinal para o início das aulas foi acionado e todos se retiram para suas salas de aula. Beatriz, consciente do tumulto e da bagunça que a esperava na sala no final do corredor, estranhou o silêncio que partia da sala e chegou a pensar que os alunos estavam fazendo corpo mole no pátio.

Não pôde acreditar no que seus olhos viam: todos os alunos estavam sentados nas suas respectivas cadeiras em fila, aguardando a professora enquanto conversavam em tom ameno. Quanto mais as horas se passavam, mais Beatriz ficava mais confusa, porém decidiu levar o dia numa esportiva e aproveitar com deleite aquele dia que parecia um sonho.

As cinco aulas de Bia transcorreram com magnífico sucesso. Os alunos se mantiveram atentos, questionaram e compartilharam conhecimento ativamente. Respeitaram uns aos outros e a autoridade da professora. Apresentaram os exercícios de casa realizados e ainda sugeriram conteúdos a serem trabalhados nas próximas aulas que não estão pleiteados na matriz curricular. Quando o sinal de saída tocou, Beatriz despediu-se

da turma e observou-os saírem da sala com tamanha nostalgia que se permitiu sentir algo que não sentia há tanto tempo que havia esquecido de como era: o que tinha motivado a ingressar na carreira de professora. Essa motivação era aquela sensação de satisfação e recompensa pessoal por ter tido aulas produtivas que realmente fariam diferença na vida escolar e profissional dos seus alunos.

Após todos os alunos saírem, Beatriz chegou à sala e seguiu para sala dos professores, os quais já estavam aguardando junto com a direção e coordenação para decidir sobre a formação continuada e a progressão. O dia estava mesmo surpreendente e ela pensou em voz alta:

- Por que todos os dias não podem ser assim?

Sem entender os colegas a questionaram:

- Do que está falando, Bia?
- Nada, só pensei alto sobre umas questões pessoais. – respondeu, evitando entrar em conflito novamente e ser tachada de maluca.

Ao término da reunião, Beatriz retornou para casa com uma satisfação e ânimos raros. Estava muito ansiosa para o dia seguinte. Quando, de repente, assusta-se com o estralar alto da música de Jorge e Mateus na casa do vizinho, que a faz despertar:

- É hora de ir trabalhar!

O Pesadelo

Por Jhenny Kessy Dias Botelho

Quando saí da aula, eu e meus amigos pegamos o caminho de casa juntos. Apesar de minha casa ser na mesma rua da universidade, havia um longo percurso repleto de subidas e descidas, que somente eu, dentre os amigos, enfrentava. Ainda bem próximo à faculdade, eles dobravam na segunda esquina à esquerda, enquanto eu continuava na Avenida Feito Franco.

A escuridão e o vento frio tomavam conta da noite. Quase não havia astros no céu. Isso bastava para entender que cairia um aguaceiro. Minha instituição era muita rígida quanto ao ensino e às vestimentas femininas. O regulamento previa uso de calças e blusas de manga longa, frouxas e cinzas. Apesar de eu às odiar, por um momento fiquei feliz em usá-las, afinal, sem elas eu não estaria protegida da brisa gelada.

Depois de percorrer cinco minutos sozinha na Avenida F. Franco, recordei-me que minha mãe havia me mandado foto do delicioso jantar que tinha preparado. Pizza de calabresa e, de sobremesa, chocolate quente. Eram minhas comidas preferidas. Minha família me aguardava para devorar a saborosa refeição. Apressei o passo.

O trecho da rua que eu mais odiava era a região da metade do percurso. De um lado havia o pelotão da polícia, do outro, poucas casas, e um enorme matagal tomava conta dos locais abandonados. A iluminação era precária. Além disso, eu tinha que enfrentar uma inclinada e cansativa subida.

Enquanto eu passava por esse ponto da trajetória, escutei alguns passos. Olhei para trás, não vi ninguém. Continuei a andar. Logo após,

ouvi alguns barulhos novamente, virei-me para trás e com dificuldade enxerguei alguém alto, de ombros largos, braços fortes, cabelos curtos e uma longa barba. Era um homem. Nesse momento, a fome se misturou com a insegurança, por isso, mesmo em uma ladeira, acelerei mais ainda o passo e o homem também.

A poucos metros de sair daquela zona começou a chover. O policial, que rapidamente me alcançou, segurou meu braço, olhou fixamente em meus olhos arregalados, começou a me arrastar em direção ao portão do pelotão sem dizer sequer uma palavra. Naquele instante, fiquei sem entender o que estava acontecendo e só passava pela minha cabeça o fato de que me confundiram com alguma criminosa. Perguntei a ele o que estava ocorrendo. Ele não respondeu. Reagi acertando meu cotovelo em seu estômago, o que o fez com que ele soltasse meu braço. Depois disso, comecei a correr desesperadamente em direção à minha casa. Mesmo indo contra a ladeira, na chuva, minhas pernas estavam mais pesadas que o comum, impedindo-me de movê-las rapidamente e ganhar velocidade.

Com as dificuldades físicas e psicológicas, o homem fardado facilmente me capturou novamente. Assim que chegamos em frente ao portão mais uma vez, ele o abriu e me puxou para dentro do pelotão. No interior do prédio da polícia também estava escuro, eu conseguia ver pouca coisa. As vozes não negavam que havia mais homens. Apesar de não ver quase nada, eu sentia muita coisa. Eu chorava, gritava e pedia socorro. Sentia minhas longas roupas serem arrancadas à força enquanto muitos tufos de cabelo também eram extraídos. Depois de um longo tempo sendo abusada, eu só conseguia pensar em quanto tempo ainda faltava para que eles me matassem.

Nesse instante, meu despertador toca, acordo nervosa e respirando fundo. Depois de algum tempo chorando, percebo que estou atrasada para a aula e, rapidamente, coloco minhas lindas e longas roupas.

O Reflexo Da Morte

Por Rayssa Stefanny Martins

Meus batimentos cardíacos passam dos 120 por minuto. Minhas mãos suam pela ansiedade, sinto minhas glândulas suprarrenais liberando adrenalina no meu corpo, enquanto giro o cartucho vazio da munição.

Apesar do símbolo da fabricante estar riscado, no intuito de esconder a origem da munição, olhos profissionais conseguem identificar um “AP”, quase que nitidamente.

- Aeron Pusin – diz Alex, o perito criminal responsável pelo caso, apoiado na mesa, enquanto amplia a fotografia do projétil. – Muito raro, inclusive. Produziam em pequena escala pelo altíssimo preço, encerraram todas as atividades há uns 5 anos. Há muitos poucos rolando por aí hoje em dia.

Aproximo-me da mesa iluminada. Meu vestido azul desliza enquanto ando, como o véu de Hipnos descendo pela Grécia. Observo os 50 projéteis retirados dos corpos das vítimas do massacre que aconteceu na conferência internacional de ontem, que matou três dos mais importantes líderes mundiais, eram inocentes. Fomos convocados logo após o atentado, apesar de estarmos quase todos em serviço. Eu, por exemplo, estava disfarçada no baile da conferência, montando guarda quando tudo ocorreu. Felizmente, a maioria dos agentes estavam um andar abaixo do local onde os presidentes estavam.

Olho para o espelho e reparo em minhas olheiras. Vinte e quatro horas aqui, presa nesse laboratório. Não tivemos tempo algum para des-

cansar. Minha maquiagem quase desapareceu, percebo agora que perdi um dos meus brincos na correria. Esfrego a boca com a minha mão para tirar o resquício de batom.

- Os tiros acertaram em cheio o tórax e crânio de cada uma das vítimas, mesmo com o local transbordando seguranças. Foi tudo muito bem esquematizado. – Alex retoma.
- Temos que tomar cuidado, Aurora, estamos impregnados. Você é a única em quem confio no momento.
- O que você quer dizer com isso? – arqueio a sobrancelha.
- Quero dizer que estão infiltrados, inclusive aqui, dentro da Agência de Segurança Internacional. Não conseguiriam tanta precisão de informações do lado de fora. Precisariam de alguém de dentro. Temos que reportar. Mas, agora, não tenho certeza de como fazer isso sem levantar suspeita e alarmar os invasores.

Toco a lâmina presa à minha perna quando ouço suas palavras. Mordo meu lábio com tanta força que sinto um gosto metálico do sangue. Há meses que vem sendo abafado pelos cantos uma suposta organização que pretendia instaurar uma política de purificação da

humanidade. “Rebeldes”, como o governo os chamam. Um grupo que almeja o extermínio dos governos corruptos e elitistas em conjunto com a redistribuição de renda para que todos, independente de código genético, pudessem ter condições de vida, não apenas de existência. Há séculos que uma extrema minoria possui mais capital do que muitos países. É injusto. Como alguns têm tanto e outros tão pouco? Redefinir pelo topo da pirâmide era o start para a ascensão social e evolução humana.

“SOMOS RESULTADO DE MILHÕES DE ANOS DE EVOLUÇÃO. DEVEMOS AGIR COMO TAL”, foi a última frase de uma

das rebeldes que foi capturada. Sua imagem sendo decapitadas me tira o sono até hoje. É o fim de todos aqueles que são descobertos rebeldes: declarados traidores.

A tomada do poder seria o primeiro passo, invadir as mais diversas ramificações sociais. É mais fácil ser um hospedeiro e matar sua presa lenta e eficientemente do que realizar ataques rudes que geram resultados momentâneos. Assim eles pensam. Por isso, o medo de Alex, patriota nato, descendente de uma família rica. Sei o que ele teme. Nada mais do que perder suas próprias ambições e meios.

Suspiro e me sento novamente na poltrona do laboratório.

- Temos que avisar a Suprema Corte. É de extrema importância. – Alex vira para mim, seus olhos azuis demonstram preocupação por trás dos óculos. – Imagina o estrago que fariam se controlarem a agência!
- Mas não temos certeza. Quantos são os infiltrados? Em que áreas atuam? A suprema corte aniquilaria todos sem pensar duas vezes para manter sua paz, independente se as informações são concretas ou não.
- Sacrifícios devem ser feitos, para um bem maior. – Ele vira de costas num debate interno. Vejo pelo espelho a sua frente o reflexo abatido e preocupado. Ansioso, talvez. Ele leva a mão no rosto e comprime os olhos com força.

Não sei se é o certo a se fazer. Mas sei que é a única opção que tenho. Eu sacrificaria o quê? Minha família? Amigos? Status? Infelizmente, não há nada mais que eu ame. Tiraram tudo de mim. Por isso me escolheram, não tenho nada a perder.

Minhas unhas afundam no estofado e me controlo para não quebrar um braço de Alex. Como ele pode ser tão egoísta a ponto de permitir que causem um massacre só por causa de um rumor? Uma suposição?

Respiro fundo. Meus batimentos começam a acelerar, mas o autocontrole que adquiri com anos de treinamento na Academia da Força de Elite é mais forte. Sempre fui a melhor da tropa. Hoje não seria diferente.

- Não posso deixar isso acontecer – afirmo, cerrando a mandíbula. Os nós dos meus dedos ficam brancos pela força com que aperto o cabo da lâmina escondida na minha coxa
- Você não tem que me deixar fazer nada. Não pode me impedir.
- AP. – Respiro fundo. Balançando a cabeça em negação.
- O que a sigla tem a ver ago...

Alex arregala os olhos no momento em que o líquido vermelho explode no espelho. Não percebi o exato momento em que tracei seu pescoço em 180° com minha navalha. O cheiro metálico invade minhas narinas enquanto ele sufoca em seu próprio sangue. Sinto os espasmos desesperados de seus músculos numa fútil tentativa de fazer algo enquanto o seguro pelas costas. O tempo parece congelar. Consigo ver seus olhos desesperados fitando o espelho, como se pedisse ajuda. Eles perdem o brilho aos poucos. Eu o solto, ele tenta se apoiar no balcão, em vão. Cai no chão com um baque seco. Olha para meu reflexo no espelho. Perdi muito já para deixar que um filhinho de papai egoísta e mimado fique no meu caminho, no caminho da causa. Ela é mais importante. Se eu o deixasse continuar, provavelmente seria o responsável pela morte de centenas.

O espelho agora tem gotículas de sangue, assim como meu rosto. Curvo-me e encaro minha imagem.

- AP. – repito novamente, com a voz firme – Você errou, Alex. Não é a sigla da empresa. Na verdade, são as iniciais do dono da arma. Aurora Prior.

Com um soco, quebro o reflexo a minha frente. Os estilhaços cortam minha mão e se espalham pela bancada e chão. Silenciando a única testemunha do ocorrido. Aquele no qual o reflexo da morte jamais será visto novamente. Um clique me faz levantar a cabeça. Meus olhos se arregalam e um frio percorre toda a minha coluna vertebral.

O estouro me atordoa pela proximidade. Era falso, o maldito espelho era falso. Um grupo de pessoas estava atrás dele, assistindo e ouvindo tudo. Uma com o revólver apontado para mim. Olho para baixo a tempo de ver o vermelho viscoso jorrando do meu peito e escorrendo pelo decorrer do vestido. Minha garganta seca e meus pulmões queimam. Meu olhar perde o foco aos poucos. Sinto-me na pele de Alex. Sinto a angústia e a vontade de continuar viva. Meus joelhos cedem, eu caio. Os raios do nascer do sol invadem a sala pela janela. Fecho os olhos, cegos pelos faróis cósmicos.

A Terra Das Maravilhas

Por Camille Sales de Oliveira

Antes de Wendy e seus irmãos houve mais crianças, assim como houve inúmeras depois de Wendy. A história que contarei é de três crianças que viram a realidade da *maravilhosa* Terra do Nunca.

Nossa história começa na Inglaterra, em uma cidade no norte, onde a família Villiers dominava tudo. O senhor Villiers era conhecido por ser um homem de origem simples, mas com sua determinação e alguns trabalhos *por trás da cortina*, o levaram para o topo, juntamente com sua esposa, de origem nem tão simples e que, apesar de seus tantos anos, era fiel à sua antiga fama de se parecer com uma deusa grega.

O senhor e a senhora Villiers tiveram três filhos: Juliet, *de 15 anos*; James, *de 13* e Chloe, *de 11*. Eles pareciam ter saído de um conto de fadas perfeito.

Devido à fortuna que a família possuía e aos trabalhos do Sr. Villiers, eles constantemente recebiam ameaças de morte por meio de cartas anônimas, por isso, tornaram-se rara às vezes que deixavam as crianças saírem de casa, até mesmo para irem ao jardim. Não que isso incomodasse Chloe, ela não se importava em não poder sair, até porque a garotinha amava passar todo o seu tempo lendo na biblioteca. Porém a mais nova dos irmãos já não aguentava escutar as reclamações de seus irmãos que adoravam correr, dançar e o mais que os adolescentes chamavam de diversão.

Apesar de ser a mais nova, Chloe sempre lia uma história para que os dois mais velhos dormissem, ou para que ao menos tivessem o gosti-

nho da diversão que ela tinha antes de dormir e pudessem sonhar com as maravilhas que ela lia todos os dias, assim como ela sonhava.

Certo dia, ela não encontrou o livro que tinha lido durante o dia, porque esse havia simplesmente sumido. Então, enquanto ia à biblioteca para pegar outro livro, chutou algo. Com a vela, que a pequena segurava, iluminou o objeto que havia chutado e viu que era um livro. Ela o pegou e o examinou.

Eu nunca vi este livro na biblioteca – pensou ela – Quão linda é essa capa, bem detalhada.

Chloe, ao invés de ir à biblioteca escolher outro livro, ela colocou o livro que tinha encontrado em baixo dos pequenos braços e o levou para o quarto que compartilhava com os irmãos.

- *Peter Pan* – ela anunciou para os irmãos o nome do livro e começou a contar a maravilhosa história do garoto imortal, que levava as crianças para a Terra do Nunca na madrugada e as levava de volta pela manhã.

Os dois mais velhos, assim como a mais nova, ficaram maravilhados com a história e foram os três dormir, pensando como seria maravilhoso se esse *Peter Pan* realmente existisse.

Na madrugada, eles escutaram passos pelo quarto. Juliet foi a primeira a abrir os olhos, que mais pareciam duas esmeraldas de tão verdes. Ao despertar, um garoto tampou sua boca com uma de suas mãos.

Ela observou o garoto por poucos segundos, o suficiente para ver os seus cabelos negros e olhos tão azuis que desejava mergulhar nesse olhar azul. O garoto não devia ter mais de 17 e menos de 15.

Juliet notou em que tipo de situação em que se encontrava, estava prestes a morder e dar um chute nesse garoto, que parecia ter saído do diário em que ela descrevia seu *príncipe encantado*, mas ele, antecipando o próximo ato da mais velha, falou:

- Se morder minha mão temo que não poderei levar a senhorita junto comigo para a maravilhosa Terra do Nunca – disse ele.

Quando James escutou isso, levantou-se, encarando o garoto.

- Do que você está falando? Explique-se antes que eu chame meu pai e ele acabe com isso – disse James.
- Eu escutei seus sonhos e vim. Desculpe-me, ainda não me apresentei direito. Ele disse isso virado para James. Então voltou seu olhar para Juliet, pegando a mão da mais velha e depositando um beijo enquanto encarava em seus olhos – eu sou Peter, Peter Pan.
- Prove o que está dizendo – protestou a mais nova.

Nesse momento, Peter pega um pouco de seu pó mágico e joga nas crianças, dizendo:

- É o que eu pretendo fazer agora. Peter pegou as mãos das crianças e saíram pela janela, mas não da forma que estavam acostumados quando pulavam da janela para fugir um pouco ou brincar, dessa vez eles estavam voando.

Peter os apresentou a sua casa, uma ilha. A primeira coisa que as crianças perceberam é que lá ainda era dia. O garoto imortal explicou que o tempo da cidade e da ilha se passavam de formas diferentes.

Pan os apresentou aos outros seres que viviam na ilha, começando pelas flores, que tomavam sol enquanto conversavam entre si.

Que criatura maravilhosa – pensou Juliet. Nessa terra até mesmo as plantas tem vida própria e suas formas e cores são espetaculares.

Algumas das flores brincaram e conversaram com as crianças antes que Peter as levassem para conhecer o restante daquele lugar.

Centauros, pássaros, animais falantes, árvores gigantes e até mesmo sereias foram apresentados aos meninos.

Chloe, não gostando de sair de seu lugar de conforto, seu quarto e a biblioteca, estava adorando aquele passeio. Ela não conseguia acreditar que estava vendo tudo aquilo com o que ela sonhou por tantos anos, tudo aquilo que ela havia lido em seus milhares de livros.

James, apesar de ter sentido um pouco de medo no começo, *algo que ele nunca admitiria a ninguém*, estava solto e corria para todo o lado com seus novos amigos. Ele nunca havia tido amigos além de suas duas irmãs, estava animado por finalmente ter conhecido novas pessoas e tão diferentes.

Juliet tocava com delicadeza as pétalas das flores, os animais e até mesmo as sereias deixavam que a garota trançasse seus cabelos. Ela não sabia, mas Peter não conseguia tirar os olhos dela.

Como é delicada e graciosa – ele pensou.

Chega a hora de ir embora, mas apenas foram quando o garoto imortal prometeu a eles que os levaria novamente no dia seguinte. E ele cumpriu com o que havia prometido.

As crianças foram outras vezes na Terra do Nunca, mas na oitava vez foi que Peter os convidou para dormirem por lá. Elas perguntaram se seus pais iriam notar a ausência deles, mas Peter afirmou que ninguém

perceberiaisso. Então elas aceitaram. Mas havia uma regra: nenhuma das crianças poderiam sair da casa da árvore, a qual era a casa do garoto imortal, depois das oito da noite e antes das nove da manhã. As crianças ficaram intrigadas com essa condição, mas não demonstraram a Peter.

Naquele dia, as crianças permaneceram na casa e, como Peter havia demandado, dormiram antes das oito e se levantaram apenas quando o relógio alarmou, mostrando que já era 9h15.

Eles tomaram café da manhã, o melhor de toda as suas vidas, apesar de toda fartura que havia na casa das crianças. Depois disso, foram levados de volta para a casa *sem graça* no norte da Inglaterra.

Dias se passaram e novamente as crianças foram levadas para a ilha. Como da última vez, Peter as convidou para dormirem em sua casa, mas dessa vez, também queria que as crianças ficassem por lá por uma semana.

As crianças não conseguiam controlar sua alegria: *uma semana de pura diversão*.

Eles não conseguiam esconder o quão felizes ficaram, principalmente Juliet, que exibia um sorriso tão grande que Chloe se perguntou como o rosto da garota ainda não tinha rasgado. Para Juliet, a terra descrita no livro de *Alice no país das maravilhas* não devia chegar nem perto da Terra do Nunca, por isso, por vezes, chamava essa terra de a real Terra das Maravilhas.

Novamente os três seguiram as ordens que lhes foram dadas, ao menos nas duas primeiras noites. Mas, ao chegar a terceira noite, eles não se aguentaram a curiosidade. Naquela noite, os três Villiers ficaram acordados quando deveriam estar dormindo. Já havia passado uma hora que as crianças esperavam por algum som ou pista do que estava ocor-

rendo do lado de fora, mas apenas conseguiam escutar a respiração uns dos outros.

De repente, escutaram um berro alto e estridente, que, aos poucos, os berros foram se multiplicando. As crianças nunca haviam escutando tamanho horror, nem mesmo quando as empregadas despenteavam os lindos fios cacheados loiros de Juliet. Eles se encolheram perante os gritos, mas se lembraram que Peter havia contado suas histórias de que muitas vezes pessoas chegavam na ilha aos berros, pedindo sua ajuda.

As crianças confiaram que Peter ajudaria, seja lá de quem pertencessem aqueles gritos, tamparam os ouvidos e dormiram. Todos eles sonharam com os berros e Peter Pan, que era o protagonista salvador desses coitados.

Nos sonhos de Juliet, Peter era até mais, era o seu príncipe encantado. Não era a primeira vez que a garota sonhava com ele, ela já havia sonhado até como os filhos deles seriam, claro que ela precisava ao menos ficar dois anos mais velha, mas depois disso nada acabaria com o casal perfeito.

No dia seguinte, nada disseram, pois não queriam que os outros descobrissem que elas estavam acordadas depois do horário determinado, mas pelo olhar tranquilo de Pan, perceberam que tudo havia ido bem.

Como ele é corajoso – pensaram os três.

A noite chegou novamente e os três conversaram, aos sussurros, e decidiram que naquela noite eles sairiam. Queriam ver que tipo de criatura Peter havia salvado dessa vez.

Quando passou das oito da noite, as crianças já estavam se contorcendo de tanta animação. Eles saíram, sem fazer muito barulho, e se

esconderam nos arbustos, que era uma das poucas coisas que não haviam vida por ali. Então eles ouviram o mesmo grito da noite anterior. Curiosas, apressaram os passos até que chegaram no lugar de onde os berros vinham.

Não eram fadas ou qualquer outro ser sendo resgatado. Eram dezenas de crianças gritando de puro horror e dor. As criaturas, antes angelicais e encantadoras, lhes parecia demoníacas. As flores agarravam algumas crianças e esmagavam seus ossos e lhes enfiavam espinhos. Os pássaros bicavam as crianças, principalmente, em seus olhos. As sereias, com suas vozes hipnóticas, atraíam crianças para o mar, onde elas se debatiam e o ar em seus pulmões era substituído por água. A aparência delas, antes incrivelmente sedutoras, fora substituídas por esquelética e demoníaca forma, até mesmo seus dentes, que agora eram triangulares e pontiagudos.

Era simplesmente horrível. *Onde está Peter?*

Como se ele tivesse escutado os pensamentos das crianças, apareceu, mas não da forma que as crianças desejavam que ele aparecesse. Suas roupas, assim como o seu rosto, estavam repletas de sangue, em seu rosto havia um sorriso que causou arrepios nos três pequenos Villiers. Peter as viu e seu sorriso tornou-se ainda mais assustador.

James, saiu desse transe de horror, puxou as duas irmãs e juntos saíram correndo.

- *Corram* – gritou James. Elas perceberam que não era Peter não corria atrás delas, mas um monstro que mais se parecia uma sombra preta com olhos dourados, que causava arrepios. Eles gritaram de horror e por ajuda, conseguiam sentir o bafo quente do bicho em suas costas e seus dentes pontudos roçando por vezes suas costas.

Nesse momento, o senhor e senhora Villiers entraram no quarto, ouvindo os gritos de seus filhos e os encontraram se contorcendo de puro

terror, gritando sem parar por ajuda, além do nome *Peter*. Os dois tentaram acordar as crianças, mas essas não acordavam.

Enquanto isso Peter, na Terra do Nunca, observava as dezenas de crianças gritando, principalmente as três: Juliet, James e Chloe.

Ele sorria perante os gritos de ajuda. As crianças nunca iriam embora, ficariam ali para a eternidade com ele, mesmo que os seus corpos morressem em suas terras natais.

Para sempre, para eternidade seus subconscientes ficariam presas aquele lugar gritando, correndo, afogando, sendo esmagados pela eternidade.

Peter voou e deixou o livro em uma calçada, sentou-se e observou uma criança com seu pai, que em seguida levaria o livro para casa. A criança passou por Peter sorrindo e ele sorria para o adorável garotinho de seis anos, imaginando o quão bem ele ficaria em sua coleção.

Ali estava a sua nova vítima.

A Manipulação Psicológica

Por Isadora Moura Pimenta Carneiro

Que lugar é esse? O que faço aqui? Como não consigo me lembrar? Perguntas das quais percebi que não encontraria respostas tão cedo.

A memória mais recente da qual me lembro é que havia acabado de finalizar a última série do fundamental, prestes a iniciar o colegial. Estava a caminho do colégio regional mais disputado recentemente, o colégio preparatório WestWood. Após isso, só me recordo da minha visão ficando turva, os cantos dos olhos e o ambiente começaram a escurecer e meu corpo a pesar, então caí.

Agora estou aqui, em uma espécie de quarto estudantil bem equipado.

“– Por gentileza, compareçam ao salão principal...” – o aparelho de som soou pelo quarto, em uma voz estreitamente fina.

Mas afinal... “compareçam”, no plural... Será que existem mais?

Nesse momento, a porta, antes trancada por um fecho eletrônico, se destrancou, atrapalhando meus pensamentos. Abri-a e, preparando-me para o pior, me vi em um corredor. Analisei a porta da frente do quarto do qual saí e percebi que havia uma foto pendurada, tirada anos atrás para minha carteira estudantil, com meu nome impresso abaixo. Olhei adiante e percebi que havia outras quatro portas, todas com fotos ao mesmo estilo, com o rosto de outras pessoas e seus respectivos nomes.

- “Roberta, Stella, Renan, e Erick” – cantarolei baixo, até que ouvi o ranger de outra pessoa no vão do corredor.

Vi uma garota se aproximando, sibilando meu nome em um sussurro... “Kyle”.

Fomos caminhando pelo corredor escuro, feito de paredes de veludo vermelho, até nos encontrarmos em um salão amplo e claro. Nós piscamos para se acostumar com a claridade. Havia um palco com uma grande tela pendurada ao centro. Aos cantos de todo o salão podíamos ver portas, porém bloqueadas com grades. Apenas uma, que aparentava ser um refeitório estava destrancada. Todos nos posicionamos em frente ao palco, onde assistimos a um confuso vídeo, atuado por um estranho boneco ventríloquo de porcelana branca.

- Tã tã tã tããã... Bem-vindos ao grande Colégio Preparatório West-Wood. Bom... ERA, até eu o ter possuído e confinado vocês aqui, para poder dar início ao meu tão esperado jogo. As regras são as seguintes: vocês estarão aqui até que sobre apenas um, que poderá voltar a sua vida cotidiana entediante. Existem duas únicas maneiras de se escapar vivo: ou você pratica um assassinato, de modo que ninguém descubra sua culpa ou se acerta o assassino a cada vez que alguém morre. Nos seus bolsos existem smartphones que retratam observações sobre os acontecimentos: onde foi, como foi, qual a arma do crime etc. Os campos sempre serão preenchidos com informações de acordo com suas descobertas. Haverá julgamentos para descobrir o assassino a cada ocorrência e vocês terão quatro horas para solucionar cada caso, a partir do momento em que for encontrado um corpo, que irá diminuindo a partir da quantidade de pessoas a sobrar. A cada caso bem-sucedido, um cômodo será liberado, então façam bom proveito! Boa sorte a todos, hahaha! Quase me esqueci... Se errarem o assassino, ele será liberado e todos os outros... bom... MORRAM! – Após isso, o gentilmente o apelidamos de “Sociopata”.

- “O toque de recolher se iniciará em dez minutos. Por gentileza, retornem todos aos seus respectivos dormitórios – soou a mesma voz de antes, ecoando pelos alto-falantes.

De volta ao dormitório, consegui ouvir o momento em que a porta se trancou, me confinando novamente naquele local. Durante a noite, meus pensamentos rodeavam maneiras de sair daquele lugar, quando ouvi batidas na porta. *Stella*. Deixei-a entrar. Fiquei surpreso pela porta permanecer destrancada aquele momento da noite, mas permiti que ela passasse a noite ao meu lado. *Era mais seguro*. Acordei um tempo mais tarde, com *Stella* pedindo silêncio.

Conseguimos ouvir gritos abafados, o ranger de uma porta e passos cautelosos. Depois disso, adormecemos novamente.

- “Por favor, dirijam-se ao refeitório para refeições matinais.” – a mesma voz de antes ecoou. Já ao refeitório, *Stella* continuou andando até a área da piscina. Parecia óbvio demais.
- “Aviso a todos: um corpo foi encontrado, vocês terão quatro horas.”

O corpo de Renan flutuava em plena piscina, agora incrivelmente preenchida com seu rubro sangue. As feições de Roberta pareciam estranhas, semelhantes à um sentimento de ânsia.

Erick nos olhou de forma acusadora. Peguei meu smartphone em busca de informações, analisando que sua morte foi exatamente no momento em que *Stella* me acordou, entre quatro e cinco da manhã. Após tentativas falhas, repletas de covardia, conseguimos puxá-lo até a superfície.

Havia uma espécie de abertura na parte inferior de seu crânio, horrível de se olhar. Ele foi assassinado por um objeto comprido e só após arremessado à piscina. *Quase instantâneo ao meu pensamento*, *Stella* traz

uma espécie de cano de metal, jogado atrás de um arbusto. Com isso, ouvi a notificação, trazendo a arma do crime às novas informações. Inerente ao acontecimento, Erick clamou por um julgamento, e Stella e eu nos olhamos assustados. Nunca havíamos feito parte de um julgamento até o presente momento. Houve um momento de silêncio até conseguirmos perceber uma espécie de gás desvencilhando-se dos cantos superiores do cômodo. *Não consegui me manter acordado por tempo suficiente aos próximos acontecimentos e pereci ao chão.*

Acordamos em um círculo com cinco lugares, com púlpitos à nossa frente. Infelizmente reparei o local vazio que deveria pertencer a Renan, onde agora só havia sua foto pendurada com um grande X vermelho escrito.

- Sei quem, obviamente, foi – alegou Erick – Stella! Sua facilidade em encontrar o corpo e a arma utilizada foi psicoticamente assustador! Confesso que tentaria matá-la durante essa madrugada, movido pelo desespero, justamente pelo fato de ser um alvo presumivelmente mais fraco. Mas para minha surpresa, ao adentrar seu quarto com a porta destrancada, você não estava lá! – apontou em direção a ruiva.

- Stella estava comigo – comecei meu depoimento. Durante a noite, alertou-me aos ruídos provindos do corredor. Roberta não poderia ter feito tal ato, afinal, senti nojo só de visualizar o corpo debandado à piscina. O que nos leva a crer em sua culpa... seu alvo era Stella, porém Renan o escutou retirando-se de seu quarto vazio, procurando confrontá-lo, então foi simples mudar seu alvo. Espancou-o com o cano, guiado pelo desespero e insanidade que esse lugar estabeleceu em sua mente, buscou, em uma tentativa falha, amenizar a cavidade repleta de sangue com sua toalha e o deslocou até a piscina. – Posterior a isso, todos olhamos para o Sociopata.

- Tã tá tãã... você está correto! Dito isso, levou-o para sua severa punição.

Ele nos informa que a biblioteca seria liberada como uma espécie de recompensa doentia pelo nosso “ato bem feito”. Então, nós três restantes fomos explorar o novo local.

Já na biblioteca, analisando as enciclopédias históricas presentes ali, ao andar pelas prateleiras, Roberta acidentalmente tropeçou, esbarrando-se em um pedaço meio escondido da última estante, fazendo romper, para nossa surpresa, uma porta escondida. Ao adentrarmos, com muita cautela, percebemos haver um painel com várias telas de vídeo. Dentre elas, algumas mostravam gravações de todos nós andando pelos corredores e cômodos; outras representava o real assassinato ocorrido na instituição, uma delas demonstrava quanta audiência havíamos, tornando tudo um tanto mais macabro. Ainda no painel, na parte inferior, haviam botões que diziam coisas como “liberação de portas”, “manhã” ou “noite”.

Estávamos em alguma espécie de programa de mídia extremamente doentio.

- Vamos apenas sair daqui o mais rápido possível – Disse Stella. E recuamos.

Já anoitecia, o que significava que o toque de recolher se aproximava. Agora que só haviam três de nós, já de confiança, Stella decidira dormir no próprio quarto.

A noite foi extremamente longa e não conseguia parar de refletir se estariam me assistindo neste exato momento, sobre como não paravam para pensar o quanto tudo isso era real.

Assombroso. O tempo foi passando e logo o cansaço tomou forma.

Pela manhã, acordei com um som estranho, não mais com o alarme. *Era um grito*. Da Stella. Saí o mais rápido que pude, em direção à voz dela, que estranhamente vinha da suíte de Roberta. Ela estava pendurada por uma corda em seu pescoço, enquanto Stella chorava, agachada ao canto.

Traumatizante.

- “Aviso a todos: um corpo foi encontrado, vocês terão uma hora.” – a voz ecoou em seguida.

Stella não podia ter feito isso, era totalmente inverossímil. Mas seria Roberta capaz de tirar a própria vida? Algo não está condizendo, Stella sempre valorizou a opção de vida mais que tudo...

- Prontos? – perguntou o Sociopata, e adormecemos novamente antes de termos oportunidade de responder.

Novamente no tribunal doentio, eu e Stella nos encontrávamos ao lado de apenas espaços vazios. Ela estava em prantos, mas parecia prestes a tomar a fala.

- FOI SUICÍDIO! Ela não deve ter aguentado a pressão desse lugar doentio. Todo esse modo de entretenimento e manipulações psicológicas me dão nojo e eu teria feito o mesmo que ela, se passado mais alguns dias neste hospício! Dito isso, ela cuspiu diretamente na face lisa de porcelana do boneco.
- Você está correta, mas pela falta de respeito por tudo o que fiz, sofrerá o dobro do que aquela pobre garotinha sofreu. Em seguida, apontou para a foto de Roberta.

No momento em que vi o manipulador do boneco saindo do interior do púlpito, em direção a Stella, percebi que havia uma tábua solta

no piso do centro do círculo. Foi quando a abri e puxei a garota comigo, descendo as escadas rapidamente, adentrando – para a minha surpresa – na biblioteca. Aceleradamente, busquei o livro que liberava o quarto escondido, com Stella ao meu encalço. *É preciso que exista uma saída por lá. Tem que existir.* Logo procurei por um botão ou alavanca, que deveria, supostamente, nos liberar para o exterior do local. Encontrei um botão vermelho, como nos filmes, não hesitei em apertá-lo. Uma parte da parede se levantou, revelando outra escada. Mas tinha algo suspeito.

Stella avançou, desesperadamente, sedenta por liberdade. Não consegui segurá-la. *Havia uma armadilha,* pensei. Passou, diante de meus olhos, milhares de pequenas facas, perfurando todo seu corpo sensível, esbanjando seu ralo sangue por toda a extremidade do corredor que levava à tão esperada saída. Caí de joelhos. *Eu falhei em protegê-la.*

Um ruído de porta se abrindo me alertou para o pior. Entrei em modo automático, *o luto podia esperar,* deixei meu instinto de sobrevivência me dominar por completo. Peguei meu smartphone e o arremessei, afim de identificar novas surpresas. Nada. Desviei do mutilado corpo de Stella, já com lágrimas nos olhos, desci as escadas. O ar do lado de fora é tanto sufocante quanto aliviante e não consegui deixar de pensar no desespero de Stella somente para senti-lo. Prometo a mim mesmo recompensar seu sofrimento e sua vida desperdiçada.

Algum dia.

Última Carta Em Paris

Por Alice Evangelista Silva

O ano é 1856 e o país: Brasil. Esta é, com certeza, a viagem de trem mais melancólica de toda a história. Catarina d’Florença era uma mulher forte, não como um touro, mas como uma rosa coberta de espinhos pontiagudos. Sua garra a impeliu a lutar por aquilo que considerava certo. Infelizmente, tal determinação a lançou na situação devastadora em que se encontrava. O vagão cheio de pessoas desconhecidas era irreflexo ao que se passava no interior da mulher. Seus cabelos, molhados pela chuva à qual foram expostos há pouco, representavam uma imagem digna de piedade. Em seu ventre, descansava tranquilamente seu herdeiro, tão dono de tudo quanto dono de nada.

As lágrimas salgadas vertiam de seus olhos cálidos e gotejavam em suas roupas castigadas, rasgadas e manchadas por um misto de chuva e sujeira. Os senhores e suas esposas ao seu redor nada sabiam sobre sua vida, sua grande história ou sobre o motivo de seu pranto. Ao contrário de sua consciência, eles não a acusavam ou apontavam seus indicadores em sinal de julgamento. Durante o longo trajeto, a todo o tempo, flashbacks do drama vivido inundavam sua mente inquieta.

Casar-se com um homem de posses era o grande sonho da incontestável maioria das moças do século XIX. Catarina não fugira à regra. Seus penteados rebuscados e seus vestidos elegantes, unidos ao charme e à delicadeza, eram como armas para a captura de bons pretendentes. Quando finalmente laçara o homem certo, passou a andar exultante pela casa, sua hora havia chegado. Um belo rapaz lhe fez a corte. Meses depois, pediu-a em casamento e, então, anunciou o noivado. Suas irmãs mais

novas acompanharam o romance de olhos saltados, tamanha era a inveja. Catarina, a primogênita, sempre fora a mais bela e prendada de todas elas. Agora, casara-se com Afonso Guerra, rico, influente e charmoso. Seu porte chamava à atenção por todos os lugares em que passava. A festa de casamento durou cerca de três dias, e a consumação da união deu-se no lugar mais romântico e amado de muitas épocas: Paris.

Sempre juntos e apaixonados, o casal era a encarnação da própria Vênus. Seus olhos se cruzavam pelos corredores da casa colossal em que moravam. Afonso era dono de tamanha virilidade e sensualidade que causava arrepios ardentes em Catarina. A menina, que um dia fora ingênua e pura, tornara-se uma mulher sedenta por seu amante. Com o passar dos anos, conquistou seu lugar ao lado do esposo. Juntos, transmutaram-se no grande, poderoso e renomado casal Guerra.

Mas um único problema foi capaz de abalar o reluzente conto de fadas em que viviam. Catarina descobriu-se uma mulher com baixa fertilidade. Depois de longos cinco anos de abortos sucessivos e de tentativas de gravidez fadadas ao fracasso, a crise agravou-se. O amor, que supostamente duraria para todo o sempre, esvaiu-se por entre seus dedos, e ela se viu impossibilitada em todos os sentidos.

Pouco a pouco, a paixão abrasadora de Afonso deu lugar a uma friidez fatigante. Ele não a procurava mais, não retornava para casa ao fim do dia, já não lhe tomava mais como esposa. Aos prantos, logo que descobriu a primeira traição, Catarina enviou uma longa carta à sua mãe, Euzébia, clamando socorro. Precisava salvar seu casamento, a única vida que conhecia. Um grande íncubo traidor se apoderara do corpo de seu marido, e a frieza havia invadido cada parte quente que cercara aquele amor algum dia. A solução, apontada por sua mãe, parecia frágil e infundada. Mas a necessidade abrasadora que Catarina sentia em lutar pela única coisa que possuía realmente permitiu que se lançasse àquilo de corpo e alma.

Com muito esforço e persuasão, convenceu seu marido a partirem em uma longa viagem à França, especificamente à Paris, para realizarem uma segunda lua-de-mel. Saíram do Rio de Janeiro, de trem, às 11 horas da manhã de uma quinta-feira. As pessoas lançavam olhares cobiçosos ao casal, com os quais ela se deliciava, retribuindo com sorrisos calorosos. Os grandes e confortáveis assentos de couro aumentavam a sensação de aconchego da locomotiva. Catarina sentia-se calma e confiante, tudo correria como o esperado. Depois de algumas horas, atingiram o litoral de Santos. Embarcaram em um grande navio e seguiram para a Europa. Durante uma semana completa, o casal deleitou-se com as regalias do luxuoso cruzeiro, renovando aos poucos a paixão que os unira no início.

Ao desembarcarem no destino, hospedaram-se em um hotel deslumbrante, com grandes escadarias douradas e quartos amplos e bem iluminados, ao estilo europeu. No começo, tudo se limitou a um mar de rosas. Sorrisos, olhares, arrepios e suspiros por todos os cômodos. Café na cama e massagens eram privilégios jamais sonhados. Catarina sentia-se vitoriosa, a batalha parecia ganha, e o casamento salvo. Mal sabia ela que a grande guerra estava por vir.

Afonso frequentemente aparentava grande preocupação com seus negócios no Brasil. Em resposta às recusas da esposa em deixá-lo um minuto sequer, nem mesmo para que pudesse responder cartas e resolver pendências, um sentimento de irritação invadiu seu coração. Começou a evitá-la e a recusar suas carícias. Saía para fumar charutos e levava longas horas para retornar. Dormia afastado dos abraços da amada e fugia de seus beijos. Diante de tamanha afronta à sua paixão ardente, Catarina começou a sentir-se atraída por outros rostos masculinos com quem cruzava. A primeira troca de olhares aconteceu em uma tarde nublada. Um homem alto e charmoso lhe lançou um caloroso sorriso enquanto saía da porta do quarto ao lado do seu.

Por três dias, seguiram com a mesma rotina de abrirem suas portas à tarde e trocaram cumprimentos. A única taça de vinho que tomaram

juntos foi discreta e tímida. Sentaram-se na pequena saleta, no *hall* de entrada do quarto, em cadeiras amadeiradas. Nos primeiros minutos de conversa, Catarina descobriu a infeliz coincidência de que o tal homem por quem começou a destinar suspiros se chamava Afonso. Isso causou-lhe um sentimento de culpa atordoante. Saiu em um rompante indelicado do quarto em que estava e, com um estrondo, esbarrou em um funcionário do hotel que se encontrava parado no vão entre as duas portas vizinhas, preparando-se para bater em alguma delas. Em sua outra mão enluvada, o *chambellan* carregava um maço de cartas volumosas. Catarina adiantou-se e lhe esticou os dedos furtivos, agarrou as cartas, agradeceu ao homem e adentrou seu próprio quarto, sem aguardar nenhum retorno. Se o marido a visse daquele jeito, com as faces avermelhadas como maçãs maduras, estaria entregue de súbito. Por sorte, Afonso se encontrava recluso no pequeno escritório, como de costume. Rapidamente recuperou-se, recolocando a clássica máscara de elegância.

Percorreu com olhos entediados carta por carta, envelope por envelope. De repente, um papel com uma singela textura diferente lhe chamou à atenção, despertando sua curiosidade. Delicadamente, repousou o restante desinteressante da correspondência sobre a mesinha do *hall*. Com os dedos levemente trêmulos, abriu a carta endereçada à Afonso. As palavras desenhadas em uma letra quase erótica causaram repulsa em Catarina. Do pouco que compreendia francês, pode entender partes desconexas, mas que, em um contexto geral, faziam sentido.

Para meu selvagem amante, envio cumprimentos pela noite de ontem... Meus lábios estão sedentos pelos seus beijos ardentes novamente...

Nas últimas linhas, lágrimas embebidas em ódio mancharam a frase final. Tais palavras condenaram para sempre os dois amantes outrora tão explicitamente apaixonados.

Espero-te daqui a três dias, três horas antes do alvorecer. Encontre-me na segunda esquina à direita da rua Saint-Paul.

Enfurecida, despedaçou o papel e jogou os pedaços pela janela, permitindo que voassem feito plumas amaldiçoadas. Catarina Guerra era uma mulher forte, mas, neste momento, seu mundo desabou por completo. Acostumara-se com as traições desenfreadas do marido, porém, em tais circunstâncias decisivas de seu casamento, aquilo era, de fato, inaceitável. Ao final da leitura, um gélido calafrio lhe percorreu o corpo. Sua mente era borboleta recém-saída do casulo, voando para longe. Aos poucos, parte por parte, uma vingança surgia, como fios de seda sendo trabalhados pelas mãos ágeis da tecelã.

O momento se aproximava como ondas em direção à costa, progressiva e lentamente, mas de forma feroz. Na noite do encontro, Catarina perfumou-se, vestiu sua melhor *lingerie*, bebeu longamente duas taças do vinho mais caro que o hotel tinha a oferecer e se encaminhou ao escritório do marido. Estando lá, seduziu-o como nunca. Permitiu-se, transformou-se, o deixou na palma de suas mãos. Quando tudo chegou ao fim, amaciou os travesseiros, estendeu a colcha e o observou a entregar-se ao sono, como entregara-se a ela minutos antes.

Caminhou lentamente até à copa, munindo-se de uma diminuta panela de ferro abarrotada de óleo fervente, aquecido há pouco no fogareiro. Como quem pisa em ovos ou desliza sobre plumas, com os pés mais leves que o ar e o coração mais frio que o gelo, aproximou-se calmamente do corpo adormecido do marido. Contemplou seus belos traços por meio minuto. Mas, como um anjo ceifador, despejou o fluido pela orelha direita de Afonso Guerra. Seus gritos agonizantes talvez tenham sido ouvidos em algum lugar, mas foram rapidamente suprimidos e sufocados por um volumoso travesseiro.

Por fim, estando vencida pela dor pungente, a vítima para de lutar. Catarina o velou com uma lânguida colcha avermelhada, cobrindo-o até o pescoço. Deixou-o no quarto, repousando ao lado de seus pecados. Vestiu-se com trajes negros como a noite e partiu ao encontro da amante

que esperava por Afonso. Cruzou esquinas e atravessou longas ruas, o vento frio da madrugada soturna de Paris arrepiou sua pele e congelou ainda mais a sua alma.

Ao alcançar seu destino, Catarina se esgueirou como um gatuno por entre postes e lixeiras. Quando colocou seus olhos no alvo, admirou-se ao ver algo que não esperava. Suas pupilas se dilataram em espanto e as mãos tremeram como papel de seda exposto ao vento. Debruçados sobre uma mureta pouco refinada, Afonso e uma mulher de longas e claras madeixas beijavam-se com paixão. Incrédula, aproximou-se do casal para ter a certeza de que seus olhos não a enganavam. E então pode ouvir:

- *Mon amour*, não recebi sua carta habitual marcando nosso encontro. O que houve?
- Mas, *mon chéri*, a escrevi com minhas mais belas palavras e enviei-a eu mesma!
- De certo extraviou-se. Para não faltar ao costume, vim até aqui na esperança de vê-la, e novamente estavas à minha espera.

O homem com quem havia trocado olhares, o segundo Afonso, era o verdadeiro destinatário de tal carta tão sórdida. Seu coração batia em um ritmo deveras acelerado e sua respiração ofegante salientava o medo e arrependimento que sentia naquele momento. Partindo de seu âmago, uma fúria excruciante dilacerava sua pele. Jamais estaria ali, se não por seu mentecapto marido, agora desfalecido em seu leito de morte. Com a fuga traçada detalhadamente em sua mente nefasta, Catarina permitiu-se suprimir tudo ao seu redor e colocar em prática aquilo que friamente havia calculado. De volta à cena do crime, ela se vestiu com suas roupas habituais. Observou novamente o corpo desacordado de Afonso, e como um último adeus, tirou-lhe a aliança e uniu-a à sua, em seu delgado dedo anelar esquerdo.

Com passos contidos, ausentou-se do aposento e pôs-se a descer a grande escadaria central. Acenou furtivamente para uma camareira que se encontrava no *hall* e conduziu-a consigo até à suíte. Pediu à mulher que inspecionasse uma pequena rachadura no canto esquerdo e inferior da parede de seu quarto, alegando um mínimo vazamento de água. Quando a pobre jovem se curvou, Catarina levou a mesma pesada panela de ferro em que aquecera o óleo à mão e atingiu-a na cabeça com toda a força. A *chambellan* caiu desmaiada. Deu-se início real o plano sórdido. Com movimento ágeis e mente focada, retirou, peça por peça, a roupa da senhorita e, após vestir-se com as mesmas, colocou as suas nela. Arrastou-a lentamente para a cama, o corpo inerte causava rangidos altos na noite soturna. Colocado sobre o colchão, descansava inconsciente o suposto casal Guerra.

Um último olhar para sua vida antiga. As mãos coladas no galão do líquido inflamável, o fluido escorrendo e encharcando o colchão e o carpete, derramando-se por todo o recinto como lágrimas que jorram de olhos arrependidos. Um último suspiro como Catarina Guerra. Acendeu o fósforo e o lançou ao chão. Diante das chamas flamejantes, a mulher saiu em passos longos e firmes, desceu a escadaria, atravessou o piso central, e sendo nada além de uma pessoa sem identidade, saiu pela porta de madeira, expondo-se à noite chuvosa de Paris.

Lágrimas De Mariel

Por Mariama Floriano do Vale Ramos

Aqui estou eu, paralisada, em frente a uma decadente propriedade de minha família, incapaz de formular palavras para explicar como consegui voltar neste lugar, apenas observando as diferenças entre estar aqui agora e há um ano, em um dia que deveria ter acontecido o meu tão esperado casamento. O portão de entrada, que agora se encontra enferrujado e sujo, estava rodeado de laços longos que arrastavam o chão, bem próximos do grandioso tapete vermelho que se alastrava do portão até a entrada do casarão de madeira de dois andares onde ocorreria a cerimônia. Meu vestido era, sem dúvidas, o mais belo já confeccionado na região, estava extremamente colado dos seios até a cintura e rodado ao longo das pernas. O tecido só não era mais brilhante que o sorriso existente em meu rosto naquele dia. No enorme quintal em frente à casa, estavam as cadeiras juntas às mesas para os inúmeros amigos e familiares que convidei e, naquele espaço tão grande e feliz, estavam espalhadas, por todos os cantos, pétalas de flores da árvore que plantei com meu melhor amigo na juventude...

- Vamos, Mariany! Venha logo! Quero mostrar para você as minhas técnicas de carpinteiro!
- Acalme-se, Rafael! Estou indo o mais rápido que posso. Além disso, você não sabe nada sobre esse assunto, está apenas querendo aparecer.
- Pois bem, sabichona. É o que veremos!

Passamos um bom tempo ali, analisando o melhor lugar ao redor da casa, capinando, retirando a muda do saquinho, e finalmente plantando-a.

- Sabe, Mariany, as folhas azuis, quase violetas que este ipê dará, me recordam sua extrema delicadeza...
- Obrigada, Rafael. Olhando bem, os ainda pequeninos galhos me lembram o quanto você cresceu, ficando forte e carismático...

Paramos um tempo e nos olhamos perplexos. Eu já não sabia mais o que dizer. Estava ficando vermelha. Será que ele sabia dos meus sentimentos? Será que ele sentia o mesmo? Ou será que queria fazer apenas mais uma das suas brincadeiras? Não havia tempo para raciocinar. Ele estava andando em minha direção. Quando se aproximou do meu corpo, me puxou pela cintura e me deu o primeiro beijo, dado dele para mim, mas também de mim para ele, pois nunca havia me entregado a algo como me entreguei àquele inesquecível beijo. Após o ocorrido, nos afastamos um do outro. Então, para quebrar aquele clima, Rafael gritou:

- Tive uma ideia! Que tal darmos um nome para a muda que acabamos de plantar?
- Como assim? Dar nome a uma planta? Você é mesmo muito imprevisível...
- Sim, e já que para ambos ela nos lembra um ao outro, será uma junção de nossos nomes!
- Como assim? Eu não entendi...
- Por exemplo, daremos ao prefixo, o início do seu ou do meu nome e ao sufixo o final do seu ou do meu nome... Poderia ser... Hum... Mafael ou Rafiany ou...

- Mariel?
- Isso! Mariel! Adorei!

Depois daquele dia, nunca mais fomos os mesmos, nos apaixonamos e nos guardamos um para o outro até o dia do nosso casamento, o dia mais feliz e mais triste da minha vida. De uma hora para outra, as imagens em minha memória das pétalas de ipê coloridas a voar pelas mesas enfeitadas se tornaram folhas secas, os convidados a sorrirem, ficaram desesperados. Lembrei-me que até mesmo o sol que ainda radiava naquele fim de tarde se pôs rapidamente para a tempestade começar, mas o pior de tudo foi recordar Rafael caindo durante a minha entrada, a música parando de tocar lentamente em sintonia com o rolar do corpo do homem da minha vida no chão. Eu ali, vestida de noiva, vendo tudo em câmera lenta, chorava como se o amanhã não viesse, porém veio, sem meu amado Rafael.

Vê-lo no caixão foi horrível. O velório e o sepultamento foram naquela maldita casa, onde cresci com as frequentes visitas dele após os cursos de história que fazíamos. Mesmo que eu morasse em um lugar isolado, ele sempre dava um jeitinho de ir ficar comigo. O motivo da morte? Nunca foi descoberto. Eu sabia apenas da dor que carregava no peito. Ao enterrá-lo, em frente à nossa árvore Mariel, deixei Heitor, meu irmão mais velho, o qual nunca me dei bem, morando na casa. Independentemente de ser a legítima dona, por ter herdado a casa em testamento, ficar naquele lugar não fazia mais sentido para mim. Então, saí dali prometendo nunca mais voltar, porém, aqui estou eu, paralisada...

- Olha quem resolveu dar as caras por aqui. Veio visitar seu querido irmão, não é mesmo? É uma honra recebê-la. Como vai, irmãzinha? Aceita uma taça desse delicioso vinho?
- Olá, Heitor, quanto tempo. Você sabe que eu não estou bem. Hoje faz um ano que Rafael morreu. Por isso resolvi voltar aqui, onde

vivi os últimos momentos com ele. Ficarei apenas essa noite e partirei pela manhã. E você deveria parar de beber, se não pode até...

- Cale-se, Mariany! Você nem devia estar aqui. Esqueceu que agora essa casa é minha? Então, faça o favor de se comportar, ou se não...
- Ou se não o que Heitor? Vai me bater como sempre fazia ao dar seus ataques de nervos?

Antes que a discussão pudesse continuar, fomos interrompidos por um ensurdecedor barulho de trovão. Então, dei as costas para Heitor e deixei minhas coisas no quarto. Ele sempre foi estúpido comigo. Além de nunca ajudar em casa, dava trabalho nos bares da cidade, o que não é mais relevante, pois desde que nossos pais morreram, ele nunca deixou de beber, maltratava os empregados e começou a falar de coisas sem sentidos. Depois do ocorrido, fui em direção à cozinha. Não estava sentindo fome, por outro lado, estava sedenta. Parecia que a chuva daquela tempestade desejava me lavar. Ao abrir a torneira da pia, não saiu sequer uma gota de água. A geladeira estava vazia e nos armários tinha apenas vinho quente. Como eu não queria conversar com Heitor, peguei um copo e fui para fora da casa.

Do lado de fora, nada mais me chamava atenção além da beleza de Mariel. Eu a observei tanto, que quando vi, estava próxima de seu tronco, completamente encharcada. Parecia que ela havia me seduzido. Olhei para baixo e vi a lápide de meu amor. Deitei-me por cima dela, separados por sete palmos de terra, noiva e noivo, vida e morte, saudade e lembrança. O escorrer das lágrimas era incontrollável, então, para interromper a minha dor, peguei meu copo e, antes de sair, o pus em cima da lápide e coletei nele a água que escorria pelas flores. Depois de bebê-la, subi para o quarto e tomei um banho quente.

Ao deitar-me, as lembranças de Rafael tomaram conta de minha cabeça. As risadas, as brincadeiras, tudo que o lembrava foi se juntando

aos poucos com o meu cansaço, e minhas pálpebras foram se fechando. Mas, de repente, comecei a ouvir bem distante o som de algo. Alguém estava tocando o piano de meus falecidos pais. O mais estranho era que eu e Heitor não sabíamos tocar. Foi quando me perguntei: “Quem mais estaria na casa àquela hora da madrugada? ”. Então, desci as escadas rumo à sala. Quando olhei para o piano, minhas pernas estremezaram, meu corpo congelou, meus olhos lacrimejaram e meus batimentos cardíacos aceleraram. Seria um presente divino? Ilusão? Já não importava. Era ele, o único conhecido meu que saberia como tocar um piano, era o amor da minha vida, era Rafael, ali, de pé...

- Tocar essas notas, meu amor, não me permite esquecer o presente que mais desejei em minha vida, ganhar um piano. O interessante foi à história se repetindo quando te avistei vestida de noiva. Estava ansioso para te tocar, pois você era a minha canção favorita!

Novamente me encontrei paralisada. Já não bastava tudo que eu havia recordado até ali? Eu tinha mesmo que ser torturada pelas minhas próprias fantasias? Então, em meio a lágrimas, fechei meus olhos e disse para mim mesma, quase sussurrando: “Você não é real”.

- É realmente complexo de entender, porém, fácil de explicar. Minha alma e eu não quisemos sair deste lugar enquanto não nos despedíssemos de você. Então, fizemos um pacto com aquela árvore que eu e você plantamos ainda adolescentes e demos o nome de Mariel. Você não sabia, mas a terra deixada por seus pais é extremamente misteriosa. Como fui enterrado em frente à Mariel, as raízes dela ficaram em volta do meu caixão. Era como se a sua vida e a vida dela não me deixassem morrer, pois, enquanto ambas tivessem vivas, eu também estaria. Então, a partir do momento que você bebeu as lágrimas de nossa árvore, que passaram pelas pétalas de ipê como chuva, você me reencarnou. E é por isso que estou aqui, vestido com o terno que usei no nosso quase casamento e no

meu sepultamento, devido ao fato de eu estar te esperando desde o dia que fui sepultado.

Eu estava visivelmente sem reação, mas por dentro as informações passavam-se como carros em uma corrida. Eu não acreditava, mesmo vendo-o em minha frente. Então, segurei a aflição dentro do peito e comecei a andar em direção ao piano. Conforme eu andava, ele se levantava e ia parando de tocar. Ao ficarmos finalmente frente a frente, ele me puxou pela cintura, como na primeira vez, mas me beijou como se fosse à última. Em seguida, ele me pegou pelos braços e subiu as escadas. Encarei-o pelo olhar. Já estávamos quase chegando ao quarto, mas eu ainda não conseguia crer. Foi quando ele aproximou a boca de meu ouvido e disse:

- Sua extrema delicadeza me recorda as folhas azuis, quase violetas, que nosso ipê desenvolveu! Eu senti a sua falta, meu amor...
- A força que usa em seus braços para me segurar me lembra os galhos da atual Mariel! Eu também senti sua falta, vida minha...

Sem mais delongas, nos amamos como devíamos ter nos amado na noite do nosso tão sonhado casamento. Eu não queria mais sair dos braços do meu amado, porém a tempestade estava ficando cada vez mais furiosa. A água estava entrando pelas portas e janelas. Quando nos demos conta, o quarto estava todo inundado e a casa estava sendo carregada pela enchente como um barco perdido em um mar. Eu segurei a mão de Rafael com todas as minhas forças, mas não foi o suficiente. Separamo-nos, ele ficou preso em uma parte da Mariel e eu em outra. Então, de longe, ele gritou:

- O pacto se cumpriu. Finalmente nos despedimos. Mariel está destruída e eu partirei junto às suas raízes. Obrigado por tudo, Mariany. Eu te amo e sempre vou te amar, meu amor.

Adeus...

- Não, Rafael, por favor, não! EU TE AMO, RAFAEL! Sempre vou te amar...

Antes que o tronco da árvore, no qual Rafael estava, se aproximasse do redemoinho, ele gritou ainda mais alto que antes:

- MARIANY... Foi o Heitor, Heitor me envenenou. Ele queria as terras de seus pais. Foi o Heitor quem me matou, foi o Heitor. Ele sabia que se nos casássemos ele não descobriria o segredo de Mariel, foi Heitor, Heitor me matou...

Neste momento, pulei de onde eu estava. Assustada, olhei em minha volta. Minhas roupas estavam molhadas e com pétalas de ipês espalhadas por toda parte. Ao observar mais adiante estava o copo, vazio. Então, olhei para lápide e nesse momento caiu uma flor completamente seca. Não estava molhada e nem velha, mas sim, seca, como se estivesse viva, uma flor seca em meio a uma tempestade. Era, sem dúvidas, um sinal de Rafael me dizendo que o que vivi desacordada foi real. Então, levantei-me, fui até cozinha e gritei: “Heitor”.

Naquele momento a minha única arma era a flor que estava em minha mão. Ao vê-la e perceber o ódio em meus olhos, Heitor tentou correr, mas não deu tempo. Peguei uma garrafa de vinho e a quebrei na parede, com os cacos que restaram em minha mão, golpeei-o até me cansar. Já não sentia mais nada além do desejo de matá-lo. Quando acabei, fiz uma cova nos arredores do terreno, onde a terra era mais podre e joguei seu corpo sem o menor arrependimento. Sabia que ninguém visitaria aquela casa. Então, sem remorso algum, fui embora dali, para realmente, nunca mais voltar.

Corte De Espectros

Por Ana Clara Nunes Gomes

Costumava acreditar que espinhos não eram o suficiente. Não podia deixar que fossem, quiçá por um bando de motivos. Fosse o medo, nativo de terra sem dono e promíscua, como aquilo que eu devia chamar de lar. O medo que se sustentava e coexistia pela vida e morte, e tão ansiosamente idealizava o equilíbrio da aura que não podia apagar-se. Não podia. Por aqueles que eu costumava amar e prometi proteger. Precisava proteger do mais terrível que podia atormentar um homem. Da serpente peçonhenta gerada das vísceras de seus medos. O fim, a desistência, o fim. E por muito tempo lutei pela promessa que sequer sabia se poderia cumprir.

De tudo que poderia percorrer meus pesadelos, não era o terror do físico e brutal que me perturbava. Era a agonia do abstrato e incerteza. O eco de silêncio em montes de quietude. À beira e a bordo do vazio que exala desde o início do fim. Tudo aquilo que mal se notava na tênue diferença de início-fim até que, enfim, abocanhasse-lhe a jugular. Desde o incêndio que a tempestade não conseguiu apagar, até as cinzas das lendas que ainda haviam de contar sobre como ninguém percebeu até ser tarde.

Eu já havia tomado alguns comprimidos. Aokigahara era tão quieta quanto tinha ouvido falar. Parecia que mesmo se me esforçasse, sequer meus pés contra os galhos secos fariam barulho. Era impossível um lugar ser tão silencioso como ali. Não havia patas de esquilos marcadas na terra, cantos de pássaros e nem mesmo zumbidos de moscas. Não havia o som do vento e de folhas voando, até mesmo a pressão da massa de ar contra meus ouvidos parecia ter sido deixada para trás.

Andei por tempo suficiente para não conseguir diferenciar o quanto exatamente. Não havia uma trilha ali, e nada belo a ser apreciado. Eram apenas troncos e galhos retorcidos para se esgueirar e desviar. Nada ali era belo ou vivo. Muito menos eu. Sentia como se eu andasse por uma terra extinta. Nem mesmo meus pés deixavam marcas no chão. Eu não era nada ali. Tentava não procurar por nada, estava cansada demais para isso. Não queria ver, não queria achar ninguém como eu e nenhum enfeite de árvore de natal por ali.

Abri minha mochila, e quis rir do fato de carregar uma. O que seria digno de turistas vasculharem num futuro incerto? Do que precisaria para minha aventura de indigente? Bebida barata. Uma garrafa inteira dela. Dei um longo gole direto do gargalo e mais alguns depois desse. Pensei em meu pai alcoólatra, o qual me repreenderia por beber qualquer coisa que não fosse cerveja. Em meu padraço controlador, que decerto desmaiaria por ver-me ingerir direto da garrafa. Pensei em minha pobre e submissa mãe, a qual poderia morrer apenas por ver-me beber. Engoli com o resto dos comprimidos coloridos da cartela. Meu apelo seria discreto e explosivo pelo inevitável.

“Para o Inferno.”

Ao murmurar, tive certa dúvida se a voz era de fato minha, e parei meus cambaleios para dar um olhar mais intrigado do que desconfiado a sua volta. “Engraçado ouvir alguém por aqui mencionar a palavra Inferno.”

A voz masculina vinha por trás de mim, por isso tive dificuldade para girar sobre meus pés e alcançar a voz.

“Provavelmente a coisa mais esperta que um alguém pode fazer é desejar queimar.” Eu respondi com a voz tímida, mas firme, na medida do possível, enquanto minha cabeça parecia girar.

“Não entendo a obsessão que todos têm pelo abismo ser território em chamas.” Demorei um tempo para conseguir processar a imagem. Do borrão parado surgiu, como se iluminado pela misericórdia, um menino. Como em um sonho onde não há a certeza do que se vê, mas por algum motivo eu sabia quem estava ali. E então esqueci. A informação veio e foi-se antes de se formar.

A forma que o Sol brilhava contra sua pele fazia-o parecer a reencarnação do anjo da morte. Eu sentia que já o conhecia, só não fazia diferença. Estava silencioso demais, o som de minha respiração curta e dificultada estava deixando-me louca e agoniada. “Parece assustada. O que de pior poderia acontecer?”

Eu balancei a cabeça vagamente, sem rumo. Não sabia se estava negando alguma pergunta ou apenas não permitindo que minha mente fosse para algum lugar que não desejava. Talvez tenha parecido longe demais, pois o menino chamou-me novamente como se eu estivesse perdida. O chamado fez-me cambalear para trás. Sentia como se estivesse sendo desligada ou com piques de queda de energia. A cada segundo, minha mente se tornava mais embaçada e projetada para longe.

“Permita-me a última caminhada sem rumo, Rosie?”

Eu havia mencionado meu nome a ele? Ou era perda de memória recente em efeito colateral dos remédios? Ficava mais confusa à medida que o tempo passava, e imaginei que o menino também, porque cambaleava ao andar. Mas, ainda assim, tudo entre nós se encaixava. Era como se palavras não fossem necessárias e ele fosse capaz de ler meus pensamentos através de meus olhos. Tocou minha mão e ela era um vazio macio, uma eternidade que jamais soltaria. “E... eu te conheço?” Imaginou que demorara um pouco para completar essa frase, porque o sorriso que nunca acabava do garoto havia aumentado de novo.

“Não acho que isso
importe mais.”

“Você vai...”

“Sim. Eu já estou
pronto. Só esperando.”

Fosse bebida ou remédios, não tinha certeza se ele era quem eu pensava ser, mas resolvi tratá-lo como meu resto de espírito mandava. Ponderei o que havia levado o jovem àquela tormenta de floresta.

Caminhávamos na trilha improvisada. Algumas placas discursavam mensagens otimistas, contudo não fazia mais sentido me dar ao trabalho de lê-las. Ele passava pelos arbustos e arrancava folhas, periodicamente, como se estivesse entediado, ou o fazia por ser sua última chance.

Enquanto encarava o chão amontoado de folhas secas, vi pés descalços e pálidos passarem. Aquilo me fez perceber que, depois de tanto tempo fugindo dela, eu a estava a perseguindo. A decadência.

As náuseas me causavam tontura e meu estômago se revirava.

“Todos com algum senso já aceitaram a morte. São inúmeras as citações de pessoas espertas o suficiente para entenderem que a nossa maior benção é a morte.” Ele continuou seu discurso como uma emergência poética, fosse essa talvez sua forma de fugir do que estava acontecendo.

O vulto então arrastava um longo vestido branco, seus cabelos claros caíam sobre seu rosto e assim continuaram quando a mulher se abaixou para pegar um amontoado de flores amarelas.

“Aceitá-la é diferente de idealizá-la. Esperar que ela seja uma conclusão ou uma escapatória. Muitas coisas nos levam a pensar nisso, sendo

que não é nenhuma das coisas. Acho que amar é a única coisa capaz de preencher completamente nossas veias. E a falta do amor nos leva a almejar o fim. ”

Podia ver o anel prateado que envolvia o dedo da mulher enquanto ela o girava distraidamente.

“Há muito que amo. ” Foi tudo que eu tive força para falar.

A luz que refletia contra seus cabelos, enquanto ela rodopiava como uma criança, a fazia parecer um furacão de chamas.

“Mas como consegue se apaixonar por tudo, e não por ti? ”

A mulher, por fim, virou-se. Meu espelho ofereceu-me um puro sorriso tímido que parecia desejar aquecer meu coração, assim como um dia já descreveram meu próprio sorriso.

A pequena coroa no topo de sua cabeça brilhava como se para lembrar quão especial ela podia tornar alguém. Sem dizer uma palavra, jamais senti tanta felicidade genuína exalada de uma pessoa. Quis abraçá-la, apelar para que nosso grito mútuo pela salvação fosse ouvido e eu me tornasse ela. Mas apenas me virei na direção oposta.

Não encontrei a fuga que procurava. Ao invés, topei com um peso em meio a um amontoado de moscas. Pendurada no topo da árvore, meus olhos abertos e sem vida me encaravam de volta e balbuciavam maldições. Acusavam de tudo aquilo que eu havia lhes tirado a oportunidade de ver. O brilho da corrente que envolvia seu pescoço e subia pela árvore quase me cegava. Corri.

Meus passos eram rápidos, ainda que tropeços, à medida que as árvores pareciam mais apertadas e o ar mais pesado. Sequer a minha visão comprometida pela pressão baixa era capaz de me impedir. Não naquele momento.

Foi quando dei as costas ao menino que o mundo pareceu se partir.

Eu ouvia sinos que estalavam tão profundamente em meus ouvidos que me curvei e gritei. Minhas mãos tapavam inutilmente minhas orelhas enquanto me sentia cada vez mais sufocada e o desespero tomava conta. O garoto então estava do meu lado, e o vi tocar gentilmente meu braço e chamar minha atenção para ele.

“Os sinos! Os sinos!” Eu gritava com meus infinitos suspiros de tormenta e meus últimos resquícios de vida.

Senti sua mágoa quando o empurrei para longe, minhas unhas arranhando seus braços enquanto gritava. O medo e a angústia me deixavam impotente o suficiente para me jogar na terra e chorar, esperando gritar até que minha garganta não fosse mais capaz de fazê-lo.

“Rosie...” __chamou-me sutilmente para não me assustar__, mas eu já estava desesperada demais para perceber, então minha voz estridente ficou mais alta conforme minhas batidas se tornavam mais e mais palpitantes. “Rosie, não há nada.”

E não havia. Pelo menos não mais. Ele tomou minha mão e se sentou, sugerindo ou mandando que eu fizesse o mesmo. Sobre as folhas, ao seu lado, eu não via muita coisa. Toda a floresta era um borrão, tudo que ainda via era aquele menino, minha última âncora à realidade. Focando em seu rosto, percebi que ele usava uma coroa como a da outra mulher, e não havia mais energia para perguntar o porquê.

Enfim deitados contra a grama que eu mal diferenciava o tom, tomei sua mão. Antes de fechar os olhos, me disse com a voz baixa e lúdica que não havia diferenciado desde o breve momento anterior que o conheceria.

“Sabe que um dia será a nossa vez, não sabe?” Senti meus pensamentos se encaixarem como um quebra-cabeça em meio a uma tempestade. Como se finalmente tivesse chegado o esclarecimento que por toda vida procuramos, o farol que precisa para continuar o caminho. Ainda que fosse o farol que me levasse direto ao fim.

“Eu sabia...” – Eu disse enquanto tentava levar ar de volta aos meus pulmões—. “Eu sabia que te conhecia de algum lugar. Uma pena que seja tarde demais para nós dois. ”

Não tinha certeza do quanto eu tinha falado em voz alta e quanto havia apenas projetado a ideia de dizer aquelas coisas antes de me perder por completo. Quando fechei os olhos, meu companheiro já tinha ido, imaginei. Meu corpo se chacoalhava em tosses por meu cérebro parar de enviar informações aos pulmões com a depressão do centro neuronal respiratório, causada pela heroína. Enquanto meu coração parava de bater, minha mente ecoava o rosto pacífico ao meu lado, como se pudesse sentir as últimas vibrações de vida indo embora, entrelaçando-se com as minhas e partindo. Quase pensei em rezar para que o pós-fim fosse juntos, mas decidi que havia sido suficiente. Finalmente eu teria a minha condenação por querer fazer e arder. Nossas mãos estavam juntas até o fim.

Quando os patrulheiros chegaram, após meses, eu, Rosie Foster, estava sozinha, de mãos dadas ao nada. Fossem alucinações dadas pela overdose de remédios e a mistura de bebidas e drogas ou uma companhia de alívio para mim, o último presente de uma mente conturbada, o único momento que não me senti completamente sozinha em muito tempo, foi o momento de minha morte, ainda que estivesse quebrada o suficiente para não perceber que conseguia amar alguém idêntico a mim, outra versão de mim, mas não a mim mesma.

Estava sozinha, de mãos dadas ao nada.

Até Que Ponto?

Por Gyordana Mohn Menegatti

Era realmente necessário esse escândalo as 05:00 da manhã? Ter que viver no pensionato La Luna da Senhora Tereza e Cristina era conviver com os constantes gritos e portas batendo em horários inconvenientes, mas era tudo que eu podia pagar, então “respira e não perde a cabeça” era a frase que eu mais repetia mentalmente.

Me levantei sem ânimo, agarrei o celular e desliguei os alarmes programados para as 06:00 e 06:30, seguindo para o pequeno banheiro de azulejos brancos e azuis para lavar o rosto e escovar os dentes. Me observava no espelho enquanto penteava o cabelo e via como eu havia mudado desde o meu primeiro dia nesse lugar. Agora após quatro anos de uma rotina intensa entre faculdade e cursos de línguas, além dos bicos como professora de inglês, eu finalmente estava me formando.

Ao passo que eu queria ter meu lar, também sentiria falta da senhora Tereza dos cabelos ruivos gritando “a água é doce mas não é sonho pra você dormir no banho” sempre que alguém demorava no chuveiro.

Já vestida com uma calça jeans clara, uma blusa branca com um dos quadros de Van Gogh estampado ao centro, calcei meu mocassim preto junto das minhas meias brancas cobertas de pequenas bananas, juntei o carregador branco, fone, chaves, boina e coloquei na mochila de mesmo tom das bananas, fazendo um *check list* mental.

Após atravessar a recepção fui à cozinha e observei o caos se instalar em meio a uma discussão entre a senhora Tereza e Cristina, a irmã

dela. As duas disputavam pela razão sobre quantos ovos deviam ser colocados na massa de algum bolo. Já acostumada com o tumulto peguei um iogurte de mamão na geladeira e um pacote de bolachas e joguei o último na mochila.

- São dois por receita, Tereza.

Comentei abrindo o lacre da bebida:

- Vocês discutem sobre isso todas as segundas, nas terças é sobre quantas cenouras vão no bolo, na quarta sobre quanto de leite vai na torta e assim por diante, até repetir o ciclo - disse rindo depois de um gole.
- A “sabe tudo” tem razão, como vamos lidar depois que você for embora? – perguntou Cristina de forma gentil, prendendo os cabelos negros e dando destaque aos olhos gatunos comumente asiáticos. As duas irmãs eram filhas adotivas de um casal espanhol que abriu o pensionato há muitos anos e depois de terem falecido elas continuaram com o negócio, e eu devia muito a elas por isso, já que esse era meu lar havia tanto tempo.
- Eu anoto as receitas pra vocês, mas eu sei que mesmo anotando sempre vai ter alguma coisa para ser a discórdia entre dona Tereza e dona Cristina, não é mesmo? – perguntei em tom de brincadeira mesmo sabendo que era verdade.
- Isso é verdade, mas se tudo fosse perfeito seria muito chato – comentou Tereza rindo e colocando dois ovos na massa.
- Você não quer ficar mesmo? Não tem como te convencer? Você pode trabalhar em embaixadas aqui, pra quê ir pra longe? Eu devia ter te conhecido antes, fazer como o Fernando e a Ângela, – falou

Cristina chorosa se referindo aos pais delas.

Cris já tinha dito que queria ter me adotado como eles fizeram com ela e Tereza, talvez assim impedindo que eu passasse a infância inteira em um orfanato no interior de São Paulo. Com o auxílio de uma bolsa estudantil tive a oportunidade de me mudar para a Espanha e conhecê-las.

- Você sabe que não, eu tenho que fazer isso por mim, é minha missão, mas quando eu voltar prometo vir passar uns anos em Barcelona com vocês, como uma família – respondi dando um beijo na testa da coreana e seguindo para fazer o mesmo com a ruiva.

Sai caminhando entre as ladeiras e casas coloridas cheias de flores nas calçadas e sacadas, o típico estilo espanhol com o qual eu já me havia acostumado.

Era a última semana de aulas, eu defenderia meu TCC na quarta e enfim estaria formada em Direito Internacional com foco nos casos envolvendo refugiados e crimes internacionais. O clima estava relativamente bom, alguns rostos familiares me cumprimentavam, e eu os devolvia um sorriso.

Saindo de um dos becos vi um pequeno garoto com roupas sujas e com sangue em suas mãos. Nesse instante, mesmo sem conhecê-lo me aproximei, o sangue não era dele, visivelmente estrangeiro, com características árabes, se formava em minha cabeça a hipótese de que ele fosse um refugiado.

Hey, garotinho, fala minha língua?

Perguntei, em português; sem resposta. O garoto aflito tremia e seus arregalados olhos demonstravam pânico. Repeti a pergunta em espa-

nhol e em inglês e não houve resposta, sequer um som saiu de sua boca. Tentei me lembrar das poucas aulas de árabe que tive, já que minha especialidade era casos com refugiados eu deveria ter aptidão na língua árabe – língua essa falada pela maioria dos refugiados que chegam à Europa. Com dificuldade fiz a pergunta pela quarta vez, na quarta língua e enfim o garoto me olhou nos olhos e concordou.

– De quem é isso?

Perguntei apontando para o sangue em suas mãos, novamente me embaralhando no idioma pouco conhecido, a tática era usar as palavras que decorei e misturá-las com mímica. O garoto pronunciou baixinho algo e me puxou entre os becos e vielas; ele com certeza tinha menos que dez anos. Há poucos metros de onde estávamos entre um vaso de flores e uma parede azul, no meio de uma poça de sangue estava uma mulher, aparentemente grávida, completamente machucada com roupas esfarapadas. Em meio a alguns espasmos respirava, quase se afogando com o próprio sangue e lágrimas, à beira da morte.

Milhares de perguntas surgiram em minha mente e enquanto procurava o foco do sangramento tentava respondê-las de modo automático, coisa que não estava funcionando. Assim que pressionei seu baixo ventre, local onde o sangue saía aos montes devido ao que presumi ser uma facada, puxei meu celular com a mão direita, de forma desajeita digitei o número do pronto socorro, velozmente falei as informações necessárias. A mulher com uma expressão formada pela mistura entre tristeza, dor e esperança encarava meus olhos e se forçava a formar palavras que não saíam de sua garganta devido a dor.

– Você vai sair dessa –falei como consolo.

Nesse momento já não importava a língua em que eu falava, as emoções em nossos olhos eram táteis. Ouvi as sirenes e gritei a plenos

pulmões, para que do beco principal onde se encontrava a ambulância pudessem saber em qual viela nos encontrar. Assim que os paramédicos se fizeram presentes em meu campo de visão com a maca em mãos, a minha mente teve forças para divagar sobre os acontecimentos e o que possivelmente viria pela frente. A teoria de serem refugiados era válida, possivelmente tivessem vindo da Líbia e tivessem sido atacados no fim da madrugada e início da manhã, devido ao asfalto não ter absorvido o sangue. O meu lado profissional foi ativado e eu tentava roteirizar os acontecimentos para entender melhor a situação, neste caos sequer percebi o momento em que adentrei a ambulância.

No hospital a mulher foi levada às pressas para a sala de cirurgia, o pequeno garoto ficou ao meu lado e me esforcei a tentar distraí-lo, mostrei alguns dos meus desenhos, e nesse momento, percebi que iria perder as aulas da manhã e possivelmente as da tarde também, mas não importava. Com o tempo a polícia veio, o garoto foi levado pelo serviço social, foram feitos exames nele, e uma enxurrada de perguntas veio em minha direção como um *tsunami*, horas e horas depois um médico com aparência abatida veio ao meu encontro com notícias.

– Olá, senhorita...?

Cumprimentou-me e formou uma pergunta indireta sobre meu nome.

– Laila. Como está a moça?

O médico, pouco mais alto que eu, fez sinal para que voltasse a me sentar, pensamentos ruins inebriaram minha mente. Ele se sentou ao meu lado e deu um simples sorriso:

– Ela se saiu bem na cirurgia, temos que aguardar para ver como será a próxima noite; o bebê também está bem.

Os dias seguiram turbulentos, fiz minha apresentação na quarta como programado, porém logo depois saí correndo para entrar no horário de visita e poder ver a moça que descobri se chamar Aiyra e seu filho mais velho Ali. As investigações estavam mobilizando toda a polícia de Barcelona. Aquele havia sido o quinto ataque xenofóbico em um mês, o estado era crítico. O retrato falado feito pelas vítimas sobreviventes, incluindo Aiyra, eram muitíssimo parecidos, fazendo com que as autoridades se preocupassem com a possibilidade de ser um *serial killer*.

Dias se tornaram semanas, Tereza e Cristina também visitaram o hospital e ajudaram a cuidar de Aiyra e Ali. Quando recebeu alta foi recebida no pensionato La Luna de braços abertos por todas as estudantes que ali moravam. As investigações avançaram e os suspeitos eram poucos, ao ponto de terem provas suficientes para mandados de busca e apreensão nas casas de dois dos principais suspeitos.

Enfim o telefone do pensionato tocou, era o delegado informando que o criminoso havia sido preso, poderíamos dormir em paz; a primeira audiência logo seria marcada, porém ele estava atrás das grades. Com um sorriso no rosto a notícia foi recebida. Aproveitei para buscar alguns documentos na faculdade e reencontrar alguns amigos.

Como um furacão uma garota de cabelos longos e azuis veio em minha direção, me envolvendo em um apertado abraço.

– Não tem nem um mês que nos vimos, me ama tanto assim?

Perguntei rindo da carência de Maria, uma das amigas mais íntimas que já tive.

– Não se finja, você ama meus abraços, – falou ela de forma risonha.

- Novidades? , perguntei colocando meus documentos de término do curso na mochila ao meu lado e observando o campus onde vivi quatro anos da minha vida.
- Não muitas, você ficou sabendo do Robert? Era quem cuidava da impressora na biblioteca, está preso, parece que ele era o *serial killer* xenófobo.

Não me espantei, durante as investigações o nome dele estava na lista de suspeitos, além do retrato falado ter logo inicialmente me causado uma sensação de ser um rosto conhecido, e realmente era.

A vida iria seguir, eu continuaria a andar por aquelas vielas antes manchadas de sangue, ouvindo as mesmas músicas que ouvi naquele dia, bebendo o mesmo iogurte que bebi naquele dia. Porém diferente daquela conturbada manhã havia uma nova pergunta em minha mente, que possivelmente nunca iria ter uma resposta:

- Até que ponto vai a crueldade humana?

Perguntei mais para o meu eu do que para Maria. Ela soltou um suspiro e eu olhei em seus olhos, logo suspirando também.

As Duas Faces Da Mesma Moeda

Por Maria da Graça Marques Andrade

Estava frio. Frio a ponto de fazer os ossos doerem. Aquela havia sido a semana mais chuvosa do ano, pelo menos foi o que me pareceu. A chuva caía pesada me encharcando por completo e fazendo com que as roupas ficassem grudadas no corpo de um jeito incômodo. É tão irônico que ri com escárnio por um segundo, sempre num dia chuvoso. Sempre que havia um funeral a chuva caía, como uma forma de consolo talvez, como se os céus se derramassem lamentando a perda. E passando sob um antigo carvalho, senti-me tão velha quanto ele. Alguns dizem que essa árvore é tão antiga quanto o território da cidade, e que foi a única que teria restado da grande floresta que havia ali antigamente. Outras pessoas ainda dizem que quando era habitado por indígenas, teria sido plantada em memória à filha de um chefe, que ainda criança se afogou no rio.

Mas que merda! Nada teria acontecido se eu tivesse me metido no meio mais cedo. Se a tivesse ajudado a perceber o quão ruim ele era para ela, todo o tempo em que estavam juntos. Mas Helena, minha mãe, estava completamente iludida pelo porte atlético e o sorriso perfeito daquele idiota.

Tudo havia começado numa terça-feira. O dia estava ensolarado, então decidimos sair um pouco juntas. Um dia das mulheres, como costumava chamar. Sempre a enxerguei como uma pessoa maravilhosa e dedicada, mas minha mãe possuía o tipo de beleza que se destacava mesmo com a idade.

Encontramos no caminho tia Tessa, a irmã mais nova de minha mãe. Elas eram completamente opostas. Minha mãe andava sempre elegante e séria, enquanto tia Tessa podia até ter seus 28 anos de idade, mas sempre agia como uma adolescente rebelde. Seus cabelos eram de um rosa escandaloso e com o corte curto arrepiado, o que a fazia parecer ainda mais selvagem. Distraídas, seguimos o caminho direto a uma sorveteria. A rua estava muito movimentada por ser feriado. Enquanto caminhávamos pela calçada conversando, viramos em uma esquina, e de repente nos deparamos com mais ou menos uns oito ciclistas que vinham diretamente em nossa direção, então senti alguém nos puxando rapidamente antes da colisão.

Nosso salvador era um cara alto, com os cabelos meio grisalhos e olhos incrivelmente azuis.

- Hmm, olá! - Murmurou Helena sorrindo.
- Olá! - disse o cara – Eu sou Diego - e sorriu docemente.

Depois desse episódio, ele chamou Helena para sair. Ele era quase da mesma idade de minha mãe e se entenderam quase instantaneamente, não se desgrudando desde então. Descobrimos que ele era um policial viúvo e sem filhos, que havia sido recentemente nomeado subtenente. Não a via tão feliz assim há muitos anos, desde que havíamos perdido meu pai.

Ele parecia ser perfeito, sem defeito algum e a fazia feliz, era o que importava. Até que em certo momento percebi que ele a manipulava, em pequenas coisas e discretamente, mas a manipulava. Na cor do batom que era escura demais, no jeito de se vestir ou até em que lugares ela deveria frequentar ou não. Ele cada vez mais a fazia sentir-se inferior, e aquilo se intensificou até se tornar evidente. Na frente das outras pessoas ele era sempre doce e nem sequer subia o tom da voz, mas quando discordavam

entre si ele gritava com ela e batia em mesas, portas ou qualquer coisa que estivesse à sua frente.

Até que, certo dia, percebi que havia vergões e manchas roxas em seus braços, e quando a questionei disse que só esbarrou em alguma coisa, e que ser estabanaada não era uma novidade. Mas depois de insistir, ela cedeu e contou chorando que eles haviam discutido e num momento de raiva ele a machucou. Mas então se arrependeu imediatamente, e a prometeu de joelhos que nunca mais se repetiria. Quando questionei o motivo da tal discussão, por alguns segundos ela só abaixou a cabeça como se estivesse envergonhada, disse que estava conversando e rindo com meu professor de piano quando ele apareceu para buscá-la e os viu juntos.

O comportamento violento dele foi aumentando com o passar do tempo e eu sempre a aconselhava a deixar aquele policial idiota, pois ela merecia mais que isso. Mas ela sempre dizia acreditar que ele melhoraria, e que tudo ficaria bem. Até que um dia foi a gota d'água. Diego aprontou uma cena no meio do churrasco da família, depois de repreendê-la sobre o decote exagerado. Ele gritava dizendo que ela só queria chamar atenção e que ela deveria trocar imediatamente de roupa, pois estava envergonhando-o. Depois disso eles terminaram em definitivo, pelo menos foi o que minha mãe pensou. Ele a perseguiu por semanas com mensagens insistentes e pedindo desculpas, até que aparentemente havia desistido.

Enquanto cantarolava, eu enchia um vaso com água para guardar as flores que havia comprado mais cedo. Então, ouviu-se um carro parando bruscamente em frente à nossa casa. O cheiro forte de álcool veio antes do estrondo, a porta abruptamente se abriu. Com um susto, acabei derrubando o jarro de vidro espalhando água e cacos pelo chão. Então lá estava ele, com uma cara tão furiosa e torcida, que não sei se um dia

conseguiria voltar ao normal. Ainda raivoso, parou seu olhar nas flores, e eu jurei ver chamas em seus olhos.

- Você, sua mentirosa estúpida! - bradou cuspidno no chão – eu sempre soube que não podia confiar em você.

E com mais coragem do que achei que tinha, dei um passo à frente tentando protegê-la.

- Ei! Seu bêbado imprestável - bradei – é melhor ir embora - disse eu com a voz trêmula e continuando – ela não quer mais te ver, não entendeu ainda?

Os olhos que, misturados com a bebida já estavam tomados pela raiva, me encararam pelo que pareceu uma eternidade.

- Sua peste - rosnou ele – isso é tudo sua culpa!

Então, meu breve momento de coragem havia passado, ele deu um passo à frente e eu dois para trás.

- Não encoste um dedo na minha filha - bradou Helena se pondo a minha frente.
- Eu sei, eu sei de tudo – disse, puxando os próprios cabelos tão forte que não sei dizer como não os arrancou – você estava me traindo, de conversinha com aquele professor.
- Nós já conversamos sobre isso, Diego - falou lentamente, como se tentasse acalmar um animal – não estamos mais juntos e eu não te traí com ninguém, era só coisa da sua cabeça.
- Não! – gritou ele - eu não sou louco, você é quem mentiu sobre tudo, que agiu pelas minhas costas sua, sua...

- Vá embora agora - disse veemente - você tem de ir agora mesmo.
- De jeito nenhum! - bradou - você ainda me ama tanto quanto eu te amo, não pode terminar tudo assim.

Ele andou de um lado para o outro rosnando e balançando a cabeça, como se estivesse confuso e não conseguisse pensar. Mas então parou. E mais rápido do que pude captar, apontava uma arma diretamente para a cabeça de minha mãe. Meu corpo todo gelou e eu tinha plena certeza de que ele atiraria. E essa cena permaneceu assim por alguns eternos segundos, até que desconhecendo a mim mesma peguei o atizador da lareira o golpeando-o na mão, fiz com que a arma caísse no chão. Empurrando-me para longe, ele me tomou o atizador e o levantou preparado para me acertar. Mas minha mãe novamente se colocou entre nós e o afastou. Meus olhos se encontraram com os dela, com uma mistura de desespero e gratidão. Até que enraivecido ele se virou para ela, e como se fosse em câmera lenta, o assisti golpeá-la direto no crânio. Ela caiu no chão com um baque surdo, e com sangue se espalhando pelo chão, não se moveu mais.

Minha cabeça girava, e eu escutava tudo como se estivesse debaixo d'água tentando processar o que acontecera. Mas então avistei a arma não muito longe de onde eu estava, arrastei-me por entre os cacos e me levantei mirando diretamente para ele. Mas ele veio tão rapidamente que não houve tempo para pensar, então simplesmente atirei. A arma ricocheteou na mesma hora em que perdi o equilíbrio escorregando no chão encharcado, batendo a cabeça com toda força. E assim tudo escureceu, e me perdi em meio a flashes de imagens.

- Mas ela não vai morrer, vai? - disse uma voz exasperada – Não minta para mim, seu idiota de jaleco!
- Por favor, se acalme, senhora - disse calmamente – não é tão grave, não há motivos para preocupação.

- Olha só, senhor engomadinho, se qualquer coisa...
- Tia Tessa? - eu disse com uma voz rouca – O que, o que aconteceu?

Abri os olhos lentamente, e ainda meio grogue me sentei no que parecia ser uma cama de hospital. E então, os acontecimentos da noite anterior voltaram como um soco direto no estômago. Minha mãe, eu a havia perdido. Não consegui ser forte o suficiente para salvá-la.

Lágrimas quentes escorriam pelo meu rosto, enquanto meu coração doía.

- A minha mãe ela, ela... - minha voz tremia.
- Se acalme querida. - disse docemente – Vai ficar tudo bem, estamos juntas agora, ok? Vamos passar por isso.
- Mas espera, o Diego, meu Deus! Eu, eu fiz...
- Ele ainda está vivo - disse enrugando o nariz, e não consegui evitar suspirar – mas depois de ganhar alta não vai nos incomodar tão cedo da prisão.

Olhando-a melhor agora, parecia totalmente oposta ao seu normal. Os olhos que normalmente brilhavam de excitação, pareciam exaustos e tristes e seu cabelo rosa estava mais arrepiado do que o habitual.

- Você está bem? - disse me aproximando meio dolorida – Vem deitar do meu lado, não estou tão gorda ao ponto de não nos caber nessa cama desconfortável de hospital.

E assim permanecemos sem dizer nem mesmo uma palavra, até que o médico chegasse para então me liberar. Dois dias se passaram, en-

tão aconteceu o velório seguido do enterro de minha mãe. Não havia mais lágrimas a serem derramadas. Após uma noite mal dormida, em prantos, tentando me convencer de que era um engano, de que se eu abrisse a porta ela estaria lá me esperando. Até que a ficha caiu de uma vez. Minha mãe, eu a perdi. Agora ela era só um pedacinho da minha vida que estava faltando, que estava vazio. E tudo por culpa de um psicótico ciumento, que naquele mesmo momento estava sendo levado para trás das grades. Por menos tempo do que deveria, pois assim que ele saísse, e eu sabia que iria sair de lá, ele viria atrás de mim. E eu sabia que não estaria indefesa, não poderia ter o luxo de estar. Havia me certificado disso naquela manhã.

- Só aceito dinheiro vivo – disse ele.
- Eu sei disso - falei entregando lhe uma sacola.
- Aqui está - disse o ruivo entregando-me um pacote, e discretamente saiu com passos rápidos.

Olhei mais uma vez para o velho carvalho. Naquele momento, me sentia como aquela árvore, cujo tronco é forte e as raízes são profundas. Velha, mas não frágil. Sempre me considerei ser alguém madura, mesmo com tão pouca idade. Mas agora entendo, entendo que não importa o que aconteça você nunca está no total controle da sua vida, não importa o quanto tente. E este é exatamente o cerne da questão, não há como saber ou ter certeza sobre o que acontece depois do fim. O ponto final da vida. Sem recomeços ou segundas chances. A vida acaba e tudo o que podemos fazer é esperar para que almas boas como a dela possam partir em paz. Uma resposta simples para uma pergunta simples: é só deixar ir. Mas é tão fácil dizer, na realidade é bem mais complexo que isso. E verificando se a arma estava devidamente guardada, prossegui o caminho, em silêncio absoluto direto para o cemitério.

No Aconchego De Minha Casa

Por Anthony de Melo Queiroz

Certa manhã, o dia despontou de maneira tímida e pálida em meio a uma floresta de coníferas com algumas montanhas e um grande tapete branco encobria o chão.

Em uma casa na base de uma montanha vivia uma família, cuja mãe aparentemente viúva, cuidava dos filhos. Um garoto mais velho entre alguns irmãos com seu casaco felpudo e suas grandes e desajeitadas botas, úteis a aquele ambiente hostil, saiu à procura de lenha para a lareira e para que sua mãe pudesse cozinhar. Sua mãe não estava em condições de executar a tarefa. Seu pai, valente caçador, havia ensinado boas coisas ao garoto até a sua partida, a uma caçada a ursos pardos, e embora houvesse passado alguns anos e ele nunca havia retornado.

O vento frio desanimava amargamente o menino queimando sua face, juntamente a fadiga, pois adorava o aconchego, o calor de sua casa e a presença de sua família. Além disso, não gostava das atividades que envolvia estar fora de casa, pois fora dela, estaria desprotegido e exposto ao que mais temia, os ursos, por tanto tinha medo de buscar a lenha. Assim, tentou disfarçar seu medo. A porta fechou-se por trás dele e do carrinho que utilizava sendo que a neve se atrevia a afundar seus pés de maneira que dificilmente era possível andava depressa. Pegou na gelada alça do carrinho no qual levava apenas um pequeno machado e uma corda, já com as pontas dos dedos geladas e doloridas.

Por um momento tentava não esquecer do rosto de seu pai enquanto que, distante e em seus pensamentos, olhando para todos os lados

e ofegante, coletava alguns gravetos e galhos caídos na neve, circundando lentamente pela floresta, pegando um caminho diferente, pelo qual nunca tinha ido até então nas redondezas de sua casa. Achou uma árvore menor, seca, grisalha, sem folhas e sem cor. Alimentou a sua tímida alegria, tirando o pequeno machado e golpeado a árvore com cuidado para não estragar o casaco que ganhara de presente do seu pai. As batidas feriam lentamente o tronco da árvore.

Passando-se bastante tempo, estava a terminar o serviço. Seus ombros já cansados não aguentavam mais todo o esforço, a saudade do pai apertando-lhe o peito, juntamente com uma dose de adrenalina. Olhava repetidamente ao seu redor, para verificar se estava seguro, foi quando resolveu dar uma pausa para um descanso.

Minutos depois voltou a golpear a franzina árvore, notando uma sombra, que depressa passou para outro lado. Vieram à tona todas as lembranças que tinha de seu pai e toda a história que envolvia os Ursos Pardos. Pensou: – O que meu pai faria numa hora dessas? Tentou lembrar-se de tudo o que seu pai lhe ensinara. Com as pernas congeladas e imóveis, suou frio, segurou o machado com toda força, tomou coragem e foi verificar o que era. Seus pés estavam dormentes, a neve encobriria grande parte da sua bota. Contudo, seus passos eram lentos, ele mesmo ouvia sua respiração, receosa; em seu coração, uma constante e forte pulsação.

Chegou próximo ao barranco onde teria visto brevemente o vulto. Esgueirou-se com cuidado, avistando um coelhinho, que saiu correndo. Logo mais, de susto, o rapaz caiu para trás, sentado. Ufa! Com alívio, voltou para concluir o serviço. Dando mais alguns golpes a arvorezinha caiu, deu uma pancada no chão. Então ajeitou e amarrou o tronco no carrinho com a corda. Pronto! Tinha finalizado. Estava na grande expectativa de chegar logo em casa. Ficou contente, sendo que aquela tímida esperança estava transformando-se em orgulho por tal realização.

Seguindo as pegadas em função do caminho diferente que tomou, e em tal trilha, que antes não conhecia, começou a nevar, uma neve suave que, porém, lhe atrapalhava um pouco a visão. Continuou andando e colhendo alguns gravetos que via em seu caminho. Quando se deu conta, estava perdido. A neve atreveu-se a apagar as pegadas que tinha feito enquanto ia em busca da lenha. Com ar de desespero, novamente pensou: – O que meu pai faria? Então seguiu seus instintos, seguindo numa trilha que achava ser a correta, lembrando-se de seu pai, e andando com cuidado olhando para todos os lados possíveis, novamente ofegante e puxando um carrinho com a lenha. Já estava anoitecendo e nada de encontrar o seu lar. Estava completamente perdido.

Mais um pouco, sentou em cima da madeira no carrinho para pensar, quando ouviu algo rosnando atrás de si, assustou-se, sentiu um frio na barriga, coração acelerado, ofegante, cansado. Estava com tanto medo que a única reação que teve foi chegar vagorosamente para trás à medida que a grande fera também se aproximava. De repente ele correu, gritando, fugindo, tropeçando em uma pedra e caindo. Com o urso em sua cola, só pensava em correr, até que, sem outra saída, rolou barranco abaixo, parando no final dele.

A fera peluda queria continuar a sua perseguição, porém era incapaz de descer o barranco de tal forma que alcançasse o rapaz, ficou olhando lá de cima o garoto que estava lá embaixo, enquanto ele seguia em frente, fugindo. Já cansado da fuga, avistou umas luzes. Percebeu que era a fachada de sua casa, e que na frente dela estava acontecendo alguma movimentação, contudo não conseguia descrever o que era. Sentiu grande alegria em tê-la encontrado. Pensou: – Será que era sua família a sua procura? Andou o mais rápido que podia, conseguindo ver o que era. Era o urso, que espreitava sua casa. Esperou bastante tempo até que o urso adormecesse. A altas horas da noite ele decidiu que passaria de fininho pelo urso que estava bem próximo a porta de entrada. Andando vagorosamente, não conseguia ver totalmente o chão, apenas a porta da casa e sua

mãe acenando a ele pela janela sem fazer barulho com o filho caçula nos braços, ela estava feliz em vê-lo; foi quando o garotinho, nos braços da mãe gritou de alegria ao ver o irmão, acordando o urso, ao mesmo tempo que a mãe tentava fazer que o menininho não fizesse barulho.

Tentou correr, porém já era tarde, o urso já tinha avistado aquele suculento e apetitoso corpinho franzino. O animal peludo, derrubou o garoto, e soltou um grande rugido na cara dele, babando. Sua mãe com o caçula nos braços via da janela o que estava acontecendo e estava desesperada; queria fazer algo, porém sabia do risco. Com grande pavor e gritos, tentava sair dali debaixo, até que o urso caiu para o lado pousando levemente sobre a neve. –Teria adormecido? Ele se perguntava o que seria. Seria uma flecha vinda de algum lado? Mas pelo medo, nada conseguia pensar. Quando ele levantou, avistou um homem, não o reconheceu.

Você está bem? – perguntou o desconhecido com uma simpática voz.

Si...sim – respondeu ele desnorreado.

Sua mãe saiu de dentro de casa, acompanhada dos outros filhos andando depressa, com alegria, trazendo consigo um lampião. Com um grande abraço perguntou se ele estava bem, beijou-o. Ela foi agradecer o homem, e quando conseguiu iluminar a cena, notou um rosto familiar, vendo que o filho mais velho dela dava um grande abraço no homem, chamando-o de pai. Todos estavam muito contentes com sua volta, dando um caloroso e apertado abraço coletivo. Saíram do frio, e entraram em sua aconchegante casa.

O Preço Da Insignificância

Por Guilherme Da Silva Graf Odi

O silêncio tapava meus ouvidos a cada respiração, a terrível claridade da neve soava como escuridão, a temperatura tratava meus nervos como uma dose de odor, e a terrível solidão eliminava qualquer nível de importância da humanidade nessa complexa natureza autônoma e sem fim.

– Deus, o que estou fazendo aqui? “

Com o vento gelado que escapava para dentro do dormitório, entre as frestas das janelas fechadas, minhas mãos permaneciam trêmulas, enquanto eu vestia meu coturno de couro, como todos os outros soldados sentados em suas beliches e no chão frio do nosso Airway alemão, cedido para a missão do exército nazista, infelizmente, contra os vermelhos. Não era um pensamento agradável, pois não estávamos mais no domínio da guerra, e muito menos, enfrentando outra Polônia como em 1939. Respirei fundo, enquanto abria meu colar de identificação e contemplava o belo rosto de minha esposa, Safira Hartmann, e de meus pais, infelizes pela minha ida ao exército do comandante Heinrich Himmler, pois eram muito apegados à religião judaica, e de fato, ainda carregavam em si um certo rancor, pelo genocídio que o “grande” Adolf Hitler e seu sistema político causou. Fechei meu colar, quis prometer a mim mesmo que 1941 não seria meu último ano de vida, mas palavras não saíam da minha boca muito menos da minha mente.

– Atenção, Cabo Harttman, ordem para a saída, mais 5 minutos de descanso!

Gritava desgastada a voz do jovem tenente Joseph, em quem se via nos olhos, um certo pavor pelo o que viria nos próximos dias. O pelotão fixava sua visão em minha direção, como uma forma de sinalizar um “eu sinto muito”, ou um certo “força companheiro”. Já se passara um minuto dos cinco de descanso disponíveis para mim, então tive tempo o suficiente para apreciar meu capacete de guerra, feito de couro, que cobriam minhas orelhas, e tornava os fliegers alemães os famosos “orelhas de golden retriever”. Ao subir as estreitas escadas de ferro do navio Airway, minha mente perdera o dom da imaginação, e meu momento de silêncio se resumia em arrependimento e um desejo esmagador de nunca mais retornar a um campo de guerra, mas havia principalmente a gigantesca vontade de encontrar uma expressão sorridente naquele ambiente sombrio no qual eu estava que, mesmo que indiretamente, sinalizaria um resquício de esperança em meio ao que não se podia ver um futuro útil, de que tudo ficaria bem novamente. Ao chegar no fim da escada, passei a mão, vestida com luvas de couro sintético um pouco desgastado, na janelinha redonda que fora ofuscada pelo gelo acumulado devido ao vento frio que batia na portinha de ferro. Ao olhar aquele oceano que transparecia vida em seus movimentos, e ao mesmo tempo, um lugar sem expectativa de vida alguma, imagens me traziam uma impressão de que eu não sairia daquela imensidão nunca mais na nessa vida. Abri a porta, e passei a correr em direção ao meu Siebel FH 104, com meu rosto sofrendo o impacto de pequenas gotas de chuva junto com granizos, que provocavam o fechar dos meus olhos, a ponto de eu só enxergar o vulto do chão.

- Cabo Harttman, o Lobo sofreu pequenos impactos na hélice, e uns arranhões na parte frontal, mas já recebeu devidas manutenções. Ah! Seus passageiros já estão a postos, e seus armamentos nos devidos lugares, algo que queira acrescentar?
- Tenente, apenas uma dose de Jagermeister e um tratado de paz com a URSS, Alles klar?

O tenente Schwars demonstrava um certo sorriso de humor e concordância com o famoso ditado alemão, que significava “tudo certo?”, e ao mesmo tempo, demonstrava um desespero interior, onde seus olhos correspondiam o mesmo desejo, no qual eu lhe dissera.

Batíamos continência alemã como despedida, em seguida, eu contemplava o desenho de lobo que eu havia feito no meu Siebel FH 104, e não foi à toa que o nomeei de “Lobo” o animal o qual eu mais admirava e cedia encanto pelo seu comportamento frio, calculista, selvagem, inteligente e impiedoso de ser. Mas talvez eu não teria a mínima noção do quanto aquilo poderia fazer diferença no meu futuro. Decolei o Lobo após a autorização da equipe da aeronáutica, rumo ao vulgo “inferno vermelho”, gelado, sombrio e vazio por conta de sua imensidão sem fim. Claro que grande parte das características que eram ditas, partiu de um sensacionalismo da imprensa nazista.

Aproximávamos da região norte, atravessando a região da cidade de OPOCHKA, pois a base do exército nazista não se aprofundava tanto ao centro da Rússia. Por incrível que pareça, na mesma proporção de ódio que o nazismo carregava da URSS, era o nível de medo; pois, em briga de cachorro grande, não entrávamos com o gostinho de favoritismo, como éramos acostumados no início da grande guerra.

A atmosfera se condensava em forma de água nebulizada, prejudicando minha vista e atormentando minha paz, mas principalmente a dos passageiros que se encaravam uns aos outros na espera de um sinal positivo meu, a fim de tranquilizá-los.

Nesse momento, subia um arrepio na minha dorsal, provocando uma breve falta de ar, e uma falha dos meus sentidos, onde eu nada ouvia, nada sentia, nada falava, nada via. Eu simplesmente senti uma imprevisível reação biológica do meu corpo, me fazendo pensar que alvez, a partir daquele momento do vôo, tudo mudaria na minha vida após 22

anos de experiência. Ao tentar identificar o que vinha pela frente, entre as condensadas nuvens, o quebrar do para-brisa e o sangue do passageiro ao meu lado, jorrando em meu rosto, conseguiram interromper meu processo de consciência mental, fazendo com que eu me abaixasse no banco, com as mãos sobre a cabeça, esperando o destino me dizer do que seria meu futuro a partir daquela situação. Fomos atingidos pela aeronáutica soviética.

O congelar dos meus pulmões me fez acordar, mas era apenas um “acordar mental”, e não físico. Eu sentia apenas o peso da minha cabeça sem a sensação da pele facial, pois estava dormente. Tentei gritar, mas não havia forças em minhas cordas vocais. Abri os olhos no impulso, o lado esquerdo estava enterrado sob a neve, enquanto meu olho direito conseguia enxergar o conjunto de árvores coníferas com neve acumuladas sobre seus galhos. A falta de claridade me fez perceber que eu estava entre essa vegetação, e não à frente dela. Os fragmentos de paraquedas presos a uma das coníferas, manchado de sangue, deixou óbvio o que eu havia feito no momento da queda do Lobo, e que nada daquilo eu me lembrava. Durante esse intervalo de tempo de observação, consegui mover meu braço direito em direção à conífera mais próxima, procurando levantar meu corpo de qualquer maneira. Mesmo com muita fraqueza, forcei o braço com o impulso do meu quase inaudível grito de dor, acompanhado com espirros de sangue e saliva que saía da boca, junto com uma respiração ofegante, que produzia vapor no ar através da mistura do frio com o ar quente que saía da minha garganta. Finalmente consegui erguer meu busto e encostá-lo de lado na árvore.

Fechei os olhos como sinal de descanso, e após alguns segundos, ao abri-los, percebi meu capacete de couro pendurado em meio às cordas do paraquedas. Em seguida, percebi que diante do meu horizonte, aproximadamente uns trinta metros de distância de onde eu estava, minha karabiner 98k, havia sido fincada ao solo com a queda, como uma lança introduzida ao solo, com sua ponta sustentando o cabo na vertical. Mas

diante de todos esses detalhes, algo me incomodava, eu não sentia minhas pernas, e sentia que algo estava errado, e por esse motivo eu hesitava em olhar para o meu corpo. Mas num toque de impulso, ao olhar, meu coração pesou como um tanque se enchendo de água quente. Chorei, ao imaginar do que seria a minha vida sem minha perna esquerda; com uma fratura externa, o fêmur atravessava o músculo da coxa superior, e o membro do joelho pra baixo, eu não tinha a menor ideia de onde havia caído, pois junto ao meu corpo, não estava mais.

O silêncio tapava os meus ouvidos a cada respiração, a terrível claridade da neve soava como escuridão, a temperatura travava meus nervos como uma dose de odol, e a terrível solidão eliminava qualquer importância da humanidade nessa complexa natureza autônoma e sem fim.

– Deus, o que estou fazendo aqui?

Fechei os olhos, abaixei a cabeça, e a partir desse momento, eu sentia novamente minha dorsal sofrer arrepios, e em seguida, com uma sensação de companhia, e de que aquele não era meu lugar, eu ouvia o primeiro som significativo naquele local, um som que soava como um amassar de uma folha seca, que me causou um medo interior acompanhado de curiosidade.

Levantei a cabeça, e o que eu via, me fazia encher os olhos de lágrimas, e a queda por água abaixo de todas as minhas teorias do que seria o belo, e meus questionamentos sobre a capacidade que a natureza teria, em ser linda e apavorante ao mesmo tempo.

Pela primeira vez, eu me deparava com um Lobo cinzento. Grande como um jovem tigre, cinza como uma rocha, com seus olhos azuis como o amanhecer, silencioso como o interior de um oceano, assustador como a morte, atento como um atirador de elite, sério como o ódio, e provavelmente com a fome de um pelotão. O calor de suas patas derretia

a superfície do solo, sua respiração denunciava a direção do vento através do vapor que saía de seu focinho, e seu rabo se projetava em um balançar lento, como o balanço de um brinquedo que minha mãe havia construído para mim durante minha infância.

Havia nesse local, dois animais, um racional, outro irracional, um com capacidade de produzir tecnologias, outro não, um capaz de ler e produzir um livro, maquinários, desmatar, atirar, construir, refletir, recitar poemas, produzir músicas, e o outro não.

Mas naquele momento, havia um porém, eu como racional, estava no mesmo patamar do irracional, e através disso, me perguntei: “do que valia toda a minha capacidade racional naquele instante? Do que valia todo o meu esforço militar até o momento? Do que valiam todos os meus estudos, meus abraços, meus boas noites e beijos que eu compartilhava com minha família, e os esforços da minha mãe desde o parto, ao serviço, para me sustentar e sustentar os meus desejos?

Do que adiantaria gritar e implorar por misericórdia ao lobo?

Tudo escoado pelo ralo como uma água derramada por um chuveiro, simplesmente por uma ideologia política adotada pelo nazismo, e minha ânsia por querer ser alguém para o estado, sem a mínima ideia de que eu já era tudo para a minha mãe, e para mim mesmo.

Ao parar de refletir, não havia apenas um lobo cinzento, mas sim, a alcateia. E após a observação, entendi e aceitei o que deveria ser aceito, e elevei meu olhar ao céu.

– Mãe, eu te amo, obrigado!

Últimas palavras possíveis antes de ouvir latidos e uivos ensurdecedores, e sentir a sensação quente através do contato dos lobos sobre mim, e o fiel abraço do meu próprio fim.

De Encontro Ao Sonho

Por Talita Oliveira Silva

Estava em meio a uma floresta nebulosa. Acabara de cair uma forte tempestade. Ouvia gritos que pareciam vir de um lugar distante. Parecia-se com uma voz masculina. Tentara, por horas, adivinhar de que parte da floresta vinham os gritos, até que pararam por alguns instantes. Passaram-se alguns minutos e as vozes soaram novamente. Agora, pareciam se aproximar cada vez mais, até que Stephanie começou a ouvir passos que aparentavam ser de alguém se aproximando. Subitamente, uma mão envolveu a sua boca, deixando-a sem poder alçar a sua voz na busca por socorro.

Enquanto uma das mãos tampava sua boca, a outra a arrastava pelos caminhos estreitados por galhos derrubados pela tempestade. E Stephanie tentava pensar no motivo pelo qual lhe havia acontecido isso. Até que chegaram a uma espécie de choupana. Parecia inabitável. Finalmente, o homem a deixou no chão, e agarrando-a pelo braço, tentara pegar a chave para abrir a porta. Ao abri-la, puxou a jovem para dentro, deixando-a perto de uma lareira que a esquentava do frio da floresta. O homem saiu de sua vista, e depois voltou com uma xícara nas mãos, sentou-se de frente à Stephanie, e com um olhar escabreado, fez uma pergunta:

- Por que a enviaram aqui novamente? Da última vez não ficou clara as minhas reais intenções com este lugar?

Stephanie ficou tentando entender, por alguns segundos, o porquê da pergunta, até que respondeu:

- Lamento, mas acho que está me confundindo. Nunca pisei os pés neste lugar! O homem, parecendo não compreender, disse:

Então, está me dizendo que não faz parte da sucursal *World Wood*, que quer destruir este *habitat* de tantos animais, para exploração de madeiras existentes aqui?

- Exatamente. Estava eu vagando quando notei que me encontrava perdida neste labirinto. Além do mais, eu jamais participaria de uma empresa como essa!

Eles se entreolharam por uns segundos. Pela primeira vez, Stephanie pôde reparar nas características do homem que a *sequestrara*. Ele tinha os cabelos castanhos, os olhos eram de uma cor de mel e uma pele de tom médio. Tinha um corpo que aparentava ser forte e musculoso. Era atraente. Stephanie, por sua vez, também era admirável. Tinha uma pele negra, os olhos castanho claros, o cabelo escuro e encaracolados. Era, sem dúvidas, uma mulher fascinante.

Só se ouvia o som da lareira estalando a lenha. Ambos ora se olhavam, ora desviavam o olhar. Até que o homem, para quebrar o silêncio, perguntou:

- Então... Qual o seu nome?
- Stephanie. E o seu?
- Joseph.
- Então, Joseph, você costuma arrastar as pessoas pela mata e as trazerem para sua choupana?! - disse em um tom descontraído.
- Primeiro, levante-se deste chão gelado e sente-se no sofá para continuarmos esta conversa.

Stephanie se levanta e se senta ao lado dele.

- Respondendo a sua pergunta, não. Você foi um caso à parte. - disse ele sorrindo.
- Mas por que você estava falando dessa tal sucursal que explora madeiras? Do que se trata?
- Há duas semanas vieram algumas pessoas aqui. Trabalhavam em uma espécie de organização que inspecionava áreas para exploração de recursos. Eu moro aqui já faz alguns anos, e eles tentaram fazer um acordo comigo, para que eu deixasse a floresta e fosse morar na cidade, mas eu não aceitei a proposta, e desde então, eles prometeram voltar daqui a três dias.
- Agora entendo a sua grosseria comigo! Mas então o que você vai fazer? Uma hora eles virão com toda força e vão arrancá-lo de imediato daqui.
- Pois então... Eu preciso pensar em alguma medida para que eles não destruam este lugar...
- Posso tentar ajudar você... Podemos pensar nisso juntos.

A organização poderia ser perigosa. Sabiam disso. Mas acreditavam que poderiam destruí-la com avidez. Como já estava escurecendo, Stephanie não teria para onde ir. Além disso, não fazia ideia de onde estava.

- Onde estamos? – perguntou ela.
- Estamos em uma ilha, no nordeste da Austrália, chamada Horn Island. É impossível tentar ir embora agora, se é o que está pensando! Pode passar a noite aqui – disse ele batendo no sofá que

estava perto da lareira. Não foi um gesto cavalheiresco, no entanto Stephanie preferiu não comentar.

O dia mal clareou e Joseph já havia acordado, quando Stephanie despertou do sono.

Logo ela levantou, espreguiçou-se e foi à procura do rapaz, que estava cortando lenhas.

- Bom dia! Achei que teria que ir acordá-la! – brincou Joseph. - Eu preparei o café da manhã. Não sei o que as pessoas de onde você veio costumam comer pela manhã, mas aqui eu como ovos com linguiça e fiz um pouco para você também.
- Ah! Obrigada!

Depois de alimentar-se, Stephanie começou a pensar em uma solução para o problema de Joseph, que agora se tornara um problema dela também. Era uma decisão delicada a ser tomada, afinal, ambos não se conheciam. Haveriam de pensar com cautela e montar uma estratégia perfeita. Ela foi conversar com ele sobre o que iriam fazer.

- Joseph, o tempo está passando! Precisamos agir, pois eles vão voltar
- Eu sei, Stephanie. Mas o que podemos fazer?
- Podemos investigar se eles possuem alguma legalização...!
- É isso!! Pelo o que eu sei, exploração de madeiras ilegalmente é crime... Podemos até abrir um processo contra eles! Você me deu uma ideia!
- E você pode me contar o que é? - indaga Stephanie

- Eu tenho um amigo que mora na cidade. Ele trabalha como advogado no tribunal, e eu posso pedir para ele investigar essa sucursal!
- Ótimo! Já estamos um passo à frente deles.

O dia foi passando e eles conversavam sobre tudo. Como nunca se viram antes, tinha muito a se conhecer. Depois de horas conversando e tomando chá, já pareciam velhos amigos. Stephanie havia conhecido muito sobre Joseph e já existia uma certa intimidade entre eles.

- E agora? O que vamos jantar? – perguntou Stephanie, ansiosa pela resposta.
- Uma sopa, para nos aquecermos!
- Você cozinha muito bem!
- Apesar de discordar de sua opinião, obrigado!

Voltaram à conversa descontraída de horas atrás. A noite chegou, e com ela o cansaço e o sono. Dessa vez, Joseph foi mais gentil e se dispôs a dormir no sofá para que a jovem tivesse mais conforto. Ela, sem demonstrar a sensação de alívio que a envolvera, aceitou.

Amanheceu. Eles acordaram e foram conversar sobre a sucursal. Joseph recebera notícias de seu amigo da cidade, que lhe dissera não ter achado nenhum processo de legalização em nome desta organização. Stephanie e Joseph comemoraram internamente, mas nem tudo estava resolvido. Ainda havia muita coisa para acontecer. E agora, com esta descoberta, o que haveriam de fazer...?

- Joseph, esta informação nos é bastante útil, mas precisamos de algo mais crucial!

- Tenho uma ideia! Vamos montar uma armadilha e acabar com eles definitivamente!!
- E do que se trata?
- Quando eles chegarem aqui, alegando terem autoridade para fazer-me evacuar deste lugar, eu pergunto a eles onde registraram a procuração e, como não terão resposta, logo não terão outra escolha senão sumirem imediatamente!
- Certo! Mas e se eles estiverem armados?
- Vamos torcer para que não estejam! Eu até tenho uma carabina, mas eu prefiro não usar a violência!
- Ainda bem que pelo menos temos algo para nos defender, além das palavras.

O dia estava chegando ao fim. À noite, quando estavam jantando, conversavam sobre a grande possibilidade de alguém da sucursal aparecer por lá no dia seguinte.

- Você sabe que amanhã eles podem aparecer aqui, e podem vir em grande número. Você não tem medo do que possa acontecer? - perguntou Stephanie.
- Sei. Mas você me deu uma coragem que antes eu não possuía. - disse olhando para ela. Eles se entreolharam e Stephanie deu um sorriso meio tímido.
- Eu sei que tenho esse poder, mas só isso não basta. Se um de nós morrermos, o que acontece?

- Não se preocupe. Isso não vai acontecer! - disse ele segurando a mão de Stephanie, tranquilizando-a.

Já estava tarde e eles foram descansar, pois logo teriam de enfrentar uma complexa situação. O dia amanheceu e ambos acordaram cedo. Tomaram café e já foram preparar suas armas de defesa: os argumentos e, se necessária, a carabina.

Já eram quase dez horas da manhã, quando chegou um barco com cinco pessoas dentro, duas mulheres e três homens. Todos estavam armados e com algumas folhas de papel na mão. Um dos homens se aproximou, e com um tom de voz autoritário, se dirigiu até onde estava Joseph, dizendo:

- Joseph, como prometido, voltamos e agora temos um termo, legalizado, de que temos autoridade sobre este lugar!!
- Ah é? E onde foi que você conseguiu essa tal legalização?
- No tribunal da cidade!
- Posso provar que isto é uma fraude!!
- Não me interessa o que você pode provar. Nós estamos em maior quantidade! - disse ele em um tom sarcástico. E virando-se aos demais que estavam com ele, ordenou:
- Vamos! Ataquem-no!

A primeira bala acertou em cheio o peito de Joseph. Nesse momento, Stephanie acordou, em seu quarto, com o barulho do despertador, desesperada. Quando se acalmou, percebeu que tudo não passava de um sonho, Joseph não havia morrido, pois ele só existira em sua fábula. Levantou-se, ainda atordoada, e foi tomar banho.

Era uma sexta-feira, quando chegou ao seu local de trabalho. Seu chefe a convocou para ir em sua sala. Chegando no recinto, sentou-se, e ele lhe disse:

- Arrume as suas malas, pois na segunda-feira você fará uma viagem até *Horn Island*, no nordeste da Austrália, para fazer uma inspeção de uma área florestal, para exploração de madeiras!

Luz e Escuridão

Por Raphaell Kennedy Gonçalves Nunes

– Onde eu estou?

Fiquei assustado, pois não sabia o lugar onde eu estava, mas parecia que eu me encontrava em uma floresta. Entretanto não era uma simples floresta. Ela parecia ser mágica. Nela, seus ventos traziam um frescor, como o da brisa do mar. O seu verde era como esmeralda. A melodia que soava pelo canto dos pássaros era como as notas do piano de Beethoven. O cheiro das flores era como os melhores perfumes franceses, a água de seus rios são mais claras que a do Vale Jiuzhaigou, suas árvores cheias de curvas e seus animais cheios de presença. Após um tempo caminhando, me deparei com uma mulher, que era brilhante como o sol, bonita como uma estrela e misteriosa como a lua. Em seguida lhe perguntei:

– Quem é você?

– Sou a luz (Ela me respondeu).

A Luz era bela e deslumbrante, e por onde passava alegrava o ambiente e a vida que existia naquele lugar. Curioso ainda de onde eu estava, lhe perguntei:

– Em que lugar eu estou?

– Está na floresta do Guardiã da vida (Ela me respondeu)

– Quem?

- O Guardião. Ele é responsável por manter a vida em harmonia.
- Bem, mesmo assim não entendo como pude vir parar aqui. (Disse a ela)
- E de onde você é?
- Sou de uma cidadezinha próxima à capital.

Não compreendia o que eu estava fazendo ali. Minha cidade nem tem uma floresta como essa. Como eu pude vir parar aqui? A Luz se despediu de mim. Dizia ela que tinha alguns afazeres. Após me despedir eu deveria ter continuado andando, mas por algum motivo decidi segui-la. Eu ficava me escondendo atrás das árvores, esperando não ser notado, afinal, ela poderia me achar um estranho. Ao olhar para o lado percebo uma mancha negra, escura e sombria, que na verdade parecia ser um homem. Resolvi chegar perto e ver o que era, quando, de repente, esse homem olha diretamente para mim. Ambos ficamos assustados. Eu, por achá-lo estranho, e ele como se estivesse fazendo algo que não devia. Perguntei-lhe:

- Quem é você?
- Sou a Escuridão. (Ele me respondeu).

Eu me perguntava por que ele estava ali escondido, mas dessa vez ele me fez uma pergunta:

- O que você está fazendo aí? Estava me bisbilhotando?
- Não! Eu só estava passando por aqui. Mas e você? O que está fazendo aí escondido?

Foi logo após a minha pergunta que percebi. Ele estava observando a Luz. Mas por que será? Ele tinha medo de falar com ela? Enquanto eu pensava, ele me respondeu:

- Nada. Escute: você nunca me viu aqui, entendeu? Caso se encontre com o Guardião, não diga que estive aqui, por favor.

Ele parecia estar um pouco aflito e, embora eu não soubesse o motivo do Guardião não poder saber a causa de ele estar lá, achei melhor fazer o que ele me pediu. Mas também queria saber se ele realmente estava de olho na Luz. Então lhe respondi:

- Não se preocupe. Não direi nada, eu lhe prometo. Mas agora me diga, você estava aqui escondido por que queria ver a Luz?

Ele me olhou de uma forma estranha. Parecia um pouco desconfiado. Ele me disse que já que eu prometi que não o entregaria, me contaria o motivo dele estar ali:

- Sim. Veja bem, o motivo de eu estar me escondendo é que o Guardião não gosta que eu chegue perto de sua floresta e muito menos da Luz.
- O que você fez de errado? (Perguntei).
- Bem, não fiz nada, mas sou diferente (Ele me respondeu).

O Guardião da Vida não gostava que a Escuridão se aproximasse de sua floresta, pois ele dizia que suas sombras tiravam a beleza do lugar, que tudo perdia sua essência quando ele estava presente. Fiquei comovido com sua história, mas ainda não entendia a relação disso com a Luz e lhe perguntei:

- O que a Luz tem a ver com essa história?
- A Luz é a protegida do Guardião.

Pelo o que ele me contou, o Guardião achava que suas sombras ofuscariam o brilho da Luz, tirando sua pureza. Então, ele banuiu a Escuridão para uma caverna afastada da floresta, para que ficasse longe desse ambiente e da Luz. Senti-me um pouco revoltado por ele. A sua situação era realmente deprimente. Nós escutamos alguém chegando e nos escondemos atrás de arbustos para ver quem era, e saindo de trás das árvores, era ele, o Guardião da Vida.

- Quem está aí? Saia! (Disse o Guardião).
- E agora? Se ele descobrisse a Escuridão, o que será que aconteceria? Eu era um estranho, mas, por algum motivo, não podia deixar que o Guardião o encontrasse. Saí, então, de trás dos arbustos dizendo:
- Estou aqui!

O Guardião da Luz me olhou um pouco surpreso. Já era de se esperar, afinal, ele nunca me viu. Ele, então, veio andando em minha direção e me perguntou:

- Quem é você?
- Sou apenas um homem.
- Sei que não está sozinho. Apareça! Saia de onde está escondido!

O que eu faço? Não posso deixar que ele descubra a Escuridão, pensei. O que eu vou fazer?

Algo saiu de trás das árvores, e quando eu pensei que tudo tinha acabado, era a Luz quem tinha chegado.

- O que houve? (Perguntou a Luz)
- Você conhece esse homem? (Perguntou o Guardião)
- Sim, o conheço. (Respondeu a Luz)
- Eu sei que tem mais alguém aqui (Disse o Guardião caminhando em direção aos arbustos).

Pensei: “Agora já era. Ele vai ser pego!”. Quando o Guardião olhou atrás dos arbustos, não havia ninguém. A Luz disse que me ajudaria a encontrar o caminho de volta para casa, e comunicou ao Guardião da Vida que eu não era daquele lugar e que eu estava perdido. O Guardião concordou. Sinto que ele não foi muito com a minha cara, mas isso não importa. Tudo o que eu queria era ir embora mesmo. Quando o Guardião se foi a Luz disse:

- Mais um segundo e ele não tinha escapatória!

Confuso, eu lhe perguntei:

- Como assim? Você sabia que ele estava lá?
- Sabia. Por isso distraí o Guardião, para que ele conseguisse tempo para fugir.

Ela, então, me pediu um favor, que eu me encontrasse com a Escuridão e dissesse que eles deveriam se encontrar ao pôr-do-sol, na margem do rio, e em troca do meu favor ela me levaria para casa. Aceitei, mas não por esse motivo, e sim porque queria ver como isso iria acabar. Eu sentia

que tinha que ver esse final. Procurei a Escuridão pela floresta, mas suspeitei que, depois de ser quase descoberta, ela voltaria para sua caverna. Então fui até lá. Chegando ao local, eu pude perceber que a vida da Escuridão sem a Luz era solitária. Sua caverna era completamente sem cor, fria e triste. Ele estava sentado em frente à porta. Sentei-me ao seu lado e dei o recado. Ele me agradeceu e disse que estaria lá ao pôr-do-sol. Depois, eu me encontrei novamente com a Luz, que me disse:

- Você vem junto.
- Por quê? (Perguntei).

Ao final de tudo, você vai entender (Respondeu a Luz).

Fiquei reflexivo. O que será que ela quis dizer? Ao cair do sol a acompanhei até a margem do rio e, no caminho, não deixava de pensar no que ela queria que eu entendesse. Chegamos até o local marcado, e logo que pisamos ali, avistamos ele, o Guardião.

- O que está fazendo aqui? (Disse a Luz tentando disfarçar seu espanto).
- Só estou observando as águas (Respondeu o Guardião).

Será que o Guardião sabia que eles iriam se encontrar ou será que isso era uma coincidência?

De qualquer forma, ele estar aqui é um problema. Eu pensei em fazer algo para avisar a Escuridão, mas não iria adiantar, pois o Guardião desconfiaria da minha atitude. Antes que eu pudesse tentar agir, a Escuridão chegou. A tensão do clima aumentou. Foi quando o Guardião começou:

- Eu sabia! Eu tinha certeza de que tinha alguém escondido naquela hora. Eu já não disse que tinha lhe proibido de vê-lo? (Ele perguntou à Luz).
- A culpa é minha. Ela não tem nada a ver com isso (Disse a Escuridão).
- Eu disse que não o queria aqui! (Disse o Guardião).

Olhei para a Luz. Ela vendo os dois brigando, parecia que iria explodir a qualquer momento. Foi quando de repente:

- Chega!!! (Gritou a Luz).

Plaft... (Caí da cama)

- O quê? O que houve? Onde estou? Ah, sim, estou em casa... Entendo, eu estava sonhando. Que sonho estranho! Realmente, dormi pesado. Ontem não foi um dia bom.

Ainda no chão fiquei pensando: “Mesmo sabendo que era um sonho, não me conformo que tenha acabado assim”. Não me parecia certo. Mas também ficou o mistério. O que a Luz queria dizer com “Ao final de tudo, você vai entender”?

Ouço, então, meu celular tocando:

- Alô.
- Olhe, não importa se o meu pai não quer que nós fiquemos juntos. Eu te amo e você sabe disso. Não me importo de não ter a aprovação dele. Por onde eu estive você sempre esteve comigo e por onde você estiver, eu sempre estarei contigo!

Cássia

Por Helena Fernandes

A tarde era como daquelas dos filmes de televisão. O pôr-do-sol na Barra da Tijuca, homens reunidos e olhares que sucumbiam de malícia quem por perto passava. Vigorosa era a masculinidade. Junho de 1970. Fim daquela tarde na praia. Já era hora dos filhos da elite carioca irem para casa se aprontarem. Era fim de copa.

Raul, Afonso, Ernesto e Marco, parte da boemia carioca da década de setenta. Figuras inerentes do conservadorismo da época. Elite jovem, repleta de sobreposição masculina. Rapazes da baderna noturna nos becos e vielas do Rio, e exemplos de homens durante o dia.

Copo cheio, bola rolando, 4x1 para o Brasil. A torcida delira aos dribles de Pelé e a burguesia, que, durante o resto de todo o ano, afoga o subúrbio num mar de desigualdade, se abraça a comemorar a vitória de toda a nação.

Marco sempre foi do tipo que aparentava ter bom coração, brincalhão e metido a besta. Naquela noite de junho, exalava uma felicidade exuberante, doido para comemorar todos os gols. Mal esperou para despedir-se dos amigos, saiu do bar e entrou logo na primeira casa de dança noturna que avistou. A felicidade de Marco sempre foi barata de se ter ...

Raul e Afonso costumavam compartilhar dos mesmos gostos. Festinhas ao som de Cartola. Quanto mais meninas melhor, é claro.

Ernesto, até onde se sabia, nunca manteve tantos hábitos noturnos. Rapaz sempre desconfiado, seus olhos corriam rápido, atento em

cada detalhe, em cada canto, em cada movimento. Ernesto sempre dizia que era sua única forma de proteção, embora, aparentemente, nunca estivesse em posição de isca.

A noite fora longa para todos. Um dia intenso. Ernesto, que morava só, naquela grande metrópole fria e violenta, a fim de fazer sua faculdade. Pegou o rumo de seu apartamento para mudar seus trajes e aproveitar o resto da noite, na identidade que se sentia realmente vivo.

Abriu a porta do apartamento, entrou em seu quarto, despiu-se, e, prazerosamente, vestiu-se. De salto alto, cabelos longos, vestido preto e argolas nas orelhas, guardava os últimos minutos para o toque final, o batom vermelho, sua marca. Ernesto tinha em sua boca a cor do sangue, que, por tantas vezes, já viu sendo arrancado de suas companheiras nas noites.

Todas as noites, o rapaz que entrava em seu apartamento, Ernesto, saía Cássia, forma inadmissível de ser. Dessa forma vivia. Sentia-se livre na cidade de Deus. Respirava um ar diferente daquele que, durante o dia, o sufocava. Entretanto, nessa noite, algo o esperava. Cássia, como de costume, se travestia do outro lado da noite carioca. Afinal, Marco, Raul e Afonso jamais poderiam conhecer o outro lado da vida do amigo. No entanto, o 4x1 da seleção brasileira foi motivo para Marco embriagar-se de modo a aventurar-se em outros cantos da cidade. Aliás, um filho da elite tinha passe livre para se comportar da forma como bem entendesse no subúrbio, lugar onde a mídia não chegava, e o governo fechava os olhos para o povo.

Exuberante, Cássia se fazia estrela nas casas noturnas da periferia, e se mexia a todos os sons, dançava como se cada música fosse a última a ser escutada. Em meio à dança, à felicidade, ao álcool e calor humano esbarrou em um homem que, embora suas roupas tivessem a grife reconhecida de longe, entrava em contraste com a péssima aparência de embriaguez. Era Marco que, trocando os passos e variando nas falas, não reconheceu Ernesto como Cássia, e sentiu-se atraído a ponto de lhe dirigir a palavra.

– A madame veio acompanhada?

Cássia, sem muita reação, achou mais seguro manter a conversa de forma natural, já que ele jamais se recordaria de algo quando amanhecesse. Então, respondeu-lhe de forma provocante:

– O senhor quer a minha companhia?

Dançavam como se toda e qualquer forma de preconceito jamais fizesse parte da rotina daqueles quatro jovens boêmios. Marco se enfeitava cada vez mais por Cássia e, a cada batida da música, aproximava-se mais de sua boca, que trazia o vermelho sangue. De forma irresistível, os lábios se encontraram, os corpos se juntaram, e a música que tocava fez-se trilha sonora ao movimento dos dois corpos. A noite já chegava ao fim, e Marco se despedia educadamente:

– Espero esbarrar com você por mais vezes.

E Cássia, com o olhar atento e rápido, como o que assistira ao jogo durante a tarde, virou de costas, ainda olhando para o amigo que foi seu par na noite. Seguiu seu rumo pelas vielas. Nenhuma palavra. O silêncio era a forma de deixar subentendida a vastidão do seu ser.

No outro dia, o relógio despertou às sete da manhã para todos. Era começo de outra semana e a vida noturna dos sábados e domingos ficava para depois. Ernesto, Marco, Raul e Afonso seguiram a rotina semanal de estudantes universitários que se reuniam todo fim de tarde na Barra.

Assim seguiu a semana, sem nenhum comentário sobre a noite que tanto envolveu aqueles dois amigos. Sem nenhuma desconfiança por parte de Marco, sem nenhum olhar malicioso ou diferente, exceto, claro, o de Ernesto. No entanto, o calor que envolveu Marco naquela casa noturna, não foi suficiente para não se repetir. Seu corpo desejava por outra

dose e, assim, esperou a semana chegar ao fim. Fez o mesmo processo daquela tarde de final de Copa. Embebedou-se e esperou a noite chegar para voltar àquela boate onde havia sentido o que antes nunca foi capaz.

Ernesto se encontrava também no mesmo processo, de travestir-se em busca de seu prazer, que só os olhares ausentes de julgamentos da periferia poderiam oferecer-lhe. No entanto, aquela noite estava diferente. Seu batom, que representava o sangue derramado, havia desaparecido de sua bolsa, não estava em nenhuma parte. Ernesto, sem muito se abalar com a perda da tinta que costumava passar na boca, disse em frente ao espelho:

- Uma noite sem minha marca não há de se estragar por inteiro.

E foi respirar o ar que o mantinha vivo. Marco, já fora de consciência, esperava por Cássia na boate. Com os olhos reluzentes, a viu entrar. Sem perder tempo, aproximou-se dizendo:

- Eu voltei para te ver! Pensei em você a semana toda e preciso te ter por mais uma noite.

Cássia, atraída pelo desejo que os outros tinham sobre ela, dançou uma primeira música e guiou o rapaz a um lugar mais reservado.

Luzes apagadas, os dois corpos guiavam-se apenas pelo calor que incendiava, e Marco suplicava por algo além do que Cássia estava disposta a oferecer. No entanto, não se sentia preparada para tais coisas, já que Marco nem sequer sabia sua verdadeira identidade. Então, preferiu dar fim àquele momento. O jovem boêmio, frustrado e indignado por receber um não no subúrbio carioca, sentiu-se em uma situação de inferioridade, forçando a moça a ceder aos desejos impostos.

Em meio a toda confusão, à resistência de Cássia e à falta de lucidez de Marco, o rapaz pegou sobre a mesa, daquele quarto escuro, um

objeto pontiagudo, capaz de dar fim a uma das duas vidas presente ali, entre aquelas quatro paredes. Em tom prepotente disse:

- Nós dois sabemos que quando o patrão quer algo, uma mulher como você não tem direito de recusar.

Marco exaltou a sobreposição masculina que sempre teve consigo. De forma mais covarde, empurrou Cássia na cama, pegou algumas almofadas que estavam ali e sufocou a pobre mulher até que aquele ar, que tanto a fazia se sentir viva, não entrasse mais em seus pulmões. Ainda no ápice de embriaguez, aquele homem fora de si, pegou o objeto pontiagudo que já havia encontrado no quarto e perfurou em várias partes o corpo de Cássia que, já sem vida, derramou todo o sangue de seu corpo.

Naquela noite, o batom vermelho que ela não havia encontrado por nenhuma parte de sua casa, infelizmente não lhe fez falta. A cor de seu batom representava todo o sangue de cada uma de suas amigas que já haviam perdido a vida para a maldade humana. Entretanto, naquela noite, o sangue derramado era de seu próprio corpo. Não foi preciso o batom para simbolizar a tragédia.

Marco, desesperadamente, jogou aquele objeto no chão e, ao cair em si, se deu conta do crime que havia cometido. Rapidamente, abandonou aquela casa noturna, que frequentou por dois fins de semanas seguidos. O corpo de Cássia, cada vez mais frio, esperava para que fosse encontrado por suas companheiras ao terminarem as danças da noite. O jovem rapaz retornou para o outro lado da realidade carioca, onde jamais existiriam dúvidas de que um rapaz da elite tivesse cometido qualquer tipo de crime. Afinal, a morte de Cássia nem se tornaria manchete. A mídia não se interessava pelo outro lado.

No outro dia, como de costume, após a faculdade, os rapazes haviam de se encontrar na praia. Afonso, Raul e Marco estavam no mesmo

local de sempre, mas Ernesto não. E, assim, a ausência do rapaz se repetiu por dois dias seguidos. Até que a família de Ernesto veio do interior para a capital, em busca do jovem desaparecido. A polícia foi acionada e, imediatamente, iniciaram as buscas pelo paradeiro do rapaz.

Ao entrarem no apartamento do jovem, encontram jogadas, por toda parte, as roupas que o rapaz se trajava nas noites: os saltos, as argolas e o batom vermelho. Por mera coincidência, abriram o guarda-roupa e encontram uma foto de Ernesto como Cássia, em uma das boates que o rapaz frequentava. A família, a polícia e os amigos, em prantos, procuraram, por todas as casas noturnas, por alguma notícia do jovem. Então, depararam-se com uma homenagem em uma dessas boates, onde fotos de Cássia estavam espalhadas por todos os cantos, representando todo o luto do subúrbio que tanto acolheu aquele rapaz.

Marco entrou em colapso, numa mistura de angústia e arrependimento, ao perceber que Ernesto era Cássia, e que a profunda maldade e crueldade do garoto levou à morte seu melhor amigo e a pessoa por quem havia se apaixonado na noite em que toda a nação vibrava pela vitória do time brasileiro. Os policiais rodearam o local. Em prantos e com profunda dor, Raul, Afonso e a família de Ernesto consolavam-se ao receber a confirmação daquela tragédia.

Marco deu alguns passos para trás e, ainda incrédulo de sua própria crueldade, dirigiu-se para casa, onde, sem ver rumo para os dias que ainda lhe restavam, fugiu, mais uma vez, de seus próprios problemas, por covardia de não enfrentar o que o esperava pela frente. Sem nem muito pensar, caminhou até à janela de seu apartamento de frente à praia e atirou-se ao chão, de modo que, enquanto caía, tinha, em seus últimos segundos de vida, um mínimo tempo para suplicar a Deus que o perdoasse.

Arrebetado no chão, reuniram-se, em volta de seu corpo inerte, inúmeras pessoas que não acreditavam que um jovem da alta classe do

Rio de Janeiro havia tirado a própria vida. Nunca souberam que, além de sua vida, Marco havia tirado antes a de Ernesto, a de Cássia. O caso de Ernesto foi arquivado e jamais acharam o assassino. Também nunca entenderam o motivo do suicídio de Marco. Uma confiança somente se mantém quando as pessoas que a conhecem estão dentro de uma cova.

O segredo daqueles dois rapazes foi enterrado junto a eles. Raul e Afonso continuaram os mesmos jovens da elite, preconceituosos e cegos. Nunca souberam que a morte de dois grandes amigos se deu por conta da grande estupidez inserida naquele meio. Uma morte tão dolorida, que sucumbiu o próprio assassino em um mar de remorsos. “Cássias” estão presentes até hoje, em todos os cantos do mundo, e se aquela Cássia não fosse o Ernesto da Barra da Tijuca, essa história jamais estaria sendo lembrada.

Mais Uma Página

Por Guilherme Perfeito Dias Carneiro

Era o fim de mais um dia. Rosário lançava um profundo olhar melancólico através da janela. Tinha feições apáticas e o pensamento fugidio. Era uma mulher forte, castigada pelo tempo, mas que, no entanto, mantinha determinada formosura. Tinha longos cabelos cacheados, pele negra e lábios cor de açaí. Contava apenas vinte e três anos, o que, em verdade, não era muito, mas que a esta altura a permitia entender bem a capacidade que a vida tem de castigar os que em suas mãos habitam. Também conhecia bem a morte, esta que, cruel, levava sua mãe e o marido, o mais próximo que tivera de família.

Para ela, o viver era mórbido e difícil, mais precisamente ao anoitecer, que trazia consigo a mais sôfrega parte de sua rotina. Pela janela, continuava a fitar perenemente o mundo externo, onde os garotos brincavam pelas vielas da comunidade. Entretanto, seus olhos estavam fixos em uma criança cor de noite, com um belíssimo sorriso de contraste. Era Cleber, seu filho, um garoto determinado, estava na primavera de seus oito anos e todos diziam bem dele. O menino era amado, sobretudo pela mãe, muito orgulhosa do filho, um dos poucos caprichos dos quais ela permitia se orgulhar. Em meio a tais sentimentos gritava:

- Cleber! Vem cá pra dentro! Já não disse pra não ficar na rua até essa hora?

Cleber sabia que a vida era difícil, porém barata. Ou pelo menos, era isso que permeava aquele imaginário inocente, habituado à ausência da mãe pelas noites adentro. Então, o garoto reclamava:

- Vai ter que ir trabalhar hoje de novo, mamãe? Por que não passa a noite comigo? Na outra noite, eu podia jurar que tinha alguém batendo aqui na janela de casa! Também estava uma gritaria na rua!

E, como réplica das queixas, dona Rosário consolava o pobre menino, dizendo:

- Meu anjinho, promete pra mãe que não vai lá fora?! Se ouvir algum barulho de bala, pelo amor de Deus, deita no chão e não esquece de sempre escorar a cadeira na maçaneta, quando eu trancar a porta! Faz isso pra sua velha! Por favor!

Mas o garoto já estava cansado. A ausência materna lhe doía e a sua pouca idade não permitia que ele compreendesse o que estava acontecendo. Somente restava a ele lamuriar:

- Mas, mãe, toda noite é isso. Eu quero voltar para casa da vó, para tomar leite com chocolate, daquele que faz um tempão que a senhora falou que ia fazer e nunca fez.
- Eu vou fazer. Depois a mamãe faz! Eu já te disse, não dá para gente voltar pra vovó, porque ela está morando muito longe. Agora, eu tenho que ir trabalhar, que mais que leite com chocolate, tu precisa é de arroz e feijão! Fica bem! Lembra que tu já é um rapaz!

Nesse impasse doído, entre deixar o filho e tomar para si o fardo de seu ofício degradante, dona Rosário tinha que ganhar as ruas, com um belo sorriso, uma roupa justa e uma bolsa a tiracolo. A maquiagem pesada e a meia calça rasgada, àquela hora da madrugada, doíam em seu corpo como brasa sobre sua pele. O barulho do *Scarpin* ardia em seus ouvidos, como os tiros rotineiros na comunidade. Esquecera-se de que era mulher.

Vendia seu corpo, por aquelas esquinas, como quem vende flores murchas pela necessidade de cultivar plantas mais viçosas. Em seu caso,

a flor mais pura, um menino de oito anos, que desabrochava com a inocência dos versos do velho Cartola. Bem recordava a mãe a cantiga da véspera, cantada ao pobre menino, uma das mais belas do sambista.

Lembrava sobretudo do verso “mal começaste a conhecer a vida”, este que, para ela, tinha tanto significado, já que refletia seu desejo de mostrar suas mazelas e tristezas ao filho. Entretanto, em meio à confusão mental, ela recobrava os sentidos e falava para si mesma como quem tem uma amarga vergonha reprimida:

- Tem de criar seu filho, pobre diaba! Não ficar enchendo a cabeça do menino com as caraminholas dessa sua vida desgraçada.

Entretanto, a angústia permanecia e, entre um cliente e outro, sempre lhe vinha a figura do filho e todos os prejulgamentos que pudessem provir dele, quando surgisse a adolescência, tirando de Cleber a visão de criança e trazendo à tona toda a verdade que a pobre mulher guardava. Todo tipo de coisa lhe vinha à cabeça, desde o choro de vergonha ao brado de ódio. Porém Rosário permanecia forte, erguida e ciente da necessidade que a colocava em posição tão desumana.

No fundo, sabia que não tinha outro jeito. Era isso ou o tráfico. Contudo possuía maior repúdio à segunda opção. Inclusive, temia que um dia Cleber fosse recrutado por traficantes. Não queria isso para o filho, já que sabia da vida curta dessas pessoas. Para Cleber, ela almejava o melhor futuro possível, sobretudo com estudo. Sonhava em ver o filho como um magistrado. Fora tachada de simplória várias vezes por conta disso. Os vizinhos sempre diziam que Cleber era um bom menino, mas que faculdade era coisa de “gente da alta”. Entretanto, para aquela jovem mãe, castigada pelo tempo e sofrimento, isso não era simplório, era muito verdadeiro. Um desejo que aspirava à realidade, uma verdade velada que desistira de compartilhar com os outros. No fundo, trabalhava em função de provar que o filho teria em mãos um diploma.

Todos esses pensamentos não eram novidade. Assolavam Rosário durante todas as noites e, quando os raios de sol principiavam no horizonte, a pobre mãe voltava para casa. Subia a ladeira da comunidade, descalça, sapatos nas mãos e calos nos pés, porém possuía o mesmo olhar perene, que parecia inabalável. Em verdade, nem tudo que aparenta realmente é. E, do mesmo modo, os lumes decididos daquela mulher eram apenas disfarce, uma máscara que vestia para conseguir fitar mais uma vez o filho, que, pela hora, já deveria estar retirando a cadeira da porta.

Rosário subiu as escadas de sua humilde moradia e, destrancando a porta, recebeu um caloroso abraço do filho. Aquilo recompensava toda a morbidez da madrugada. Abraçava o garoto, indagando-lhe tudo que a preocupação de mãe permitia, e como réplica, Cleber dizia:

- Mamãe, para que tanta pergunta? Eu estou bem. Dessa vez, nem fez barulho de noite.

Por sua vez, a mãe dizia:

- Que bom que está tudo bem, filho! Agora você tem que se arrumar! Vou te levar para escola um pouquinho mais cedo. A mãe tem muita coisa pra fazer.
- Mas escola de novo? Não posso ficar em casa só hoje?
- Meu príncipe, a mamãe já não disse que tu tem que estudar para conseguir ter uma vida mais tranquila? Vai poder comprar um monte de coisas! Quem sabe até aquele videogame que você tinha me falado!
- Eu sei, mas eu queria mesmo, hoje, era ver desenho.
- Filho, se tu for pra escola hoje, eu te compro aquele livro da banca.

- O do *Pequeno Príncipe*?
- Esse mesmo! Aí, de noite, a mamãe lê com você.

Em meio àquela conversa, Rosário arrumou o garoto e o levou à escola, coisa rotineira à qual ela fazia com prazer todos os dias. A vida para Cleber estava, razoavelmente, sossegada, de modo que o garoto dividia o dia entre a escola, os carinhos da mãe e a noite solitária de sono, meramente tranquilo.

O mesmo não se podia dizer de dona Rosário que, a cada dia, ficava mais velha, mais cansada e mais amarga pela rotina exaustiva e o quase lúgubre ofício. Tentava manter a cabeça erguida e distanciar do filho pensamentos que pudessem abalá-lo. Aos poucos, ia apagando do garoto imagens como a do pai, morto pela milícia da comunidade, depois de envolvimento escusos, os quais ela nunca entendeu, e da avó, que morrera, em um leito de hospital qualquer, por uma febre jamais explicada. Ia vivendo um dia após o outro, lendo para o filho uma página após a outra e atendendo um cliente após o outro.

Entretanto o passado nunca se liberta da linha do tempo. Por vezes, regressa abrupto e voraz. Análogo a isso, Rosário, ao regressar para casa, após mais uma penosa madrugada, foi surpreendida com a porta já aberta. Ela chamou pelo filho, sem resposta. Rosário então se desesperou. Buscou nos poucos cômodos, em todos cantos, um lugar onde o filho pudesse estar. Sem sucesso, a sofrida mulher sentou-se em pranto, fitando a casa vazia. Eis que, naquele momento, percebeu sobre a mesa um bilhete, o qual dizia: “Tal pai, tal filho”.

Cada palavra, pronunciada com dificuldade por Rosário, cortavam o silêncio e perturbavam toda a aparente calma da casa. Saiu rumo ao filho, não buscou respostas. Nada era velado, no fundo sabia a verdade: que buscaram seu filho por conta do passado do pai, envolvido com trafi-

cantes e milicianos. Seguiu rumo ao topo do morro, descalça, olhos sôfregos, temendo pelo garoto. Era, entretanto, acometida por uma esperança descomunal, um sentimento materno que permitiria que ela morresse, caso fosse preciso.

Chegou ao destino. Era uma casa azul, no topo da comunidade, muito frequentada por seu marido em outra época. Com os ouvidos próximos à porta, Rosário pôde ouvir a voz baixa do filho. Então, de maneira quase instintiva, sem muito pensar, a mulher depositou todas as suas forças, tombando seu corpo contra a porta, que se abriu de imediato, e três homens, de olhar frio, que nada refletiam, fitaram aquela mãe aflita. Eis que o primeiro, que demonstrava mais autoridade, posicionado próximo de Cleber, exclamou:

- Esse moleque é cria tua, né? Tem a mesma cara do pai, aquele desgraçado.

Rosário engoliu seco e, com as feições severas e implicitamente relutantes, sobressaiu-se à voz daquele homem:

- Vim buscar meu filho. Ele não tem nada com as coisas do pai. Os problemas dele morreram com ele, além de que é só um menino.

Aquelas figuras masculinas, paradas na sala, pareceram espantadas e sutilmente furiosas com a fala de Rosário. Já os outros dois homens permaneciam atônitos. O primeiro esbravejava, aproximando-se da pobre mãe:

- Tu tá me confrontando? Tu sabe com quem que você tá falando? Esse morro é meu e esse garoto também! Pode me dar lucro! Vaza, enquanto eu ainda deixo. Aproveita que eu estou com muita paciência hoje!

Cleber, ao perceber o medo nos olhos da mãe, bradou com dificuldade:

- Mamãe, vamos pra casa, por favor! Eu não quero mais ficar aqui!

De súbito, a primeira figura masculina sacou uma arma e a apontou para a cabeça do garoto, com um olhar de reprovação. Neste momento, Rosário, em voz de ordem, disse:

- Não encoste no meu filho! Ele não tem nada com os problemas do pai. Eu tenho muito mais culpa de tudo isso. Você tá com sede de sangue? Deixa o menino ir. Eu fico e pago a dívida! Eu não sou tão burra quanto pareço. Eu sei que alguém vai pagar com a vida, mas meu filho não! Seu desgraçado! Com certeza tu teve mãe. Eu peço pelo amor que tu tem por ela, pensa um pouco e deixa o menino ir, que eu fico no lugar!

O ar estremeceu, e aqueles homens, ali em pé, conversaram por uns instantes, sendo que o de maior autoridade disse a Rosário:

- Então fica e o menino vai. Tu tem cinco minutos para falar com ele e, depois disso, é melhor ele sumir da minha frente.

A pobre mulher, então, já com o filho nos braços, em meio à mútua emoção, disse:

- Filho, a mamãe te ama mais que tudo! Faz o que eu vou pedir. Sai por essa porta, e vai até a casa da Neusa, nossa vizinha, fala pra ela da promessa que ela me fez. Você vai ter que morar com ela. Tu gosta tanto da tia Neusa, não gosta? Vai com Deus, meu filho!

Ainda confuso e relutante, Cleber correu pela rua rumo ao local instruído. Um barulho muito forte, então, foi ouvido pelo garoto, que tapou as orelhas. Ainda atônito, chegou à casa de Neusa, que o recebeu com nítida preocupação. Ao olhar o estado do menino, a velha senhora buscou entender o que estava acontecendo, enquanto o abrigava em sua

casa. Mediante à explicação daquela criança, Neusa comoveu-se, enquanto falava ao garoto:

- Um dia desses, eu prometi a tua mãe que cuidaria de você, caso ela não pudesse.

Fica tranquilo, tudo vai passar. O tempo ameniza e eu vou te criar como se fosse meu.

Neusa honrou a memória de Rosário, criando Cleber da melhor maneira possível, não deixando que o garoto se esquecesse da mãe e de toda a sua luta. O menino cresceu, tornou-se homem, lutando sempre pelas causas dos moradores de comunidade. Formou-se em Direito e, no discurso de sua colação de grau, não se esqueceu de falar dos sofrimentos e do amor de sua mãe, lembrando sempre que a vida é escrita em linhas tortuosas, mas que sempre há a possibilidade de se escrever mais uma página.

Queima A Minha Pele

Por Gustavo Gomes Basílio

Os olhos fúnebres, as mãos gélidas, a garganta seca. Nenhuma gota. Seca! Ao som de correntes e gritos, em um ambiente desconhecido. Iluminação baixa e cheiro de morte. Ali estava Gasira. Bela jovem, virgem, de pele retinta como carvão. Grande par de seios, cabelos raspados. Pés grossos e descalços, com os solados rachados. Vestes velhas de algodão e, na cabeça, algumas questões que necessitavam de respostas:

- Que lugar é esse? Quem são essas pessoas que nem sequer consigo enxergar? Indagou-se Gasira.

Após alguns minutos, retomando a sua lucidez, percebeu que estava em uma espécie de casa flutuante, feita de madeira, um pouco velha e rústica. Ao seu lado, vários negros, que assim como ela, estavam todos acorrentados. Por seus pés, corria um líquido desconhecido, seu cheiro lembrava urina. Certamente, ela não sabia o porquê de estar em tal situação. Perante esse momento de aflição inicial, começou a gritar, pedindo socorro aos que próximos dela estavam.

Infelizmente, foi ignorada, como se ninguém a houvesse escutado. Cansada! As lágrimas involuntárias mesclavam-se com as gotas de suor, e frias desciam por seu corpo.

Ouviu-se, então, um barulho externo ao local em que se encontrava.

- Andem logo, seus pretos fedidos. Inúteis! Disse uma voz desconhecida.

Segundos após, sentiu um forte tremor, que abalou todas as estruturas de madeira. Em seguida, viu uma grande rajada de luz abrir-se.

- Vamos, negros, desçam! Agora é hora de me darem lucro. Disse a mesma voz que, agora, já se mostrava ser de um homem branco, alto, ombros largos, olhos de empáfia. Em sua cintura havia uma arma de fogo e um chicote de couro.

No ritmo dos demais, que se encontravam acorrentados uns aos outros, a garota desceu daquele velho e repugnante navio. Seus pés grossos tocaram o solo quente, o vapor da areia subia e queimava sua carne, que estava à mostra em suas rachaduras. O sol ardia sua pele, mesmo que fosse tão resistente, devido à sua forte pigmentação.

- Adiante! Não tenho paciência com eles, José. Disse o homem branco. Em resposta, José, um capataz do homem, disse:
- Acalme-se, Capitão Francisco. É somente um dia de viagem por terra, aguentando esses pedaços de estrume.

Através desse pequeno diálogo, Gasira conseguiu identificar o nome do sujeito que, de uma forma muito impositiva, conseguia lhe amedrontar demasiadamente.

Horas mais tarde, a lua já brilhava no céu. Os pés relutavam para manter o corpo em pé. A pele queimada ardia, igual febre. Ao som de um suspiro e sem querer, a jovem caiu no chão.

Seu corpo estava, realmente, no limite físico. Ao ver aquele acontecimento, o Capitão, então, ordenou que todos parassem para descansar. Aliás, a noite já não permitia mais a visão com nitidez.

Foi então que Gasira deitou-se e, para sua infelicidade, não por

muito tempo. Ouviu a voz de Capitão Francisco que, em tom de ordem, ordenou a José:

- Traga aquela negrinha até aqui. Estou bem cansado e precisando me desestressar.
- Sim, senhor. Afirmou José em resposta.

Em seguida, o capataz andou alguns passos, inclinou-se para Gasira e, em tom de deboche, com um sorriso no rosto, disse em alto e bom tom:

- Venha! Hoje, a noite vai ser bem quente para você.

A jovem, então, levantou-se e tentou, com todas as poucas forças que lhe restavam, de alguma forma resistir, mas seus braços falharam, sua garganta falhou e suas pernas também.

Lá estava ela, com o coração em pedaços e com medo do que poderia acontecer.

- Chegue mais perto, negrinha! Exclamou o Capitão, com um sorriso no rosto.

Quando se aproximou, algo novo aconteceu. Sentiu as mãos daquele homem caminharem por entre suas coxas. Sua voz, em suspiros, exprimia medo, enquanto o olhar dele perfurava as suas retinas e transmitia algo novo, algo comumente chamado de malícia. Em um ciclo, que parecia infinito, as mãos agora acariciavam seus seios e, dentro de um minúsculo piscar de olhos, sentiu, então, um forte fincado em seu âmago. Por suas pernas, tão vermelho, o sangue correu. Assim, pela primeira vez, ela foi ao inferno. Em oposição à morte da felicidade de Gasira, o Capitão bocejou e, então, satisfeito falou:

- Há tempos que não me sentia tão vivo!

A madrugada caiu e, junto a ela, as lágrimas da jovem. Seu corpo fedia a ódio, sua voz agora estava presa, não havia o que dizer. Sentia-se como um animal enjaulado. Em decorrência dos acontecimentos, as dores externas já não mais a incomodavam. Enquanto tentava cessar o choro, sentiu uma ríspida mão tocar em suas costas. Ao virar sua cabeça sob seu ombro, viu a imagem de um homem, de pele assim como a dela, e também acorrentado. Em tom de calma, ele lhe disse:

- Desculpe-me, garota. Mas vi o absurdo que cometeram com você. Permita-me que eu te ajude de alguma forma? Eu me chamo Danjuma.

Aquelas palavras soaram como um anestésico, naquele momento de imenso sofrimento.

Gasira, então, em meio às suas salgadas lágrimas, suplicou:

- Abrace-me se puder, assim como minha mãe fazia comigo.

Sem ao menos pestanejar, Danjuma abraçou a jovem que, pelo resto da madrugada, tremeu de frio e dor.

Eram cinco horas da manhã e quarenta e cinco minutos. O sol acabara de nascer mais uma manhã. Os pássaros cantavam a alegria do amanhecer, enquanto Gasira abria as pálpebras na tristeza de se viver. Ela foi se levantando e, com os olhos alerta, estava à procura de Danjuma. Logo atrás dela, estava ele, em pé, e foi assim que ela conseguiu notar alguns dos detalhes daquele ser de pele como a sua. Olhos pretos como a noite, lábios grandes como o mar, ombros largos com marcas tão particulares. Os braços pareciam duas marretas de tão fortes. Lá estava a personificação de um herói. Talvez Gasira não tenha entendido o que sentiu

ao ver Danjuma, mas, de certo, até conseguiu sorrir antes que o Capitão começasse a gritar:

- Já é dia, seus... Seus lixos! Andem! A fazenda já se aproxima.

Pelo caminho, até a então desconhecida fazenda, Gasira não entendia, mas alguma força maior do que ela podia entender, levando-a a olhar diversas vezes para aquele homem negro, que durante a noite, a abraçou. Após horas, no mesmo sol quente do dia anterior, chegaram finalmente ao local de destino. Era uma fazenda visivelmente enorme. Os negros acorrentados mal puderam observar a paisagem e já foram jogados dentro de uma senzala.

- A partir de hoje, aqui será a nova casa de vocês. Disse o capataz, enquanto Francisco ia em direção a uma grande casa que ficava no centro da fazenda.

Lá dentro daquela hostil senzala, Gasira aproximou-se de Danjuma e, sem muito pensar, falou-lhe:

- Obrigada! Você realmente me ajudou na noite passada.
- Como forma de agradecimento, poderia me dizer seu nome? Disse Danjuma.
- Gasira! - Replicou a jovem.

Pelo resto daquele dia, eles passaram conversando e se conhecendo, tornando-se um para o outro uma espécie de pilar nesta nova realidade de vida que compartilhavam.

Passados, aproximadamente, três meses, lá ainda estavam os dois: juntos. Dentro desse espaço de tempo, ambos descobriram mais diversas

dores, tais como serviços braçais em grandes plantações de cana-de-açúcar, manutenção da fazenda, mão de obra para produção açucareira e outros. Além disso, adquiriram, por chicotadas, diversas marcas em suas costas, que eram dadas como punição para a tentativa de fuga ou perante a resistência e descumprimento de alguma norma. Como se não fosse muito, ao menos umas duas vezes na semana, durante a noite, Gasira era levada para a casa grande. Lá, por diversas vezes, contra sua vontade, a jovem era violentada pelo Capitão.

De um lado, como obra divina, começou a florescer um amor, tal como a flor mais bela existente, e extremamente recíproco entre Gasira e Danjuma. Do outro lado, em oposição a esse amor maravilhoso que crescia entre Gasira e Danjuma, mesmo na situação mais degradante que se impusera a um ser humano, nascia, no Capitão, um sentimento escondido, pela sofredora jovem de pele retinta. Um sentimento proibido que, de forma descontrolada, havia começado a abalar o maldoso homem branco.

Em uma tarde de sábado, totalmente fora do costume, o Capitão começou a se incomodar com os sentimentos que o rodeavam. Então, em um momento de delírio, ordenou, sem mais nem menos, que José colocasse Gasira, na cama de ferro. Essa cama era como um caixão de metal, que ficava exposto no sol e servia como objeto de tortura para os negros escravos, já que o metal quente, torrava a pele deles. Toda essa situação deu-se pela insegurança de Francisco sobre seus sentimentos. Ele queria que Gasira sentisse a mesma angústia que ele estava sentindo naquele momento.

Cumprindo a ordem de seu patrão, o capataz foi em direção à senzala e, pelos cabelos que já haviam crescido, saiu puxando a garota, enquanto ela gritava, em alto tom, pelo nome de Danjuma. Como um objeto qualquer, foi arremessada na cama de ferro. Aquele ferro queimava como fogo, sua pele gritava e, em voz alta, ela também gritava, mas já era tarde.

Do lado de fora da cama de ferro, estava o Capitão. Parado! Extremamente parado! Ele não acreditou no que viu. Pela primeira vez, notou a existência de um amor que não compartilhava e, então, sentiu como se seu coração explodisse. Sua goela comprimiu-se e faltou-lhe o ar. De fato, ele nunca havia sentido tanto ciúme e tanta raiva. Assim, gritando, ele apontou para Danjuma e disse:

– Esquarteje aquele preto, José!

Como lhe foi ordenado, José, com a ajuda de outros capatazes, buscou Danjuma. No centro da fazenda, amarrou os membros e a cabeça do negro em cinco cavalos diferentes. O Capitão trouxe Gasira, que se encontrava cheia de bolhas e com a pele escamada. Assim que ela chegou, José, abruptamente, com uma arma apontada para cima, disparou, assustando os cavalos, que se debandaram em diferentes direções. Os membros de Danjuma foram todos separados para lados distintos. A jovem ficou estática! Pasma! Não soube sequer resmungar. Então, sem se controlar, caiu no chão em um desmaio. Seu corpo, desmaiado, foi arrastado de volta para a prisão.

Algumas horas depois, Gasira finalmente acordou. Mais que rápido, levantou-se e, curiosamente, procurou por Danjuma por toda a senzala. No fundo, a jovem negra preferiu acreditar que fosse apenas um sonho. Entretanto, a realidade a rodeou e, inevitavelmente, a arrebatou. Aquela agora era a real verdade. Não existiam mais pilares para sustentarem suas dores. Não existia mais alegria para os seus dias. Então, de joelhos, Gasira caiu e ninguém conseguiu consolá-la. O seu choro ecoava no vazio que existia em seu peito e o seu corpo tremia mais que um vulcão em erupção.

Mesmo com toda a dor da negra, a noite chegou como naturalmente acontecia. Desta vez, não havia mais os braços daquele grande herói que a consolava todas as noites. Em meio ao som de suas lamúrias, Gasira ouviu a voz de José:

- Noite de sorte, negrinha! Capitão vai permitir a você se redimir da bagunça que fezhoje.

Como um objeto, Gasira então se levantou. As lágrimas não paravam de escorrer. Seu rosto não tinha expressão. Chegou ao quarto e, mais voraz que das outras vezes, teve seu corpo estuprado. Contudo, verdadeiramente, nem sentiu. Seu desgosto pelo mundo cancelou todas as suas emoções, como se fosse irracional. Apenas conseguia chorar.

Pela primeira vez, o Capitão decidiu que a negra deveria dormir ao seu lado. As horas se passavam e ela continuou parada como uma pedra. Ao seu lado, o homem branco, que tirou toda sua razão de viver, já estava dormindo. Ao lado dele, no chão, estavam suas vestes, seu chicote de couro e sua arma.

Como a quem ressurge à vida, Gasira levantou-se. Não havia mais lágrimas em seu pálido rosto. Seu corpo já não tremia. Era a canção da despedida. Ela andou em direção à arma que se encontrava no chão, completamente nua, como a lua. Parecia flutuar. Seus olhos mesclavam vingança com tristeza. Então, ela pegou a arma e a observou como se fosse o metal mais valioso existente. Olhou em direção ao Capitão, com um olhar de nojo e, sem muito pensar, *boom!* Fez o barulho da arma ao disparar-se.

Como uma lenta canção, o corpo da jovem caiu ao chão. Sem ao menos saber em qual destino chegaria, apenas pôs um fim a todo sofrimento. Assim morreu Gasira, no grande silêncio da lembrança que se resta apagar. Desde então, nunca mais foi contada essa história, em algum outro lugar, pois, por ser somente mais uma morte negra, não se deu a devida importância. E, na memória, apenas uma velha moça, que da vida decidiu se privar.

Mãe

Por Gabriel Azevedo Alves

Eram 11:30. O resultado do exame saía às 12 horas. Não posso dizer que não estava nervosa. O fato de ser um exame preventivo, não muda a probabilidade de o resultado ser positivo.

Eu saí do trabalho e fui direto à clínica. Cheguei cedo, pois queria saber o resultado o mais rápido possível.

O lugar era descontraído, bem alto. As paredes eram brancas, havia muita luz, algumas plantas no canto. Na sala de recepção havia um sofá grande, que ocupava toda a parede oposta à porta, uma televisão, uma mesinha de centro, com algumas revistas, e uma garrafa com chá.

Eu peguei um copo com chá e me sentei, folheei alguma revista. Eu estava realmente nervosa.

Nesse momento, reparei no relógio de parede muito grande, acima da janela. “Clínica viver bem” estava escrito nele.

Fiquei esperando um bom tempo. Até que chegou uma moça simpática e me levou à sala do médico.

- Bom dia - disse ele, sério.
- Bom dia - respondi nervosa.

- Bom, eu tenho notícias não muito animadoras. Lamento informar, mas a mamografia que a senhora fez deu positivo. Nós teremos que...

Senti uma onda passar pelo meu corpo, congelando-o. O médico continuou falando, mas eu não conseguia ouvi-lo. Demorou um pouco, mas, por fim, eu consegui falar:

- Desculpe-me, eu não ouvi direito. O senhor disse que eu tenho câncer?
- Bom, como eu estava dizendo, é preciso fazer uma biópsia para confirmar se a massa é benigna ou maligna. Não precisa se preocupar. As chances de remissão são altas nesses casos.

Eu irei poupá-los dos detalhes, mas saibam que essa conversa não foi nada fácil.

Sai de lá e liguei para minha chefe. Ganhei o dia de folga. Eu estava louca para chegar em casa e ver meus filhos e marido.

Para falar a verdade, eu não lembro como cheguei em casa, sequer qual caminho tomei para me direcionar até lá. Considerando o congestionamento deste horário, eu devo ter gasto uns 30 minutos. Só me lembro de estar lá, parada, na porta, pensando em como iria contar isso aos meus filhos.

Abri a porta. Entrei. Estranhei que não fui atendida por ninguém. Fui direto para o meu quarto, e lá estava meu marido. Na minha cama. Com outra mulher. Novamente, uma onda passou pelo meu corpo, me congelando. Eu não acreditei no que vi.

Saí do quarto chorando. Arrasada. “Qual o menor tempo que se leva para acabar com uma vida?”. Pensei. Tudo aquilo aconteceu em me-

nos de uma hora, tudo o que eu achava que me tornava especial ou feliz acabou.

Meu marido, ou ex-marido - seja lá o que ele era naquele momento - foi atrás de mim, implorando por desculpas. Mas eu não conseguia perdoá-lo. Não naquele momento.

Saí correndo, sem rumo e chorando, pela rua. O dia estava quente.

“Tudo que me resta agora são os meus filhos, as duas coisas mais preciosas do mundo, para mim, que eu gerei dentro do meu ventre, coloquei no mundo e criei. Ensinei-os tudo que eles sabem hoje.”

Mas os dois não tem sequer 10 anos. O que acontecerá com eles, se eles me perderem?

Logo agora que eu estou doente. A minha morte é inevitável.

“Não posso deixá-los com o pai, aquele imprestável. Não respeitou o próprio casamento, quem dirá duas crianças. Isso está fora de cogitação”.

“O que eu irei fazer agora? De que forma irei cuidar deles para sempre, sem poder contar com ninguém aqui na Terra?”. Pensei chorando.

Eu já não sabia onde estava. Não reconhecia as ruas nem as casas. Não sabia que horas eram. E eu estava com sede.

Foi nesse momento que eu vi, em uma placa na rua, um sinal. Um sinal divino.

A verdade é que nem sempre eu soube se acreditava mesmo em Deus. Quando eu era criança, aos domingos, eu ia à igreja com minha

mãe. Mas hoje, na maioria do tempo, eu O ignorava. Se Deus existisse, bem, se não, bem também.

Mas quando eu precisava Dele, eu tentava falar com Ele. Nunca soube se Ele me ouvia, mas funcionava. Eu sempre tinha o que pedia: meus dois filhos; meu casamento; o pedido que fiz, em um acidente de carro que eu me envolvi; no concurso público que eu passei e, até mesmo, quando aquilo aconteceu, quando eu pedi que um homem mal, que me assediava quando criança, me deixasse. Ele me deixou, foi descoberto e preso. Para sempre.

O sinal parecia mesmo divino, analisando o meu histórico, quando eu estava em apuros. Deus me ajudava. E foi assim ele salvou a mim e a meus filhos. Olhei para cima, e na placa estava escrito “Vinde a mim, pois as crianças, porque delas é o reino dos céus.”.

“É isso! Dessa forma eu irei cuidar dos meus filhos eternamente! Deus me mandou esse sinal!”. Gritei eufórica. Nesse momento, eu já não sentia mais dor. Foi um alívio tão grande que eu voltei a chorar, porém, desta vez, de alegria.

Foi neste momento que eu comecei a planejar tudo isso. “Os meus filhos, tão ingênuos e puros, com certeza irão direto para o paraíso”, planejei. Eu só precisava encontrar uma forma de partir com eles daqui e me certificar que tudo dará certo.

Precisava que fosse indolor. Eu os amo demais para fazer com que eles sofram.

Então eu decidi como iria fazê-lo. Precisava que fosse em um local público, afinal, quanto mais pessoas vissem, mais iriam rezar por nós.

Decidi que eu iria pegá-los na escola, de carro, levá-los até a uma

rua que fosse marginal de um rio. E, então, muito rápido, eu me jogaria, com eles, da rua até o paraíso.

Assim, voltei até em casa, caminhando. O Sol estava alto. Fui de carro até a escola. Peguei-os. Abracei-os muito forte. Beijei-lhes a testa. Então, lhes disse:

- Meus filhos, vocês são as pessoas mais importantes da minha vida. Eu os amo muito. Muito mais que vocês podem imaginar. E eu vou cuidar de vocês eternamente! A mamãe nunca vai abandoná-los!

Entramos no carro. Fomos em silêncio até a rua. Assim que eu vi o rio senti uma excitação, uma felicidade, por tudo estar quase acabando. Fiz uma prece rápida. E, sorrindo, eu me joguei com as crianças no rio. Então, partimos daquele mundo. Para aqui.

Foi isso. Então, cadê eles? Onde estão meus filhos?

Olhos De Plástico

Por Kelly Naiara Do Nascimento

03 de fevereiro.

A garota caminhava de volta para casa quando, subitamente, parou. Olhou em volta com atenção e sua expressão se tornou cada vez mais confusa.

Ela viu os prédios, as casas e as pessoas na calçada. Uma senhora estava regando um canteiro de rosas vermelhas do outro lado da rua e um pássaro cantando no telhado de alguém.

O carteiro passava de porta em porta, entregando correspondências. Uma garotinha atravessava a rua com um sorvete e ria do palhaço, que fazia malabarismos no sinal vermelho.

Tudo estava na mais perfeita normalidade, exatamente como sempre foi, mas, de alguma forma, parecia... Diferente.

04 de fevereiro.

A garota caminhava de volta para casa quando, subitamente, parou e olhou em volta com atenção. Prédios, casas, pessoas na calçada, uma senhora cuidando de seu canteiro de rosas, um pássaro no telhado produzindo uma melodia que ela parecia conhecer.

E, então, havia o carteiro, a garotinha com o sorvete, o palhaço.

Algo não parecia certo. Piscou os olhos algumas vezes, tentando afastar aquela sensação estranha, mas ela se recusava a ir embora.

05 de fevereiro

A garota caminhava de volta para casa quando, subitamente, parou. Olhou em volta com atenção e respirou fundo, tentando manter a calma.

Definitivamente havia algo errado.

Deu um passo para trás, involuntariamente, e se chocou com uma mulher que passava por ali. Gaguejou um pedido de desculpas, enquanto a mulher já seguia seu caminho, como se nada tivesse acontecido.

Ela era muito alta e ainda usava saltos tão finos que parecia impossível que pudessem sustentar mais que dois quilos.

Além disso, era muito magra e usava um vestido colado que deixava isso bem claro. Unhas, maquiagem e cabelos perfeitos. Pareciam perfeitos demais.

A garota se assustou ao olhar em volta e perceber que todos esbanjavam a mesma perfeição. Suas peles lisas e reluzentes. Seus olhos opacos e superficiais. Ninguém parecia notar algo errado além dela. Mas quando a olhavam, faziam-na sentir-se deslocada, como se ela fosse o “algo de errado” daquele lugar.

A garota deu mais alguns passos incertos e recebeu mais olhares. Respirou fundo e tentou não chamar atenção, mas era quase como se sentissem sua presença ali.

Atravessou a rua às pressas, sentiu olhares queimando em suas costas, viu cabeças se virarem lentamente enquanto ela passava, e, quando chegou ao outro lado da rua, o palhaço sorria para ela, tão perto que ela podia se ver refletida nos seus olhos - olhos de plástico.

Ele conseguia ser mais perturbador que todas aquelas outras pessoas.

Ela correu pelo resto do caminho até sua casa, abrindo passagem entre pessoas de mentira, o desespero preenchendo-a por completo.

Naquela noite a garota dormiu com as luzes acesas e um espelho ao seu lado. A cada vez que acordava de um sono conturbado ela conferia seus olhos. Checava se ainda eram reais.

17 de fevereiro.

A garota estava no chão do seu quarto e segurava o espelho em sua frente. Seus olhos ainda eram reais. Ela só não sabia por quanto tempo.

Sentia dor a toda e qualquer menção de movimento e ela temia que estivesse se tornando uma daquelas pessoas de plástico, de dentro para fora.

Estava tão fraca, mal conseguia manter-se em pé. Sabia que não comia há algum tempo. Dois dias? Três?

Pensou em pedir ajuda no começo, porém não tinha nenhum vizinho. A casa mais próxima ficava a pelo menos dois quilômetros dali e ainda assim tinha a impressão de que, mesmo que alguém a ouvisse implorar por ajuda, viraria as costas e iria embora, como se ela não existisse.

20 de fevereiro.

Não havia se movido, mas a dor aumentara e suas lágrimas haviam acabado no dia anterior.

Ela queria ligar para alguém e pedir ajuda. Pensava nisso desde o começo. Ela tinha medo de que não houvesse alguém real do outro lado da linha.

Talvez tudo tivesse acontecido rápido demais, talvez houvesse outros como ela e ainda outros que estivessem tentando reverter o que quer que aquilo fosse.

Parte dela queria desesperadamente acreditar nisso.

A outra parte, de alguma forma, sabia que nada daquilo foi repentino. Ela só não via antes. Deveria ter prestado mais atenção.

21 de fevereiro.

O telefone estava a três passos de distância. Trancou todos os seus pensamentos numa pequena caixinha, em um cantinho escuro da sua mente, e se forçou a ficar em pé.

A dor veio imediatamente.

Tentou ignorá-la e buscar conforto na ideia de que conseguiria ajuda. Só três passos. Não poderia ser tão difícil.

Um

Dois.

Três

Cada centímetro do seu corpo pareceu queimar, em uma mistura de dor e frustração, e ela quase riu da ironia.

O telefone era de plástico.

Suas pernas falharam e ela se deixou cair.

27 de fevereiro.

A dor passara, mas ela continuara no chão frio.

O espelho estava longe demais e talvez fosse melhor assim.

Torre Oeste

Por Karlla Moreira De Oliveira

Era o início de mais uma estação em que o sol castigava os moradores daquela pequena cidade. O prédio com tons desbotados, de uma cor entre o bege e o amarelo, era abraçado pelos calorosos raios de início de verão. Na primeira janela do segundo andar podia-se ver uma silhueta, entre a luz calorosa e o escuro de fim de noite, um menino pensativo, que fora acordado por pensamentos que invadiam sua mente.

Uma garota vagava pela cidade hora ou outra, sem nome, semelhante neutro e o mesmo agasalho de todas as estações. Essa garota misteriosa era o motivo da insônia do jovem rapaz, escorado no parapeito da janela do velho prédio. Descobrira no dia anterior que apenas ele sentia as brisas geladas vindas da garota. Ele a via e sentia. Ele! Tão somente ele.

O restaurante, ao qual ia todos os dias no horário de almoço com seus amigos, por conta do preço barato, teve um cliente a menos em poucos segundos, por conta de mais uma brisa gelada repentina. Pela rua movimentada, fora do pequeno restaurante, corria um jovem e uma garota invisível aos olhos das pessoas ao redor.

Em um beco, a correria cessou e a figura gelada desapareceu em meio a falta dos raios solares. O garoto procurou em todos os cantos do vão entre os dois enormes prédios comerciais. O rolar de cinco pedras simetricamente redondas, levou-o a virar-se para o começo do beco. As pedras se moviam sozinhas e em poucos segundos começaram a adquirir forma de criaturas, que não chegavam a um metro e meio, com olhos pequenos e nariz desproporcional.

Os olhos do garoto demonstravam espanto e o seu coração, agitado no peito, sentiu medo. Antes que pudesse fazer alguma coisa em relação as pequenas criaturas, que corriam em sua direção, uma fonte de energia surgiu atrás do corpo imóvel, seguido do sentimento, que irrompeu em seu interior mais uma vez. A garota atravessou o portal com um cajado nas mãos e uma forte onda de energia foi liberada de uma lua crescente na ponta do cajado. O brilho mágico acertou duas criaturas, enquanto outra foi acertada pela ponta inferior do cajado. Os olhos atentos seguiam cada movimento.

O corpo imóvel foi empurrado abruptamente em direção ao portal. Agora, a única coisa que aqueles assustados olhos viam, era o seu mundo desaparecendo sob uma luz extremamente forte seguida de uma completa escuridão que converteu sua mente. Desacordado não sabia para onde seu destino o tinha levado, por conta de uma garota de fios brancos como a neve.

Um pequenino peludo subira as escadas, às pressas, para ver o que causara aquele estrondo repentino. O ambiente simples com detalhes feitos à mão, nas paredes de madeira, fora invadido por um completo estranho que interrompera a calma. O corpo jogado aos pés de uma das estantes de livros era de um desconhecido. Chegando cada vez mais perto ele conferiu a respiração. Estava vivo. *Aparência estranha*. Seria uma fada das Ilhas do Leste? Uma pele como aquela, mesmo que levemente bronzeada, não poderia ser de nenhum dos habitantes daquela floresta gelada. De onde era e como havia chegado ali?

Retirou alguns livros com suas pequenas patas. Agora podia visualizar o corpo inteiro e sentir seu cheiro. *Orelhas estranhas*. Que criatura poderia ter orelhas iguais aquelas? *Suor quente*. Estava frio lá fora, como era possível? Seus pelos, eriçaram como nunca, após alguns instantes de reflexão. Suas presas aumentaram.

– HUMANO!!! – Sibilou

A pequena criatura, coberta por pelos negros, correu ao outro lado do local e voltou a toda velocidade atingindo em cheio a barriga do garoto. Uma tosse descontrolada irrompeu no local. O garoto estava assustado. Os olhos amarelos odiosos, escondidos observavam-no.

Seu corpo doía por conta do impacto contra a estante e o cansaço extremo o mantinha zozinho com sua visão estava completamente turva. O que era aquela criatura? Os brilhos amarelos formavam duas esferas flutuantes na sombra dos pelos negros.

– O que é você? – Sussurrou.

Sem resposta. Tentou enxergar mais uma vez, mas não conseguiu.

– Quem é você e o que fez com Elisa? - O gato sibilou novamente.

Só pode ser um sonho. Os olhos amarelos começaram a brilhar cada vez mais forte, as pupilas começaram a adquirir o formato de lua crescente. O pequeno estava enfurecido, seu sibilar estava cada vez mais alto.

– Alleck Wintairy. Elisa? A garota de cabelo branco? – Segurou para não gaguejar e deu um balanço rápido de cabeça como resposta. - Eu não sei. Ela estava lutando com aquelas criaturas de pedra. Elas empurraram-me. Onde estou? – Sua frase terminou trêmula.

Mesmo depois de acalmar-se, o pequeno felino estava atento a cada movimento.

– Eu sou o Horus, guardião de Elisa Kinloew. Você está nas Montanhas do Sul, território das fadas do inverno. Você atravessou um portal e agora está na dimensão das fadas. “*Aquelas criaturas de pedra*” são filhos da deusa Hasttrid, trolls.

Alleck não sabia o que ele estava dizendo. Tentou processar cada palavra.

- Filhos de Hasttrid. Vermes que rastejam entre as dimensões, causando conflitos entre as raças. Todos que possuem o estigma do mundo em seu corpo, todos que levam no peito ou são levados pela maldade. – Era Elisa que acabara de entrar pela porta.

O traço de algo conhecido trouxe um pouco de paz aos pensamentos de Alleck.

- Horus, já esperamos tempo demais e esse é o momento certo. Temos que agir!
- Por ele? Ele merece ser morto como todos os outros da raça dele que pisam por aqui.

Ele pode ser um filho de Hasttrid!

Hórus estava inquieto e esperançoso. Odiava humanos.

- Por descuido meu ele veio parar aqui. É minha responsabilidade devolvê-lo.- Elisa disse, após traços de preocupação transpassar suas expressões.

Horus permaneceu quieto.

- Alleck. Certo? – Fez que sim – Temos que tirá-lo daqui. Você pode entrar, mas não pode sair. A única forma é encontrar o tesouro da Torre Oeste.
- Precisamos de um livro de magia que está guardado no topo, mas há um problema, ninguém voltou de lá. – Horus, completa Elisa – Ape-

nas encontramos poucas informações e um mapa, em anos de pesquisa. Ou você transforma-se em escravo e morre com o tempo, ou arrisca morrer na torre e volta a viver sua vida patética de humano.

Alleck passou uma das mãos sobre os fios castanhos. Seus olhos estavam arregalados.

- Morrer ou morrer, definitivamente cômico. – Riu ironicamente.
- Partiremos em meia hora! - Elisa falou virando-se de encontro ao começo da escada.

Alleck estava com medo. Como sua vida havia mudado tanto de uma hora para outra? Apenas o cajado de Elisa estava em suas mãos, meia hora depois. A Floresta Flocos de Neve ficava ao sul e estava passando pelo verão. Sem a neve, as árvores frutíferas estavam carregadas e as fadas do inverno caminhavam de um lado para o outro, enchendo cestas enormes. Alleck estava disfarçado, vestia roupas quentes tradicionais e tinha fios de cabelo enegrecidos.

A Torre Oeste apresentava uma estrutura alta o suficiente para seu topo ser intocável. A porta enorme possuía arabescos, detalhes feitos à mão e pedras preciosas, a qual revelava um portal de entrada, ao ser aberta. Eles entraram sem pensar duas vezes.

Um enorme labirinto cercava o caminho que teriam que atravessar. O labirinto era constituído por muros enormes. Eram como murtas com folhas brancas e lírios de gelo. Hora ou outra Elisa voava e conferia o caminho. Criaturas surgiam a cada curva e eram derrotadas com extrema agilidade. Alleck sentia-se fraco e inútil.

Uma escadaria, no final do labirinto, levava a um altar coberto por símbolos. Ao chegarem perto, Elisa sorriu maliciosamente. Suas mãos

fizeram um gesto de corte no ar e entraram no vão feito. De lá, surgiu um livro espesso. Alleck ficou boquiaberto.

- Essa parte possivelmente será a mais demorada. – Elisa interrompe o silêncio. Alleck queria saber o porquê, mas preferiu não perguntar. Horus o vigiava.
- Creio que muitos não ultrapassaram esse altar. Apenas feiticeiros de alto nível são capazes de realizar os feitiços de cada elemento e não podem estar sozinhos. A mana de apenas uma pessoa pode esgotar em poucas horas. Sorte que estamos em três – Elisa sorriu

Quatro horas se passaram até Elisa terminar. Quatro horas cansativas de silêncio, e para Elisa, também de concentração. Hora ou outra as criaturas atacavam, mas Horus estava pronto para defender.

Outro portal fora aberto, mas desta vez eles foram sugados diretamente em direção a ele. Alleck e Horus foram jogados de encontro ao chão de pedra, um trono sobre suas cabeças. Elisa conseguiu manter-se no ar de forma desengonçada. Hasttrid encontrava-se sentada a espera de seus novos fantoches. Seus longos fios loiros chegavam aos pulsos estendidos sobre o encosto do trono intitulado como seu. Sua beleza permaneceu radiante por séculos.

- Há milhares de anos, como forma de diversão, os deuses criaram seres poderosos aos quais reconheceram como filhos legítimos.
 - Começou Hasttrid - Eram cinco no total: Kelenus, Elleonard, Grownun e os irmãos Hottus e Hasttrid. Quatro homens e uma mulher governavam o planeta. A mulher era constantemente assediada. – olhos em ascendentes chamadas de ódio - As criações ficaram perfeitas aos olhos dos orgulhosos pais, mas as criações de Hasttrid eram motivo de piada. Humanos fracos, mas possuíam muita inteligência e habilidade que não eram reconhecidas pelos

outros. Certo dia, Kelenus, Elleonard e Grownun criaram uma guerra entre as espécies a fim de derrotar os humanos. Eles estavam sendo aniquilados. Hasttrid, como forma de vingança, criou a maldade e a colocou no coração de seus filhos. Os humanos estavam em vantagem e sua incrível inteligência fez com que tivessem aliados de outras espécies, criando então, a rivalidade entre os filhos da Terra. – Hasttrid sorria.

- Em meio à guerra, havia uma família de fadas invernais que lutavam bravamente para proteger a todos. Eram chamadas de Kinloew e foram mortas pelos humanos. Quando as dimensões foram criadas, apenas uma Kinloew estava viva, ela reconstruiu a família. – Elisa completou.

- Um humano, com sua inteligência, conseguiu recriar um portal sem o uso da energia das fadas. Ele possuía imensa bondade, mesmo tentado pela maldade desde o nascimento. – Hasttrid voltou a falar - Ao chegar no território das fadas ele foi escravizado, pois apaixonou-se pela princesa do reino, a qual também servia. Ao descobrirem o romance, os dois foram expulsos para a dimensão onde a maldade reinava. Durante a abertura do portal, a maldade infiltrou-se e criaturas foram infectadas, sendo chamadas de Filhos de Hasttrid. A princesa e o homem tiveram filhos. Logo depois, a princesa Kinloew e Joseph Wintairy, foram mortos. Os filhos deles casaram-se com humanos e aos poucos a genética das fadas foi extinguida. – Os olhos arregalados fizeram um sorriso brotar entre seus lábios – Hasttrid que fora o motivo de todo o desastre, foi expulsa para uma dimensão isolada. Ela conseguiu sair e hoje vive em uma torre fazendo criaturas ambiciosas de fantoche.

Todos permaneceram em silêncio. Cada palavra sendo recebida aos poucos, mas de maneiras diferentes.

- O que teremos de fazer para sairmos daqui? – Elisa perguntou.
- Vocês não, apenas um poderá sair. Esse é o segredo da Torre Oeste. Dois ou mais entram, apenas um sai – Ela sorriu.

Os três entraram em pânico. Foram derrotados no momento em que mais se sentiam vitoriosos. Um deles teria que morrer, mas...qual?

- Isso é resolvido sempre com uma batalha. Decidam-se.

Alleck estava pensativo. Ele iria morrer, mas se oferecesse, quem seria o próximo? *Esse é o meu fim*. Elisa permanecia em silêncio pensativa. Horus estava prestes a chorar.

“Ele está com medo da morte” - Pensou Alleck

Minutos depois Alleck tomou sua decisão.

- Eu me ofereço! – Elisa e Alleck falaram ao mesmo tempo.

Hasstrid arregalou os olhos. Era a primeira vez que aquilo acontecia. Ela não estava acreditando.

- Vocês! Eu não acredito – Ela estava incrédula
- O que está acontecendo? – Perguntou Alleck
- Vencemos a torre – Elisa responde.
- Por que?
- Se apenas um pode sair e isso sempre é resolvido em batalha, por que ninguém saiu até hoje? Ela procurava pessoas que não fossem

motivadas pela ambição, ao ponto de matar um parceiro. Ela queria pessoas com bom coração. Certo, Hasttrid? – Elisa a olhou.

- Certo. Eu queria pessoas de bom coração que usufruíssem da aventura de verdade. Queria que pessoas de bom coração cuidassem do meu primeiro e último livro de magia.

Depois das últimas palavras de Hasttrid, eles foram expulsos. A Torre Oeste desmanchou-se em partículas de gelo, que voaram levadas sem rumo pelo vento. O livro estava ali nas mãos. O gostinho de vitória foi interrompido por um guarda real. Elisa e Horus sabiam o que aquilo significava. Os três fugiram juntos pela floresta. A guarda real estava atrás de Alleck, que não podia ficar mais nem um minuto ali.

Ao chegarem na casa de Elisa, os preparativos foram rápidos. Ela procurava a página rapidamente.

- Horus, por que estava chorando? Estava com medo? – Perguntou Alleck
- Não. Sou imortal, eu era o único que não podia me oferecer. Eu não queria que vocês morressem.

A despedida foi difícil, mas Alleck sabia que aquele não seria o último abraço. Ele os veria novamente, custe o que custar. Agora que sabia a verdade, que não voltaria a dormir tranquilamente. A ansiedade ao lembrar da recente aventura, briria o desejo de uma nova. Agora ele era Alleck Wintairy, descendente da família Kinloew e Wintairy. Genética de um amor proibido.

Lástima De Uma Velha Senhora

Por Raquel Soares Do Nascimento Borges

Era uma casa muito bela e suas paredes ouviam tudo. As janelas sorriam para a estrada e a chaminé para o céu do mundo. Nela morou uma grande família que pintou as paredes de azul e bordou os degraus das escadas de carpetes coloridos. Havia flores no jardim e na entrada uma frase que dizia: Bem-vindo a uma casa feliz! Oh! Que dor sentiu a pobre casa, quando se viu sem vida por dentro. Essa que por tempos gravou dentro de si memórias e histórias de tanta gente! Mas em vez daquela vida no campo, seus ex-moradores optaram pela cidade e todo aquele espaço deixado para trás só aumentou o vazio e a solidão daquele lugar. Seu maior sonho era ser novamente habitada, sentir as cócegas dos passos das crianças andando sobre seu chão de madeira maciça que brilhava quando a mãe de família a encerava, e depois vinha o carinho do escovão em gesto de afeto ao alisar e polir com vigor e força como a massageá-la uma vez por semana. E assim, a casa se achava mãe, o útero de refúgio para quem nela vivia. Porém, sem ninguém a ornamentá-la, as flores do jardim murcharam, as cores das paredes e janelas desbotaram, a chaminé ficou sem ânimo, e a frase de boas-vindas não mais ali se via coberta por folhas, galhos, ciscos e terra que o vento vagarosamente ia varrendo em sua direção. O tempo escorreu plácido, lento e constante como a água do riacho escoar em única direção.

Certo dia, eis que surge uma esperança para a triste casa, que ficou dias e noites sem pregar as janelas. Um casal se interessou por ela. Quiseram ver de perto sua beleza. A varanda os agradou, seria ideal para puxar a rede, porém todo aquele espaço para ser mobiliado e depois todo o trabalho para limpar os desanimou. Na sala não havia televisão, apenas

um rádio à pilha posto no chão. Aquela casa provavelmente viu o rádio ser substituído pelo aparelho de imagens. Sobreviveu ao tempo. Era uma senhora de idade que requer cuidados especiais. O casal achou- a grande demais. Buscavam mais praticidade, uma vez que a vida corrida e moderna não tem tempo para uma casa de tanta idade. Sonhava a casa com família grande. Tinha saudade da meninada, das riscadas de giz em suas paredes, porém, agora solitária entendeu que um dia fora casa, hoje carrega apenas o peso da grande saudade que por ali foi deixado. Pobre senhora! Não vê que o problema não está nas paredes surradas ou nas escadas mo-fadas, mas na mulher que não tem tempo, no homem que está ausente, e na criança que foi brincar longe do barro da terra, do abraço do sol e do balanço colorido, que enfeitava a árvore do jardim da casa que um dia alguém desejou morar. Resta-lhe, por enquanto, aguardar que o senhor de tudo, o tempo, a transforme em pó, em cinzas, em memórias felizes...

E Se Fosse Assim?

Por Deivid Henrique Inácio De Araújo

Mamãe sempre fala que eu sou muito criativo, mas ela mal sabe que eu escondo um segredo... eu tenho poderes... mas eles são super super secretos e super super poderosos, prometa não contar para ninguém! Vou falar só uma vez... Eu posso voar e enxergar além das coisas normais! É sério, dizem que nós crianças somos muito imaginativas, mas não é isso! É que a gente consegue enxergar as coisas de verdade, isso porque os olhos de crianças são especiais, por serem puros e por não terem nenhuma maldade. Nós conseguimos enxergar coisas que os adultos não veem bem, pelo menos é isso que a tia da escola diz. Ela é a única que sabe do meu poder de voar e que eu só uso para salvar as pessoas. Todos os dias aparece fogo do chão e muita lava vermelha quente saindo fumaça, então eu tenho que usar a minha habilidade de enxergar além e de voar. Eu e meu fiel amigo Laranjinha, um grande urso laranja feroz que me protege, conseguimos fazer com que ninguém se machuque avisando a todos que não enxergam onde a lava está. Eu posso ir voando rapidamente para várias pessoas avisando, chamo esse evento suspeito de Tem Lava no Chão! Mas claro, com Laranjinha está sempre comigo, apesar de às vezes eu ter que puxar ele pelas pernas ou braços pra conseguir acompanhar meu super super vôo é que ele é um urso muito lento. Depois de um tempo a lava desaparece e mais uma vez o dia foi salvo, apesar de depois ela voltar de novo. Porém se ela não fosse embora, e se ficasse para sempre aqui!? Eu e Laranjinha iríamos ficar muito cansados, apesar de brincarmos muito! Mas.... e se fosse assim?

Imagina só isso, pensa como seria se a lua fosse de queijo, aquele queijo amarelinho, bem redondinho lá no céu e bem gostoso. Com

certeza não sei se iria - com minha grande fome - comer toda a lua de queijo cheia de furos, ou se iria ficar impressionado com ela lá em cima, grandona, dando até a impressão de que todo o céu escuro é apenas um gigantesco prato. Também penso que, nas noites de lua-cheia, ela seria a entrada ou saída. Sabe quando *tá* a noite e você pensa que *tá* dentro de um grande pote escuro com uma luz branca iluminando bem longe lá em cima no céu, como se pudéssemos fugir, a não ser que tenham mentido para mim e a lua na verdade não é nenhum desses dois? Impossível!? A lua só pode ser um desses dois, senão o que ela é? Um monte de pedrinhas que não né! Mas... e se ela fosse várias pedrinhas grudadas uma na outra até formar uma gigantesca pedra, e se fosse assim?

Eu lembro de uma vez que tive um sonho muito divertido. Eu sonhei com um dragão grande, bem grandão e forte que voava por toda parte. Ele tinha asas enormes de cor negra, era igual ao dos desenhos que se vê na televisão, parecia ser bravo, sua calda era enorme e cheia de espinhos. Enquanto eu prestava atenção, ele rapidamente descia até o chão, dava a sensação que iria cuspir fogo a qualquer momento. Já estava até pronto pra pular e dar um grito pelo ansioso e emocionante momento - não me pergunte onde eu *tava* porque eu nunca entendo meus sonhos direitos - mas ele não faz isso. Do nada, quando olho direto para ele, aquele imenso dragão com cara de bravo, se encolhe até virar uma menina quase do meu tamanho! Eu não entendi nada nessa hora. Achei que agora que iria começar a ação com dragões, aventuras, batalhas, mas de repente aparece uma menina! E não me pergunte como era porque meninas são chatas. Se pelo menos fosse um menino *pra* gente brincar junto, mas pensando bem agora, até que é um sonho bem interessante. Dragões ferozes se transformando em meninas, afinal, não seria nada mentira já que meninas quando estão com raiva são como ferozes dragões! E se as pessoas pudessem se transformar em humanos e dragões a qualquer momento. Podendo voar por aí, rugir bem alto e soltar fogo. Iria ser emocionante! Como humano eu me chamaria Pedro, mas enquanto dragão me chamaria Bravão, porque ia ser muito bravo “GARRRRRRRRRR”!!! Já pensou se fosse assim?

Uma vez eu vi na *tv* um filme que falava sobre robôs, máquinas, viagens ao espaço. Eu acho que seria legal eu ter um robô. Será que eu poderia ser um? Ia ser legal ter todo meu corpo de metal, assim quando eu brincasse, caso eu caísse não machucaria. Isso seria muito bom! Não, e se eu tivesse olhos com raios lasers e braços com super-força capazes de fazer qualquer coisa? Isso sem contar as várias dancinhas robóticas que eu iria fazer. Imaginem que cada passo que uma pessoa desse faria um barulho de metal bem alto. De manhã todas as pessoas iriam sair por aí com antenas na cabeça e corpos de metal. As crianças mais novas, *tipo* eu, todas com cor cinza mais clara, os adultos mais escuros, e os velhinhos com cor laranja por causa da ferrugem. Mas se formos robôs então será que não iríamos conseguir pular? Será que a gente ia conseguir estalar os dedos? E quanto a comer!? Ah não! Se eu não conseguisse comer sendo um robô eu não aguentaria! Não consigo imaginar ficar longe daquele gostoso sorvete de chocolate ou daquele bolo de cenoura, do cereal com leite, ou pior ainda, daquele maravilhoso leite com achocolatado bem quentinho cedinho!? Se fosse assim eu não iria querer ser um robô, a vida ia ser muito triste! Mas também teria coisas boas nisso, como não se machucar quando brincasse, e então, e se fosse assim?

Sabe, vou contar um segredo baixinho só pra você escutar: a única coisa que tenho medo. Sim! Sei que você fica surpreso, eu, um super super-herói com tantos poderes ter medo, mas todos temos medos. Eu também tenho, apesar de que o Laranjinha sempre me protege quando tenho medo, ele fica comigo porque é o melhor e mais feroz urso amigo do universo! Não conta pra ninguém, tá? Tenho medo do escuro e de alienígenas! É que sei que são coisas assustadoras, mas tenho que enfrentar elas, junto com Laranjinha, claro!

Toda noite Laranjinha fica comigo e me protege do escuro, isso até esperar o sol nascer. Dizem que fantasmas vêm a noite puxar nosso pé, mas não tenho medo de fantasma e sim de alienígenas. Aqueles seres com antenas na cabeça, magros e pequenos com grandes olhos negros e apenas

três dedos nas mãos. Assustador!! Mas... como tudo tem um lado bom o Laranjinha me protege deles, então durmo abraçado com meu melhor amigo de olhos fechados. Enquanto durmo ele luta contra os aliens e protege de tentarem me abduzir. Ele realmente é um grande amigo. Meu único amigo na verdade... Mas... e se eles me levassem? O que aconteceria comigo? E se fosse assim?

Tantos mundos diferentes, tantos planetas coloridos, bonitos e em forma de bola que tem no céu. Queria muito ir pra lá investigar o espaço, mas com Laranjinha *pra* me proteger dos malvados alienígenas, claro. Ver tudo o que há no universo, apenas eu e meu amigo. Os adultos são muito legais, parecem heróis grandes capazes de fazerem tudo, mas vivem sempre ocupados correndo de lá *pra* cá. Apesar de serem grandes eles me dão medo, tristeza e me fazem chorar, por isso eu queria fugir, e me divertir, apenas eu e meu único amigo, viveríamos feliz era só isso. Às vezes olho para o céu, aquele lindo céu e não sei o porquê, toda hora digo cochichando: “Eu quero voltar no tempo” digo como se essas palavras realmente me permitissem fazer isso... mas não fazem.”

Tudo que narrei neste curto período de tempo, não passa das concepções que um dia, a muito tempo atrás, precisamente, eu tive em minha infância. Toda esta criatividade e imaginação, todos estes devaneios não passavam de absurdos ingênuos e tolos. Eu via os adultos sempre com bondade, os via sempre com amor, com compaixão, com alegria, como “grandes heróis”, mas com o decorrer do tempo, esses afetos desapareceram como nuvens em um dia de ventania forte. Eu percebi a realidade, a avistei bem de perto a maldade do coração humano. Percebi que o termo “humano” é sinônimo de “adulto”, e possui como raízes as palavras egoísmo e sadismo. Onde tudo o que importa é apenas seu “Eu”, fazendo de tudo por si mesmo, tendo como sentimento verdadeiro e predominante um orgulho capaz de subjugar até mesmo o ódio ou amor, cujo ego pode moldar toda a realidade apenas com a força do seu querer; e caso algo atrapalhe esse ego, ele se transforma em outro sentimento onde surge o

prazer pela destruição, massacre, ruína e pôr fim a morte e sofrimento daquele ou daquilo que se atreveu a servir de empecilho para sua caminhada em prol de seus desejos e metas egoístas que não visam, ou melhor, desconhecem o próximo, ou aquilo o qual denominados de “os outros”.

Toda minha criatividade foi apenas uma válvula de escape para que fugisse dos meus problemas: meus pais separados; meu pai fingia que eu não existia; minha mãe vivia trabalhando e esquecendo de mim. Apesar da minha infância feliz em um mundo paralelo há muitos traumas na memória. Se você se perguntar como sou hoje em dia, permita-me responder: sou um adulto totalmente...

“PLINNNNNNNN!!!” Alarme despertou, hora de terminar o café, voltar para a realidade, terminar o expediente, pegar meu carro e voltar para meu planeta casa.

E O Que Parecia Ser

Por Otávio Augusto De Andrade Rocha

E se, por uma fração de tempo tudo se perdesse, para onde iria, ou o que faria? Pessoas vêm e vão, e como estão as que ficam? A dúvida é o mal do homem por não saber onde procurar e como questionar seguindo passos criados por ele mesmo, assim, caindo na sua armadilha.

Há muito tempo eu tenho vontade de voltar para aquele lugar, descobrir o que aconteceu com aquela pessoa, o meu irmão, mas meu medo é grande demais. Meu temor de descobrir a verdade e me decepcionar é maior do que a minha curiosidade, pelo menos era assim até aquela manhã. Eu estava sem nada para fazer naquela tediosa manhã de folga, até que alguém desesperado chega a minha porta e quase a coloca abaixo. Eu não estava esperando por ninguém, então assustei mais ainda com as circunstâncias da situação.

Abri a porta, e para a minha surpresa, não havia ninguém ali. Fui até a rua, mas, assim como antes, não vi sinal nenhum de quem seria a pessoa que havia passado por lá. Entretanto, quando eu estava voltando para dentro de casa vi uma carta no chão. Nela não havia nenhuma identificação, apenas o meu nome, escrito com uma tinta vermelha e de tonalidade muito forte. Com apreensão abri a carta. Para a minha surpresa havia a seguinte inscrição:

“Olá Archie! Se quiser descobrir a verdade acontecida a 8 anos atrás, venha até mim! Estarei te esperando daqui a uma semana no último lugar em que vocês se viram pela última vez!”

Ass.: O observador...”

Ao puxar pela memória, oito anos atrás fui obrigado a ir viver com minha mãe na Inglaterra, muito longe do meu lar, a Espanha. Meus pais se divorciaram e decidiram que cada um ficaria com um dos filhos, assim me separaram do meu irmão. Ao chegarmos na nossa nova casa, naquela terrível tarde, recebemos a notícia de que meu irmão, Andrew, havia desaparecido sem deixar rastros. Fiquei um bom tempo refletindo sobre o que fazer, o tempo todo perguntas como “Devo ir?”, “O que eu vou fazer depois de descobrir a verdade?” e várias outras dúvidas sobre o assunto surgiam à minha mente. Depois de refletir sobre isso tomei minha decisão. “Vou tirar essa história a limpo de uma vez por todas, e claro, vou com muita cautela para nada dar errado!”

A muito precisava tirar minhas férias que estava adiando, arrumei minhas malas, dei um tempo no Jornal em que trabalhava e fui. Comprei uma passagem de avião para Madrid, onde iria pegar um ônibus para a vila em que eu morava. Após oito horas no avião e duas horas no ônibus, finalmente cheguei no meu antigo lar. Muita coisa estava diferente de antes, mas continuava sendo a mesma vila que eu conhecia quando era mais novo.

Logo arrumei um lugar para dormir. Era uma antiga pousada, mas mesmo assim era muito bonita. Eu me lembro de ver esse lugar várias vezes quando eu era pequeno, provavelmente o lugar funcionava desde antes de eu nascer. Depois de deixar minhas coisas no quarto, saí para comer algo, já que eu estava há mais de 10 horas sem comer nada. Perguntei para o gerente da Pousada onde ficava o restaurante mais próximo, e ele apontou para o fim da rua, disse que lá havia um restaurante de comida popular, então eu fui.

Chegando no restaurante fui atendido quase que no mesmo instante em que eu me sentei, o estabelecimento estava começando a lotar, então o pessoal estava a todo pique. Fiz meu pedido e fiquei observando o movimento do lugar. Enquanto isso um homem, pelo menos 10 anos mais velho que eu se, aproximou e disse:

- Posso me sentar aqui? O restaurante está cheio, e se eu ficar esperando, só vou conseguir sair daqui de madrugada. - Disse com um sorriso gentil no rosto.

Não achei que seria um problema, então disse para aquele homem que estava tudo bem. Rapidamente ele fez seu pedido, o silêncio tomou conta da mesa até que eu decidi fazer uma pergunta para o homem.

- Você sempre viveu aqui? Faz muito tempo que eu não venho aqui, então não me lembro de quase nada e de ninguém.

Seu sorriso mudou um pouco, quase desapareceu, então ele me contou um pouco da sua história. Disse que havia se mudado para lá fazia 8 anos, depois que a sua esposa falecera em um acidente. Me senti um pouco mal com a história dele, mas tentei não manter o assunto triste. Continuamos conversando por um tempo, e então nos despedimos.

Como por encanto, depois disso, todas as noites nos encontrávamos no mesmo restaurante, no mesmo horário e com a mesma situação de todos os dias, restaurante cheio, como se fosse uma coisa combinada, não por minha parte, pelo menos. Ele ganhou a minha confiança nesse período, e eu acabei contando toda a minha história para ele, assim como ele me contou o resto da sua história de vida para mim.

Isso aconteceu até o dia em que eu iria me encontrar com a pessoa misteriosa que havia me enviado aquela carta. Naquela noite, ele não estava no restaurante, achei estranho comer sozinho, mas o fiz e peguei meu caminho de volta para o hotel. Duas quadras depois do restaurante, em uma rua deserta, eu ouvi uma voz conhecida dizer:

- Você não devia ter confiado tanto em mim garoto!

Logo depois de ouvir isso, senti uma forte pancada na minha cabeça e não me lembro do que aconteceu depois disso até acordar amarrado

e amordaçado em uma sala escura, com apenas a iluminação de um feixe de luz que revelava o rosto de outro homem. O rosto muito semelhante ao meu, pensei que fosse um espelho, então eu fechei meus olhos por um instante, respirei fundo e implorei a Deus no silêncio dos meus pensamentos que aquilo fosse um sonho. Abri meus olhos novamente e aquele homem estava me encarando fixamente. Não acreditei que naquelas circunstâncias eu iria reencontrar meu irmão, 8 anos depois do seu desaparecimento. Alguns minutos depois, eu ouvi uma risada muito satisfeita, ela começou baixa e foi se aproximando de mim até que aquele homem do restaurante aparece subitamente na minha frente. Eu não havia o visto antes por conta do escuro, ele aperta o meu rosto, ainda rindo e começa a falar perto do meu ouvido:

- Deu muito trabalho juntar vocês dois outra vez, 8 anos atrás eu tentei, mas você foi embora com a sua mãe, e eu não pude cumprir a minha missão com vocês dois.

Me contorço na cadeira tentando me desamarrar, mas é em vão. Não entendia o motivo de ele fazer isso, e como se ele pudesse ler o meu pensamento, explicou tudo o que ele havia feito.

- Ah sim! Você não deve entender o que está acontecendo, vou te explicar. Seu irmão já conhece essa história, afinal foram 8 anos ouvindo apenas isso. - Ele ri outra vez e volta a falar - Há muitos anos, quando eu era apenas uma criança, eu passei pela mesma situação que vocês, com o meu irmão gêmeo. Um homem louco invadiu a minha casa enquanto estávamos apenas nós dois lá, ele nos prendeu e disse que iria fazer um jogo, com as seguintes regras, primeira, nenhum dos dois fala. Segunda, a vitória vai ser decidida na sorte, em uma melhor de 3 usando uma moeda, um seria cara, e o outro coroa, o vencedor tem que assistir as consequências da derrota do outro de frente. - Mudando sua face para uma expressão triste, ele continua a falar - O jogo começou, eu era o irmão

escolhido para representar cara, e meu irmão coroa, o louco jogou a moeda, e nas 3 vezes, o resultado foi cara, como consequência, tive que ver ele assassinar o meu irmão na minha frente.

Eu entendi a situação na hora, continuei a me debater para tentar me soltar, mas nada de conseguir escapar, ele me olhou com cara de desprezo, e disse as últimas palavras antes de o jogo começar.

- Deus me deu então a missão de repetir aquela cena com todos os gêmeos que eu encontrasse, e assim eu fiz. - a expressão triste some do seu rosto, e aquele sorriso toma conta da sua face outra vez - Por anos eu cumpri a missão com perfeição, mas quando chegou a vez de vocês, 8 anos atrás, você me atrapalhou, foi morar com sua mãe fora do país, e eu tive que ficar com o seu irmão por todo esse tempo. Mas chega de conversa, vamos jogar. - Aponta para mim indicando que eu sou cara, e para o meu irmão, que é coroa.

Depois de dizer isso, ele coloca a moeda sobre seu polegar, pede a Deus a devida punição divina para um de nós dois, joga a moeda para o alto, para decidir quem será o irmão punido. A sorte foi lançada, moeda ao chão.

Sentimentos Líquidos

Por Rainer Késley Maciel Santana

Júlia estava na segunda garrafa de vinho e a meio maço de cigarros, tinha algumas malas prontas e com uma reflexão: “Se eu errar que seja por muito, por amar demais, por me entregar demais, por ter tentado ser feliz demais”. Não tão sóbria, apreciando a escuridão do seu quarto. Parada ali, saboreando aquele líquido de uvas fermentadas, ouvia-se o barulho dos insetos noturnos do período chuvoso, e de repente o reflexo do farol alto de um carro qualquer direto na sua janela.

Ouviu passos no degrau e ficou atenta aos mínimos detalhes. Batidas fortes, rápidas e ritmadas ecoam no vazio da sua sala. Pelos solavancos que a porta recebia, ela conseguiu identificar o infeliz que estava ali. As batidas tornaram-se mais frequentes, altas e ritmadas. Sentiu que a qualquer momento sua porta seria rompida.

Acendeu outro cigarro e reparou que as batidas cessaram, mas o seu corpo permanecia trêmulo pelo tremor que era repassado pelas batidas. Um barulho, como de um corpo deslizando da parede ao chão: sua audição aguça e ouve soluços acompanhados de murmúrios. De súbito, levantou-se e saiu apalpando os móveis para encontrar as chaves e abrir a porta.

“Quem está aí?” ela sussurrou calma, fingindo não saber quem poderia ser.

“Sou eu, Ulisses, estou precisando muito de sua ajuda.” diz seu ex-companheiro.

Reconhecendo a voz, não hesita em abrir a porta, é pega de surpresa ao receber um abraço caloroso. Sentiu lágrimas em contato com a sua pele.

“Aconteceu algo sério com o Pedro.” Essa foi a última frase do Ulisses.

Ulisses sentiu que o universo havia parado. O ar da noite chegava quente em seus pulmões, fazia o ferver por dentro enquanto o gosto da morte estava nos seus lábios. Após fechar a porta, foi golpeado por trás. Sentiu o frio da lamina na pele, sua roupa encharca de sangue e uma tontura que logo o leva do chão direto para o inconsciente eterno.

*

A menina interiorana, que por muito tempo se considerava frágil, se viu limitada ao permanecer na sua cidade de origem, e para isso mudou-se para Brasília. Seus objetivos eram estudar e trabalhar, para ajudar a sua mãe e os outros irmãos desde o abandono do pai. A família passou por necessidades básicas, cresceu revoltada por causa disso, por muitas vezes teve que ajudar a mãe em seu trabalho para conseguir arcar com as despesas no final do mês.

Desde criança, seu sonho sempre foi ser uma jornalista, e por isso era sempre ligada aos canais de reportagens. Uma amiga da família deu apoio para ela ir para a capital, oferecendo o próprio teto enquanto ela se estabilizasse.

Seu primeiro serviço foi como atendente de farmácia, ganhando razoavelmente bem, ajudava a família, pagava uma kitnet e ganhou 100% da bolsa para o então sonhado curso. Em Brasília, por ser uma cidade alternativa e diversa, Júlia foi atraída por caminhos que até então desconhecia e muitas das vezes influenciadas por amigos, mas como estava em

um mundo de possibilidades, deixou ser mais uma refém para essas novas experiências de vida.

No começo foi tudo difícil, até encontrar sua tribo urbana e com isso liberar todo aquele êxtase interior. Experimentou várias possibilidades da vida, mas no amor foi culminante. Nunca havia se apaixonado e se interessou de início por Pedro. Se conheceram em uma balada, um carinho legal, e com trejeitos sofisticados, típico jovem classe média alta.

Esse relacionamento durou cerca de três meses, época na qual a troca de experiência foi mútua, compartilhando os mesmos gostos. Envolveu-se na mesma roda de amigos e com isso o desejo por novas experiências aflorou-se na pele dos mesmos e, com isso, começaram a partilhar experiências juntos.

Eles, em uma das saídas semanais, conheceram o Ulisses, um jovem de uma beleza afrodisíaca. Logo os três começaram a se relacionar como namorados. Existiu um elo telepático entre eles após o primeiro contato; um pequeno incidente que os aproximaram, alguém derrubou bebida em alguém e o que poderia gerar uma confusão acabou se tornando uma boa prosa e troca de contatos. Começaram a se encontrar com frequência e viram que partilhavam interesses em comum.

Compartilhavam sentimentos entre si, aparentemente, era o que descrevia para os amigos mais próximos. Uma sintonia emanava daquele trisal, se combinavam por completos, das paixões aos devaneios. Levavam uma vida social despreziosa. Cada um morava em seus lugares próprios. A relação ainda não tinha se estendido a ponto de compartilharem o mesmo teto, por isso se viam com frequência e sempre eles por eles.

Fim de ano, cada um dos amantes resolveu viajar para lugares diferentes: Júlia visitaria sua família na cidade do interior; Ulisses viajaria com amigos para um acampamento e Pedro ainda estava se recuperando

da perda da mãe em um acidente automobilístico e por isso fazia acompanhamento psicológico.

Desde a perda da mãe, Pedro se desligou mais dos amantes, recebeu todo apoio que precisou durante o luto, mas a falta da mãe na sua vida era grande e isso fazia com que se afastasse de todos a sua volta. Houve muitas vezes discussões entre eles, e em uma delas acabou agredindo verbalmente os amantes. A sensibilidade de um desequilibrou a essência daquele relacionamento e com isso gerou certa tensão e distanciamento.

Em pouco tempo resolveram se encontrar em um bar para pôr a conversa em dia. Após sentirem a bebida fazer efeito no sistema nervoso e muitas conversas aleatórias eles partilharam: Júlia descobriu que estava grávida e não sabia de quem poderia ser o pai, o Ulisses que estava com uma doença sexual e o Pedro estágio inicial de depressão.

A relação dos três é afetada quando as cartas são postas à mesa: o espelho que sustentavam aquele relacionamento fora estraçalhado repentinamente por aquelas palavras.

Dias passaram e os contatos dos jovens diminuíram, não que tivessem terminado com relacionamento, mas um tempo para cada um, eram muitas informações para absorver. Todos estavam com consequências que não poderiam ser compartilhadas, ideia contrária ao amor, que prega que quem ama o outro ajuda no fardo.

Júlia marca um jantar na casa dela para eles conversarem, ela precisa saber como vai ficar para frente à vida dela e dos seus dois amantes. “Agora com a gravidez eu irei trancar a faculdade, pedir demissão e voltar para a casa da minha mãe, decidi isso.” Júlia disse com um copo de vinho na mão.

“Júlia, você está grávida e não sabemos ainda quem é o pai. Não pode nos deixar assim, sugiro que você faça um aborto. Devemos por fim

na nossa história, eu não aceitarei esse filho, caso eu for o pai.” Ulisses disse de maneira natural.

Ulisses, aproveitando a conversa declara que não quer viver mais aquele tipo de romance, descobriu que todo sentimento que nutria era mais forte para com o Pedro, que o laço que o unia a Júlia havia se transformado em amizade da sua parte e que não aceitava a gravidez, até sugeriu pagar uma clínica clandestina para o aborto, caso fosse o pai da criança.

Pedro ainda perplexo pelo o que ficou sabendo, embora gostasse das experiências sexuais com o parceiro, nutria um sentimento mais forte pela Júlia, então calado estava e ficou.

Júlia, nesse período em que ficaram afastados descobriu que seu amor pelo o Pedro é mais forte e o filho que esperava era do Ulisses, amante que ela menos gostava, fato descoberto por um DNA gestacional. Dessa forma tramou com o Pedro dar um basta naquilo, um assassinato deveria por ponto final naquela confusão. Como já havia viajado para casa da família, para fazer a boa moça, tinha em si um estoque lembranças da sua provável última presença com a família. Combinaram que depois de concretizar o planejado fugiriam para tentar uma nova vida em qualquer país latino. Esconderiam o corpo em um lugar seguro e colocariam cal para dificultar a identificação.

Júlia, rejeitada pelo o pai, não ia permitir que o seu filho sofresse por suas atitudes irresponsáveis, ainda mais se submeter à vontade do Ulisses, um aborto em uma clínica clandestina e, por isso, Pedro topou a responsabilidade de dar amor e carinho para o filho que criaria como sendo o pai legítimo.

Pedro acerta com Júlia os últimos detalhes para a morte do Ulisses. Tiveram a ideia de armar um suposto suicídio para o Pedro e usar

do amor que o Ulisses nutria por ele para poder fazer ser uma presa fácil. O suposto plano ocorreu de maneira que Júlia, fingindo estar conformada com a situação proposta pelo Ulisses, liga para ele dizendo que estava com medo do Pedro cometer um suicídio, que após a morte da mãe ele havia desenvolvido problemas psicológicos e não tinha mais vontade de viver, pede para checar essas informações na casa dele, já que esta indisposta por causa da gravidez. Ulisses, abatido por não ter seu sentimento recíproco, desespera-se por não saber o que está acontecendo com o seu amado.

No ato do desespero pega o carro do irmão e em alta velocidade pelas ruas chega até no apartamento do Pedro e descobre que não tem ninguém em casa após tocar intensamente o interfone, arromba a porta com alguns chutes e começa a procura pelo o apartamento bem mobiliado, encontra uma suposta carta de suicídio que o leva a pensar que o ato já pode ter acontecido e sem saber o que fazer sai desesperado para a casa da Júlia.

Dirigindo em alta velocidade, não para de pensar, algo deveria ser feito, a dor teria que ser compartilhada na mesma intensidade para quem compartilhava os mesmos sentimentos. Ninguém iria viver sem ninguém, foi seu último julgamento após pegar uma arma que estava no porta-luvas do carro do seu irmão policial. Tinha chovido o dia inteiro, pensou que talvez a chuva pudesse lavar sua alma e com isso diminuir o peso que carregava agora, mas nada adiantou. Tremia e soluçava de desespero, no auge dessa confusão deixava marcas de pneu por onde passava.

Desesperado, joga as luzes dos faróis diretamente na janela de vidro da casa da Júlia, casa que tanto conhecia. Desceu do carro, com a mão empunhada uma arma para si, mas não teve coragem o suficiente de acabar ali mesmo a sua dor, era o motivo que levava a tremer e não ter realidade do que estava acontecendo. Seu corpo estava em choque, não parava de chorar.

Subiu os degraus armado e bateu violentamente contra a porta, vendo que demorava ser aberta, suspirou, escorregou e ficou sentado com a cabeça entre as pernas no umbral da porta, ouve o barulho da chave na fechadura, a porta aberta e ali olhando para si os olhos castanhos claros fogueiros da Júlia. Naquele momento de desespero, se jogou naqueles braços em busca de um conforto, um abraço, e não percebeu que a porta atrás de si se fechou, uma sombra se projetava ali do lado esquerdo da porta, Pedro segurava uma faca.

A dor de amar é a mesma de morrer, último pensamento do Ulisses enquanto o coração parava para a eternidade. Após a porta ser fechada, Ulisses só percebe que foi enganado quando foi golpeado, sentiu a lâmina fria na lateral do seu corpo, e pelo susto que leva dispara um tiro que atinge Júlia em cheio no ventre.

Ulisses deixa a arma cair e, com suas últimas forças, consegue segurar o corpo da Júlia e os dois caem lentamente até o chão. Deitado por cima de um corpo já sem vida e dentro de uma poça de sangue que se espalha lentamente pela sala, Ulisses ainda consegue enxergar o rosto do seu amado e ver lágrimas que jorram do rosto de Pedro. Já com as vistas escuras, ainda foi capaz de escutar um eco que estrondou pela sala e o barulho de algo que se assemelhava a um corpo caindo. A morte se aproxima, um gosto de sangue na boca e uma tontura espalhando pelo o corpo, têm seus últimos suspiros de vida.

Extintos

Por Adryanne Rodrigues Da Conceição

“E se houver um deus em algum lugar, que ele nos permita reencontrarmos quando tudo isso acabar, e se não mais te ver prometo procurá-la, nem que seja através de nossas reencontrações, pois meu amor por ti é capaz de exceder essa vida”.

Sempre fora apaixonada pela praia, pela areia e o mar, e desde muito criança gostava de apreciar fotos em revistas e jornais de Salvador com um desejo a conhecer. Todavia algo a dizia que já estivera em uma antes e quase como se pudesse ouvir o som das ondas se quebrando ao longe, apesar de nunca sequer ter saído de sua cidadezinha interiorana. Talvez esse sentimento fosse das noites que se via engasgada com um aroma familiar que era, ou julgava ser a brisa de um mar, embora, ao olhar pela janela a paisagem era o mesmo vilarejo pacato e dentre morros de sempre. Era notório que ninguém mais sentia aqueles cheiros, existiam apenas em sua cabeça, estariam tais cheiros presos às suas lembranças ou seriam apenas meros devaneios? Talvez também aquele moço de comprido cabelo louro, aparência jovem e selvagem que desbravava seus sonhos seja somente fruto de sua imaginação.

Ah, linda morena de olhos cor de âmbar de alma tão leve que suporta esse seu sorriso destemido, força e delicadeza estão presentes nela em perfeito equilíbrio e harmonia. Em sua pele sem muito esconder se torna perceptível todas as cores do alvorecer. Teus cabelos compridos, negros e volumosos se contrastam tão bem com a beleza que a cerca que quase soa fantástico. Apesar da sua falta de vaidade, a simplicidade a torna bela e cheia de vida. Gostava de ajudar os mais velhos e se encantava com

as histórias que lhe contavam de épocas passadas, de suas vidas agitadas antes mesmo de escolherem o interior para passarem os últimos de seus dias. Ela sempre se perguntava como seria a vida na cidade grande, viveria algum dia um romance como aqueles ditos nas canções de sua época?

Já meio distante da jovem Carmélia, um rapaz morador da tão sonhada e bela Salvador, batizado Anísio e filho de um importante membro da política do Estado almejava algo além que a sombra do seu pai. Tinha seus próprios sonhos, era o maior amante de música e das artes locais, mas seu caminho na política estava decididamente planejado. Sentia-se como um pássaro engaiolado de penas podadas proibido de cantar. Quando pequeno sofria sem entender o motivo de não poder brincar e frequentar a escola como as demais crianças. Usava roupas justas e comportadas, a imagem da família era tudo de mais importante para seu pai tão autoritário. Era um moço de coração bom e alma humilde. Tinha os olhos cor de jabuticaba que herdara da sua mãe, pele morena de praia, cabelos claros, compridos e rebeldemente ondulados. Quem não o conhecesse o julgava um jovem comum sem um imenso fardo a carregar, e era isso o que ele mais gostaria de ser na maioria das vezes. Um jovem calado que pensava muito, e em meio a tantos pensamentos adormecia vendo-se preso a um de seus sonhos que havia se tornado mais frequente nos últimos dias parecendo lhe preparasse para algo.

- “Eu acredito em você... Mas e se não puder lembrar-se de mim...” –
Havia um tom preocupante em sua voz – “Se algo te acontecer, se” ...
- “Acalme-se e vá, fuja, eu te encontrarei, e então viveremos felizes, eu prometo...” As falas foram se interrompidas por gritaria e passos rápidos à distância, ouviu-se um tiro de espingarda seguido de um grito feminino que penetrou o mais íntimo da sua alma, como uma bala. Ele então acordou assustado;

- De novo esse pesadelo... Eu não entendo, eu sempre estou como personagem... Dessa vez havia uma moça, não me lembro de seu rosto, me soa familiar, mas nunca a vi antes. A sua voz, como era suave...

Já era dia, e do raiar ao pôr do sol as mesmas perguntas se repetem e clamam por respostas. Sentimentos que vão e vêm, se repelem e se chocam, causam uma confusão de lhe dar dor de cabeça. Nesses momentos às vezes ele vai à praia escondido, mas infelizmente mais tarde naquela manhã ele teria aulas. Embora qualquer assunto que envolva política e o nome da família ele julgue entediante, também compreende o quão satisfatório é para seu pai, pensar que seu filho está a cada passo mais perto de se tornar seu sócia e isso o faz deixá-lo em paz por um tempo.

De volta ao interior, a bela moça já quase se cansara da mesma paisagem que se repetira em todos esses anos. As chapadas e morros que compunham a vista cobertos de uma vegetação nativa, a caatinga nada homogênea preenchia toda a visão com suas belezas, o Velho Chico enriquecia a região deixando toda sua margem verde, como um oásis nos períodos de seca, impedindo que aquele povo religioso perdesse a fé. Durante a década de 60, aqueles que deixavam a velha Bahia e marchavam rumo às capitais, cheios de sonhos e expectativas, pediam aos espíritos do rio e dos morros adormecidos, para que assim como os mandacarus, pudessem ser capazes de conviver com a saudade, seja ela das chuvas ou de sua amada família que estava deixando para trás. Com ou sem chuva a flor do mandacaru abrirá, pediam as seus deuses forças para aguentar e partiam decididos àquela terra um dia voltar.

A jovem Carmélia amadurecera, sua beleza se tornou ainda mais medieval. Devido às condições da época não teve estudo, conseguiu um trabalho em um restaurante à beira de estrada ainda naquela pacata cidade dentre morros que era agora cortada por uma movimentada rodovia que trazia e levava viajantes, vendedores e mercadorias aos confins de todo o Brasil. De tanto colecionar histórias que ouvira durante todo o

período que estivera ali, decidiu ser a autora de seu próprio conto. Iria conhecer a praia. Com seu trabalho conseguiu guardar dinheiro suficiente para conseguir pagar uma carona até Salvador, de onde só conhecia as belas fotos impressas em preto e branco nos cartões postais que via os viajantes trazer consigo e mostrar-lhe alegres pessoas e comerciantes. Sua viagem durou dias à carroça sempre admirada com a beleza do seu país e riqueza de suas matas. Tantas cachoeiras, animais silvestres, os cantos dos pássaros estavam mais vívidos do que jamais notara, o pôr do sol ela não queria jamais esquecer o encontro da noite e do dia pra ela soava como ver milhares de flores desabrochando. Ao longe já via as luzes de Salvador, era pra ela um céu aqui na terra, não haveria jamais coisa alguma mais bela que a sua Bahia. Estava exausta, mas algo a fazia sorrir.

A penumbra da madrugada amenizada pelo brilho da lua os fez retomar a estrada e em poucas horas se encontravam na entrada da cidade. O primeiro contato foi deslumbrante, passar por ela ainda adormecida, a fez notar detalhes que possivelmente seus moradores da lida não percebessem. Ela voltou a ser uma criança curiosa e junto do nascer do sol esvaiu-se em lágrimas. Era impossível descrever o que se passava naquele momento, ela renascia. De repente, aquele cheiro que ela conhecia tão bem encheu seu peito e a fez segui-lo, corria como se conhecesse a cidade, como se a pertencesse. Era livre, pois finalmente realizara seu sonho. Ela então congelou, ela viu, ouviu sentiu... Era ali que queria estar por todo esse tempo.

O Jovem Anísio aquele dia só queria aproveitar a viagem que seu pai fizera a negócios e o descuido dos mordomos em deixar a porta dos fundos destrancada, vestir suas roupas normais e ir à praia. Era apenas aquele lugar que lhe acalmava, ouvir as ondas, os pássaros, conversar com os bichos, e cantar suas poesias às águas. Sentia muita falta de uma companhia desde que sua mãe falecera. Então admirar a beleza das coisas e se perguntar o real motivo da sua existência se fez parte de sua rotina frustrante. O azul mar e céu se fundiam tornando quase como um só a

maré estava calma, quase massageava as pedras que tocavam. Àquela hora da manhã, a praia quase vazia com gaivotas que sobrevoavam as águas e pousavam no farol estavam agitadas, garantindo seu café da manhã. Ele se acomoda em seu lugar rotineiro, encostado à beira de uma palmeira, próximo a uma pedra e brinca de escrever poesias na areia. O dia calmo quase o fizera adormecer, mas então ele a viu e descobriu o que era a paixão.

Ela já corraera por toda a praia, sentiu a areia branca em seus pés descalços, e molhou a barra de seu vestido cor de carmim ao experimentar chutar a água. Ela ria muito, de si mesma, da sua felicidade. O sol se escondeu dentre as nuvens e cansada ela parou para tomar um fôlego e comprar uma água de coco de um moço que ela acabava de perceber sorrindo pra ela. A brisa estranha soprou novamente e bagunçou seus cabelos a forçando a se virar para um lado que não notara antes, nem mesmo a figura que ali se encontrava era perceptível à sobra, agora se pondo de pé também a encarando. Aquela face se tornou visível à luz do dia e ela também o encontrou

Não se sabe o que se passava em suas mentes, seus olhos estavam incrédulos e fixos um ao outro, um turbilhão de sentimentos, uma explosão de memórias que nem sequer lembrava-os de se ter vivido. Seus espíritos de algum modo se reconheceram. Eis um reencontro.

Dizem os contos antigos que Carmélia e Anísio foram felizes e se amaram incondicionalmente e suas almas ainda habitam as praias baianas, olhando pelos casais mais jovens que se ainda acreditam no amor, outros o tratam como simples lendas.

O amor segue extinto, mas não deve acabar.

Turbulência

Por Brenner Willyan De Freitas Paraíso

Sentado aqui nessa pedra em frente ao mar do Haváí, observo o pôr do sol mais lindo que já contemplei e penso em onde eu estaria se não tivesse mudado as minhas ações, se não tivesse criado atitude para ir onde eu queria ou fazer o que tinha vontade. Sinceramente, eu não conseguia imaginar onde eu estaria e muito menos o que estaria fazendo, pois quando as pessoas não escolhem seus próprios caminhos a vida as controla e as leva para onde quiser. E isso aconteceu comigo durante muito tempo.

Na época eu estudava em uma escola muito renomada na cidade, que tinha o nome de um dos poetas mais importantes da história e da literatura brasileira, Castro Alves. Eu estava na sexta série e era um dos menores alunos da classe, mas não era por isso que eu ficava triste, sofria bullying nem nada do tipo. Eu era um garoto muito esportivo, divertido, elétrico e estava sempre sorrindo. Não me abalava por qualquer coisa., mas como qualquer outra pessoa, eu tinha um defeito, que talvez possa ser um dos piores defeitos que alguém possa ter: eu era muito preso a minha realidade, tinha medo de fazer coisas novas porque eu não acreditava que ia dar certo.

Um dia tudo mudou. Era sexta-feira, um dia normal como qualquer outro, com uma rotina repetitiva de acordar cedo, me arrumar e ir para a escola. Chegando lá, dei logo de cara com o Juninho, meu melhor amigo desde a infância, éramos inseparáveis.

- Fala Willian! Como você tá? – me recebeu no colégio com a maior alegria.

- Oi Juninho... Hoje é sexta-feira, tem como estar triste?!
- Nem me fale, tô ansiosíssimo pro futebol de amanhã... Andei treinando umas novas jogadas e amanhã vai ser o meu dia de brilhar!
- E você acha que eu não tô treinando também? – indaguei.
- Hahaha... Vamos ver então. Mas nesse momento, é melhor correremos porque a professora já está chegando na sala! – fomos imediatamente.

Terminando o dia fui para minha casa, estava exausto e mesmo assim comecei pensar em algumas coisas, coisas que eu nunca tinha pensado antes. No momento eu pensava nas coisas que eu tinha vontade de fazer, e até mesmo em lugares que sempre quis ir, mas nunca criei a atitude de sair da minha zona de conforto e do meu mundinho fechado. Naquele momento eu senti um peso enorme caindo sobre a minha cabeça, achei estranho, mas não me importei muito, tinha acabado de sair de uma semana muito pesada, cabeça cheia, provas, trabalhos, então resolvi dormir para descansar um pouco.

Acordei no outro dia já era onze e meia da manhã, porém mereço um desconto, era sábado, dia de descansar e acordar tarde. Logo recebi uma mensagem do Juninho, me chamando para almoçar na casa dele e de lá irmos direto para o campinho de futebol. Ele realmente estava muito ansioso. Aceitei o convite, até porque os pais dele eram muito divertidos, e o tio Adriano tinha as melhores piadas. Afinal, quem não gosta de almoçar na casa de um grande amigo, não é mesmo? Perto de meio dia, eu cheguei na casa do Juninho, lá de fora já dava para sentir o cheiro daquela torta deliciosa que a tia Clair havia feito para me receber, fiquei encantado. Me diverti muito durante aquele almoço e dei muitas risadas.

Terminamos de almoçar, e fomos andando e conversando até o campinho.

- E aí, Willian, preparado para fazer as jogadas que você treinou?
- O pior é que não, eu tenho medo de errar e atrapalhar o time.
- Uai Willian, assim você nunca vai fazer as coisas que tem vontade. Tem coisas que se a gente não arriscar nunca iremos saber se realmente não conseguimos fazer. – essas palavras me tocaram fundo e na mesma hora me lembrei do que eu estava pensando na outra noite e as guardei comigo, como todo conselho de amigo.

Chegamos no campinho bem rápido, era bem perto da casa do Juninho. A galera já estava toda lá, apenas nos esperando para começarem o jogo.

Nesse dia eu me surpreendi com o Juninho, ele havia treinado jogadas inéditas e estava dando certo, cada jogada que ele fazia ajudava o nosso time mais e mais. E foi nesse momento que eu parei no meio do campinho e fiquei viajando em meus pensamentos e me inspirei. Acho que eu era capaz de fazer qualquer coisa tudo o que eu quisesse. Então, os garotos pararam para dar uma descansada, estavam um mais cansado que o outro. Nesse intervalo de tempo para descanso, olhei para o lado e o Juninho vinha andando em minha direção e percebi que estava vermelho, colocou a mão no peito e estava respirando fundo com a cabeça baixa.

- O que foi Juninho? Você está sentindo algo ruim? – me preocupei.

Não deu tempo nem de ele falar algo, caiu nos meus braços já desmaiado. Os garotos vieram correndo ver o que estava acontecendo, me ajudaram a levá-lo para sua casa. Chegando lá, a tia Clair veio correndo ver o que estava acontecendo, desesperada ela gritava o tio Adriano, que saiu correndo para fora de casa. Colocaram o Juninho no carro e o levou para o hospital. Essa cena ficou marcada na minha memória, uma das lembranças mais tristes que possuo. Me doía ver os pais do Juninho

desesperados, as lágrimas corriam sobre a minha face e eu não tinha reação nenhuma, não conseguia chorar muito menos falar. Aquele momento passou em câmera lenta diante dos meus olhos, fiquei paralisado. Fui correndo para minha casa, estava muito preocupado com o Juninho.

Cheguei em casa e fui direto pro meu quarto, chorei sobre o meu travesseiro durante horas, não sabia o que aconteceria com ele e tive muito medo. Minha mãe entrou no quarto com aquele carinho de mãe que ela sempre teve comigo, me acalmou e me preparou para qualquer coisa que pudesse acontecer ao meu melhor amigo. Já tinha escurecido, então fui dormir esperando acordar com uma boa notícia. Porém não foi o que aconteceu. Juninho havia sofrido um infarto e, infelizmente, a óbito.

Depois desse dia eu comecei a entrar em depressão, não saía do meu quarto, não comia e nem dormia, até que comecei a lembrar dos conselhos que ele havia me dado. Eu os guardadei de coração e a inspiração que havia despertado em mim, vendo o Juninho jogar, voltou em dobro naquele momento. Então eu saí correndo do meu quarto e prometi a mim mesmo que daquele momento em diante iria criar atitude, iria sair do meu mundinho para viver a vida e realizar meus sonhos.

No início, eu confesso que foi complicado criar certas atitudes, afinal é como andar de avião, quando começa a decolar há turbulências que não conseguimos nem nos levantar da nossa poltrona, mas quando o avião se estabiliza nós conseguimos até ir ao banheiro. Assim, é tomar a primeira atitude em certas coisas, a primeira vez você vai ter medo de dar errado, mas é como o Juninho me disse, tem coisas que se a gente não arriscar, nunca iremos saber se realmente conseguimos fazer. E foi graças a essa teoria que eu estou aqui vendo esse belo pôr do sol.

A Beleza Diante Das Rochas

Por Jailis Dourado

Naquela noite a casa estava lotada. A música alta tomava conta do ambiente por causa das batidas ritmadas do hip hop entoado por Smoothy, um artista em ascensão. Era o sucesso do momento. A garotada o idolatrava. Sua imagem estava estampada em todos os outdoors, capas de revistas, camisetas, bonés e nos acessórios que os adolescentes curtiavam ostentar. Cogitava-se naquele momento, levar seu nome, digo, sua marca para as grandes grifes de relógios, tênis e vestuários da alta costura. Era o produto em voga? O nome era Smoothy.

Junto à fama, havia também um fardo que jamais poderia ser exposto ao público. O tempo apertado em manter a agenda, muitas horas no estúdio sob extensas horas de ensaios – a perfeição era cobrada o tempo todo. Muita pressão sobre um jovem de apenas 17 anos de idade. Sem experiência de vida, nem sequer teve a oportunidade de uma adolescência normal. Sua carreira iniciou-se aos 13 anos e já foi emplacada ainda nesta idade. Cameron Taylor era o artista do momento. Era amado por seu público e odiado pelos conhecidos por não ser tão sociável. Nem tinha tempo para os amigos de sua idade. Estava sempre cercado de adultos, homens de negócios, sempre revisando textos para as entrevistas no rádio e na TV, além de atender a mídia impressa. Jamais poderia faltar a algum compromisso. Vivía inquieto e nervoso e sempre se metendo em confusões, talvez por esse motivo, tinha problemas para dormir. Vinha de uma família rica e tradicional em sua cidade. Morava em uma grande casa situada em uma região nobre. Tinha tudo o que precisava, menos o amor e atenção de sua mãe, que havia se separado de seu pai, quando o menino era ainda criança. Cameron foi criado por sua avó paterna que

veio morar na grande casa para cuidar dele, uma vez que o pai do garoto era um homem de negócios e não tinha tempo para a família. Agora crescido, o menino precisava lidar com seu empresário que era muito sistemático e rigoroso com os horários. Afinal, Cameron era sua “galinha dos ovos de ouro”.

Cristóvão, o empresário de Cameron, era um homem de meia idade, solteiro por opção, também por falta de tempo e não se preocupar com relacionamentos duradouros. Seu foco era somente o trabalho que exercia. E o exercia muito bem, pois chegou a fazer fortuna apenas com o nome Smoothy. Com o poder nas mãos, seu mau caráter foi revelado tão depressa quanto o sucesso de Smoothy. Cristóvão era um homem manipulador por natureza e sempre conseguia realizar seus intentos, ainda que de dúbia maneira. Fatos que aconteciam nos bastidores, não saíam de lá. E não saíam mesmo. Todos o temiam.

Dona Laura, avó de Cameron, era quem comandava a grande casa, cheia de portas que precisavam ser mantidas fechadas o tempo todo. Sempre que ouvia alguém trafegar pela casa de um cômodo para o outro, ela sabia se a pessoa havia fechado ou não a porta.

E como ela sabia quando alguém não tinha fechado ou não a porta? Todas as dobradiças de todas as portas rangiam. E tinha que ser mantidas assim. Ela ainda conhecia a vibração sonora de cada porta em cada cômodo. Apesar de sua idade avançada, sua audição era invejável. Ela era uma das poucas pessoas que possuíam o conhecido “ouvido absoluto”. Ela usou esse dom para ensinar música ao seu neto. E deu certo! Ele havia encontrado na música, um refúgio para se esconder se seus problemas. Nunca foi apegado a qualquer instrumento, mas sabia compor facilmente suas músicas. E ainda conseguia colocar uma melodia única nelas. Criou até um novo estilo meio rap, meio lírico. E deu certo!

Na casa de show, onde Cameron havia se apresentado em noite, houve uma confusão próxima ao palco. E, mesmo sem que se tivesse

verificado a fonte, a notícia espalhou-se na mídia logo de manhã. Instantaneamente, todos os fãs comentavam sobre o momento fatídico ocorrido após show de seu cantor favorito. Boatos, em suas diversas formas, chegaram ao conhecimento de todos, o que deixou Cristóvão enfurecido pela forma como o impasse tinha sido conduzido.

Toda a equipe técnica e o empresário de Cameron se reuniram em sua casa naquela manhã para discutir quais medidas seriam tomadas para que fossem amenizados os efeitos do boato gerado logo após a apresentação de Smoothy. Geralmente eles o faziam no estúdio particular, mas neste dia optaram pela sala de estar na grande casa.

Cameron, após o show, decidiu desviar a rota e pediu ao seu motorista para subir o morro, pois tinha sentido vontade de ver a aurora tocar-lhe o semblante. Esse era um ritual que ele gostava de praticar espontaneamente, ora de manhã, ora ao pôr-do-sol. Quando não o fazia, sentia que o dia ou a noite não tinha sido bem aproveitado ou vivido.

Ao retornar à casa, sem dar atenção alguma àquelas pessoas à sua espera, Cameron caminhou em direção ao seu quarto, mas foi barrado por sua avó, afoita com tudo o que estava se passando na imprensa. O clima naquele ambiente ficou ainda mais tenso quando viram que Cameron estava se fazendo de desentendido, e sem se importar, não lhes daria nenhuma satisfação sobre sua participação no ocorrido.

- Cameron, – bradou a avó – onde você estava com a cabeça? Não pensou nas consequências e no que isso traria à sua reputação, à sua carreira? Estou muito desgostosa com você.

Já somavam mais de 38 horas sem dormir, mesmo assim, Cameron, fitou os olhos em cada um e sem entender muito bem o que se passava, perguntou: o que está acontecendo, pessoal?

- O que está acontecendo? – replicou Cristóvão. Não seja irônico! Você é o assunto do momento.
- E daí? Não é esta a ideia?
- Claro que a ideia é torná-lo o assunto do momento, mas não da forma negativa como está.
- De repente, me sinto cansado. Vou me retirar e tentar descansar um pouco. Por gentileza, me deem licença!
- Cameron, volte aqui! Ainda não terminamos, disse sua avó no mesmo tom como quando alguém deixava uma porta aberta.
- Tenho certeza que podem resolver qualquer problema sem minha presença, não podem, senhor Cristóvão? Afinal, esta não é a sua função?

Sem mais delongas, Cameron se retirou, deixando todos atordoados com sua atitude.

Dona Laura imediatamente pegou o telefone e ligou para Eduardo, um velho amigo da família e figura paterna que havia acompanhado a criação de Cameron.

Eduardo era sempre muito bem recebido por Cameron, por quem tinha grande apreço. Ao longo dos quatro anos de carreira, Cameron conseguia agir naturalmente conforme o ambiente. Era totalmente frio em situações formais e totalmente receptivo quando estava no palco. Se sentia confortável diante de seu público.

Cameron correu até a sala quando avistou seu amigo tocar a campainha. Ele mesmo abriu a porta e o recebeu com um abraço. Pareciam

dois meninos quando reunidos. Eduardo entrou e se sentiu surpreso ao ver tanta gente naquela sala tão cedo na manhã de um domingo e não pôde deixar de notar o semblante cansado que Cameron apresentava.

Dona Laura já foi logo recebendo Eduardo com seu desabafo sobre Cameron que o fez se afastar discretamente e sair da sala na sorrateira.

Enquanto ouvia o dissabor das palavras proferidas por Dona Laura, mas atento ao ambiente, Eduardo viu algo que lhe chamou a atenção. Um gesto externado por Cristóvão respondeu qual seria a causa do comportamento de Cameron.

Aproveitando a ausência de Dona Laura, que tinha ido buscar uma xícara de café, Eduardo aproximou-se de Cristóvão e sussurrou-lhe:

- Então, é assim que você administra a carreira do garoto?
- Assim como? – respondeu Cristóvão tentando sair pela tangente por causa de um impulso seu que havia fugido do controle.
- Eduardo não esperou pelo café de Dona Laura e desceu aos aposentos de Cameron.
- Cameron, você precisa descansar um pouco. Seu semblante tá caído!
- Não estou com nenhum pingão de vontade de dormir, Dudu!
- Esqueceu que, para descansar, é só desacelerar seus pensamentos por meio da respiração e esperar um pouco que o sono vem?
- Esqueci não! É que tava precisando mesmo falar sobre umas paradas aí.

- Tudo bem! Não irei embora. E seja o que for, pode esperar. Agora, o mais importante é que você descanse um pouco. Depois a gente foge daqui e você me conta tudo. Mas por hora, trate de dormir um pouco. Vou me certificar pela casa de que você terá algumas boas horas de descanso.
- Nada de TV agora! E lembre-se: respire! Prometo que estarei aqui quando acordar.

Eduardo era um homem detentor de grande autoridade sobre o mundo espiritual e sabia que tudo o que acontecia lá, de igual teor refletia no mundo material.

A mansão havia sido construída na parte mais elevada do terreno, em uma de suas laterais, havia uma imensa parede toda de vidro, onde tinha uma longa escadaria que dava acesso aos aposentos inferiores, inclusive o de Cameron.

Ao subir as escadas, Eduardo sentia uma força estranha do lado externo da casa tentando adentrar e imediatamente exerceu sua autoridade, criando um campo de proteção em volta de toda a casa. Nada poderia atrapalhar o descanso de Cameron naquele dia turbulento.

- Por gentileza, senhor Cristóvão, acompanhe-me ao escritório. Precisamos deliberar sobre algumas questões e também sobre a vida e a carreira do garoto.
- Claro! Embora eu saiba que você não é o pai dele, sei que ele lhe ouve e que Cameron precisa mesmo entrar na linha se deseja manter sua carreira no nível em que se encontra.
- Concordo! Do jeito que está não pode continuar, não é mesmo?

- Então, senhor Cristóvão, o que verdadeiramente acontece nos bastidores entre você e o garoto? É algo tipo o quê? Por favor, explique para mim, para eu entender melhor, porque saindo daqui, irei à delegacia denunciar seu assédio, ou melhor dizendo – pedofilia. Cara, isso é algo muito grave e repugnante! Ainda mais com um jovem como o Cameron. E mais, usando de chantagem para manipulá-lo a lhe atender ao seu bel prazer. Definitivamente, não permitirei que você saia impune desta situação. E você vai desfazer toda a história que está circulando na mídia e se desculpar com o público pelo ocorrido e ainda dizer que está saindo de cena, não por questões profissionais, mas pelo tipo de escória a qual você pertence.
- Você está me ameaçando – disse Cristóvão em tom de vítima.
- Se o senhor é uma daquelas pessoas que se sentem a vítima sobre tudo o que dizem, sim, estou. Mas não é algo que farei contra você. Farei pela proteção do Cameron. A partir de hoje, serei seu guardião e o protegerei. Sua carreira de empresário acaba aqui!
- Calma! Tenho certeza de que podemos resolver isso de outra maneira, não podemos? Diz aí, qual é o seu preço? Afinal, todos temos um preço, não temos?
- Então, é assim que você resolve os problemas e agora está tentando comprar o meu silêncio? Nossa conversa chegou ao fim. Faça o que lhe disse ou farei eu mesmo!

Eduardo saiu do escritório e desceu aos aposentos de Cameron. E lá permaneceu em silêncio, sentado em uma poltrona, observando o quão frágil e angelical era aquele jovem enquanto dormia. E em seus pensamentos, sua imaginação divagava em devaneios sobre o que Cristóvão fazia com ele. Aqueles pensamentos, traziam um sentimento de muita

angústia ao coração de Eduardo que o vira crescer e sabia que ele não era nenhum daqueles predicados imputados a ele.

Ao despertar, Cameron viu Eduardo descansando na poltrona, assistindo à TV, sem volume, que era para não lhe atrapalhar o sono.

- Cameron, você está vendo o mar? Como ele bate nas rochas e recua? E depois volta a bater e bater ao mesmo tempo em que se mantém íntegro como mar? Perceba como ele fica diante das rochas que o destroem. Ele recua e se recompõe e permanece exuberante. Quero que você seja da mesma forma. Quero que se mantenha inabalável diante de todas elas.
- Por que você está me dizendo isso? Não tô entendendo nada!
- Considere esta mais uma lição que o regerá por toda sua vida.
- Está bem! Se você diz, não vou me esquecer. Eu prometo!

Na manhã de segunda-feira, toda a mídia noticiava o escândalo ocorrido na casa de show no último sábado e explicava sobre o fato envolvendo o nome Smoothy.

A notícia havia sido a de que um fã tinha tentado se aproximar de seu ídolo logo após o show, nos corredores entre o palco e o camarim, mas foi impedido por Cristóvão que tinha feito uma abordagem não usual e foi mal interpretada pelo fã que postou imediatamente em seu canal na Internet sobre como era os bastidores do seu ídolo e o que acontecia ali. Ele, em seu vídeo-depoimento, não deixou clara a informação de que se tratava exclusivamente do empresário de Smoothy, mas do próprio cantor. Isso deixou seus fãs ao redor do mundo, abalados. Mas agora, com a confissão de Cristóvão, as pessoas começaram a externar seus sentimentos pela rede, a darem-lhe apoio moral.

Cameron acompanhou as notícias naquela manhã, entristecido pelo que se passava, mesmo assim, havia um sentimento de segurança na presença de seu amigo Eduardo e sabia que logo, todos esqueceriam e seguiriam com suas vidas. E depois lembrou-se das palavras ainda fresquinhas em sua memória:

Seja como o oceano diante do rochedo, exuberante e inabalável!

A Caminhada

Por Isaac Da Silva Cardoso

Já é hora de sair. Acho que sou uma pessoa matinal, porque a manhã me compreende, mas, realmente, acho também, que, por ser uma pessoa matinal, eu deveria ficar em casa pela manhã e fazer as coisas que mais gosto. Talvez um dia...

Minha esposa acabou de acordar e está no banheiro se arrumando. Ela não precisa correr, porque seu horário de saída é meia hora depois do meu, então nossos relógios destoam um do outro.

Digo a ela que já estava saindo. Se eu iria *chegar a tempo de jantar, Rodrigo?* Claro que ia. Hoje não tem reunião. *Que bom.* Que bom, pensei. Clarice sai do banheiro e dou um beijo rápido nela. Já havíamos sido grandes amantes, os mais apaixonados, mas parece que a paixão morre, o que é um alívio, já que a imortalidade me assusta um pouco. Não, muito. Percebo mais naquele momento do que em qualquer outro, ou talvez já soubesse disso, já que quase sempre sabemos o que não sabemos antes de sabermos. É uma loucura esse tal de subconsciente, deviam ensinar isso na escola: Percebo que não a amava mais. Quero dizer, eu não a odeio, tampouco desgosto dela, afinal, 15 anos juntos, sendo 5 de casamento, não podiam acabar em ódio e afastamento completo, podiam? Porque, se cada instante é uma vida, 15 anos seriam, apesar de pouco tempo, todo o tempo do mundo. Penso também em como seria possível acordar todos os dias, na mesma vida, no mesmo corpo, ao lado de alguém que não se ama e, mesmo assim, continuar vivendo, não mudando nada. Acho que isso é coisa de sociedade moderna. Talvez nem tão moderna assim.

Tenha um bom dia, disse eu, *você também, eu te amo*, eu já te amei, eu também.

Saio pela porta da frente, fecho-a, olho a caixa de correios e percebo que não sei o que procuro lá. Contas? Cartas? Ninguém manda mais cartas, eu gostaria de mandar cartas e de recebê-las.

O caminho para o prédio onde trabalho é longo, mas gosto de percorrê-lo a pé. Eis um dos motivos de nossos relógios destoarem. Ando a pé, porque gosto da Noruega e li uma vez que os noruegueses andam por puro prazer, olhando o céu. Penso sobre isso. Será que este é realmente azul? Será que as nuvens não são amarelas e verdes e não brancas ou cinzentas? Como é de verdade a minha cidade? Como é minha casa? De que cor é seu portão? De que cor são os portões do meu vizinho? Como se chama o meu vizinho? É Joaquim. É Jordana. É Manuela. É Tatiane. É seu Antônio. A partir daí, eu andei a pé. Logo, ando a pé.

Desço as escadas do prédio, passo pela portaria, o sol ainda nascendo. Penso em como é possível que o mesmo calor que de longe aquece e permite a vida, de perto mata, destruindo tudo, como se aquele tudo jamais tivesse existido. Talvez esse seja o real dilema do porco-espinho.

Parto para a primeira esquina. Eu passarei em breve pelo ponto de ônibus e pela praça. Já começo a imaginá-la antes mesmo de chegar. É uma praça muito grande, portanto, há muito o que ver por lá: uma igreja à distância, o lugar onde os velhos ficam jogando damas todos os dias, a pequena sorveteria e o banco em que gosto de sentar e olhar o mundo. Meu pensamento se fixa, principalmente, na bifurcação. No final da praça, há uma estrada que vira para a direita, onde eu geralmente sigo para ir ao trabalho, e para a esquerda, um mundo novo de possibilidades, onde eu olho o sol às vezes, onde nunca fui. Nem mesmo uma vez.

Percorro duas ruas mais e avanço mais pouco. Eis a praça. Não há nenhuma placa de identificação aqui, por isso nunca descobri seu nome,

mas sempre faço aquele caminho. Olho para meu relógio de pulso, são 6h35min. Ainda tenho meia hora antes do trabalho, o que é estranho. Parece que hoje me adiantei do meio horário ordinário. Acho que posso respirar um pouco do ar urbano da manhã antes de continuar a caminhada. Sento-me no banco mais próximo. Os primeiros velhinhos, que passam todos os seus dias sentados jogando damas, já começam a chegar. Vejo algumas crianças passando por aqui, indo para a escola. Que nostalgia. É estranho pensar nessa mudança, transição de fases tão perturbadora que é ao mesmo tempo mágica e confusa. Quando eu era criança, sempre pensei que crescer era o momento mágico, crescer era ter responsabilidades e ter responsabilidades era existir. Sempre acreditei que adultos sabiam das coisas, que a primazia da existência aos 36 anos seria a completa estabilidade emocional e o respeito por todos. Claro que não pensava nesses termos, talvez aos 10 anos eu imaginasse que eu poderia tomar meu sorvete de morango e tudo ficaria bem.

As crianças passam em direção ao lado esquerdo da bifurcação. São quase 7 horas agora. Sei disso porque ouço o sino da igreja tocar, anunciando que está próximo o horário da missa. Fui criado em uma família religiosa. Todos os domingos íamos às missas e eu ficava horas e mais horas ouvindo os padres falarem termos que eu desconhecia, contarem parábolas que não me faziam sentido, o coral entoando cânticos que eu não conhecia e repetia inúmeras orações sem saber o que estava orando. O padre dava o sermão e eu não podia levantar a mão e perguntar alguma coisa, ou conversar com ele sobre algo que tinha para falar ou pedir a definição de alguma palavra, mesmo que dissessem que aquela era a minha casa. Via pessoas cuja bússola moral, na maioria das vezes, apontava para o lado ruim, orando fervorosamente apenas para saírem e, mais tarde, agirem de maneira mais pecaminosa que qualquer pagão do mundo moderno.

Via os mais velhos entoarem mandamentos, que diziam para que amemos ao próximo como a nós mesmos, saírem e maltrataram pessoas

pela quantidade a mais ou a menos de melanina na pele, pela orientação sexual ou religiosa, pelas roupas escolhidas e pelos sotaques. Essas mesmas pessoas, que se diziam religiosas convictas, não praticavam os dogmas de sua própria religião. Via muitos que não poderiam amar ninguém segundo este mandamento, porque não se amavam nem um pouco e buscavam a obtenção de qualquer sentimento de existência, de qualquer sentido vitalício, de qualquer forma de preenchimento estético e interior, através das falcatuas, da malfazeja e da perfídia. Acho que por isso não frequento mais a igreja. Não porque não creia mais em Deus ou tenha perdido a fé em qualquer aspecto sob o qual fui criado, mas porque as pregações me deixavam para baixo e a hipocrisia corrompia minha alma.

Começo a me sentir um pouco tonto. Pensar me faz mal, mas não pensar me fazia pior. E não renunciaria a isso por nada. Levanto-me e continuo a andar. Hoje sei que chegarei tarde ao trabalho. Meu relógio já aponta 8h45min. Fiquei pensando tempo demais. Mas isso é uma atividade também, não é? Um cachorro passa por mim. É um vira-lata. Eu já tive um vira-lata antes. Qual era o nome dele? Não me lembro, eu...

Por que você trouxe esse bicho para casa? Eu não sei, ele me seguiu. *Trate de se livrar dele*, mas não, não poderia. Ele me seguiu. Por que não posso ficar com ele? *Porque eu disse que não!* Era uma forma falha de convencer. O não. *Você sempre questiona tudo! Será possível?!* Será possível questionar todo em um mundo? Será real aquilo que vivenciamos, quando ninguém mais vivencia, ou ao menos ninguém mais *diz* que vivencia? E se não posso falar, me sinto vazio. Essa sensação de vazio não me sai, ela me vem, me assombra, me assola e eu continuo. Continuo o quê? Tentando! Tentando muito, como se minha vida dependesse disso, e ela realmente depende.

Quanto tempo? Quando tempo eu não sei. Acho que é desde sempre. Eu via uma borboleta e perguntava como voava e se voava mesmo e, se voava, por que não eu e se na verdade eu voava e era ela que ficava no

chão. Escolhas. Sempre foram o meu maior problema. *Desculpe, a cabeça está latejando*. Não, não se preocupe, é só uma coisa que às vezes acontece, principalmente, em momentos de segura dor. Muita mesma. Segura dor me é sinônimo de ansiedade.

Todo mundo tem ansiedade hoje, não é? Qualquer coisinha e é perna balançando, cabeça latejando. Direto ao ponto? Mas tudo é tão confuso e preciso estabelecer uma ordem das coisas. A gente escolhe as piores pessoas, não é? Como se dá? É sério.

A continuidade me assusta. Tudo vai tão rápido e as lembranças nos são forjadas. Forjadas? Forjadas sim! Acho que nem me lembro direito do almoço de hoje. Talvez seja porque não sei nem se almocei. É tudo tão confuso. É um frenesi mesmo. Mas, enfim, não me lembro, e mais ninguém lembra, de nada de verdade. Pergunte! Pergunte a qualquer alguém “O que você fez no dia 07 de outubro de 2018?” Ninguém lembra de verdade. A não ser que tenha feito grandíssimas boas ou más escolhas. Mas isso não está na gente. Não está em mim pelo menos.

É tudo muito, muito confuso, sabe? Na verdade, aquele jantar de terça-feira com os colegas é como o elefante e os cegos. Ninguém lembra realmente o que aconteceu, então é preciso juntar os pedacinhos da memória para ter uma *ideia* do que aconteceu, mas nunca se sabe realmente. Que elefante?! Lembro-me da história?! Eu li num livro uma vez.

Tinha um elefante e uns muitos cegos, não lembro quantos, não lembro seus nomes também, mas vamos chamar um de Rodrigo, porque Rodrigo esteve cego por muito, muito tempo. Vamos dizer também que havia 5 cegos. Cinco cegos então. Eles nunca souberam a forma de um elefante, então levaram-nos para *ver* um, ou ao menos sentir. Elefante, como se sabe é bicho grande, ocupa toda uma sala, então não se pode sentir um inteiro de uma vez. Cada um foi para um lado e vislumbrou uma parte diferente daquele elefante. O que pegou a tromba disse que parecia

uma cobra, o que pegou a barriga disse coisa, e assim se sucedeu. Eles não sabiam de verdade. E mesmo se soubessem, como nunca haviam *visto*, só sabiam o que os outros contaram ou pensaram que viram.

Não existe memória, porque somos aqueles cegos e a vivência e as escolhas não são tão conscientes assim. A gente nem lembra. Por quê? Não sei o porquê. É muito confuso, é muito difícil saber. Mas sabe-se disso ao menos. Penso nas diversas línguas? São muito complexas, claro, mas é tudo muito diferente entre si.

Percebo que estou sentado mais uma vez. Alguns senhores estão jogando damas a alguns metros de mim. Não comi ainda, e já é hora do almoço. Mas não sinto fome, ao menos não fome do que geralmente sinto. Só quero saber. Clarice era linda, ainda é, mas na época nada além dela me fascinava. Dormia, ela. Comia, ela. Lia, ela. Ela, ela. Estudante de engenharia. Inteligente. *Claro que saio com você! Conheço um restaurante ótimo! Calma, vamos superar essa crise, tudo vai melhorar. Não é o que você pensa! Me perdoa? Um amigo do meu pai disse que pode te dar um emprego. Paga bem, mas você precisa trabalhar o dia o todo. O que tem o manuscrito? Você sabe que não ia publicar isso mesmo. Sim! Sim, eu me caso com você! Amor, precisamos comprar mais açúcar. Precisamos comprar mais macarrão. Precisamos comprar uma casa nova. Você precisa de mais horas extras.*

Mais. Mais... Mas eu não sei se precisava realmente. Afinal, de que vale tudo isso? Quando ficar velho e jogar damas nessa praça, será que terei mais do que lembranças de escritório? Será que minha vida será apenas de segura dor?

Está escurecendo. Percebo que perdi um dia de trabalho. Levanto-me do banco e continuo andando rumo à bifurcação na rua da praça. Pego a estrada da esquerda. Tiro meu relógio e o jogo na lata de lixo mais próxima.

Parece que é hora de sair.

Quando A Noite Cai

Por Guilberth Gouveia Campos

Alufada de ar gelado resvalou-lhe a face, despertando a consciência. Ao abrir os olhos, o mundo ainda demorou alguns instantes antes de entrar em foco.

Tudo o que viu foi uma enorme extensão litorânea, a areia branca parecia ir até o horizonte não importando para qual direção olhasse. As costas se apoiavam sobre um imenso pedregulho triangular, que devia possuir cerca de três metros de altura e quase as mesmas direções de largura, de maneira que, embora não pudesse ver o mar atrás de si, ouvia o som que as ondas causavam ao se chocarem. As pernas estavam presas por grilhões a grossas correntes que circundavam a rocha, prendendo-se a algo que também não era possível ver.

À sua frente, uma confusão de coisas se fazia visível. A mais chamativa – e também a mais próxima - era uma estátua esculpida no que parecia ser um minério levemente esverdeado. A figura representada era um ser humanoide. Encontrava-se de cócoras e até a altura dos joelhos era perfeitamente comum, a partir daí, entretanto, os entalhos na rocha pareciam simular uma estranha carapaça que era ora ondulada e ora pontiaguda, cobrindo todo o corpo da criatura. De suas costas, brotavam duas asas que imitavam características “*insectóides*”, tanto no tamanho, quanto nas formas onduladas. A cabeça possuía a face completamente lisa – sem olhos ou nariz - até chegar à boca, de onde brotavam dentes grotescamente pontiagudos e desalinhados. Aos pés da criatura, uma enorme variedade de insetos parecia devorar um pedaço de carne apodrecida.

A mente do homem parecia girar, enquanto tentava compreender a situação. Ainda trajava a batina que costumava usar todos os dias durante seu trabalho na igreja e, embora julgasse ter ciência de todos os fatos de sua vida, não fazia a menor ideia de como havia ido parar ali. Sentiu a respiração se tornar pesada sobre o peito e as mãos começaram a tremer tão logo veio a certeza de não se tratar de um pesadelo. Quando sentiu o estômago revirar, só teve tempo de inclinar a cabeça para evitar que despejasse o conteúdo do estômago sobre si mesmo.

Seu primeiro impulso foi o de se levantar. Ao tentar fazê-lo, porém, as pernas se negaram a obedecê-lo. Encurvou o corpo com dificuldade e conseguiu aproximar os pés do campo de visão, afastar a batina e levantar um pouco os grilhões. A visão fê-lo sentir uma nova onda de choque. Os tendões haviam sido cortados, de maneira que, embora sentisse os pés, era incapaz de exercer controle sobre eles. Mesmo que não existisse dor, as lágrimas vieram aos olhos.

Limitou-se a deixar que o corpo tombasse e o choro o dominou. Os soluços pareciam intermináveis e a areia começava a adentrar os cabelos e deixar marcas de esfoliação sobre o rosto.

Seria castigo divino? Deus sabe que ele tinha muito a ser punido. Sua fé havia resistido aos três primeiros anos de sacerdócio, mas desaparecera em algum ponto antes de chegar ao quarto. Esperava encontrar dentro da igreja homens de elevado nível intelectual e espiritual, mas, no lugar disso, passara a conviver com indivíduos mesquinhos e ambiciosos, que haviam encontrado na batina, não apenas uma maneira de saciar sua sede por poder, como também um escudo que os protegia da justiça.

Conhecera dezenas de padres que não só usavam sua autoridade para conseguir favores sexuais dos fieis de origem mais humilde, como também de crianças e que se gabavam por isso sem nenhum pudor.

De início, apenas dizia a si mesmo que se tratavam de homens sem Deus. Aos poucos, porém, antes que percebesse, a própria fé se fôra. Continuou fazendo parte da igreja, em parte por inércia e em parte porque era só o que sabia fazer. Pregara o que havia aprendido, porém sem nenhum ardor, sem nenhuma verdade.

A primeira recaída, entretanto, demorara mais de meia década para acontecer. Entre os poucos fiéis que compareciam regularmente ao seu confessionário, estava Isabella. Havia se casado jovem, com um homem muito mais velho. Não se passara muito tempo para que a diferença de idade se tornasse um problema e a garota resolvera aproveitar os prazeres dos quais havia se abdicado. Corriqueiramente, desde então, ela confessava uma nova traição, na esperança de ser perdoada.

Numa das ocasiões, o padre sentiu a carne falar mais alto e abandonou a barreira moral com a mesma facilidade com a qual havia abandonado a fé. O que se seguiu foi um longo e envolvente caso, que só acabara após o marido da mulher descobrir sobre uma de suas traições e tentar assassinar tanto ela quanto o filho mais novo do casal. Aconselhada por um psicólogo, ela abandonou a cidade, logo após o incidente, para superar o trauma.

O padre, desde então, começara a abusar dos serviços de prostitutas, assim como álcool e cocaína. A situação chegara a sair do controle, quando tivera que passar uma celebração inteira controlando, com um lenço vermelho, o sangue que insistia em escorrer do nariz.

Agora, caído sobre a areia e abandonado à própria sorte, era fácil questionar até mesmo a própria falta de crenças. O medo e o desespero eram artifícios que podiam transformar, até mesmo o mais cínico dos homens, em um ser irracional. Sabendo disso, buscou afastar da mente as superstições e maquinar uma maneira de se ver livre. A primeira ação foi vasculhar os bolsos em busca de algo que, se não ajudasse com a fuga, ao menos tornasse mais clara a sucessão de eventos que o levara até ali.

Não encontrou nada, a exceção de um objeto peculiar. Assemelhava-se a um canivete a não ser pelo fato de ser maior que a mão de um homem adulto e a lâmina, quando liberta, exibir tantos dentes quanto um serrote. O metal parecia velho e irregular, como se fosse trabalho de um cuteleiro pouco experiente.

Não sabia se por decorrência do esforço na busca infrutífera ou pelo sol – que começava a abaixar – mas o calor começava a castigá-lo. Aproveitou-se então das mãos livres para soltar alguns botões da sotaina. A dor que sentiu ao pressionar o tecido negro sobre o peito, foi o primeiro sinal de que havia algo errado. Quando enfim conseguiu afrouxar a vestimenta, descobriu o motivo.

Várias palavras entalhadas na própria carne ornamentavam o tórax agora desnudo. A primeira, iniciava-se logo abaixo da linha do pescoço, seguindo até o mamilo esquerdo. Lia-se “**cristão**”. Logo abaixo, uma dúzia de outras ia até a cintura: “**Herege**”, “**dócil**”, “**infiel**”, “**cordeiro**”. Os ferimentos eram tão recentes que ao deixar os dedos deslizarem sobre eles, o líquido escarlate brotou, seguido por pontadas de dor. Algumas palavras pareciam completar-se na mesma medida em que outras se opunham-se.

Antes que pudesse processar com clareza a nova informação, tambores começaram a soar. Embora a fonte do seu som não fosse visível, o mesmo parecia preencher todo o ambiente, vindo de todas as direções e de nenhuma ao mesmo tempo. Acompanhando a estranha melodia, centenas de gritos desesperados se faziam ouvir. Ora eram apenas lamentos distantes e ora soavam tão próximas que ele chegava a sobressaltar-se e olhar para os lados em busca do emissor.

O instinto fez com que ele agarrasse o estranho canivete e ficasse à espera de qualquer ataque. Após vários minutos, entretanto, percebeu que esse não viria. A canção parecia infiltrar-se dentro de sua mente, chacoalhando as ideias e impedindo o fluxo de pensamentos. A confusão

só se fez abrandar quando sentiu algo gelado tocar as nádegas. Ao averiguar, percebeu que, assim como o sol começava a se esconder, a maré adiantava-se sobre a areia.

Deixou os olhos percorrerem a praia e percebeu que nada sobre a mesma dava qualquer indício de até onde a mesma poderia avançar. Foi acometido por uma nova onda de desespero.

Sabendo que não possuía nenhum controle sobre os pés, tentou arrastar-se para longe dali. Após uma curta distância, entretanto, sentiu as correntes o impediram de prosseguir. Virou-se para elas, agarrou uma das pernas e puxou com força, a dor que sentiu sobre os pés fora tamanha que não conseguiu conter o grito que veio a seguir.

A umidade começava a adentrar pelas vestes. Com dificuldade, arrastou o corpo de volta para a posição inicial. A maré subia numa velocidade maior do que a esperada, e o fato de não conseguiu ficar de pé começava a pesar sobre seus pensamentos. Ao pousar as costas sob a pedra, pensou por um instante ter visto a estátua sem olhos inclinar-se em sua direção e alargar o sorriso sinistro. Ao olhar novamente, porém, constatou que a mesma se encontrava na posição inicial.

O alvoroço de vozes e tambores soava tão alto que parecia vir de dentro de sua cabeça. Interferindo em seus pensamentos e estimulando a imaginação. Dedicou os minutos seguintes a forçar os elos da corrente que, embora tivessem uma aparência gasta e enferrujada, provavelmente, por conta da corrosão causada pela água salgada, não davam nenhum sinal de que poderiam romper.

Uma vez que a água já havia ultrapassado a altura da cintura, a ideia de que ela poderia cobri-lo, fazendo-o afogar-se, deixou de ser algo absurdo. Nesse momento, o olhar fora atraído para o canivete e a ideia sinistra lhe ocorreu pela primeira vez. Apertou-o com mais força entre as

mãos, fechou os olhos e tentou rezar. Já não o fazia com sinceridade há tanto tempo que, não fosse a angustia da situação, teria deixado escapar um sorriso.

O que quer que esperasse obter com a oração, não aconteceu. Nenhuma ideia mirabolante, nenhum sinal celeste e sequer sentira algum tipo de presença divina que pudesse lhe dar esperança.

Lágrimas brotaram novamente aos olhos e ele soltou um urro exasperado. A agonia da situação parecia corroê-lo por dentro, as mãos tremiam violentamente e até mesmo respirar havia se tornado um fardo, tamanho era o esforço para fazê-lo.

A água agora contornava o tórax, ameaçando chegar as axilas, se não começasse agora, talvez não tivesse tempo de ir até o fim. Posicionou a lâmina dentada pouco acima do tornozelo e puxou-a pela primeira vez.

Por um segundo, dor foi tudo o que sentiu, ela sobrepujava os outros sentidos de tal maneira que, até mesmo os tambores, pareceram silenciar-se. O sangue manchava a água e trazia o odor da morte até suas narinas. Respirou fundo, tomou coragem e fez novamente. Dessa vez sentiu o metal atingir o osso. A sensação fora tão excruciante que perdeu os sentidos por alguns segundos.

Acordou com o rosto imerso em água e levou alguns segundos para entender onde estava. Ergueu a cabeça, sentindo a maré tocar-lhe o queixo. Teve que lutar com o próprio corpo para que pudesse usar o canivete novamente, pois os braços, que antes tremiam, encontravam-se agora endurecidos tamanha era a tensão sobre os músculos. Já nem se dava conta do choro ou dos soluços. Seu universo se resumia à dor e aos sons perturbadores.

Quando forçou a lâmina pela terceira vez, perdeu completamente o controle sobre o corpo e sentiu o conteúdo dos intestinos serem libe-

rados. Sequer percebeu o odor fétido. Perdera a dignidade e a sanidade de maneira tão bruta, que sequer raciocinava sobre a escassa chance de sobrevivência. Era puro extinto.

Inclinou a cabeça para impedir que a água alcançasse o nariz, mas já não tinha forças para continuar a automutilação. Limitou-se a usar a energia restante para erguer o corpo alguns centímetros, respirando com dificuldade.

Entretanto, em poucos segundo foi coberto pelo oceano. O esforço físico que fizera para se salvar fez com que restasse pouco ar nos pulmões e logo o corpo obrigou-o a inspirar. Sentiu o líquido gélido invadir, ao mesmo tempo, garganta e nariz. A agonia tomou conta de si e desesperado debatia-se insanamente.

De alguma forma, a canção dos tambores parecia estar ainda mais nítida sob a água. Enquanto se agitava, deixou os olhos pousarem por um instante no local onde deveria estar a estátua macabra. O local, porém, estava vazio, exceto pela infinidade insetos que flutuavam por ali.

Pela visão periférica, pôde ver uma silhueta aproximar-se pelo lado esquerdo, dali sentiu uma enorme pressão sobre o ombro e conseguiu girar a cabeça a tempo de ver o braço decepado afastar-se do corpo. Em seguida, a consciência abandonou-o definitivamente.

A harmonia anárquica do som dos tambores, misturada ao cântico sombrio de gritos desesperados, foi a última coisa que ouviu.

Desculpe A Inconveniência, O Céu Está Fechado Hoje

Por Geraldo Murilo Carrijo Viana A. Silva

E quando percebeu, já estava morta.

Assim, morta. Como quem morre de qualquer jeito.

Observou seu corpo atirado à calçada, reconhecendo o próprio rosto; o resto, nem tanto. A visão inquietante da carne dilacerada dos membros em posições atípicas; o sangue espalhado pelo concreto em poças escarlates com textura pastosa; o espanto nos olhares dos que se aglomeravam por perto, que, tamanho o choque da cena inédita à rotina matutina do caminho ao trabalho, não pareciam capazes de retirar os olhos da imagem grotesca... Tudo aquilo que deveria trazer-lhe a emoção de verificar a fragilidade da vida, a ânsia ao vômito, o fraquejar e a sensação de desmoronar, não estava surtindo-lhe efeito algum. A natureza do estado fantasmagórico, imaginou, há de pô-la num apático estado de êxtase, imunizando-a das fragilidades da psique humana. Sentia-se quase culpada, como se devesse estar surtando pela natureza do ocorrido, a realização de ter obtido, finalmente, a resposta fundamental, cair aos prantos sobre o fim precoce da própria vida. Nada disso vinha, entretanto. Encontrava-se serena, esperando apenas pelo momento em que aquilo acabaria de fato. A fim de compactuar com o que imaginava que deveria sentir, apenas declarou para ninguém escutar.

“Droga”. E era, de fato, uma droga.

Varreu o ambiente rapidamente com os olhos. Os reflexos lumi-

nosos do dia ensolarado de verão, contra a superfície recém encerada do conversível afundado no muro logo em frente, cegaram-na por um instante. O veículo, agora bastante deformado, exibia uma luxuosa pintura rubra que fazia com que todo aquele sangue se mimetizasse à sua superfície. Na rua, entre o par de marcas de borracha queimada no asfalto em direção à calçada, jazia seu já pálido corpo atropelado. Recordando-se do ocorrido, lembrava-se apenas que caminhava calmamente até que, sem ver, um carro fora de encontro a ela após perder, aparentemente, o controle. Voltou-se em seguida à multidão que, no momento, portava-se atenta, e alguns haviam, inclusive, sacado os celulares para eternizar a cena, e, embora inadequado, não foi capaz de evitar sentir-se lisonjeada pela fama repentina.

Entre as várias pessoas, então, uma outra figura semelhante a ela deu um passo a frente e ficaram lado a lado. O homem, bastante diferente dos restos mortais que se estendiam para além do pára-brisas destroçado, exibia em seu semblante, quase translúcido, uma expressão lamuriosa de profunda tristeza. Sem ao menos olhar para ela, apenas indagou, um tom de voz rouco e cansado.

“E agora o quê?”

“Sei lá”, ela deu de ombros. Nunca havia morrido antes, o que haveria de acontecer dali?

Talvez, elaborou a partir das experiências obtidas em vida, uma figura mística e emplumada fosse aparecer-lhes para mostrar o caminho para seu julgamento. Ou talvez uma escadaria dourada e cintilante viesse se revelando por entre as nuvens. Ou talvez, riu, fosse só aquilo mesmo.

O sujeito então se aproximou de seu carro em passos lentos e medrosos, como se ainda negando a realidade do acontecimento, para vislumbrar, finalmente, o produto de sua obra. Observou, ela, que se tratava

de um rapaz jovem, aparentando não mais do que trinta anos. Os cabelos escuros fundiam-se à barba por fazer numa beleza sutil que sumia com o ângulo. Era alto, parrudo, e o tipo de pessoa, concluiu, que aproveitava a vida nos limites, um típico *bon vivant*. De repente, perdendo a compostura, ele desabou sobre os joelhos gaguejando desculpas incoerentes e sem destinatário. “E-eu perdi o controle, nem lembro de nada, é tudo um branco...”, ele sussurrava como se tentasse confortar a si próprio. Ela permaneceu silenciosa, não sabendo o que pensar. Estava tudo acabado? Lembrou-se da papelada que deveria entregar até sexta, e pôde sentir um alívio. Imediatamente após, recordou-se dos rostos alegres da mãe e do padrasto, e ficou triste. Voltou apenas ao tédio. Olhou para cima, impaciente: nada da maldita escadaria.

A ambulância chegou, enfim, e o agrupamento de pessoas começou a se dissipar. Antes que percebesse, dois paramédicos surgiram rapidamente do fundo do veículo e a posicionaram, a versão de carne e osso, sobre uma maca amarelada, alocando-a no interior da estrutura branca. Um deles, voltando logo em seguida, examinou o que sobrara do corpo do homem, balançando a cabeça negativamente. Fez algumas anotações rápidas e foi buscar um saco preto. Deixaram o lugar tão rapidamente quanto chegaram.

Permaneceram então ambos na rua, agora com movimento novamente regular, com pessoas indo e vindo pelas calçadas, tão apressadas quanto o próprio trânsito de automóveis. Tinham como única lembrança do próprio falecimento um muro destruído, vidro quebrado e espalhado e sangue; muito sangue. O homem abandonou sua postura pensativa encarando a poça que se formara sob o veículo, levantando-se com o apoio das mãos que não se sujaram ao entrar em contato com o líquido. Aproximou-se novamente da jovem, começando a dizer algo.

“Então, a gente vai ficar preso aqui ou”

Repentinamente, o mundo calou-se. Um zumbindo instaurou-se no fundo de seus tímpanos, enquanto os ruídos típicos da vida metropolitana eram substituídos por versões ecoadas de si mesmos, e o clima se alterava. Sentiu-se desvanecer, as pessoas aparentavam sumir de vista, enquanto piscava, rapidamente, para recobrar a consciência. O ambiente, lotado há poucos instantes, estava vazio e calado. O céu azul e luminoso encobriu-se em nuvens negras, e o mormaço foi substituído por uma brisa gelada que, tocando-lhe a nuca ouriçou-a. Enquanto isso, não foi capaz de pensar nada senão “finalmente”.

O zumbido desapareceu e sentiu como se recobrasse os sentidos. Olhando ao redor, encontravam-se no mesmo lugar, mas agora completamente vazio e calado, senão pelos uivos do vento sobre as frestas nos prédios ao redor. E, de lugar nenhum, *ela* surgiu. Reconheceram imediatamente a aura mística e inquietante da própria Morte. A aparência, entretanto, era a de uma jovem em seus vinte anos, cabelos pretos na altura dos ombros contrastados com a pele extremamente pálida. Nas sombras dos olhos fundos e completamente negros, pareciam revelar-se imagens, vultos em movimento.

“Oi! desculpem a demora, estava ocupada.”, ela afirmou num tom amigável. Não sabiam dizer quais expectativas possuíam para como deveria portar-se a entidade, mas de maneira acolhedora e amigável não era o primeiro pensamento que viria. Ela abriu um sorriso largo, esticando os braços de maneira convidativa para cumprimentá-los. Ficaram estáticos, apesar de tudo, a figura ainda lhes gerava um receio quanto à iminência do desconhecido. O rapaz quebrou o silêncio que se instaurara por alguns instantes.

“Você é a Morte?”, perguntou.

“Pode-se dizer que sim. Por que a pergunta? Não parece?”, ela soltou uma gargalhada curta. “É que facilita as coisas, sabe? As pessoas ten-

dem a confiar menos numa figura toda macabra, aí eu escolho aparecer assim.”.

“Ah”, ele assentiu com a cabeça. A moça, então, se pronunciou finalmente.

“Mas e agora, o que acontece com a gente?”, disse acanhada.

“Bom, sobre isso, nós vamos ter um pequeno problema”. Sua expressão se alterou de repente. Os outros dois entreolharam-se. “É que só tem mais uma vaga”, disse.

Eles a encararam com visível confusão.

“Como assim?”, o homem questionou.

“Olha, eu só sigo ordens, e foi o que me disseram. Só tem mais uma vaga.”. Ela tentou se explicar com as mãos em gesto de rendição.

“Onde?”, seu tom ainda bastante confuso.

“Na pós vida, Paraíso, Campos Elísios, Além, Valhalla, Zion, *et cetara*. O lugar ‘bom’, vocês têm vários nomes pra ele.”, ela disse, apontando pra cima.

“E só tem mais uma vaga? Por quê?”, ele voltou a questionar.

“Como eu falei, eu só sigo ordens, e as ordens são essas. Vocês só foram os sortudos, mas vão ter que elaborar alguma forma de escolher quem vai pra onde.”, disse por fim.

“Espera, não deveria existir algum tipo de justiça divina para decidir isso? Quer dizer, foi ele quem me matou, por que motivo ele mereceria

ir tanto quanto eu?” A moça abandonou a pose observadora, adotando um tom de voz menos neutro. A Morte pareceu concordar, mas o sujeito logo partiu a se defender.

“Mas eu já falei que foi um acidente! Além disso, fiz muitas coisas boas também. Tipo... um... eu doei para a caridade uma vez. Tem que valer de algo, certo?”. Ela assentiu novamente.

“Olhem, não cabe a mim decidir, eu não esperava ter que lidar com esse dilema. Apenas escolham um dos dois, o outro pode ser que dê sorte e abra uma nova vaga rapidamente. De qualquer forma, ele vai estar primeiro na lista de espera, acho.”, disse por fim, sentando-se num banco de pedra próximo. “Por que não um jogo? Os de vocês parecem adorar esse tipo de coisa”.

Refletindo sobre a burocracia envolvida nos processos que circundavam a pós vida, ponderaram então sobre a possibilidade. A situação não parecia que se resolveria de qualquer forma, aparentemente justa, mas ninguém parecia disposto a deixar que o acaso decidisse. A possibilidade de colocar o destino da própria alma, independente dos feitos em vida, na pura sorte, não se assemelhava à decisão ideal, mas não parecia haver muitas outras opções. Assim, o rapaz ergueu o punho fechado à altura do rosto, virando-se para a moça.

“Par.”

“Você não pode estar falando sério.”, ela disse, hesitante. Ele apenas a encarou de volta, e ela pôde admitir por alguns instantes que estava, enfim, louca. Imitou o gesto, erguendo o punho cerrado.

“Ímpar.”

O segundo seguinte pareceu se passar ao longo de uma eternidade.

Chacoalharam os braços, enquanto selecionavam, mentalmente, um número randômico de dedos para manterem abertos. Apesar de não possuir mais um corpo, a moça foi capaz de sentir o suor ansioso escorrendo em sua testa. Ao fim do que sentiu que foram horas, encarou atônita o resultado. As mãos, uma a frente da outra, revelavam, respectivamente, três na sua e cinco na dele. Voltou para si, e, incrédula, começou a tremer, lágrimas subindo aos olhos. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, a Morte se levantou saltitante e satisfeita por aquilo ter finalmente acabado. Aceitou com a mão para os dois, dizendo adeus, sorridente. Tentou correr, mas era tarde demais. No que preparou o impulso, desabou sobre o peso do próprio corpo, sentindo-se desaparecer. “Não, não, não...”, chorava.

Levantou-se abruptamente. Estava agora sentada ereta, o suor gelado escorrendo por todo o seu corpo. O cheiro de éter invadiu seus pulmões e, com os olhos agora abertos, pôde ver apenas formas brancas e borradas. Após o choque, deitou-se novamente, o lençol fino lhe confortando o corpo. Desmaiou.

Na outra sala, a mãe aos prantos questionava o médico.

“Ela vai conseguir se recuperar, doutor?”, a voz preocupada.

“Sim, conseguimos trazê-la de volta. Muitos ossos quebrados, e estava com hemorragia, mas, com o tratamento certo, estará de volta ao normal em alguns meses”, o tom profissional e reconfortante.

E, adormecida, logo se esqueceria do ocorrido. Nunca seria capaz de superar, porém, a angústia indescritível de, no fundo, sentir que não gostaria de morrer tão cedo para descobrir o que havia após, sem saber explicar bem o porquê.

O Mistério Do Sobrado Ao Lado

Por Agna Freitas De Oliveira

Tudo começou em uma noite escura e melancólica de inverno. As nuvens estavam baixas e densas e, decerto pelo frio, a cidade encontrava-se deserta. Quanto mais eu me dirigia ao endereço indicado no anúncio do jornal, mais desabitada a região se revelava. Ao que eu não consigo explicar, quando, finalmente, cheguei ao lugar assinalado, um sentimento de profunda tristeza e inquietação apossou-se de meu espírito. Respirei fundo e, tentando entender o que se passava, observei a paisagem a minha frente: havia uma casa simples, pequena e comum à venda e, ao seu lado, havia um imenso sobrado que causava-me calafrios somente por encará-lo. Este era sombrio; ao seu redor se formava um ar pesado e assustador. As suas cores eram frias, as paredes exibiam rachaduras e se mostravam desgastadas, as árvores em volta da casa estavam apodrecidas e as janelas, em sua maioria, estavam quebradas, semelhantes a órbitas vazias. Mesmo que o sobrado apresentasse indícios de abandono, minha intuição me dizia que alguém morava ali. Sem entender o motivo da minha perturbação, e tentando afastar o medo que apossara-se de mim, tentei concentrar as minhas atenções na casa do anúncio. O preço estava acessível às minhas condições e, ignorando os assombros causados pelo edifício vizinho, era naquele lugar que eu estava tencionado a passar os próximos meses.

No decorrer das semanas, tratei de resolver sem demora a documentação e arqueei com as mudanças para a minha nova casa. Assim que me mudei, propus-me a conhecer as poucas pessoas que me cercavam. Conversei com alguns moradores daquele lugar tão pouco habitado e impressionei-me ao perceber que, misteriosamente, todas as pessoas com

quem eu havia me comunicado tinham a mesma perturbação com o casarão vizinho. Algumas mais drásticas, aconselharam-me, ainda, a me mudar da casa que eu comprara, dizendo que o sobrado deveria ser assombrado. Intrigado, mas sem dar muita insuspeição, resolvi sondar tudo isso. Pude confirmar depressa que, de fato, havia movimento no sobrado. Ao que me pareceu, os quartos ficavam no andar de cima e as suas janelas estreitas e compridas contavam com cortinas pretas, pesadas, de modo que não se podia enxergar o que tinha dentro dos cômodos. Somente durante as noites, podia-se perceber que a luz de um dos quartos se acendia, durante o dia a claridade solar impedia qualquer especulação. Eu pude perceber algum movimento em apenas um quarto, os outros permaneciam iguais. Subitamente, notei que quanto mais eu especulava, mais a curiosidade se prolongava, fazendo-me ter atitudes que não eram do meu feitio. A começar, resolvi dar as caras e bati no imenso portão de grades do sobrado. A sensação de pavor subia em meu corpo e, levantando a voz que estava tão trêmula quanto os músculos, eu chamei incessavelmente, perguntando se havia alguém na casa. Como era de se esperar, não obtive respostas. Resolvi então observar se via alguma agitação na casa vizinha. Nada acontecia e, quando eu finalmente desisti de averiguar e me convenci de que o acender das luzes havia sido apenas impressão minha, eu pude ver uma pessoa na casa.

Foi em uma manhã fria de sábado. Tudo estava muito silencioso, como de costume. Eu estava tomando café da manhã enquanto lia o jornal e assustei-me quando ouvi um barulho tão diferente quanto assustador. Com o coração acelerado, levantei-me e fui ver do que se tratava. Surpreendi-me ao ver o portão do sobrado rangindo. Para a minha estranheza, vi um senhor saindo do sobrado. Senti minha pele arrepiar ao perceber que ele era tão sombrio quanto a sua casa. Suas feições mostravam profunda amargura e sofrimento. Seu rosto era cadavérico, sua pele era excessivamente pálida. Seus poucos cabelos eram grisalhos e seus olhos não tinham brilho algum. Sua expressão era de apatia, mas os seus olhos denunciavam choro. Se é que ele morava ali sozinho, era de se espantar

que uma casa tão grande quanto aquela abrigava somente um homem, que de tão pequeno e magro, apresentava-se minúsculo diante do edifício. Resolvi sair de dentro da minha casa e, com uma ponta de medo, fui apresentar-me a ele. O senhor, que andava rapidamente no sentido oposto, não teve reação nenhuma ao me ver. Ouviu com desprezo as minhas apresentações sem dizer uma palavra sequer e sem ao menos desacelerar o passo. Desapontado e enraivecido por tamanha indiferença, eu voltei para a minha rotina e somente bisbilhotei o que ele tinha em mãos quando, mais tarde, ele voltava para o sobrado. Percebi que eram velas.

Após o ocorrido, desisti de desvendar os mistérios alheios. O sobrado ainda me causava calafrios, mas convenci-me de que a sensação ruim era psicológica e que o sobrado não passava de uma casa qualquer que estava mal cuidada. Eu não podia deixar de pensar no estranho senhor, mas resolvi concentrar-me nas minhas obrigações e me recusei a alimentar qualquer impulso de curiosidade. Ignorei a situação durante as próximas semanas, até que foi impossível manter a desconsideração.

O pior aconteceu quando eu me deitara para tentar repousar depois de um longo e exaustivo dia. Sem obter sucesso, notei que a insônia se instalara em meu corpo. Eu me mexia constantemente na cama, tentando encontrar alguma posição que me fizesse dormir, porém nada adiantava. Tendo desistido de tentar, senti um tremor quando ouvi um barulho de vidros se quebrando, acompanhado de um cheiro muito forte. Sem demora, eu pude perceber que se tratava de fogo, e isso me fez levantar em um salto da minha cama. Vi que não havia nada dentro da minha casa e, ao olhar pela janela, percebi que o sobrado vizinho havia se incendiado. Desesperado, fui tentar oferecer ajudava antes que o fogo se alastrasse e matasse o senhor que morava naquele lugar. Ofegante e com muita dificuldade eu encontrei uma escada e consegui pular o muro da casa vizinha. Mesmo aflito, pude sentir muitos calafrios assim que eu entrei na casa. Continuei correndo e, felizmente, vi que a porta principal estava destrancada. Sem parar de correr pelo imenso sobrado que já estava

todo envolto de fumaça, eu consegui chegar na escada que dava acesso ao andar de cima. Vi que o fogo havia partido do segundo andar e, com muito impedimento, consegui demoradamente acessar o corredor dos quartos, onde o fogo já havia consumido maior parte. Eu gritava pelo senhor, sem ao menos saber o seu nome, e não obtinha respostas, o que contribuía para o meu desespero. Andando sem direção pelo corredor, tentando achar algum movimento e com imensa falta de ar, o que eu temia acontecer se deu quando eu menos pude esperar: o andar de cima se rompeu, destruindo o edifício e os móveis. A queda me fez apagar e, quando eu despertei, já não sentia falta de ar e sequer alguma dor. Percebi que bombeiros estavam tentando conter as chamas. Comecei a andar pelos destroços e, no sentido oposto do salão principal, encontrei o dono da casa. Dessa vez, ele não parecia estar triste, embora pudesse-se notar cansaço em seu semblante. Quando me viu, ele se levantou e sorriu friamente para mim. No mesmo momento, eu senti tremor e calafrios por todo o corpo, mas rapidamente, fiquei feliz e agradecido por saber que ele estava vivo. Quando eu lhe demonstrei a minha alegria, achando que compartilhávamos da mesma gratidão, ele simplesmente apontou para atrás de mim, me mostrando o que me fez ter um choque: havia dois sacos pretos com dois corpos dentro. No mesmo momento, eu entendi que o fogo não havia sido um acidente e que nós não celebrávamos as mesmas realizações.

Masoquismo Mortal

Por Heveline Querino Almeida

Eu não me lembro de como havia ido parar ali, muito menos do porquê de estar em cima daquele desconhecido, socando-o. Mas eu estava lá e não conseguia parar de socá-lo e muito menos o sentimento dolorido que se instalava dentro de mim. Então, senti as mãos de meus amigos me puxando de lá dizendo:

- Vamos cara, ele já está desacordado, não faz mais sentido continuar.

Foi então que percebi o que havia feito. O desespero e a culpa tomaram conta de cada célula do meu corpo, me senti fraco, pesado demais para até mesmo ficar de pé. Por que eu fiz aquilo? E por que cheguei àquele ponto? Essas perguntas ressoavam como tiros em minha cabeça. Um monstro, era exatamente assim que me sentia. Em um impulso, gritei o pior xingamento que pude pensar naquele momento e então corri, torcendo para que aquilo tudo fosse apenas um sonho.

Eu já não escutava as vozes de meus amigos gritando meu nome. O silêncio era apenas quebrado pelos sons dos meus passos. Estava em uma rua desconhecida e o cair da noite deixava tudo mais sombrio. Adentrei uma viela ainda mais escura, as pessoas que passavam por mim me olhavam torto. Na confusão dos meus passos, acabei trombando com algumas delas e, como estava fraco, perdi o equilíbrio e cai. Fiquei no chão por algum tempo, tentando me controlar. Minha respiração oscilava e meu corpo tremia, eu me encolhi perto de uma pequena escada que dava para uma porta vermelha. E no meio de toda aquela agonia, eu senti uma mão quente tocar o meu ombro dizendo:

– Você está bem? Não se preocupe, eu vou cuidar de você.

Um anjo? Eu não soube distinguir a figura brilhante que se personificava à minha frente. Era pequena, dispunha de brilhantes fios negros, uma pele pálida e os traços orientais mais delicados que já tinha visto em minha vida. Ela me ajudou a levantar de onde estava e segurou minha mão, puxando-me para mais adiante da viela. A única coisa da qual eu conseguia me lembrar era do sentimento de paz que o ato provocou em mim.

E foi assim que a conheci. Todos os dias eu me recordava de tal fato e era tão claro em minha memória como se tivesse acontecido há minutos atrás. Aquelas palavras ecoavam sempre em minha cabeça e, assim como disse, ela cuidou de mim, salvando-me de minha personalidade destrutiva e meus vícios. Ela era minha, minha luz, minha salvação, minha sanidade, minha paz e o motivo de continuar vivendo. Somente minha.

Mas, mesmo com sua ajuda, eu não consegui controlar minha aura de destruição e, assim, comigo mesmo, eu também a destruí. Eu possuía um desejo desesperado de me punir, e a forma mais cruel que encontrei de fazê-lo fora machucando quem estivesse ao meu redor, porque só assim eu conseguia sentir a dor que precisava sentir. Por muitas vezes, ela tentou fugir da minha toxidade, mas eu sempre conseguia trazê-la de volta, dizendo que ainda precisava ser cuidado.

Assim que entrei em nossa casa, ela veio ao meu encontro, sorrindo como sempre fazia, abraçou-me ternamente, dizendo que logo poderíamos comer. Enquanto esperava, aproveitei para tomar banho, assim retirando o cheiro de cidade que emanava de mim. Ao sair do banho, encostei-me na porta e passei a encará-la. Ela trajava um vestido vermelho, que era sua cor preferida, os fios negros estavam presos a um coque, mesmo que alguns insistissem em se soltar, caindo sobre suas costas e rosto. Ela estava totalmente absorta em seus pensamentos, enquanto cortava tomates. Era sem dúvida a visão mais bela que poderia contemplar, e quanto mais a olhava, mais me apaixonava.

Eu distribuí uma série de socos por seu rosto. Ela instintivamente se abaixou para se proteger. Então, comecei a bater com um dos cotovelos em suas costas que se encurvam cada vez mais.

- Por favor... Meu amor, pare... Vamos conversar... - disse ela com a voz falha e chorosa.
- Eu não posso – disse gritando – Eu preciso sentir... Me faça sentir – completei o meu bordão de todas vezes que acontecia.

Ela se encontrava caída no chão, abraçando os joelhos. Os cabelos que antes se encontravam tão lindamente presos, agora estavam soltos e desgrenhados, e as lágrimas se misturavam com o sangue, formando fios carmesim.

- Eu preciso da dor – gritei, enquanto distribuía chutes por suas costas e cabeça – Eu peço apenas isso, me faça sentir. - continuei gritando, repetidamente, enquanto abria uma gaveta de um dos armários. Então passei a distribuir golpes por seus braços e tronco.

Então eu parei, começando a observar a figura ferida à minha frente. Vê-la naquele estado, destruía cada parte do meu ser, cada filete de sangue que escorria, as lágrimas, os gemidos, tudo aquilo era como se dilacerasse meu corpo, doía de forma que era quase impossível respirar.

- Por favor, pare... Me deixe cuidar de você... Eu preciso... - ela disse de forma sôfrega ao tentar se levantar.

Com a coluna um pouco curvada, ela parou em minha frente e sorriu, com os dentes manchados de sangue, logo após me abraçou de forma terna. Eu retribuí o abraço, mas a apertando com toda minha força, recebendo um gemido em resposta.

– Por favor... Eu te amo... - disse de forma meio sufocada.

Então, dei-lhe o golpe final. Uma facada no meio de suas costas, fazendo-a cair imediatamente, formando, então, uma poça de sangue que contrastava com seu vestido.

Eu havia perdido tudo que era importante para mim, eu não possuía mais motivos para viver. Finalmente, pude sentir a dor suprema, a minha luz havia sido levada de mim. Então, eu dei meu último grito de dor.

20 Anos

Por Larissa Novais Da Silva

Era tarde naquela noite em que o casal mais bem visto da cidade completara finalmente seus vinte anos de casados. Nada mudara desde o início, as mesmas flores, os mesmos chocolates de todos os anos. E a mesma frase clichê seguida de beijos com pouco amor e de presentes com o mesmo significado: um colar, um anel, um relógio de bolso e um bloco de anotações revestido de couro preto com as iniciais dos dois gravadas em prata.

Laura era uma moça de olhos exuberantes. Sua pele branca como a neve brilhava sob a luz da manhã, quando ela se despia, e suas curvas eram tão minuciosamente delicadas que quem a avistasse de longe poderia jurar que a moça era uma pintura perfeitamente contornada com pincel fino. Sua boca rosada e as bochechas eram tão vermelhas que pareciam estar pintadas a *blush*.

Casou-se com 12 anos, ainda muito nova, obrigada pelo pai. Seu marido, Otávio, era um jovem muito bonito e cobiçado pelas mulheres. Seu respeito e cortesia gerava o suspiro de damas por onde passava, mas nunca sequer percebera ou olhara para outra, era incontrolavelmente cego de amores por sua esposa. Renomado e de várias posses, advogava em uma empresa desde que se formou, sendo promovido a chefe quando o anterior faleceu.

E, conquanto Laura fosse calma, com seu jeito doce e delicado que todos tanto elogiavam, coexistia na dama um tempero apimentado...

Otávio a tratava como uma princesa, embora ela tivesse a vontade incontrolável de ser tratada como plebeia. Sem tantas formalidades e regras cercando-a. Afinal, Laura ainda era jovem e queria experimentar tudo que a vida conjugal pudesse lhe dar, principalmente, o prazer que, para as mulheres, parecia ser um querer banal em pleno século XVIII.

- Por que se refere a mim como tua “senhora”? Por que é que sempre me olha nos olhos e me trata como um objeto frágil qualquer, que pode se quebrar?
- Eu te amo Laura, hoje fazemos vinte anos de casados, o que mais desejas?
- Desejo você, só isso, mais nada... Disse Laura, pensativa em busca do vocabulário correto para usar com o marido.
- Você me tem querida, sempre irás ter-me e eu terei você. Certo?

Laura faz que sim com a cabeça, depois recebe um beijo vago, sem muita demora. Resolve não especificar seu verdadeiro desejo, não precisava ser considerada vulgar pelo seu próprio marido. Sua real vontade era ser tratada com intensidade, era ser reconhecida, ser pega desprevenida e amada, incontrolavelmente, por horas e horas até que seu corpo cedesse bruscamente em um longo suspirar...

Todos os dias, ela dormia querendo algo a mais. Algo além do afeto, ela só queria ser tocada. Sentir realmente o marido, que deixou jus por si só.

Ultimamente, Otávio só tivera tempo para a empresa. Não vendo as necessidades de Laura, ele sequer se recordava que sua última noite fora a de núpcias há diversos anos.

Tinham um escravo, Davi era seu nome. Negro, alto e com o tom de voz áspero. Confessa que já dera uma olhada em sua senhora, era inevitável não a olhar. Com o passar do tempo, ia se apaixonando, mas mantinha em segredo sua paixão platônica...

Uma vez, deparou-se com ela saindo enrolada apenas com uma toalha de seu banho da tarde. Olhou-a tão profundo, que pareceu pecar com seus olhos azuis, olhar que ela também retribuiu na mesma intensidade, fazendo com que “faíscas” voassem entre os dois.

Anos e anos observando-a, sem poder tocá-la, até que foi se aproximando... Bilhetes voltavam todos os dias, até que fora respondido com olhares e encontros rápidos. Laura vira coisas diferentes em Davi, que a deixavam ainda mais apaixonada. Anos vêm e vão, e o amor de Laura por Otávio ia se apagando como uma vela, quando acaba seu pavio, aos poucos e lentamente...

Otávio, por outro lado, sempre teve suas reuniões e achava-as prazerosas. Quando recebeu a proposta de tratar dos papéis de falecimento de uma de suas clientes mais idosas, foi sem sequer pensar que deixaria sua amada sozinha – dessa vez fora de três dias apenas. Que mal poderia haver? Ao sair, beijou a testa de sua senhora e disse-lhe em um sussurro:

– Volto logo, esteja a me esperar.

Em um leve balanço, acenou que sim e esperou o marido sair. Mais tarde, por volta das seis horas, o sol vinha a tardar. A noite chegara e acendiam os candeeiros, então, com uma desculpa sorrateira, chamou Davi para que lhe prestasse serviço. Davi estava na colheita, apareceu na sua porta sem camisa com o corpo orvalhado. Ao vê-la com poucas vestes, olhou para o chão envergonhado, mas ela dera um passo à frente e pediu-lhe que a encarasse, de igual – olhos nos olhos. Toda aquela emoção causou-lhe sentimentos profundos e deliciosos. Sem sequer perceber,

estavam os dois lançados sobre a cama, um cedendo aos desejos do outro, inconsequentemente, pegos por um amor não esperado.

Laura estava incontrolavelmente apaixonada, e Davi correspondia-a, apesar das oposições. Com suas vestimentas vermelhas e seu cabelo grande e cacheado, deixava o servo com imenso prazer...

Passados os dias, Otávio retornara amando mais ainda sua senhora, com os presentes mais caros e sempre com beijos intermináveis. Naquela noite, deitou-se com ela depois de muito tempo e viu-se desprevenido, cedendo logo ao súbito desejo, enquanto a esposa parecia distante, imóvel.

Há vinte anos com o mesmo marido, as mesmas coisas, mas estava determinada a não querer ser tratada mais do mesmo modo. Laura pensava bastante sobre o que estava cometendo e o que seria certo fazer, já estava há meses com o mesmo erro, meses em que, de algum modo, sentiu-se culpada. Afinal, apaixonava-se lentamente, como se adormeces-se, gradativamente.

Carregava consigo o fruto daquela paixão, tinha descoberto há quinze dias, e mais uma vez sua consciência lhe fazia perguntas, sem respostas, é claro. Surgiu, então, a ideia de fugir com o seu grande amor, arquitetara cada passo que dariam, sem ao menos Otávio perceber. Bom, isso era o que ela pensava. Queria viver novas aventuras, desfrutar daquele amor proibido...

Retomou, então, a ideia da fuga, para se entregar a tudo que a vida pudesse lhe oferecer. Otávio estivera com dois pés atrás, notando a mudança da esposa. Ela não parecia animada com seu tempo livre nem com os beijos que ele lhe dava lentamente no pescoço... Seus suspiros ao anoitecer eram baixos e, muitas vezes, a via sorrindo para o teto... Começou a desconfiar que sua mulher estava a sorrir para outro! Resolveu viajar novamente, dessa vez, cinco dias.

Retornou ao quarto dia, chegou ao seu aposento e notou algo em sua amada. Marcas no pescoço, nas mãos e até mesmo nos braços... Só poderiam ser do escravo que tinha acesso à casa, só podia ser ele a corromper sua amada ao pecado!

Laura, sem sequer cogitar, foi até sua escrivadinha e pegou ali alguns papéis. Achou uma carta de um tio que deixara a herança para ela. Pensou, então, que essa seria sua grande chance de fuga... Conversou com Davi, e resolveram que partiriam na madrugada seguinte.

Otávio tinha sangue quente, seu temperamento era mortal, ele estava ferido, sentindo-se traído o suficiente para matar quem estava cegando sua indefesa dama.

Chegando à casa do tio – casa linda – toda revestida de madeira, com jardins floridos e móveis feitos de madeira maciça, Davi subiu as escadas para colocar as malas, radiante de felicidade por, finalmente, ter sua amada, só os dois, vivendo o que mais queriam, essa linda paixão...

Ele então foi guardar algumas roupas em uma escada, logo abaixo de seu quarto e, ao descê-las no retorno, foi surpreendido por três tiros no peito. Colocado com a boca contra os degraus, sentiu um pé no cangote, quebrando-lhe o pescoço lentamente... Mesmo com a fria sensação do chão, não soltou sequer um nenhum gemido de dor. Infelizmente, sofreu até o último minuto lembrando-se do amor por sua amada.

A única coisa que conseguira ver foi o sorriso. O sorriso maquiavélico do seu senhor. Mas a última coisa que se passou em sua cabeça foi o corpo de sua amada, seguro sob suas mãos em uma cama de veludo, seu cheiro, seu rosto e os delírios que tiveram...

Em seguida, caiu ao chão, frio e sujo, repleto de vermes. Na casa, o grande barulho ecoou e Laura ouviu. Chegando ao quarto abaixo das escadas, viu seu amado no chão.

De joelhos, ela chorou. Mais uma vez foi surpreendida por Otávio, que a encheu de perguntas, não lhe dando tempo sequer de falar – cego de raiva. Laura apenas deixou escapar:

– Cuide da criança!

Pegou o punhal e cravou-o em Laura, sem ao menos pensar na criança que iria nascer... sobraram apenas suspiros dolorosos.

Otávio caiu ao chão junto a Laura e chorou em seu peito, que, a essa hora ensanguentado, afogou consigo o feto que poderia ter nascido.

Com a queda, caiu também sua consciência e, estando em si, houve um turbilhão – várias perguntas das quais jamais obteria as respostas –, o filho poderia ser seu, e agora?...

Assassino.

Vícios Noturnos

Por Aline Patry Melgaço De Alkmim

Estava nervosa, nunca se sentira tão nervosa como naquele dia. Olhando suas mãos trêmulas, não podia acreditar no que acontecera, matara um homem. Seu sorriso inocente e ansioso não saía de sua mente, mas o achara mais atraente sem ele. Não era justo, atrapalhara toda sua noite cronometrada e agora enchia sua mente, em sua manhã comumente calma.

O dia iniciara bem. Acordou, tomou café da manhã silencioso com seus pais, - era trágico, mas ainda morava com eles – e saiu para dar início a sua rotineira semana. Iria para mais um trabalho temporário – não conseguia manter seu temperamento – se consultaria com seu médico, que sempre lhe dizia “foque-se em ter um emprego de longa duração, e não no que possivelmente seu chefe está a fazer errado e que lhe irrita. Você deve manter a calma para seu próprio bem”.

A tarde começa com uma inquietude já conhecida. Sentia vontade, mas sabia que não podia, “não agora”, sua mente teimosa insistia. Controlava-se tanto nos últimos meses e sempre sentia que em ceder, um sempre desistira, mas era mais forte, sabia disso. “Não agora”, uma parte sua insistia.

Continuou em sua agonia, até a noite cair, a lua se insinuando esplendorosa e as estrelas traçavam seu caminho no céu. Estava em uma pequena praça, não queria voltar para casa, não hoje. Preparava-se para voltar para casa – depois de incontáveis mantras – até avistá-lo, no canto escuro, aquele que as pessoas vão, quando estão desesperadas ou ansiando

algo, ela ansiava. Sentia-se em tamanho desespero, pois não conseguia fazer seus pés se moverem e a obedecerem, sentia sua boca seca, estava tanto tempo sem, “só um pouquinho”, implorava birrenta para si mesma, “ninguém vai perceber”, encorajava-se.

Sem ao menos perceber, estava andando em direção ao homem de estatura média, barba rala e o sorriso. Aquele sorriso de que sabe que acabara com todos os seus problemas - temporariamente – nem ao menos se importava de olhar o resto de seu rosto. “Estamos em um beco escuro, ninguém vai perceber”, falava para si própria.

Ele era o cara perfeito, ninguém sentiria falta e, se sentissem, ela já não poderia voltar atrás. Ele continuava a sorrir, mesmo quando ela o encurralou contra a parede, “será que ele sabe meu próximo passo?” perguntava-se. “Por que continua a sorrir, sua alma fria e vazia não me fará recuar e...” Seu pensamento foi interrompido, quando sentiu as mãos – que sabia que eram ásperas - dele lhe tocar a cintura, afastou-se, minimamente, para lhe segurar pela cabeça e deixar seu pescoço a mostra e linear seus dentes caninos na pele sensível, sentindo o gosto metálico lhe invadindo a boca.

O sabor acobreado lhe acalentava, sentia-se em chamas – mas, dessa vez, não tinha medo de se queimar – sentia-se em paz, enquanto tirava cada gota de vida daquele homem, que, sim, havia lhe livrado de todos os seus problemas – momentaneamente – por isso odiava aquele sorriso, sentia-se em dívida com sua vítima.

Ao parar de pensar em sua noite passada, ela ouviu seu nome ser chamado, para mais uma entrevista de emprego – este que esperava ser permanente. Respirou fundo, parando de tremer e entrou na sala.

Mar De Cerrado

Por Samuel Martins Barbosa

O episódio da minha vida que relatarei a seguir, hoje, não passa de um borrão escuro e oscilante em minha mente, uma denúncia em forma de grito agudo e ensurdecidor, revelando a tênue linha que algum dia foi, miseravelmente, traçada entre realidade e mera imaginação.

Afinal, o mundo sensível não é sempre imaginado? Existe qualquer insignificância que antes de supostamente racionalizada não tenha sido percebida e entendida através do mundo das ideias? Qualquer elemento que, antes de analisado aos olhos das ciências e considerado lógico, não tenha atravessado outra delgadíssima linha, enganadora, dissimulada e, acima de tudo, ilógica? Esta: a mente humana, tenta a todos manipular e satisfazer seus interesses. Porém, não pode ser afetada por coisa pior que simples traços de loucura. Que fazem eles senão derrubar máscaras e revelar a natureza oculta por debaixo do véu da representação? É uma mínima dose de loucura, digna de exaltação, a responsável pela confusão entre dualismos bem estabelecidos - possível e impossível, real e irreal, verdade e mentira, mundo imaginário e mundo físico, ficção e veracidade.

Eu caminhava pela calçada arborizada levando um livro na mão – minha inseparável companhia – como de costume. Vestia um grosso casaco felpudo preto que havia resgatado do armário, calças jeans e clássico par de tênis *All Star*. Era uma das manhãs mais frias do ano e podia ver o vapor d'água que expirava, condensando-se diante dos meus olhos. Meu destino sempre era o mar que o destino reservara a mim, aquele mar fotossintético de árvores com casca grossa e tronco retorcido, fincado em meio aos altos edifícios da cidade grande, embaralhado com a

urbanização em perfeita harmonia. Aquelas amadas águas verdes de vida vegetal acolhiam-me todos os dias. Enquanto descia pela rua, era possível avistar o Parque Areião, iluminado pela luz do sol nascente, a cerca de 200 metros. Passei o resto do caminho ansioso, por conta da história que começaria a ler e logo cheguei aos portões de grade verde já abertos. Entrei no parque e segui pelo caminho íngreme que levava até ao lago cercado de árvores. Sentei-me sobre um decadente banco de madeira de frente para as águas represadas e observei a paisagem por certo período de tempo. Abri o livro que me acompanhava e iniciei a leitura desde a primeira página.

Não havia ninguém além de mim no lugar, até que vi uma pessoa correndo ao redor do lago. Uma mulher usando roupa de ginástica que nunca vira antes. Era alta, tinha o corpo esbelto, as feições rijas e aparentava ter cerca de 24 anos. Seu cabelo brilhante voava enquanto ela corria - era ruivo e liso. Sentia-me encantado e atraído como nunca antes por uma mulher, já que romances não estavam incluídos na solitária vida que eu levava. No entanto, como não tive coragem de me apresentar a ela, passei a hora seguinte observando sua cansativa corrida, ora do meu lado do lago - perto o bastante para que eu pudesse enxergar o suor escorrendo por sua pele aparentemente macia - ora do outro lado. Quando terminou sua corrida e foi embora, pude, finalmente, me concentrar na história de época que estava lendo. Terminei o livro naquele mesmo dia e mal podia esperar para retornar ao parque no dia seguinte.

Na manhã do outro dia, já sentado no mesmo banco de antes, observava a entrada do parque, à espera da mulher que tornara a noite anterior a mais longa da minha vida. Passado algum tempo, avistei-a entrando pelos portões e tudo o que acontecera se repetiu, exceto pela parte final. Quando finalizou sua corrida, surpreendeu-me ao vir caminhando em minha direção. Sentou-se ao meu lado, ofegante, e pude sentir o aroma de seu doce perfume - camomila, supus. Dispensei cerimônias e disse, como que por impulso:

- Você chegou por aqui recentemente, certo? – minha voz não estava oscilante, como no nervosismo costumeiro. Aquilo não era comum, parecia um milagre. Talvez eu estivesse sonhando, talvez não fosse real, só talvez o que acontecia fosse digno de plena fé.
- Cheguei a Goiânia na última semana. Venho de uma fazenda no interior do estado. – Sua voz era macia e calma, quase condescendente, como pluma que pousa em áspero solo.
- E a Capital do Cerrado está lhe agradando? – perguntei
- Ainda estou me acostumando, sinto falta da natureza. Sempre gosto de vir ao parque respirar um pouco de ar puro. Nunca conheci o litoral, que sempre me fascinou, embora não estivesse ao meu alcance. Restou fazer do verde da natureza o meu oceano. Também desconhecia o mundo urbano. Goiânia se tornou para mim uma praia. Por vezes, mergulho no mar: os parques dessa linda cidade. Um... mar de Cerrado. Onde me refresco e me refugio da areia quente.

Embora surpreso, não questionei o fato de ela expor um pensamento tão próximo do meu. Mera coincidência – pensei – e respondi:

- Sua metáfora é extremamente tocante e profunda! Não me resta opção senão render-me a sua ideia. É tão romântica, ou melhor, romantizadora. Sempre tento romantizar as adversidades da vida, tornando-a mais suportável. Afinal, encontramos beleza na tragédia. A beleza é transcendente, extrapola qualquer padrão, convenção, explicação ou opinião. É intangível, talvez até onipresente, reside muito além do mundo físico. Mesmo assim, é extremamente real e digna de ser sentida intensamente.

Ela abriu um largo sorriso e parecia emocionada, enquanto eu falava. Tentou disfarçar a emoção admirando a paisagem ao nosso redor,

em uma tentativa de desviar o pensamento, provavelmente, focado em lembranças dolorosas. Por fim, perguntou meu nome:

- Meu nome é Vitor. Qual é o seu? – indaguei de volta.
- Gosto que me chamem Eliza – respondeu. Antes que ela fosse embora, pedi seu número de telefone. Ditou os nove dígitos e foi embora, despedindo-se com um doce aceno.

Enviei-lhe uma mensagem naquela mesma noite. Recebi a resposta rapidamente e iniciamos uma interessante conversa. Quando percebi, já tinham se passado horas desde o início da conversa. Já eram duas da madrugada, portanto, decidi ir dormir. Despedimo-nos, aconcheguei-me na cama e fechei os olhos. Adormecia, mas acordava a todo momento. Não conseguia parar de pensar na minha paixão de cabelos ruivos. Entreguei-me à escravidão que minha mente impunha a mim e permiti que Eliza passasse por meus pensamentos durante toda a noite.

Continuamos conversando e nos vendo no decorrer das semanas seguintes. Passado cerca de dois meses, Eliza me convidou para passar o dia em seu apartamento, como em outras vezes. No fim de semana, início de tarde, segui a localização que me enviara pela internet até o destino, a pé. Ela morava em um condomínio de alto padrão a poucas quadras de distância do parque e da minha casa. Chegando ao lugar, identifiquei-me na portaria e esperei que Eliza autorizasse minha subida. O porteiro abriu o portão automático e segui pelo saguão mobiliado até o elevador, que subiu até o 28º andar, o mais alto do edifício, onde ficava o apartamento. A porta ficava de frente para o elevador. Toquei a campainha e esperei que ela atendesse.

Logo, ela abriu e me cumprimentou com um longo e apertado abraço. Assim que entrei, fomos até a sacada e nos sentamos nas cadeiras de balanço, onde passamos a tarde conversando.

A paisagem à nossa frente era de tirar o fôlego. Conseguíamos ver o nosso mar de Cerrado, muitos edifícios, casas e até outros mares, o que não faltava em Goiânia. Houve um momento em que fiz algumas perguntas acerca do porquê de ela ter vindo para a capital. Não era a primeira vez que o fazia, mas ela sempre mudava de assunto e não respondia meus questionamentos. Acabou me contando o que ocorrera:

- Na região onde eu vivia, ainda é costume acontecerem casamentos arranjados. Eu sou a mais nova de cinco irmãs e todas se casaram em troca de dotes pagos ao meu pai. Quando chegou minha vez, eu decidi que não aceitaria casar com alguém que não amo, não abriria mão da minha felicidade em nome do interesse financeiro. Assim, vendi alguns animais que eram parte da minha herança e, com o dinheiro, fugi para cá. Pelo visto, o dote não fez falta, já que ninguém tentou me procurar. Tenho pena de minhas irmãs, que vivem uma vida infeliz, fingindo ter uma boa relação com seus maridos. Não conhecem o amor, porque não lhes foi permitido amar. Eliza começou a chorar. Eu não soube como reagir. Mas ela enxugou as lágrimas e se dirigiu a mim.
- Estou percebendo que não sei nada sobre a sua família nem sobre seu emprego. Você nunca falou sobre esse assunto:
- Meu passado não passa de um tênue borrão. Não me lembro de nada, além de um local que imagino ser onde eu vivia – era tudo branco, paredes, piso, roupas. Também me recordo de ouvir gritos e, de repente, perceber-me num apartamento recebendo uma pensão vitalícia vinda de uma empresa farmacêutica. Não trabalho, vivo dependente dessa misteriosa pensão há alguns anos.

Eliza não se surpreendeu, pelo contrário, parecia realizada, orgulhosa, não sei exatamente de quê. Levantou-se da cadeira, veio até mim e trouxe seus lábios de encontro aos meus.

Nossas línguas bailaram em uma dança perfeitamente sincronizada. Seu beijo tinha sabor doce e seus lábios grossos se encaixavam nos meus. Senti que havia uma conexão entre nós como nunca sentira. Ao encerrar da dança, seus olhos cor de mel se fixaram nos meus e sussurrou:

- Eu amo você. Vim em busca do amor que minhas irmãs nunca conheceram e encontrei.

Encontrei minha felicidade, todo meu esforço não foi em vão. Também expus meus sentimentos, pura reciprocidade. Continuamos a dançar, enquanto o Sol se punha e o céu era colorido por um tom avermelhado.

No dia seguinte, chegando ao parque, iniciei a leitura de um novo livro. Esperava a chegada de Eliza, mas a demora era maior que de costume. Próximo ao meio-dia, finalizei a leitura e ela ainda não aparecera. Preocupado, fui até seu condomínio. O porteiro autorizou minha entrada mesmo sem que Eliza atendesse, já que me conhecia. Subi até seu apartamento e toquei a campainha. Nada. Nenhum sinal dela. Toquei novamente. Nada. Por fim, depois de inúteis tentativas, arrombei a porta. A sala estava organizada como sempre, nada de anormal. Fui até sua suíte. Minhas pernas tremiam, indefinidamente, parecia o percurso mais longo de minha vida. A porta estava fechada. Girei a maçaneta, empurrei a porta e entrei. Tudo estava normal, a cama e o restante do quarto estavam intocados, intactos. A porta do banheiro estava aberta. Caminhei lentamente até lá. Deparei-me com uma cena assombrosa. Entrei em prantos e caí de joelhos ao lado do corpo de Eliza. Percebi vários frascos de medicamentos jogados pelo chão. Deitei no chão e silencieei. Faltava-me fôlego para gritar. Faltavam-me lágrimas para chorar. Faltava-me vida para viver. Eliza era minha vida. Minha alma já padecera. Condenaria meu corpo à mesma morte de minha amada.

Acordo em uma sala escura, deitado em um fino colchão no chão, com a cabeça dolorida e um hematoma galeal na parte de cima. Minha

visão embaçada começa a focar. Meus ouvidos entupidos passam a distinguir uma voz vinda do outro lado de uma porta metálica. Uma voz grossa e rouca com um tom de irritação descreve uma história apressadamente:

- O criminoso está sendo acusado de homicídio doloso. O nome da vítima foi confirmado como sendo Elizabeth. Os vizinhos perceberam que a porta do local do crime estava aberta e entraram em contato com a polícia. Pelo que o porteiro do condomínio relatou, ele se passou por um entregador e invadiu seu apartamento. Aparentemente, a mulher desmaiou e foi dopada. Depois disso, o acusado tentou se suicidar da mesma forma, ingerindo uma alta dose de medicamentos que, no entanto, não foi suficiente para levar à morte. Suspeitamos que a motivação do crime tenha sido passional, envolvendo uma suposta traição, mesmo sem que a vítima o conhecesse. Quando foi depor sobre o ocorrido, contou uma porção de histórias sobre as quais depositava plena confiança, porém que sabemos não ser verdadeiras. Supomos que os livros encontrados em sua residência estejam relacionados com o depoimento. São eles: “Orgulho e Preconceito” e “Romeu e Julieta”. O rapaz parece não distinguir muito bem a realidade da ficção, apresenta claros traços de loucura.

Que homem desprezível – pensei. Louco é ele, que condena a loucura. Que parâmetros segue para afirmar que é a mente do rapaz que não funciona bem? Ninguém assistiu ao que, de fato, aconteceu. O porteiro pode ter mentido para que não fosse acusado de negligência. As pessoas mentem, mentem que mentem, mentem sobre a mentira. Não há nada registrado por fontes que detenham a pura verdade, se é que esta existe. Que são as histórias dos livros senão provas de que a vida imita a arte? Foge-me ao entendimento, tamanha aversão pela boa loucura e tamanho apreço pela má loucura. Desprezam pessoas legítimas e exaltam os verdadeiros loucos, no sentido mais infame da palavra. Afinal, não são loucos que governam este país? Loucos escolhidos e defendidos veementemente

pelos mesmos que desprezam a dita loucura. Ou quem nega o direito humano à vida deve ser considerado normal? Que existência entediante devem levar aqueles que nunca enlouqueceram de tão viciados pelo fingimento. Artifício vital, porém tóxico.

